O DISTRICTO DE AVEIRO

MARQUES GOMES

O DISTRICTO DE AVEIRO

NOTICIA GEOGRAPHICA, ESTATISTICA, CHOROGRAPHICA, HERALDICA, ARCHEOLOGICA, HISTORICA E BIOGRAPHICA

DA

CIDADE DE AVEIRO

E DE

TODAS AS VILLAS E FREGUEZIAS

DO SEU DISTRICTO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1877

A

Antonio Augusto de Sousa Maia

AO LEITOR

Votado ao trabalho de esquadrinhar os velhos pergaminhos da terra que nos foi berço, publicámos, ainda não ha muito, um livro, intitulado — MEMORIAS DE AVEIRO. Se ha n'elle o fructo de um aturado labor, ha tambem uma prova evidente do amor que consagrâmos á nossa terra e ao estudo.

Mas não estava ainda cumprida a nossa missão. Avançando por isso na senda que encetámos, concebemos o plano de dar á luz um livro, que désse ampla ideia do que é e do que vale esta circumscripção administrativa.

Com muitas difficuldades arcámos para levar a fim o nosso intento. Era avantajada obra para tão minguadas forças. Mas valeu-nos o auxilio de prestimosos e illustrados cavalheiros, a quem, e só a quem, em grande parte se deve a publicação do DISTRICTO DE AVEIRO.

Collecionar em um só volume, ao alcance de todas as intelligencias, o que andava disseminado por milhares d'elles, na maior parte de difficil acquisição, já pelo seu elevado preço, já pela sua raridade, — tal foi o nosso trabalho.

Entre as numerosas obras que consultámos, as que mais nos auxiliaram foram: o *Diccionario bibliographico,* do sr. Innocencio Francisco da Silva; o *Diccionario de geographia universal,* por uma sociedade de homens de letras (actualmente em publicação); e o *Portugal antigo e moderno,* do sr. Pinho Leal.

O plano que adoptámos, pareceu-nos o mais seguido, e até mesmo o mais adequado á indole da obra. Procurámos ser imparcial: se o fomos ou não, que o leitor o julgue. Conhecemos imperfeições no nosso trabalho; mas não desconhecemos tambem, que, com os escassos meios de que dispozemos, difficil seria fazer mais, em obra d'esta natureza, no curto espaço de tres mezes: que tanto foi o tempo que consumimos em escrever o Districto de Aveiro.

Se o livro que hoje damos á luz tiver o exito e a acceitação que merece, não pelo auctor, mas pela materia de que tracta, uma nova edição, melhorada com os addicionamentos e correcções que podérmos obter, não se fará esperar muito; e então a critica poderá melhor apreciar o nosso pobre e desalinhado trabalho.

Concluindo, diremos que nos foi valiosissimo auxiliar, e guia inseparavel, o *Portugal antigo e moderno,* de que já fizemos menção, — livro de subido valor, onde colhemos importantes noticias, que n'outra qualquer parte nos não seria dado colher. Ao seu illustrado auctor e nosso bom amigo, o sr. Pinho Leal, cordealmente agradecemos aqui a franca e bizarra concessão, que nos fez, de extractarmos d'aquella obra tudo o que julgassemos dever transcrever no DISTRICTO DE AVEIRO.

Marques Gomes.

INTRODUCÇÃO

Territorio

O Districto Administrativo de Aveiro, situado na provincia do Douro, é limitado ao N. pelo districto do Porto, a E. pelo de Vizeu, ao S. pelo de Coimbra, e a O. pelo Oceano Atlantico. Tem de comprimento 78 kilometros, e de largura 50; a sua superficie é de 292:522 hectares. A sua área é bastante montanhosa: atravessa-a a cordilheira que divide as bacias do Vouga e Douro, e passa entre os rios Paiva e Vouga; e a que corre entre o Vouga e o Dão, servindo de divisoria ás bacias do Vouga e Mondego.

Dos montes que se elevam entre os rios Vouga e Paiva, devem mencionar-se as serras de Moldes ou Freita, e a que corre perto de Albergaria das Cabras, cujo cume, denominado S. Pedro Velho, mede 1:085 metros de altura.

São estas serras constituidas principalmente de rochas schistosas, profundamente metamorphicas e de aspecto granitoide, ás quaes se associam schistos não metamorphicos e outras rochas paleozaicas. Os terrenos proximos das povoações de Arda, Junqueira, Albergaria das Cabras e outras, apresentam-se cultivados; o resto do solo d'estas serras é coberto de matto rasteiro, ou formado de penedos escalvados. Estas serras ramificam-se em differentes direcções, tornando o solo notavelmente accidentado, entre

Albergaria a Velha e Macinhata, Oliveira d'Azemeis e Arouca, Feira e Sobrado Grande. Parte d'estas serranias é inculta e coberta de matto.

A parte inculta d'esta região montanhosa é avaliada em 99:000 hectares, citando-se principalmente as charnecas dos concelhos de Albergaria, Oliveira d'Azemeis, Arouca e Cambra.

Varios rios fertilisam o Districto; comtudo, o mais importante é o Vouga. Procede do districto de Vizeu, e entra no de Aveiro pelo concelho de Sever. «Corre, em geral, apertado entre altas serras; mas, a 24 kilometros da foz, as margens distanciam-se mais, deixando de ambos os lados vasta planicie, que o rio inunda na occasião das cheias. As margens são em parte revestidas por salgueiros, o que muito contribue para o nateiramento dos campos.»

Quasi parallelo ao Vouga, e a pouca distancia d'elle, corre o rio Alfusqueiro, tambem procedente do districto de Vizeu. Este rio atravessa o concelho d'Agueda, de que toma o nome, e vem morrer no lago da Ponte da Rata.

Mais á esquerda d'este, e na raiz da serra do Bussaco, tem principio o Certima, que, atravessando os concelhos da Mealhada, Anadia e Oliveira do Bairro, vem igualmente junctar-se com o Vouga na lagôa ou *pateira* de Fermentellos.

O Caima, affluente tambem do Vouga, no qual entra pouco acima de Serem, é um pequeno riacho que nasce nas serras de Cambra. Além d'estes, ha ainda o Paiva e o Arda, ambos affluentes do Douro, e ambos innavegaveis e de pouca ou nenhuma importancia.

Viação

Sem duvida que um dos principaes meios de desenvolver a riqueza d'um paiz é melhorar e abrir novas arterias de communicação no seu seio. A viação publica em Portugal,

apezar de não satisfazer ainda a todas as nossas necessidades materiaes, vai apresentando já um aspecto mais lisongeiro e progressivo. As estradas que ha no Districto de Aveiro, e que passamos a enumerar, são prova do que affirmamos.

Estradas reaes — as de Ovar a Arouca, de Aveiro a Espindello, que depois continúa no districto de Vizeu até S. Pedro do Sul, e de Aveiro a Agueda. Kilometros construidos — 106.

Estradas districtaes — as de Ovar a Carvoeiro, de Oliveira d'Azemeis a Vendas Novas, de Ponte da Pedra a Oliveira d'Azemeis, de Aveiro á barra, de Aveiro a Avellãs, de Santo André a Aveiro, de Mira a Anadia, e de Oliveira de Bairro a Agueda. Total — 115 kilometros.

Estradas municipaes — as de Ovar ao Furadouro, de Esmoriz ao Picoto, de Estarreja a Albergaria a Nova, do Poço ao Alto da Ribanceira, da estação de Oliveira de Bairro ao largo da villa, Ponte de Ilhavo e avenidas, de Aveiro á Quinta do Picado, da estrada real á Palhaça, de Anadia a Luso, de Aveiro á estrada real. Total — 41 kilometros.

Industria agricola

O Districto de Aveiro tem na fertilidade do seu solo todos os elementos da riqueza agricola; porém a rotina, atrophiando tudo, faz com que os elementos de producção fiquem, na sua maxima parte, desaproveitados. A maioria dos nossos lavradores desconhece a natureza do solo que cultiva, e despreza todos os principios que dizem respeito á agricultura. Poucos são os progressos que esta sciencia tem feito entre nós. Extinguiram-se, é verdade, os dizimos, e bem assim os quintos, quartos, jugadas e luctuosas; mas isso ainda não foi o bastante para que ella attingisse o elevado grau de prosperidade a que tem direito. A lei de 19 de maio de 1863, que aboliu os morgados, e as

leis de 13 de agosto de 1832, de 4 de abril de 1861 e de 22 de junho de 1866, que ordenaram a desamortisação, foram poderoso incentivo á industrial rural. Mas não basta desalgemar os pulsos: é preciso dirigir a mão. Não basta libertar: é preciso instruir.

No nosso Districto, pouco ou nada se tem feito, por parte dos poderes publicos, por melhorar a agricultura. O ex-governador civil, João Silverio de Amorim Guerra Quaresma, no seu relatorio apresentado á junta geral em 25 de março de 1866, propoz que se incluisse no orçamento districtal a verba de 800$000 réis, destinada á adquisição de um terreno adequado ao estabelecimento de uma granja modelo, em conformidade das determinações do decreto de 28 de dezembro de 1864. A proposta do illustrado funccionario, triste é dizel-o, não foi adoptada; e o Districto lamenta a falta d'aquelle estabelecimento, que tantos e tão uteis resultados podia dar. Resultado identico teve a disposição do decreto de 2 de dezembro de 1868, que ordenava a creação d'um curso elementar de agricultura na capital do Districto.

«Uma sexta parte aproximadamente da área d'este Districto é comprehendida pela zona do littoral, entre Mira e Ovar, que se compõe de 26:000 hectares de areias e dunas, 3:000 de terrenos alternativamente cobertos e descobertos pelas aguas, 8:000 de terrenos sempre inundados, e 12:800 de terrenos já cultivados e productivos. A superficie d'estes ultimos constitue uma das mais importantes riquezas do Districto de Aveiro.»

Uma necessidade, além de ser um grande melhoramento, é a completa arborisação das dunas e areaes, de que apenas 3:600 hectares estão cobertos de pinheiros, devendo estar pelo menos 10:000 hectares, segundo um calculo feito pelo illustrado engenheiro, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva.

Não é de hoje nem de hontem a ideia d'aquellas plantações. Por decreto de 2 de julho de 1802 se mandou

lançar, durante o periodo de dez annos, o imposto de 40 réis nos barcos maiores e de 20 réis nos menores carregados com o moliço da ria, a fim de se obterem meios para as sementeiras de penisco nas areias do nosso littoral. Parece-nos que este imposto nunca chegou a ser cobrado, nem as dictas sementeiras tiveram logar.

Na região agricola, de que faz parte o Districto de Aveiro, predomina a cultura do milho, e a engorda do gado bovino. Esta ultima industria tem tomado grande desenvolvimento nos ultimos vinte annos em alguns concelhos, a ponto de ser para muitos lavradores a fonte mais importante da riqueza agricola. Os vinhos da Bairrada são tambem um importante ramo de industria. D'elles fallaremos mais detidamente n'outro logar.

A cultura do arroz, que adquiriu maximo desenvolvimento n'este Districto, de 1851 para 1852, e que principiou a diminuir de 1857 para 1859, está sendo hoje de somenos importancia. A área occupada actualmente pelos arrozaes é muito inferior a 500 hectares. Esta cultura, longe de ser prejudicial para o Districto, foi-lhe util. Terrenos alagados, onde outr'ora apenas vegetavam plantas aquaticas, foram agricultados e semeados de arroz; terras que em outros tempos eram arrendadas por preços baixos, chegaram a dar um rendimento avultado; e muitos paúes foram explorados com vantagem. A cultura d'esta graminea foi, na maior parte do Districto, o *desideratum* da industria agricola; só no anno de 1857–1858 o valor da producção nos concelhos de Agueda, Albergaria, Anadia, Aveiro, Estarreja, Feira, Ilhavo, Oliveira d'Azemeis, Oliveira do Bairro e Vagos, subiu a 1:734 moios, ou 41:627$600 réis, como se vê das estatisticas officiaes.

O fabrico da manteiga tem tambem alguma importancia nos concelhos de Arouca, Macieira de Cambra e Sever.

A producção dos principaes generos do Districto, em 1875, foi avaliada do seguinte modo: milho 30:198,696 hectolitros, trigo 24:923,400, centeio 10:150,025, cevada

11:135,580, aveia 8:101,628, feijão 11:725,270, favas 322,061, ervilhas 811,404, tremoços 1:793,872, batatas 64:666,410, azeite 6:383,344, vinho maduro 48:267,150, geropiga 1:775,000, vinho verde 48:683,850, aguardente 336,836, vinagre 336,020, nozes 287,992, castanhas 466,460, amendoas 60, avelãs 250; lã branca 33:032,201 kilogrammas, lã preta 40:956,762, seda branca 183,000 e seda amarella 34,000.

Segundo o recenseamento geral dos gados, feito em 1870 em conformidade do decreto de 22 de junho e regulamento de 25 de agosto d'esse mesmo anno, havia no Districto 3:189 cabeças de gado cavallar, no valor de 46:180$200 réis; muar 1:213, no valor de 17:367$700 réis; asino 1:371, no valor de 5:264$650 réis; bovino 47:009, no valor de 1.181:457$100 réis; lanar 88:242, no valor de 36:747$870 réis; caprino 18:635, no valor de 6:234$390 réis; suino 41:348, no valor de 177:819$310 réis. O valor total dos gados era pois computado em 1.471:043$220 réis.

Ainda que o recenseamento dos gados esteja muito longe de exprimir a verdade, é certo que a riqueza do Districto, n'este ramo de industria, é immensa.

Com relação á criação do gado cavallar, têm sido grandes os resultados obtidos com a caudelaria districtal, creada em 1860. Em Estarreja ha um posto hippico, filial d'aquella caudelaria.

Industria mineira

Ha no Districto importantes minas de cobre e de chumbo, quasi todas situadas na grande fractura que corre desde o Vouga até ás Caldas de S. Jorge, na extensão de 33 kilometros. As mais notaveis são as do Braçal, Talhadella, Palhal e Malhada. A lavra de metaes d'estas e d'outras minas tem esterilisado em grande parte os campos adjacentes, contra o que tem reclamado ainda

que inutilmente, os povos das freguezias de Valle Maior e Macinhata.

Pesca

A industria da pesca é tambem exercida com vantagem, e em grande escalla, nas costas do nosso litoral, principalmente nas do Furadouro, Espinho e Torreira. É inconstante e precario o rendimento d'esta industria; mas ainda assim empregam-se e vivem d'ella mais de dez mil familias.

Expostos

Um dos ramos da publica administração, que mais deve prender a attenção do legislador, é sem duvida os expostos. Illustrados publicistas se teem occupado repetidas vezes d'este assumpto; mas ainda até hoje se não chegou a conclusão plausivel. Não é intuito nosso, nem o permitte a indole d'esta obra, fazermos largas considerações sobre tal materia: limitar-nos-hemos a affirmar que a administração dos expostos, no districto de Aveiro, está nas melhores condições possiveis; para o que muito concorre o regulamento respectivo, elaborado pelo ex-governador civil, o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto, e approvado na sessão extraordinaria da Junta Geral de 17 de janeiro de 1853. Para se fazer idêa da boa administração dos expostos n'este districto, basta saber-se que sendo, em 1851, 414 o numero das exposições, foi successivamente diminuindo, a ponto de no anno de 1874 a 1875 haver apenas 64. O que se dá com o numero de exposições, dá-se tambem com a mortalidade: a proporção d'esta é aqui quasi sempre de 7 e 9 por cento, em quanto que nos outros districtos, á excepção dos de Lisboa e Funchal, se eleva a 12, 20 e 30 por cento.

Receita e despeza

O numero dos predios inscriptos na matriz, no anno de 1875, foi de 535:898; o rendimento collectavel é de réis 863:041$414.

A contribuição predial sobe a 114:904$389 réis. O producto liquido das outras contribuições, no anno de 1875, foi: industrial, 19:563$941 réis; sumptuaria, 2:046$050; de registo, 56:853$572 réis.

As contribuições municipaes pagas pelos differentes concelhos do districto podem computar-se em 91:398$329 réis, sendo 8:261$448 de contribuições directas de repartição, 26:365$612 valor da contribuição paga por prestações de serviço, e 56:771$283 de contribuições indirectas.

As receitas dos municipios podem calcular-se annualmente em 85:000$000 réis, e as despezas em 81:000$000 réis, dos quaes se applicam a obras publicas 40:000$000, subsidios a professores de instrucção primaria 2:000$000, quotas para expostos 6:000$000, representando o resto das despezas o pessoal e outras menos importantes.

No districto tem sido desamortisados desde 1861 até junho de 1875 bens no valor total de 187:531$044 réis.

População

Segundo o censo ordenado por decreto de 23 de julho de 1863, a população do districto em 31 de dezembro do mesmo anno era de 252:563 habitantes, sendo 118:214 do sexo masculino e 134:349 do sexo feminino, com 62:526 fogos, o que dá em resultado 76 habitantes por cada kilometro quadrado.

Emigração

Tem sido immensa a emigração no nosso districto com relação ao Brazil. Ainda assim não ha motivo para grandes receios, porque não é a miseria ou a falta de trabalho que obriga aquelles nossos irmãos a abandonarem o solo querido da patria, mas antes a ambição da riqueza. Nem as doenças, que em tempos normaes levam 27 % da colonia portugueza, nem a epidemia da febre amarella, que quasi annualmente alli se desenvolve, teem detido a corrente emigratoria.

O districto de Aveiro é o segundo a fornecer contingente para a emigração. De 1868 a 1873 emigraram 7:996 individuos — cêrca de 1 por % da população; mas em troca d'este capital em braços, recebemos em réis 239:820$000. Considerada a emigração, como geralmente o é, uma exportação de braços e capitaes, nós, os habitantes do districto de Aveiro, podemos chamar-lhe antes exportação de braços e importação de capitaes.

No ultimo anno, 1876, concederam-se na repartição do governo civil do districto, 1:348 passaportes a 1:421 emigrantes.

Instrucção publica

Apesar de não haver ainda o numero preciso de escholas para se satisfazerem as exigencias da instrucção popular, este districto já não póde ser dos mais queixosos. Além d'um lyceu com cinco professores, e mais quatro cadeiras de instrucção secundaria em differentes localidades, tem 164 escholas de instrucção primaria, sendo 134 para o sexo masculino e 30 para o feminino.

Organisação administrativa

O districto administrativo de Aveiro só foi rigorosamente creado em 1835.

Formada a sociedade, o governo ou a administração tornou-se um dos elementos constitutivos da sua existencia. A arte de governar nasceu e desenvolveu-se gradualmente, como outra qualquer sciencia; mas este desenvolvimento foi demasiado moroso. Passaram-se seculos após seculos, sem se sentirem os seus desejados effeitos.

«Se o direito civil romano, fundado na philosophia estoica e reduzido a systema, foi a lei que os vencidos impozeram aos vencedores, não succedeu o mesmo com as regras administrativas, que se achavam espalhadas por alguns titulos do Codigo e do Digesto. Acanhadas no seu espirito, e prescriptas para circumstancias especiaes, mudaram com a sua diversidade, e alteraram-se com os habitos e com os sentimentos dos povos do norte.» [1]

Na edade media, n'essa epocha de luz e de obscurantismo, de liberdade e de oppressão, apparecem as instituições locaes — municipios e communas. Mas a tendencia absoluta para a sua emancipação é absorvida pela reacção dos reis. As liberdades locaes desapparecem asphyxiadas pelo absolutismo, que do seculo XVI ao XVIII avassalla quasi que a Europa inteira.

Só depois que a philosophia conquistou os direitos do homem, e a revolução franceza a civilisação e a liberdade, é que o principio da divisão dos poderes se estabeleceu radicalmente, e a administração foi considerada como uma funcção social; foi então, e só então, que se creou a sciencia administrativa, e se separou totalmente da administração da justiça. Os effeitos d'esta medida só muito tarde se

---

[1] Justino de Freitas — *Inst. de Dir. Adm.* pag. IX.

sentiram entre nós; porque em Portugal, não obstante haver regido por algum tempo a Constituição politica de 1822 e a Carta Constitucional de 1826, a organisação administrativa só foi posta em practica em virtude das determinações do decreto n.º 23 de 16 de maio de 1832. Até esta epocha, o paiz estava dividido em districtos judiciaes, e estes em comarcas, termos e vintenas.

«Todo o reino, diz o sr. Alexandre Herculano, estava dividido em districtos ao mesmo tempo administrativos e militares chamados *terras*, a que era preposto como chefe supremo um nobre, denominado o rico-homem ou tenente (*ricushomo, diveshomo, tenens*), e, ás vezes, senhor da terra (*dominus terrae*). Ao mesmo tempo estes districtos formavam uma comarca judicial, um julgado (*judicatum*), cujo magistrado tinha simplesmente o nome de juiz ou o de juiz da terra (*judex, judex terrae*).—Commummente estes districtos subdividiam-se em prestamos (*prestimonium, aprestamum*), isto é, n'uma porção de casaes, aldêas, ou freguezias, cujos rendimentos, no todo ou em parte, revertiam em beneficio d'um prestameiro (*prestamarius*); eram a retribuição de um encargo publico geralmente militar, mas ás vezes civil. Com o decurso do tempo, e conforme o accrescimo da cultura e da povoação, os julgados tambem se dividiram; e districtos houve repartidos em mais d'um julgado.» [1]

No começo da monarchia eram raras as contendas particulares, e mais raras ainda as leis que as deviam resolver. O rei era o unico magistrado existente. Sirva de exemplo o facto d'a rainha D. Thereza julgar certa pendencia levantada entre o bispo de Coimbra e o abbade de Lorvão. Com o correr do tempo os pleitos augmentaram consideravelmente, e os reis viram-se obrigados a delegar os seus poderes em certos magistrados. Os primeiros

---

[1] Alex. Hercul.— *Hist. de Port.*, tom. III, pag. 300.

foram os *alvazis*, que eram escolhidos pelo povo d'entre os naturaes das terras e em conformidade de seus foraes. Do *alvazil* só se appelava para o conselho dos homens bons (*boni homines*), ou para o rei; mas este ultimo recurso só em circumstancias muito extraordinarias.

D. Affonso II, nas côrtes que convocou em Coimbra em 1211, deu uma nova fórma á magistratura, creando juizes nas cidades e villas mais importantes. Seria demasiado longo, e talvez até improprio da indole d'esta obra, o seguir passo a passo as diversas alternativas por que tem passado Portugal em relação á magistratura judicial e administrativa: limitar-nos-hemos a dizer o que eram os corregedores, provedores, ouvidores, juizes de fóra, ordinarios, de vintena, eleitos e de paz.

Corregedores — Eram os primeiros magistrados da comarca. As suas attribuições vem na Ordenação, liv. 1.º, tit. 58. Era o corregedor quem castigava, prendia e suspendia os juizes e mais officiaes, os quaes tinham de lhe dar conta dos casos mais graves. Este cargo começou em 1372. Nas terras de donatarios, estes ministros intitulavam-se *ouvidores*, e n'esta qualidade conheciam por aggravo dos despachos dos juizes das terras que pertenciam á sua jurisdicção. Foram extinctos pela lei de 19 de julho de 1790.

Juizes de fóra — Nos termos e cabeças de comarca, havia, pelo menos, um juiz de fóra, do civel, crime e orphãos; mas algumas vezes, e não poucas, estas funcções dividiam-se por outro magistrado, que recebia a denominação conforme a natureza das diversas attribuições a seu cargo. Era triennal e de nomeação regia, em virtude d'uma disposição d'el-rei D. Manuel.

Juizes do termo — Estes magistrados eram electivos em conformidade do tit. 67 do liv. 1.º da Ordenação, e exerciam as suas funcções, a que correspondem as dos juizes ordinarios, por um anno.

Juizes de vintena, ou pedaneos — Magistrados tambem electivos e annuaes. Decidiam verbal e summarissimamente as questões sobre movel de pouco valor.

Juizes de paz — Foram creados por el-rei D. Manuel, com o nome de *avendores* ou *concertadores de demandas*, em 25 de janeiro de 1519. A necessidade d'esta instituição já havia sido apresentada pelos procuradores do *terceiro estado* a D. João II, nas côrtes d'Elvas de 1481.

Juizes eleitos — Substituiram com pouca alteração os juizes de vintena.

No territorio que hoje fórma o Districto de Aveiro, havia antigamente, ou antes, quando teve logar a sua organisação administrativa, as comarcas de Aveiro, Estarreja e Feira.

Divisão administrativa, judicial, eleitoral e ecclesiastica

O triumpho pleno da causa liberal, em 1834, alterou completamente o velho systema governativo. A primeira lei administrativa propriamente dicta, que houve em Portugal, foi o decreto n.º 23 de 16 de maio de 1832, que creou seis primeiros grandes magistrados administrativos — Prefeitos de provincia; outros, delegados d'estes — Sub-Prefeitos de comarca; e outros, ainda delegados d'estes — Provedores de concelho. Aveiro ficou então governada, como comarca, por um sub-delegado, subordinado ao prefeito do Porto.

A lei de 25 de abril de 1835 e o decreto de 18 de julho do mesmo anno estabeleceram um novo systema. Crearam 17 *governos civis* e 789 *concelhos;* aquelles eram administrados por *governadores civis;* estes, por *administradores de concelho.* Aveiro ficou sendo centro d'um governo civil, e couberam-lhe 52 concelhos: Aguada de Cima, Aguim, Angeja, Aradas, Arouca e Burgo, Aveiro, Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Barrô, Bemposta,

Cadima, Castanheira do Vouga, Castello de Paiva, Casal Comba, Cortegaça, Crestuma, Cucojães, Eixo, Esgueira, Estarreja, Couto de Estevão, Feira, Fermedo, Trofa, Villa Nova de Monsarros, Ferreiros, Frossos, Grijó, Ilhavo, S. Lourenço do Bairro, Macieira de Cambra, Recardães, Sangalhos, Sandim, Sepins, Tendaes, Mira, Mogofores, Oliveira de Azemeis, Oliveira do Bairro, Ovar, Ois do Bairro, Ois da Ribeira, Paus, Pereira Jusam, Prestimo, Segadães, Sever, Sorrães, Sousa, Vacariça, Vagos e Vouga.

Os decretos de 6 de novembro e 31 de dezembro de 1836, conservando o numero de provincias existente, substituiram este nome pelo de *administrações geraes;* e pelo de *administradores geraes* o dos governadores civis; e supprimiram os concelhos de Aguada de Cima, Aradas, Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Barrô, Castanheira de Vouga, Casal Comba, Cortegaça, Cucojães, Esgueira, Couto de Esteves, Trofa, Villa Nova de Monsarros, Ferreiros, Frossos, Grijó, Macieira de Cambra, Recardães, Sangalhos, Sepins, Tendaes, Mogofores, Ois da Ribeira, Prestimo e Segadães.

A lei de 29 de outubro de 1840, que restabeleceu a anterior denominação de governadores civis, e fez o administrador de concelho de nomeação regia, supprimiu o concelho de Paus, e creou os de Albergaria a Velha, Macieira de Cambra, e Oliveira do Bairro.

Por decreto de 31 de dezembro de 1853 foram supprimidos os concelhos de Eixo, Pereira Jusan, Sousa e Vouga; e por outro de 24 de outubro de 1855, os de Angeja, Bemposta, Fermedo, e S. Lourenço do Bairro. Por este mesmo decreto passou o concelho de Mira para o districto de Coimbra, e o da Mealhada para o de Aveiro.

O decreto de 10 de dezembro de 1867, que não chegou a pôr-se em practica, redigido em conformidade da lei de 26 de junho do mesmo anno, supprimia o districto de Aveiro, e bem assim os concelhos de Castello de Paiva, Mealhada, Ilhavo, Vagos, Sever e Oliveira do Bairro. Os

concelhos de Aveiro, Arouca, Albergaria, Estarreja, Feira, Ovar e Oliveira d'Azemeis, ficavam pertencendo ao districto do Douro (Porto), e os de Agueda e Anadia ao da Beira Central (Coimbra).

Hoje o districto de Aveiro divide-se administrativamente em 16 concelhos: Agueda, Albergaria, Anadia, Arouca, Aveiro, Castello de Paiva, Estarreja, Feira, Ilhavo, Macieira de Cambra, Mealhada, Oliveira d'Azemeis, Oliveira do Bairro, Ovar, Sever do Vouga, e Vagos.

Politicamente, o districto tem os seguintes circulos eleitoraes: n.º 31, Aveiro; n.º 32, Anadia; n.º 33, Estarreja; n.º 34, Feira; n.º 35, Arouca; n.º 36, Oliveira d'Azemeis. O numero total dos eleitores é de 29:262; o dos elegiveis é de 4:431.

Na divisão judicial comprehende as comarcas de Agueda, Anadia, Arouca, Aveiro, Estarreja, Feira, Oliveira d'Azemeis e Ovar; e os julgados de Aguada de Cima, Agueda, Albergaria, Sever do Vouga e Vallongo, na comarca de Agueda; os de Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro e S. Lourenço, na comarca de Anadia; os de Arouca, Canellas, Fermedo e Sobrado, na de Arouca; os de Aveiro, Ilhavo, Requeixo e Vagos, na de Aveiro; os de Estarreja, Murtosa e Salreu, na de Estarreja; os da Feira, Lobão e Paços de Brandão, na da Feira; os de Castellões, Cucojães, Macieira de Cambra, Oliveira d'Azemeis e Pinheiro, na de Oliveira d'Azemeis; e os de Esmoriz, Ovar e Vallega, na de Ovar.

Ecclesiasticamente está o districto dividido em 180 freguezias, que pertencem aos bispados de Aveiro, Porto, Lamego, Vizeu e Coimbra. Os concelhos de Agueda, Albergaria a Velha, Aveiro, Oliveira do Bairro, e Macieira de Cambra, fazem parte do bispado de Aveiro; e bem assim: as freguezias das Talhadas, do concelho de Sever; Arcos, Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Moita, Ancas, Ois do Bairro, Sangalhos, e Villarinho do Bairro, do de Anadia; Salreu, Canellas e Fermelã, do de Estarreja;

Carregosa, Macinhata de Seixa, Ossela, Palmaz, Pinheiro e Travanca, do de Oliveira d'Azemeis. O concelho de Sever, e as freguezias de Arões e Junqueira, do concelho de Macieira de Cambra, fazem parte do bispado de Vizeu. O concelho da Mealhada, e as freguezias de Tamengos e Villa Nova de Monsarros, pertencem ao bispado de Coimbra. Os concelhos de Arouca e Castello de Paiva pertencem ao bispado de Lamego. Os da Feira, Estarreja, e Ovar, e as freguezias de Cezár, Feijões, Cucojães, Gandara, Madeira, Macieira de Sarnes, Nogueira de Cravo, Pindello, Villa Chã, Madail, Oliveira d'Azemeis, Riba d'Ul, Loureiro e Ul, do concelho de Oliveira d'Azemeis, e as de Escariz, Fermedo, Louredo, Mansores e Matto, do de Arouca, ao bispado do Porto.

Correios e telegraphos

Ha direcções do correio em Agueda, Albergaria, Anadia, Arouca, Aveiro, Estarreja, Feira, Mealhada, Oliveira d'Azemeis e Ovar; e delegações em Arrancada, Sever, Mogofores, Oliveira do Bairro, Alvarenga, Castello de Paiva, Nespereira, Angeja, Eixo, Ilhavo, Vagos, Bemposta, Pardelhas, Torreira, Arrifana, Cabaçaes, Esmoriz, Espinho, Mosteiró, Oleiros, Paços de Brandão, Souto Redondo, Cucojães, Gandara, Macieira de Cambra e S. João da Madeira.

Agueda, Albergaria, Aveiro, Mealhada e Oliveira d'Azemeis teem estação telegraphica.

CONCELHO DE AGUEDA

O concelho de Agueda foi creado por decreto de 17 de julho de 1835. Compõe-se actualmente das freguezias de Agadão, Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Agueda, Barrô, Bellazaima, Castanheira de Vouga, Espinhel, Lamas, Macieira de Alcoba, Macinhata de Vouga, Ois da Ribeira, Prestimo, Recardães, Segadães, Travassô, Trofa, e Vallongo. Por decreto de 10 de dezembro de 1867, redigido em conformidade da lei de 26 de junho do mesmo anno, o concelho de Agueda ficava pertencendo ao districto da Beira Central, e composto das parochias civis de Aguada de Cima, Agueda, Oyan, Segadães, Talhadas e Vallongo, perfazendo todas 6:037 fogos.

Este concelho tem 32:704 hectares de superficie, 45:328 predios inscriptos na matriz, e 17:958 habitantes.

Os decretos de 6 de novembro e 31 de dezembro de 1836 crearam a comarca de Agueda, que ficou sendo composta dos concelhos de Agueda, Anadia, S. Lourenço do Bairro, Paus, Vacariça e Vouga. O decreto de 24 de outubro de 1855 tirou-lhe os concelhos de Anadia, S. Lourenço do Bairro e Vacariça, e annexou-lhe as freguezias dos de Paus e Vouga. Por decreto de 23 de dezembro de 1875 a comarca de Agueda compõe-se dos julgados de Aguada de Cima, Agueda, Albergaria, Sever do Vouga, e Vallongo.

Agadão

Freguezia de 130 fogos, e 532 habitantes. Está situada na falda e a O. da serra do Caramulo, entre os logares da Lomba e Villa Mendoa, que lhe ficam proximos. Dista de Agueda 14 kilometros para ESE. Orago, Sancta Maria Magdalena. Prior, o reverendo Manuel Carlos de Paiva.

Era da Casa do Infantado, e curato annexo á freguezia de S. Mamede de Castanheira do Vouga. Até 31 de dezembro de 1853, pertenceu ao concelho de Vouga.

Aguada de Baixo

Freguezia sita a 7 kilometros ao S. de Agueda, e juncto á estrada real de Lisboa ao Porto. Orago, S. Martinho. Prior, o reverendo Antonio Maria Gomes Corrêa. Tem 133 fogos, e 472 habitantes. Tem arrozaes que occupam uma superficie de 107 ares. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Foi villa. Tinha foral dado por D. Manuel, em Lisboa, aos 23 de agosto de 1514. O parocho era da apresentação da mitra de Coimbra, a cujo bispado pertenceu até 12 de abril de 1775. Fazia parte do antigo termo do Couto de Barrô, concelho de Ois da Ribeira.

Aguada de Cima

Freguezia de 314 fogos, e 1:444 habitantes. Está situada 1 $^1/_2$ kilometro a E. da estrada real do Porto a Coimbra, 7 kilometros da estação de Oliveira do Bairro, e a egual distancia de Agueda para SSE. Orago, Sancta Eulalia. Prior, o sr. José Pedro Rodrigues da Graça.

Foi villa e concelho, no termo da comarca de Esgueira.

Teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, aos 12 de setembro de 1514. Os parochos eram apresentados pela Universidade de Coimbra, que era sua donataria. Nasce nesta freguezia, de duas fontes — Cadaval e S. Martinho — a ribeira d'Aguada, affluente do Certima. Tem uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

Agueda

Antiga freguezia do termo de Aveiro, e hoje cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome. Está situada na margem direita do rio Agueda, 10 kilometros ao NE. da estação de Oliveira do Bairro e a 20 kilometros de Aveiro.

A descripção topographica de Agueda não será nossa. Pedil-a-hemos emprestada a um filho seu dilecto, a um tão inspirado quanto infeliz vate, que o suicidio arrastou ao tumulo.

«Com a frente voltada para o meio dia, escreve José Maria Velloso, assente em amphitheatro sobre tres pequenos outeiros, tendo a seus pés os vastos e fertilissimos campos de Asseguins, Borralha, Paredes e Recardães, cortados pelas limpidas aguas do seu formoso rio, o vetusto Eminium, que desce com manto de prata em vestido verde, rodeado, a mais de kilometro, de collinas cobertas no estio de virentes parras, e coroadas de oliveiras, pinheiros, castanheiros e carvalhos; descobrindo, a sol posto, as cumiadas dos pequenos outeiros d'Ois da Ribeira, que é uma boa povoação a 4 kilometros da villa; e encarando d'alli para o oriente, demorando a vista na pequena mas esbelta e esguia torre da nova egreja de Espinhel, que contrasta com o tisnado e triangular campanario de Recardães, cuja egreja é aliás um templo rico em obras de arte; Agueda, a Eminium moderna, com os seus barcos, que, de vela e á vara, se cruzam nas aguas do seu rio, e

pela vista dos rusticos casaes, que se descobrem por entre a côma frondente das arvores, que os circumdam, nas encostas fronteiras; tendo ao nascente, e mais ao longe, por detrás d'estas mesmas encostas, as summidades das serras do Caramulo e de Boialvo; e mais para o sul, a 10 kilometros d'esta montanha, os pincaros memorandos do Bussaco, que lhe fecham o horisonte, — é bella povoação. Agueda, ufana da uberrima bacia sobre que reina, campeia elegante, pittoresca e mimosa, quasi imagem da formosa Coimbra.»

O mesmo escriptor, n'um poemeto que publicou na *Eschola Popular*, intitulado — *A bicha-moira, em duas noites de S. João* — falla de Agueda pela seguinte fórma:

«Não canto famosas façanhas de guerra:
Meus versos não querem heróes d'exterminio.
Eu canto da minha terra
A tradicção, se não erra
A lenda, que eu chamo: *Lembranças do Eminio.*

Do Eminio, que eu amo, tão linda e tão bella,
Sentada na encosta d'outeiro gentil:
Mirando-se na agua do rio que passa,
Revendo-se toda n'um céu côr d'anil.

Ufana dos campos, que aos pés lhe verdejam,
Dos brancos armentos dos montes visinhos;
Ufana das aves, que em torno gorgeiam,
Creando cantares nos providos ninhos.

Vaidosa das mésses, que bastas adornam
Encostas, que, em roda, riquissimas tem.
Vaidosa das margens do rio formosas,
Dos barcos que o sulcam, dos bosques d'além.

Lá, são campanarios por entre florestas
Co'as torres esguias: remate — uma Cruz!
A Cruz, que de longe nos diz que resemos,
Oremos contrictos á Mãe de Jesus.

D'áquem, as montanhas de traz das collinas
Co'dorso de pedra bradando — *Parai!*
Ás aguas do oceano que ruge insoffrido,
Ao mando potente do Deus do Sinai.

. . . . . .

Que foi d'essas pedras, que Plinio marcara?
Onde hoje alicerces de teus fortes muros?
As portas das torres, os teus baluartes,
Onde, que fortes campearam seguros?

Foi Roma senhora do teu rico solo,
Depois foi dos godos o rei teu senhor.
Depois El-Tarik, vencido Rodrigo
Por conde inimigo... brioso, ou traidor?
. . . . . .

Em frente, e mui longe, ao sul, a Moraima,
Que espera a captiva do sangue real.
Á esquerda, mui perto, a *Fonte encantada,*
Que a serpe magoada retem immortal.

Eminium moderna! teus templos d'outr'ora,
Cidade latina, ninguem te descobre.
Das vias de Cesar, dos marcos romanos
Dos arcos sobr'anos, do portico nobre.

Do Celta, do Consul, do Moiro que resta?
Nem letra que a historia nos conte gravada...
Eminium moderna! não tens monumentos,
Senão nos portentos da Moira encantada.»
. . . . . .

Agueda tem uma só freguezia, da invocação de Sancta Eulalia, com 3:562 habitantes e 867 fogos, de que actualmente é prior o reverendo José Ferreira Estimado. Foi priorado da apresentação dos duques de Aveiro; mas por sentença de 11 de janeiro de 1759, que exautorou o ultimo duque, D. José de Mascarenhas, de todas as suas honras e haveres, passou para a corôa.

Edificios

A egreja parochial é um templo magestoso. Ignora-se a data da sua fundação; mas pelo livro das visitas da freguezia se sabe que em 1700 era um templo velho e pequeno. Consta mais pelo mesmo livro que, a instancias dos visitadores, foi reedificada completamente, entre os annos de 1735 a 1737, com subsidios do governo, povo e confrarias. Tem tres naves, e septe capellas nas dos lados. No altar-mór e capellas de S. Francisco e Senhor Jesus dos Passos, ha trabalho de talha de bastante merecimento. N'esta ultima está uma imagem de Christo Morto, esculpida em pedra com perfeição. No altar do Sanctissimo é digno de exame um quadro representando a ultima cêa de Jesus,— trabalho primoroso em pedra. As quinas reaes, entre o sol e a lua, coroam o arco cruzeiro.

A irmandade do Senhor Jesus dos Passos tem uma bulla dada em Roma, em Sancta Maria Maior, sob o annel do pescador, no primeiro dia de julho de 1628, 5.º anno do pontificado de Urbano VIII, que começa:

«Urbano VIII *ad perpetuam rei memoriam.* Está instituida canonicamente, na egreja parochial de Sancta Eulalia, do logar de Agueda, bispado de Coimbra, uma piedosa confraria de fieis christãos, homens e mulheres, debaixo da invocação do Sanctissimo Nome de Jesus. Nós, para que esta confraria cada vez receba maiores accrescentamentos, confiados na misericordia de Deus, e na auctoridade de seus bemaventurados apostolos, S. Pedro e S. Paulo, concedemos misericordiosamente em o Senhor, etc. etc.»

A E. da egreja está um cruzeiro antiquissimo, denominado dos *mortos,* com uma inscripção já de ha muito illegivel, que tem prendido a attenção dos antiquarios.

Na Praça Nova, largo bastante irregular, ha um bello chafariz, cuja agua vem d'um distancia de 200 metros, construido em 1865 sob a direcção e risco do sr. Francisco Estevão Pinheiro de Figueiredo. Na Praça Velha ha

um outro não menos elegante, obra do canteiro o sr. Antonio da Silva Proa.

O hospital, da invocação de Nossa Senhora da Boa Morte, julga-se ter sido fundação dos duques de Aveiro, donatarios da villa. Até 1723 a sua administração esteve a cargo d'um mordomo, e d'ahi em diante d'um provedor, nomeado pelos foreiros em periodos indeterminados. Por alvará do governador civil de 22 de dezembro de 1842 foi a administração do hospital entregue a uma commissão, que se dissolveu quando elle se converteu em Misericordia por estatutos de 12 de novembro 1859, approvados por alvará regio de 17 de junho de 1861. O capital da Misericordia de Agueda era de 826$500 réis, em predios rusticos e urbanos, hoje reduzidos a inscripções pela lei da desamortisação. O actual provedor é o sr. Francisco de Sampaio Alegre.

Os *Paços do Concelho* são um bello e espaçoso edificio: talvez o melhor da villa. A sua primeira pedra foi lançada, no vertice do angulo SO., no dia 22 de outubro de 1860. O risco e a direcção foram do sr. Joaquim Augusto de Macedo. No centro da fachada principal vêem-se as armas reaes portuguezas, com a legenda:

A Romanis Æminium, que póde traduzir-se—*Fui chamada Eminio pelos romanos.*

Æminium

É hoje facto incontestavel ter existido na Lusitania uma cidade d'este nome, cuja remotissima fundação se perde na noite dos tempos. A sua historia é quasi desconhecida, como a de tantas outras Ainda assim, ha quem affirme, não sem fundamento, ter sido obra dos celtas, 1400 annos antes do nascimento de Jesus Christo. Plinio faz menção d'ella na sua *Natur. Hist.*, e Antonino Pio no seu *Itinerario*. Jeronymo Soares Barbosa [1] diz que no

[1] *Epit. da hist. ant. da Lus.*, cap. 6.º, pag. 163.

tempo de Augusto a decima legião pretense, dividida em cinco cohortes, de não menos de 600 soldados cada uma, fazia presidio na costa occidental da Lusitania, desde a foz do Douro até ao rio *Eminio*, occupando as cinco cidades maritimas então existentes: Talabrica (Aveiro), Lancobrica (Feira), Calen (Gaia), Æminium (Agueda), Vacca (Vouga). O mesmo historiador, citando Faria e Sousa, allude a uma inscripção encontrada em Ossella, por onde se vê que os habitantes de Æminium tambem tomaram parte, conjunctamente com os das cidades visinhas, nas hecatombes e jogos de gladiadores, que tiveram logar por morte do mesmo imperador. Parece que Æminium foi tomada e destruida, 137 annos antes de Christo, pelo consul Decio Junio Bruto. Pelo menos, o padre Francisco do Nascimento Silveira [1] affirma que os habitantes de Talabrica, indo em soccorro dos seus visinhos de Æminium, atacada por aquelle consul, experimentaram depois na sua cidade as iras do vencedor.

Durante a invasão barbara e a monarchia visigothica nada ha que nos dê a conhecer a existencia de Æminium; o que nos faz crer que esta cidade ficou sendo, depois da pacificação da Lusitania pelo consul Decio Junio, ou uma povoação de segunda ordem, ou um campo tapetado de brejos e alastrado de ruinas. Ninguem contesta a existencia do bispado de Æminium, creado no concilio de Nicêa, em 325. Ignora-se o territorio d'esta diocese, e só se sabe que ella ficava entre Conimbrica (Condeixa-a-Velha) e Cale (Gaia). O seu primeiro bispo foi Clarso, que em 408 assistiu ao primeiro concilio bracarense; o segundo, Pontonio, que assistiu ao concilio braccarense de 422; e o terceiro, Possidonio, que vem assignado como bispo de Æminium no terceiro concilio toledano, celebrado em 589.

No concilio de Lugo de 560 foi supprimido o bispado

---

[1] *Mappa Breve da Lusitania.*

de Æminium, e determinou-se que esta cidade ficasse sendo uma das parochias da sé conimbricense; medida que só chegou a pôr-se em practica depois da morte de Possidonio. D. Rodrigo da Cunha [1] affirma que, no anno de Christo 40 ou 41, viera á Lusitania o apostolo S. Thiago, e pozera por bispo em Braga a S. Pedro de Rates, o qual elegera bispos para o Porto, *Eminio* e Tuy.

É crença transmittida de paes a filhos, entre os povos da peninsula, que S. Thiago prégára aqui o Evangelho. O padre Rivaux [2] diz que S. Thiago Maior, filho de Zebedeu e irmão de S. João, prégou o Evangelho principalmente na Judeia; e, depois de ter percorrido *varios paizes que a historia não designa,* soffreu o martyrio em Jerusalem, d'onde seus discipulos levaram o seu cadaver para Hespanha. Em nenhum d'estes discipulos, cujo nome nos dá D. Diogo Saavedra Fajardo, [3] encontramos o primeiro bispo de Æminium; o que nos faz crer que D. Rodrigo da Cunha affirmou o que não sabia.

A maioria dos nossos escriptores é de opinião de que a cidade de Æminium é a actual villa de Agueda. Porém Hubner, escriptor allemão, pretende que Æminium seja Coimbra e não Agueda. Esta opinião é inadmissivel, «porque a velha Coimbra já em 569 estava destruida; e no segundo concilio de Lugo, convocado n'esse mesmo anno, com a suppressão do bispado, passou a cidade a ser uma parochia da nova Coimbra.»

Plinio, descrevendo a Lusitania, a partir do Douro, escreve — *Flumen Vacca. Oppidum Talabrica. Oppidum, et flumen Æminium.* O que fez dizer a João Hardino, nas notas ao mesmo Plinio — *Æminium, hodie Agueda: nomen est oppido amnique commune.* [4]

---

[1] *Catalogo dos bispos do Porto.*
[2] *Tractado de Hist. Eccles.*
[3] *Corona Gothica, Castellana y Austriaca.*
[4] *Natur. Hist.*, liv. IV, cap XXI.

«Distava de Condeixa-a-Velha, diz um abalisado jurisconsulto de nossos dias e do nosso districto, a cidade de Eminio 40 milhas ou 10 leguas; e da antiga Talabrica, 10 milhas ou 2 $^1/_2$ leguas. Mas, sendo as leguas de 4 milhas comparadas com as actuaes de 5 kilometros, que, segundo cremos, equivaliam a tres milhas romanas, vêm aquellas 2 $^1/_2$ leguas de distancia entre a cidade de Æminium e Talabrica a equivaler a 3 $^1/_3$ leguas; e as 40 milhas entre Condeixa-a-Velha e Æminium, a 13 $^1/_3$ das actuaes.»

Nada sabemos de positivo ácerca da distancia que ia do local onde existiu a antiga cidade de Condeixa-a-Velha á actual villa de Agueda; mas sabemos que d'esta villa a Aveiro se contam 4 leguas. E se a antiga Talabrica era no local em que hoje se acha a freguezia de Cacia, ou ainda a de Esgueira (como parece mais natural), não é facil explicar como distasse de Agueda só 10 milhas romanas. Poderá dizer-se que a differença de $^2/_3$ de legua podia provir de ser mais recto, do que o da actual estrada, o traçado da via romana? Não é facil acredital-o, nem aqui ha vestigios de tal estrada directa de Agueda a Aveiro; a qual, vindo a Agueda, teria forçosamente de atravessar o rio d'este nome: e é isso o que a verdade historica não consente que acreditemos.

Yiterbo,[1] fundado em documentos do convento de Grijó, no *Itinerario* de Antonino, e nos seus mais famosos commentadores, affirma que a via militar romana atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra; e, *sem passar o Eminio ou rio Agueda,* cortava o Vouga não longe de Talabriga.

Sendo assim, a cidade de *Eminio,* que estava no itinerario romano, devia encontrar-se ao sul do rio Agueda, e não ao norte.

Estivesse ou não *Æminium* precisamente no mesmo

---

[1] *Elucid.*, vb. *Estrada Mourisca.*

local em que hoje está Agueda, é fóra de duvida que esta villa é a digna successora da antiga cidade romana.

Nada nos mostra a existencia de *Eminio* no tempo dos barbaros, ou no da monarchia visigothica, como já dissemos; durante um longo periodo desapparece ella totalmente da tela da historia. Mas ainda assim, não se pense que as armas romanas e as invasões que se lhe seguiram a destruiram de todo, pois existia ainda no tempo de D. Affonso III, appellidado o *Magno* pelos seus feitos. «O Douro e o Tejo viram suas conquistas. Quasi não ha cidade ou povoação notavel das nossas provincias, a que ellas não chegassem. Orense, Braga, Porto, *Eminio,* Vizeu, Lamego, Coimbra, Igitania (Idanha), Merida, por elle foram não só ganhadas, mas a maior parte povoadas.»[1]

Eminio entrou no numero das cidades povoadas por D. Affonso o *Magno,* como o testemunha o *Chronicon Abeldense,* para mais tarde ser totalmente destruida por El-Mansur, o conquistador e destruidor de Coimbra em 987, «qui devastavit quidem civitates, castella, omnemque terram depopulavit, usquemque pervenit ad partes maritimas Occidentalis Hispaniae; et Gallitiae civitatem, in qua corpus D. Jacobi Apostoli tumulatum est, destruxit» — diz o Silense. Esta expedição teve logar no reinado de D. Ramiro III, e prolongou-se pelo de D. Bermudo II; o que faz crer que a destruição de Æminium data dos annos de 982 a 989.

Durante o periodo em que Æminium desapparece dos annaes da historia, surge-nos a cidade de Agatha, sobre o rio do mesmo nome, e no mesmo local ou proximidades d'aquella, que é tomada aos arabes por D. Affonso I, rei de Oviedo, em 739. Se a historia é obscura com relação a Æminium, ainda o é mais para com Agatha. Nada se sabe da sua fundação, ou mesmo da sua existencia. Pare-

---

[1] A. C. do Amaral, *Memorias para a historia etc.*, tom. IV.

ce-nos poder affirmar-se que Agatha foi fundada pelos romanos na margem direita do rio Agueda, no mesmo local em que hoje está a villa do mesmo nome: por tanto, defronte de Æminium, que, pelas provas apresentadas por Viterbo, só podia estar na margem opposta. *Agatha*, nome proprio de mulher romana, vem em auxilio da nossa opinião. O fundar-se Agatha nas circumvisinhanças de Æminium, e não se reedificar esta, não deve causar estranheza: o mesmo se dá com Aveiro e Talabrica.

Pelos documentos de Pedroso sabemos, diz o mesmo Viterbo [1], que, pelos annos de 1013, D. Gonçalo, filho do conde Mendo Luci, comprou muitos bens de raiz nas circumvisinhanças de Agueda, estando el-rei D. Affonso IV de Leão em Monte-Mór, sendo o dicto D. Gonçalo capitão e governador d'aquella terra, e tendo da mão do dicto monarcha *regalengo et condadu et mandamento in rripa d'Agata.*

Consta que Recaredo e Sisebuto cunharam moeda em Æminium, e que Alboacem-Huben-Allamar, regulo de Coimbra, fizera conde d'ella um christão, que a governava a troco d'um tributo. Nas actas do concilio de Oviedo de 873 apparece assignado *Arias in Minio Comes.* Este Arias foi casado com D. Aldara ou Ilduara; consorcio de que nasceu S. Rosendo, canonisado em 1595, e proveiu a illustre familia dos Sousas de Riba Tamega, hoje representada pelos duques de Lafões.

O Agueda

Agueda é dividida do Sardão, logar que lhe fica fronteiro, pelo rio do seu nome. As duas povoações são ligadas por uma ponte de cantaria de cinco arcos, hoje bastante arruinada, e que alguns fazem remontar a D. Sebastião. Para o Sardão retirou o exercito francez, depois

---

[1] *Elucidario*, vb. *Regalengo.*

da derrota do Bussaco. Em algumas publicações, [1] apparece a villa com o nome de *Agueda de Cima*, para a differençar de Agueda de Baixo, que é o actual Sardão.

«O rio Agueda nasce ao S. da freguezia de Varsielas, na serra do Caramulo: corre ao N. até proximo da egreja parochial da dicta freguezia; muda então a direcção para O.; passa 1/2 kilometro ao N. de S. João do Monte; depois, inclinando para OSO., passa 1/2 kilometro a SE. da Villa de Castanheira; recebe uma pequena ribeira, que vem da serra do Caramulo, e recebe depois o Agadão. Continuando tortuosamente em direcção geral ONO., recebe o Alfusqueiro; passa na villa de Agueda, ao S.; depois na de Requeixo, onde recebe o Certima; muda então para NNO.; passa sob a ponte da estrada real de Aveiro a Agueda: e 4 kilometros mais abaixo entra no Vouga, com 12 leguas de curso.»

O Agueda é o Eminio dos romanos — o *flumen Æminium*, a que se refere o geographo Caio Plinio. Ha escriptores que sustentam que o Æminium é o Mondego e não o Agueda, fundando-se para isto em Antonino Pio não ter por costume mencionar no seu *Itinerario* senão os grandes rios que desaguam no Oceano, facto que se não dá com o Agueda. A isto responde-se que não deve parecer estranho o ser este rio o Æminium do *Itinerario*, porque é muito de presumir que o sabio imperador fizesse uma excepção, logo que havia sobranceira ao Agueda uma cidade de tal ou qual importancia — *Æminium*. Que o Mondego e Eminio não são uma e mesma cousa se deprehende facilmente do texto de Plinio, que diz — *Ab Minio, quem supra diximus, cc. M. pass., ut auctor est Varro, abest Eminius... Ab Durio Tagus, cc. M. passuum interveniente Munda.* O mesmo Plinio diz que se não deve confundir o *Æminium* com o Lima; porém não faz tal obser-

---

[1] *Mappa alphab das forç. de Port.*, 1811.

vação a respeito do Munda, que Pomponio Mella affirma ser o Mondego. [1]

Varões illustres

Agueda présa-se de ser berço de dois homens illustres.

P.e José de Almeida — Nasceu em Agueda a 30 de janeiro de 1582, tomou o habito da companhia de Jesus, e morreu em Lisboa, no Collegio de Sancto Antão, a 21 de abril de 1643. Foi um dos melhores oradores do seu tempo. Prégou e imprimiu um sermão por occasião da beatificação de S. Francisco Xavier, e escreveu e publicou tambem a *Relação* das festas que a sua ordem fez por essa mesma occasião.

Dr. José Pacheco de Freitas Soares, bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico honorario da Real Camara, physico-mór do Reino, censor regio da Mesa do Desembargo do Paço, membro da Junta de Saude Publica, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc. — Nasceu em Agueda a 2 de maio de 1769, sendo seus paes Antonio Pinheiro e sua mulher Luiza Maria de Jesus, da mesma villa. O primeiro emprego publico que exerceu foi o de medico de partido, em Aveiro, nomeado por provisão do Desembargo do Paço de 12 de agosto de 1800. Morreu em Lisboa, em março de 1831. D'este sabio restam diversas obras sobre medicina, publicadas por ordem da Academia, como homenagem a tão peregrino talento.

Imprensa

Eschola Popular, semanario litterario, instructivo e noticioso. — Com este titulo se publicou em Agueda, em 1870, um interessante jornal, de que foram directores e proprietarios os srs. José Ferreira da S. e Castro, e José Soares de F. e Castro. Publicaram-se 52 numeros, saíndo o primeiro em 7 de maio de 1870, formato 4.º, em 8 pa-

---

[1] *Natur. Hist.* — L. IV, cap. XXII.

ginas de interessante e util leitura. *A Eschola Popular* era impressa em typographia propria, montada expressamente pelo sr. José Soares de F. e Castro, e teve por collaboradores D. Amelia Janny, Adriano Anthero, A. Florencio Ferreira, Agostinho de F. Lobo M. da Silva, Albano de Mello, A. Sotto Maior, A. Xavier Rodrigues Cordeiro, Candido de Figueiredo, C. Boaventura, Custodio Vellozo, Fernando Caldeira, F. Vieira, Jayme Ribeiro, J. Chrysostomo da Veiga, J. Gomes dos Sanctos, Joaquim de Mello Freitas, J. J. F. Baptista, José Correia de Miranda, José Maria Vellozo, José Simões Dias, Luiz Carlos Simões Ferreira, Magalhães Lima, M. J. de Sá e Mello, M. M. d'Amorim e Silva, M. R. da Silva Pinto, Visconde Ottolini. — É para lamentar que esta publicação não tivesse proseguido; mas é-nos grato affirmar que não foi o desfavor do publico ou o desanimo dos seus collaboradores que lhe empéceu o passo aventureiro. Ao seu illustrado proprietario, o sr. José Soares de Figueiredo e Castro, devemos os obsequiosos esclarecimentos, que offerecemos aos leitores, e que sinceramente lhe agradecemos.

Asseguins

Á freguezia de Sancta Eulalia de Agueda pertencem os dois logares de Asseguins e Borralha, ambos dignos de menção.

A villa de Asseguins, sobranceira ao Alfusqueiro, teve até 1834 juiz ordinario, camara, e uma companhia de ordenanças. D. João IV deu-a de juro e herdade a Luiz de Saldanha e Gama, que o padre Carvalho e Costa diz ser descendente de D. Sancho Dias de Saldanha e de sua mulher a infanta D. Himena, filha de D. Fruela I, rei de Leão.— Esta familia veiu para Portugal no tempo de D. Affonso V. Tinha por armas, em campo de purpura, uma torre de prata, com portas e frestas de azul, com uma cruz de oiro em cima; e por timbre, a mesma torre das armas.

Visconde da Borralha

Borralha é uma aldeia situada proximo e a NE. do Sardão, sobre a margem esquerda do Agueda. Tem uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

É aqui a grande casa e quinta da Borralha, propriedade do visconde do mesmo titulo. Compõe-se de sumptuoso palacio com capella, jardim e quinta. O parque é um dos primeiros de Portugal. O primeiro visconde da Borralha (12 de maio de 1852) foi o sr. Francisco Caldeira Leitão Pinto, que nasceu a 20 de abril de 1803, e falleceu em 29 de novembro de 1873. Elevado ao pariato por decreto de 26 de dezembro de 1844, tomou posse em 3 de março de 1845. Casou em 12 de abril de 1836 com D. Ignez de Vera Giraldes Mello e Bourbon, que nasceu a 23 de outubro de 1805, filha do sr. Fernando Affonso e Giraldes d'Andrade, senhor de Medelim, alcaide-mór de Monsanto e do Conselho de Sua Majestade, e de D. Maria Joanna de Mello Sampaio e Bourbon.

O visconde da Borralha era verdadeiro typo de fidalgo da velha aristocracia, cavalheiro caritativo e illustrado, prompto sempre a soccorrer os desvalidos e a auxiliar os grandes melhoramentos do seu paiz e os do seu berço. Na viuva do illustre finado e em seus filhos repercutem-se as virtudes do pae e do esposo: a Borralha continúa a ser asylo seguro para todos os que soffrem.

Instrucção publica

Agueda tem duas cadeiras de instrucção primaria: uma para o sexo feminino, outra para o masculino, de que são professores D. Marianna Henriqueta de Pinho, e José Soares de Figueiredo e Castro. Tem tambem uma cadeira de instrucção secundaria (latim e francez), de que é professor José Joaquim Rodrigues Pereira.

Vias de communicação

Agueda está em communicação com Aveiro pelo rio do

seu nome, e pela estrada n.º 45, cuja 1.ª secção, de Esgueira a Agueda, comprehende uma extensão de 19,516 metros, principiando os trabalhos a 18 de março de 1862 e concluindo-se a 27 de fevereiro de 1869. Dispenderam-se 61:940$225 réis.

Ermidas

N'esta freguezia, e no local em que se junctam os rios Agadão e Alfusqueiro, ha uma ermida de S. Giraldo, mandada construir pelo prior de Agueda, Alvaro de Escobar Roubão, pelos annos de 1650, no local de uma antiga que já alli existia. A amenidade do sitio, e a devoção dos fieis para com o sancto arcebispo, fazem com que no dia da sua festividade alli se reuna grande numero de romeiros de Agueda e das freguezias circumvisinhas.

Barrô

Freguezia de 148 fogos, e 333 habitantes. Está situada 2 kilometros a E. da estrada de Agueda a Coimbra, 5 a ENE. da estação de Oliveira do Bairro, e 2 da capital do concelho. Orago, Sancto André. Prior, o sr. José Simões da Conceição. Tem cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino. Os seus arrozaes occupam 281,02 ares.

Era dos bispos de Coimbra, que lhe apresentavam os parochos. Foi villa e couto. D. Manuel deu-lhe foral em Lisboa, aos 12 de setembro de 1514. Tinha juiz ordinario, confirmado pelo ouvidor de Arganil, mas que só conhecia das causas civeis; no crime, a jurisdicção pertencia ao juiz de Vouga. Talvez pareça estranho que o juiz de Barrô dependesse do ouvidor de Arganil; mas ha documentos que o comprovam. Os bispos de Coimbra punham em Arganil, villa de que eram senhores, ouvidores que conheciam das appellações de vinte e duas villas, que eram seus coutos. Na carta de confirmação dos coutos e jurisdicções dos bispos

de Coimbra, passada por ordem de D. Pedro I, por Lourenço Esteves, em Santarém, aos 11 de dezembro de 1396, lê-se: — «*Item, que esta mesma juresdição civel trazem no couto de Barroo, e que os feitos criminaes que hos hovem em Voga.*»

Bellazaima

A freguezia de S. Pedro de Bellazaima tem 136 fogos, e 507 habitantes. Está situada 2 kilometros a ES. da margem esquerda do rio Agueda, e distante da villa d'este nome 10 kilometros para ESE. É seu prior o sr. Antonio Thomaz da Cruz. Tem cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

A egreja era da apresentação *in solidum* da Casa de Bragança. Eram seus senhores os descendentes de Fernando Corrêa de Lacerda e os frades de Grijó, em partes eguaes. [1]

Castanheira do Vouga

Freguezia de 132 fogos e 614 habitantes. Está situada n'um dos ramos da serra do Caramulo, entre os rios Alfusqueiro e Agueda. Dista da margem direita d'este ultimo 2 kilometros para ONO. Fica 10 kilometros para ENE. da capital do concelho. Orago, S. Mamede. Prior, o sr. Albano J. Rodrigues Castello Branco.

Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Foi villa da comarca de Esgueira. Teve foral, dado por D. Manuel a 16 de junho de 1514. Tinha dois juizes ordinarios e um dos orphãos, e uma companhia de ordenanças. Foi dos condes da Feira, e depois da Casa do Infantado, que lhe apresentava os parochos.

---

[1] Pinho Leal — *Port. ant. e modern., hoc vb.*

Augusto Frederico de Castilho

Foi aqui prior Augusto Frederico de Castilho, doutor em canones pela Universidade de Coimbra, e conego da sé patriarchal de Lisboa. Era filho do dr. José Feliciano de Castilho, que tambem aqui falleceu em março de 1827. Foi sepultado no adro da egreja parochial d'esta freguezia; porém, em 27 de setembro de 1872, foram as suas cinzas trasladadas para o cemiterio dos Prazeres, em Lisboa.

O grande poeta, visconde de Castilho, passou na companhia de seu irmão Augusto os melhores dias da sua vida, como elle proprio confessa. — «Era cerca dos fins de outono do anno de 1829, escreveu o poeta; havia-me eu por necessidade arrancado do meu saudoso ermo de S. Mamede da Castanheira do Vouga para o seio d'esta mui prosaica, e mui tumultuosa, e então mui terrivel Lisboa. Aqui, na terra de meu nascimento, cercado dos passatempos que nunca em uma cidade falecem, nem aos que fogem, perseguiam-me saudades do muito que lá deixava n'aquellas brenhas salvadoras; de um irmão que foi sempre o melhor e o mais amado de meus amigos; de meus livros e estudos, em que sempre o tive por camarada; emfim, dos meus passeios livres como o vento d'aquellas serras, e do meu ninho domestico tão abrigado e tão seguro. Terra do meu segundo e melhor nascimento era aquella.» [1]

Na residencia parochial de S. Mamede de Castanheira do Vouga escreveu o poeta *A noite do Castello,* e grande parte dos versos que depois compilou nas suas *Excavações poeticas.* Foi lá tambem que traduziu as *Metamorphoses* e os *Amores* de Ovidio.

Espinhel

A freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Es-

---

[1] A. F. Castilho — Preambulo da 1.ª edição dos *Ciumes do Bardo.*

pinhel, tem 838 fogos e 614 habitantes. Está situada sobre a margem esquerda do rio Agueda. Dista da capital do concelho 4 kilometros para O. É seu actual reitor o sr. Manuel d'Almeida Marreca. Tem uma superficie de 64,20 ares, entregue quasi toda á cultura do arroz. Ha n'ella uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

No Archivo Nacional [1] está a minuta para o foral d'esta povoação. Espinhel parece ter sido a antiga *Espenitelo*, cuja quarta parte pertencia a D. Freila Gonçalves, e por disposição da qual D. Toda a legou ao mosteiro da Vacariça em 1018.

Casal d'Alvaro

Pertence a esta freguezia a aldeia de Casal d'Alvaro, antiga villa a que D. Manuel deu foral, em Evora, aos 20 de dezembro de 1519. N'este foral vem tambem incluido o logar de Bolfiar, hoje freguezia de Agueda, que tem, em prol de seus habitantes e contra João Alvares, uma sentença de 9 de maio de 1504.

Lamas

Freguezia de 98 fogos e 428 habitantes. Está situada na margem esquerda do Vouga, 1 kilometro a SO. da ponte que o atravessa e a O. da ponte do Marnel. Dista de Agueda 10 kilometros para NNO. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Prior, o sr. Antonio Ferreira da Rocha.

Era dos duques de Aveiro, que apresentavam os seus parochos.

A Villa de Lamas

No anno de 981 foi dada a freguezia de Lamas, então villa, ao mosteiro de Lorvão, pelo conde D. Gonçalo Mendes. Por esta doação se vê que a *villa* de Lamas confinava com as de *Palaciolo*, *Padasanes*, *Belli* e *Christovaes*.

---

[1] Gav. 20, maç. 12.

A villa de *Palaciolo* (termo que na baixa latinidade significava — pequeno palacio) parece ser a actual aldeia do Paço, onde possue uma grande quinta e casa apalaçada o sr. visconde de Aguieira. Ha boas razões para acreditar que é esta a Quinta de Brunhidono do conde de Barcellos D. Pedro. Segundo se deprehende da *Historia Genealogica*, o celebre auctor do *Nobiliario* aqui residiu em 1348, e a legou ao mosteiro de Sancto Thyrso quando falleceu, em 1354. A villa de *Padasanes* é o actual logar de Pedações. A de *Belli* é hoje a pequena aldeia de Belhe, que havia sido comprehendida na doação que o conde D. Henrique e sua mulher fizeram do mosteiro de Lorvão á sé de Coimbra.

Na villa de *Lamas* ou do *Marnel* — pois eram uma e a mesma cousa — existiu o solar dos Sousas do Marnel, descendentes dos reis de Leão; o de Fernão Gonçalves do Marnel; e o de D. Enderquina Pala.

A Villa do Marnel

No principio da monarchia era notavel e importante a villa do Marnel. Gozava até do titulo de cidade, como se deduz da doação feita á egreja de Sancto Isidoro de Eixo, em 1095, pelo *famulo de Deus* Zoleima Gonçalves. No titulo d'esta doação se lê que aquella egreja ficava — *subtus Civitatis* Marnelae, *discorrente rivulo Vouga, territorio Conimbricae.*

Parece ter sido outr'ora a villa do Marnel cingida de muralhas; pelo menos, assim se deprehende da doação que Pero Paes e sua mulher Gelvira Nunes fizeram ao mosteiro de Lorvão da sua villa de Pinheiro (*vide* S. João de Loure), *in confinitate* Castelli Marnelis, *inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiçom-frio.* [1]

Em 1384 foi a villa do Marnel doada por D. João I

---

[1] Doc. de Lorvão, transcripto por Viterbo, vb. *Cidade*, tom. III, pag. 191.

a Gonçalo Vasques Guedes. Em 1759 pertencia aos duques de Aveiro, passando então para a corôa.

Sancta Maria de Lamas

Em um dos valles das margens do Vouga, chamado *Valle do Marnel*, sobre uma pequena elevação, proximo da ponte d'este nome, existiu o celebre *Mosteiro de Sancta Maria de Lamas* ou *do Marnel*, de que ainda restam venerandas ruinas. Era de architectura gothica, e fundação de *Enderquina Pala*, ou de algum seu ascendente, pois foi esta dama quem a doou, em 961, ao mosteiro de Lorvão. Por uma lapide de caracteres gothicos, outr'ora embutida n'uma das paredes d'esta egreja e hoje collocada na egreja parochial, se vê que aquelle templo fôra sagrado pelo bispo de Coimbra D. Miguel, em 1170, a pedido do presbytero Veremundo.

As propriedades, que hoje formam o passal, julga-se, e com bons fundamentos, terem sido a antiga cêrca do convento; assim como a residencia do parocho, edificio de architectura gothica tambem, o paço de Enderquina Pala. Esta casa, com visos de fortaleza, dista da egreja apenas $3^{m},50$. A nova egreja, e actual parochia de Lamas, fica além da ponte, sobre uma pequena eminencia.

A ponte do Marnel

A ponte do Marnel é antiquissima. É ella sem dúvida, a ponte do Vouga a que se refere um legado de Gonçalo Gonçalves, chantre das Sés do Porto e Coimbra «Á ponte de Vouga, Agueda, Seira, Albia e Canavezes, *anciptrum meum, meos pannos de tritania, et annulam meum de rubibaloes.*» [1]

Em 1292, D. Sancho, bispo do Porto, legou tambem ás mesmas pontes do Vouga e Agueda uma certa somma.

---

[1] *Dissert. chronol.*, etc., etc., de J. P. Ribeiro, tom. v, pag. 81.

Em 1713 mandou D. João v construir uma ponte no Marnel, para utilidade da estrada real de mac-adam de Lisboa ao Porto. Foi sobre ella que assentou a nova ponte do Marnel, cujos trabalhos principiaram em 12 de janeiro de 1858, sob a direcção e projecto do distincto engenheiro José Diogo Mousinho, e se concluiram em novembro de 1859. Dispenderam-se n'esta obra 19:384$920 réis. Os materiaes empregados foram grés e calcareo.

Aronca

Affirmam alguns escriptores que os celtas fundaram juncto ao Marnel, 400 annos antes de Christo, a cidade de Aronca, que persistiu durante as occupações romana e arabe. Asseveram mais que Aronca fôra destruida, em 1181, pelo rei mouro de Vallença, quando ia atacar Porto de Mós, ou de lá voltava, repellido pelo esforçado D. Fuas Roupinho. Bons dados temos para crêr que tal cidade nunca existiu, a não ser na mente dos escriptores que tal affirmam. E, a ter existido, não teve, nem podia ter aquelle fim.

Em 1180, dizem os nossos chronistas, o exercito arabe, sob o commando de *Aben Jacub,* desejando desforrar-se da derrota que soffrera em frente de Abrantes, destruiu Coruche, e foi sitiar Porto de Mós. Confirma esta destruição do castello de Coruche a *Chronica dos godos*. Já não succede o mesmo com o cerco: nenhum documento ou escriptor o attesta. Mas, quando mesmo se verificasse o sitio de Porto de Mós, não podia ter tido logar a destruição de Aronca. Aben Jacub nunca foi rei de Vallença, nem teve de passar o Vouga para se dirigir áquelle castello. Primogenito de Jussuf, *émir* de Marrocos, atravessou o alto Alemtejo e não o Douro ou a Beira, como tinha de fazer para levar a effeito a sonhada destruição de Aronca. Na volta do sitio de Porto de Mós, Aben Jacub não podia tambem achar-se nas margens do Mondego; os chronistas que tractam do assumpto affirmam que ficara prisioneiro de guerra, e como tal fôra apresentado por D. Fuas Rou-

pinho a D. Affonso Henriques, que então se achava em Coimbra curando dos desposorios de sua filha, a infanta D. Thereza, com Philippe, conde de Flandres.

A tradição dá noticia de muitas outras batalhas, que aqui tiveram logar; mas como nenhum documento as prova, abstemo-nos de fazer menção d'ellas.

Acção do Marnel

Nas margens do Vouga, e juncto á ponte do Marnel, se feriu, nos dias 28 e 29 de junho de 1828, uma famosa batalha, que decidiu em grande parte da sorte que teve a revolução liberal d'aquelle anno. Quando tractarmos da cidade de Aveiro, teremos occasião de fallar da revolução; por agora occupar-nos-hemos apenas do combate do Vouga.

Repellidas na Cruz de Maroços, a 24 de junho, as forças da Junta do Porto, que sob o commando do brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoes se dirigiam á capital, retiraram sobre o Vouga, na maior confusão e desordem. «O motivo d'esta vergonhosa fuga foi o divulgar-se, na noite de 25, que a cavallaria absolutista havia passado o Mondego no váo do Pereira. A este boato, a delegação da Junta mandou retirar immediatamente em direcção ao Porto. Este triste acontecimento acabou de desmoralizar inteiramente o exercito; e em vez de positivamente se mandar fazer alto nas margens do rio Vouga, só no meio de muita confusão alli pararam os corpos, tomando posição onde bem lhes pareceu, em quanto a delegação da Junta continuava, dominada de terror panico, na sua marcha sobre Oliveira de Azemeis. Seguiu este mesmo exemplo o quartel general, que se estabeleceu em Grijó, duas leguas distante do Porto, chegando as avançadas ao alto da Bandeira, em Villa Nova de Gaia. O desaire d'esta retirada foi quanto possivel remediado por alguns bravos militares e commandantes de corpos, que, pesarosos de se retirarem do campo da batalha sem experimentar novamente a sorte das armas, resolveram defender as fortes posições do Vouga, que sus-

tentaram por meio de um vigoroso combate da retaguarda. Foi no dia 28 que elle teve logar, sendo um dos mais violentos, que se travou em toda a nossa guerra civil. Por mais de nove horas a ponte do Marnel, e as passagens d'este pantano, foram theatro de repetidos ataques, e do mais intenso fogo de artilharia e mosquetaria entre as numerosas forças do inimigo, e as poucas tropas constitucionaes, que as repelliram. Por muitas vezes tentaram os miguelistas atravessar a ponte, e as passagens do pantano; mas outras tantas foram perseguidos pelas bayonetas constitucionaes, que afinal conservaram as suas posições. Ainda assim d'alli se retiraram novamente estes ultimos no dia 29 sobre Oliveira de Azemeis, e depois sobre as vizinhanças de Villa Nova de Gaia, podendo em verdade dizer-se que desde então por diante nada mais se fez do que ceder sem resistencia o terreno ao inimigo, no meio de crescida confusão e desalento, sacrificando-se tantos cidadãos benemeritos, e sobre tudo a fiel guarnição da praça de Almeida.»[1]

O auctor d'estas linhas não foi de todo alheio ás influencias de partidario e contemporaneo. Por isso, e para que o leitor possa fazer juizo seguro sobre a acção do Vouga, passamos a extractar a *parte official* do governo absolutista, que lhe diz respeito:[2]

«*Estado maior general* — O general Povoas, Commandante da Divisão da vanguarda, tendo o seu Quartel General no dia 27 na *Pedreira*, uma legoa áquem da *Mealhada*, avançou na madrugada de 28 para encontrar os rebeldes, o que conseguiu pelas oito horas da manhã juncto de *Pedações*, e atacando-os houve um choque, que durou até quasi ao anoitecer, cujo resultado foi expulsal-os das posições que defendiam, com grande perda, ficando a nossa Divisão de posse d'ellas; e no dia 29 acampada além da Ponte do *Marnel*. Os rebeldes nessa noite se retiraram na

---

[1] Soriano, *Hist. do cerco do Porto*.

[2] *Gazeta de Lisboa*, n.º 135, de 2 de julho de 1828.

direcção do *Porto,* seguidos pela 3.ª Divisão do Commando do General Visconde de *S. João da Pesqueira,* que tendo dirigido os seus movimentos pela direita da Divisão do General *Povoas,* tinha o seu Quartel General a 29 pelas onze horas da manhã entre *Albergaria a Nova* e *Albergaria a Velha,* occupando nessa noite esta ultima posição.»

Martim Arvas

Julga-se ter sido natural do Marnel o beato Martim Arvas, filho de Ayres Manuel e de sua mulher Argira. Este sancto varão, havendo professado no convento de Sancta Cruz de Coimbra, foi eleito vigario de Soure. Com a tomada de Soure pelos arabes, em 1144, cahiu prisioneiro, e como tal foi levado preso para Santarém, onde falleceu, cheio de resignação e esperança, no dia 13 de janeiro do anno seguinte.

A villa de Vouga

N'esta freguezia de Lamas ha o logar de Vouga, antiga villa e cabeça de concelho do mesmo nome.

O concelho do Vouga era muito extenso no principio da nossa monarchia, e assim subsistiu até ao reinado de D. Fernando I, em que ficou reduzido a um pequeno numero de freguezias. Pelo decreto de 28 de junho de 1833 compunha-se das freguezias de Macinhata do Vouga, Vallongo e Valle Maior; posteriormente foram-lhe annexadas as de Agadão, Castanheira do Vouga, Macieira d'Alcoba, Prestimo, Segadães e Trofa. Por decreto de 28 de janeiro de 1835 foi-lhe tirada a freguezia de Valle Maior, e annexada ao concelho de Albergaria a Velha. Por decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto o concelho de Vouga; e as freguezias de que se compunha ficaram pertencendo ao de Agueda. Vouga, em tempos antigos, foi um dos arcediagos do bispado de Coimbra. Diz a tradição que no logar de Vouga existiu a cidade romana denominada Vacca. O padre Carvalho e Costa affirma que n'este sitio se encontravam seguros vestigios de tal povoação, como

eram tijolos antiquissimos e alicerces de soberbos edificios. Presentemente nada existe. E a boa critica faz ver que aquella antiga cidade era onde hoje é Vizeu e não Vouga. O sr. José Corrêa de Miranda diz que Vouga poderia oppor argumentos plausiveis a quem lhe contestasse haver sido a antiga Vacca. «Poderia oppor, diz s. ex.ª, o nome de *Carvalhal da Portella*, que ainda hoje tem um pequeno *burgo* que lhe fica ao nascente; porque significando a palavra *Portella* porta pequena, mostra que houve alguma por aquelle lado nos muros da antiga cidade, de que ficou o nome de *Portella* ao logar. Poderia oppôr o nome romano de *Belli*, que teve outro logar que lhe fica proximo, a que os naturaes ainda hoje chamam Belhe, nome que certamente deriva de alguma batalha que alli houve, e em memoria da qual ficou ao logar o nome de *belli*. Poderia oppôr ainda as antigas tradições populares, que não dâmos por averiguadas, mas que conspiram tambem para fazer acreditar que a moderna Vouga foi a antiga cidade romana chamada *Vacca*.»

Macieira d'Alcoba

Freguezia de 60 fogos, e 296 habitantes. Está situada a 3 $^1/_2$ kilometros da margem esquerda do Alfusqueiro, na estrada que de S. João do Monte vai entroncar na real de Aveiro a Vizeu. Dista de Agueda 4 $^1/_2$ kilometros para ENE. Orago, S. Martinho. Vigario, o sr. José Luiz Monteiro Junior. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Era da apresentação da corôa.

Macinhata do Vouga

Freguezia de 306 fogos, e 504 habitantes. Está situada

na margem esquerda do Vouga, e dista de Agueda 12 kilometros para o N. Orago, S. Christovão. Prior, o reverendo José Rodrigues de Mello. Os marquezes de Arronches, hoje duques de Lafões, apresentavam os parochos.

É povoação antiquissima, e em outras eras teve o nome de *Eminhate*. Em 848 era governada por Muley Achin, regulo arabe, que D. Ramiro I derrotou e fez tributario.

No logar da Mesa ha a formosa quinta e casa do mesmo nome, que foi propriedade do sr. visconde de Almeidinha.

No logar do Béco faz-se uma grande feira annual em 1 de maio, que o padre Carvalho e Costa diz ser antiquissima, e outra mensal no primeiro de cada mez.

A egreja parochial é de moderna construcção. Está voltada ao Vouga, e tem o cemiterio ao lado. Uma e outra obra devem-se á incançavel sollicitude dos srs. J. J. da Silva Pinho e J. Rodrigues de Mello. Quando se demoliu a antiga egreja para se edificar a actual, encontrou-se, e ainda existe, um sarcophago de pedra inteiriça, mas sem uma unica inscripção que podesse elucidar ácerca da sua antiguidade, ou das cinzas a que era destinado.

Dr. Manuel Pereira da Graça

Préza-se a freguezia de Macinhata de ter sido o berço do dr. Manuel Pereira da Graça. Nasceu este inclito varão em 1770, e foi seu pae José Pereira da Graça, da profissão de carpinteiro. Graças á valiosa protecção de seu tio, Francisco Pereira da Graça, abastado negociante da praça de Coimbra, pôde Manuel Pereira da Graça tomar o grau de bacharel em philosophia e doutorar-se em medicina em 1778. O sr. Innocencio F. da Silva diz ácerca de Pereira da Graça: — «Na sua carreira medica, Pereira da Graça sacrificou, sempre que pôde, a auctoridade á razão. Só nos bancos das escholas é que curvou a intelligencia ao dogmatismo. Em 1803 começou a combater, por escripto, os erros da pathologia mais prejudiciaes e mais arreigados nas escholas publicas. E, continuando

n'estas suas locubrações, não só descobre erros na pathologia, apoiado na auctoridade de insignes escriptores, senão que em todos os ramos de medicina acha muito que combater e indagar. A diabetis deveu-lhe escripto curioso, que deve ser lido e comparado com as obras da epocha, publicadas sobre o mesmo assumpto.» [1]

Foram brilhantes as theses que defendeu Pereira da Graça. Mas o odio inveterado, que lhe tributavam os dois lentes Navarros, fez com que o mimoseassem com duas favas pretas no exame privado. Francisco Pereira da Graça fez ver ao principe regente, depois D. João VI, a injustiça que havia sido feita ao sobrinho. Pereira da Graça recebeu desafronta condigna ao seu merecimento: o monarcha não só ordenou que podesse doutorar-se, como até mesmo que que lhe fosse dado capêllo gratuito. Ainda não contente com isto, condecorou-o tambem com o habito de Christo.

Pereira da Graça, depois de haver exercido com exito feliz a clinica em Coimbra e na sua terra natal, abandonou o continente, diz-se que por desgostos domesticos, e foi estabelecer-se na Madeira, onde casou, e falleceu em 1830.

Serem

É nesta freguezia a antiga villa de Serem, hoje pequena aldeia de 16 fogos. Parece que a villa de Serem era reguenga, e teve por senhorios donatarios da corôa. Em 1170 chamava-se esta povoação — *Civitas* (villa) de Serem. [2] Em 1798 tinha juiz, pelourinho, e cadeia, que ainda hoje existe em poder d'um particular. Era notavel por ser a villa mais insignificante que então se conhecia. Em 1650 era da familia dos Mascarenhas, a que pertencia o conde de Serem, marechal do reino, e neto do marquez de Montalvão. [3] Tinha pertencido antes a D. Antonio da Silva de Saldanha,

---

[1] Innocencio F. da Silva — *Dicc. Bibliog* , tom. IV, pag. 80.
[2] Doc. de Lorvão, in Viterbo, *Eluc.* vb. *Cidade.*
[3] *Monarch. Lusit.*, parte V, pag. 174.

como donatario da corôa, que em 1633 a vendeu por 1:500 cruzados (ou os seus tributos) a Diogo Soares, que foi secretario de estado, em Madrid, onde morreu em 1449, sendo-lhe confiscadas as suas terras, e entre estas Serem. Em 1679 tornou a referida villa a esta familia.

O edificio notavel de Serem é o seu convento de frades Capuchos, que fica ao sul da povoação, n'um sitio mais elevado e pittoresco. Não o recommenda nenhuma obra de arte; mas o arvoredo que o cérca por todos os lados dá-lhe um formoso aspecto. Diz a tradição que, tractando-se de edificar o convento n'um monte ao norte e perto de Serem, chamado o *Raivo*, appareceram por alta noite doze luzes no local em que hoje está, o que era indicio de que alli devia ser a edificação: com effeito assim se fez. A primeira pedra do edificio foi lançada em 16 de abril de 1635; em 4 de outubro de 1638, dia do fundador da Ordem, celebrou-se a primeira missa. Foi seu fundador e padroeiro Diogo Soares, que por escriptura de 21 de março de 1635 deu uma ordinaria para sustentação dos monges, a saber: dous alqueires e meio de trigo em cada anno; 50 arrateis de carne em cada semana; uma pipa de vinho em cada anno, e azeite para a alampada. No anno de 1665, o 17.º guardião, fr. João de Sancto Antonio, com o auxilio do prior das Talhadas, o dr. Francisco Leonardo de Miranda, fez a plantação de 300 sobreiros, no Campo da Feira, ao norte da cêrca. O convento pertence actualmente ao sr. José Henriques Ferreira, consul portuguez em Liverpool.

Ois da Ribeira

Sancto Adrião de Ois da Ribeira é uma freguezia de 104 fogos, e 420 habitantes. Está situada na margem esquerda do Agueda, juncto á estrada real de Agueda a Aveiro. Fica 10 kilometros para o N. da estação de Oliveira do Bairro, e 7 kilometros para O. da cabeça do concelho.

N'esta freguezia ha 294,15 ares entregues á cultura do arroz. Tem uma eschola de intrucção primaria para o sexo masculino.

Foi villa e concelho da Casa de Bragança, e pertencia ao *almoxarifado* de Eixo. O concelho d'Ois comprehendia esta freguezia, a de Fermentellos, e parte da de Espinhel, prefazendo ao todo 500 fogos. D. Manuel deu-lhe foral em 2 de junho de 1516.

Consta que fôra prior d'esta freguezia André de Sousa, filho de Alvaro de Sousa, védor da rainha D. Catharina, e donatario regio das terras de Eixo, Requeixo, Paus e Ois da Ribeira, com o titulo de senhor de Requeixo. Em 1079 parte d'esta villa de Ois da Ribeira era propriedade do conde D. Mem Viegas de Sousa, por lh'a haver trazido em dote sua mulher D. Thereza Fernandes, da casa do Marnel. Segundo a *Nova Historia de Malta*, esta parte da villa foi dada, em 18 de setembro de 1289, por D. Leonor Affonso, filha illegitima de D. Affonso III, e viuva do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, á Ordem de Malta, que depois a trocou com o conde de Barcellos e sua mulher D. Branca de Sousa por diversas propriedades que estes possuiam na villa de Monsanto. D. Diniz confirmou esta troca em 24 de junho de 1324. A outra parte da villa e egreja d'Ois parece que era da corôa, e á corôa voltou tambem a que pertencia ao conde de Barcellos, por causas que ignoramos. D. Fernando I fez mercê das duas partes da villa a D. João Affonso Telles de Menezes, por carta passada em Coimbra a 22 de outubro de 1369.

Prestimo

Freguezia de 207 fogos, e 926 habitantes. Está situada a 1 $^1/_2$ kilometros a SO. da margem esquerda do Alfusqueiro, e distante de Agueda 15 kilometros para ENE. Orago, S. Thiago. Vigario, o reverendo José Ferreira dos Sanctos.

Os duques de Lafões apresentavam os parochos. Foi villa da provedoria de Esgueira. Em 1705 era seu donatario o commendador da Ordem de Christo D. João de Mello, por lh'a haver trazido em dote, conjunctamente com a de Serem, sua mulher D. Izabel Soares, filha de Miguel Soares de Vasconcellos e de D. Maria Pacheco de Mello.

Cinco kilometros ao N. de Prestimo nasce o Marnel, que corre a SO. até á freguezia de Vallongo, onde faz uma curvatura com convexidade para o N. Tem ponte na estrada real de Agueda para Oliveira d'Azemeis, passa depois 1 kilometro ao N. da Trofa, e entra no Vouga com um curso de 15 kilometros. O Padre Carvalho e Costa, na sua *Chorographia Portugueza*, diz que no logar de Ferreiros d'esta freguezia havia uma ponte mui alta e d'um só arco.

Recardães

Freguezia de 239 fogos, e 992 habitantes. Está situada 1 ½ kilometros ao S. da margem esquerda do Agueda, 9 kilometros a NNE. da estação de Oliveira do Bairro, e 1 ½ kilometros para OSO. da capital do concelho. Orago, S. Miguel. Prior, o reverendo Joaquim Rodrigues da Cruz. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Em 1016 Recemundo Maureliz doou ao mosteiro da Vacariça a aldeia de Recardães. [1] Era commenda da Ordem de Christo, e os parochos eram apresentados alternadamente pelo rei e pelo papa. A egreja é um templo vetusto, cuja fundação se julga remontar a muitos seculos.

Segadães

Freguezia de 102 fogos, e 417 habitantes. Está situada

---

[1] *Livro Preto* da Sé de Coimbra, fl. 60.

1 kilometro a OSO. da margem esquerda do Vouga, e distante d'Agueda 5 kilometros para NNO. Orago, S. Pedro. Prior, o reverendo Antonio d'Almeida Coelho.

Foi villa da Casa d'Aveiro, e comarca de Esgueira.

Travassô

Freguezia de 177 fogos, e 739 habitantes. Está situada 1 kilometro ao S. da margem esquerda do Vouga, 1/2 kilometro ao N. da margem esquerda do Agueda. Dista de Agueda 6 1/2 kilometros para ONO. Orago, S. Miguel. Prior, o reverendo Ignacio Rodrigues de Almeida. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Parece que esta freguezia foi couto, e tinha o nome de *Travazolo*. Com elle vem incluida na carta de confirmação, que Fernando I deu á sé de Compostella, em 1063, de differentes bens que esta já possuia por concessão de Affonso III de Leão.

José Correia de Miranda

É natural d'esta freguezia e tem aqui a sua residencia o abalisado jurisconsulto, dr. José Correia de Miranda, academico distinctissimo, que á sua muita illustração allia a maior honradez e desinteressado cavalheirismo. Ha d'elle um importante trabalho, intitulado — *Dissertação historico-juridica em defeza dos povos do extincto almoxarifado de Eixo, das causas de fóros e rações, que lhes move a serenissima casa de Bragança*. Esta obra, por muitos titulos recommendavel, ha sido devidamente apreciada pelas primeiras illustrações do fôro portuguez.

Trofa

Freguezia de 272 fogos, e 1:095 habitantes. Está situada

1 kilometro ao SE. da margem esquerda do Vouga, e distante de Agueda 7 kilometros para NNO. Orago, S. Salvador. Prior, o sr. Luiz de Almeida Coelho.

Foi villa, tinha juiz ordinario, e foral dado por D. Manuel em 25 de setembro de 1515.

Duarte de Lemos

Eram os Lemos donatarios d'esta freguezia, e tinham a portagem do Vouga na extensão de 30 kilometros. Esta familia é oriunda da Galiza, e veiu para Portugal no tempo de D. João I. Trazem por armas cinco crescentes de oiro em campo vermelho; timbre, uma aguia da mesma côr. Pertence a esta familia o celebre Duarte de Lemos, que preferiu precipitar-se, com o cavallo que montava, da ponte de Coimbra, a apear-se e descobrir-se a D. Philippe II, que n'essa occasião a atravessava. O primeiro senhor e fundador da casa da Trofa foi João Gomes de Lemos.

Vallongo

Freguezia de 592 fogos, e 2:136 habitantes. Orago, S. Pedro. Reitor, o sr. Manuel Henriques de Sancta Rosa. Era dos marquezes de Arronches, que apresentavam os parochos. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Pertencem a esta freguezia os dois logares, Brunhido e Aguieira, antigas villas. Á primeira concedeu foral el-rei D. Manuel, em Lisboa, aos 20 de março de 1516; á segunda, em 6 de maio de 1514.

Visconde d'Aguieira

Aguieira é o solar do sr. Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, agraciado com o titulo de visconde de Aguieira, em sua vida, por decreto de 19 de setembro e carta regia de 5 de dezembro de 1872. — Nasceu a 16 de

abril de 1816. Casou em primeiras nupcias com D. Maria Mascarenhas de Mancellos Pacheco, sua prima, e filha de Joaquim de Mancellos Pacheco e de sua mulher D. Carolina Bandeira Guerra, que morreu a 7 de novembro de 1851, sem successão. Passou a segundas nupcias, em 29 de abril de 1868, com D. Maria Ignez Caldeira Pinto Giraldes Bourbon, que nasceu a 22 de dezembro de 1842, filha dos primeiros viscondes da Borralha. O sr. visconde d'Aguieira, fidalgo da casa real por alvará de 4 de outubro de 1863, senhor da casa d'Aguieira, bacharel formado em direito, administrador do concelho de Agueda em 1862, e actualmente presidente da camara da mesma villa, é filho do sr. José Agostinho Pacheco Telles, fidalgo da casa real, bacharel formado em leis, proprietario e senhor da casa d'Aguieira, antigo Monteiro-mór do concelho de Vouga, e de D. Maria Luiza de Magalhães Telles.

O brasão da casa da Aguieira é o seguinte: — *Um escudo esquartelado; no primeiro quartel, as armas dos Figueiredos — cinco folhas de figueira, nervadas e perfilhadas de oiro, em campo vermelho; no segundo quartel, as armas dos Telles — escudo esquartelado, no primeiro quartel um leão de purpura armado de azul em campo de prata, no segundo o campo de oiro, e assim os alternos; no terceiro quartel, as armas dos Pachecos — em campo de oiro duas caldeiras negras com tres faxas veiradas de oiro e vermelho, e em cada encaixe das azas quatro cabeças verdes de serpente; e no quarto, as armas dos Moraes — quartel partido em palas; na primeira em campo vermelho uma torre de prata coberta de oiro, sobre um rio de prata e azul; na segunda pala, em campo de prata uma amoreira verde. Timbre, o dos Figueiredos — dois braços de leão vermelho em aspa, cada um com sua folha de figueira na garra.*

J. J. Rodrigues Bastos

Este insigne varão nasceu em Vallongo, aos 8 de no-

vembro de 1777. Foi conselheiro de estado honorario, fidalgo da casa real, cavalleiro da Ordem de Christo, e bacharel em direito pela Universidade de Coimbra. Depois de concluir o curso juridico, foi por algum tempo advogado de numero na Relação do Porto. Entrando para a magistratura como *juiz de fóra* da villa de Eixo, serviu successivamente outros cargos, até chegar ao logar de desembargador do Paço. Foi deputado ás côrtes constituintes de 1821, e ás ordinarias que lhes succederam. Em 1827 foi intendente geral da policia da côrte e reino, e successivamente empregado em varias outras commissões importantes. Em 1833 recolheu-se á vida privada, e entregou-se ao cultivo das letras, onde alcançou logar entre os primeiros escriptores religiosos d'este seculo. É avultado o numero de suas obras. [1]

Agostinho Pacheco

Agostinho Pacheco nasceu em Aguieira, a 5 de setembro de 1794. Foi fidalgo da casa real, bacharel formado em direito, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, sub-prefeito do districto de Aveiro, contador geral da fazenda no districto do Porto, senador eleito pelos districtos de Viseu e de Aveiro na legislatura de 1839 a 1841. Tomou assento na camara dos senadores pelo districto de Aveiro, por ser o da sua naturalidade, e falleceu em Lisboa em 1 de maio de 1856.

---

[1] Innocencio F. da Silva, *obr. cit.* tom. IV, pag. 294.

CONCELHO DE ALBERGARIA A VELHA

O concelho de Albergaria foi creado pelo decreto de 18 de março de 1842. Compõe-se actualmente das freguezias de Albergaria a Velha, Alquerubim, Branca, Fróssos, S. João de Loure, Ribeira de Fragoas e Valle Maior.

Por decreto de 10 de dezembro de 1867, redigido em conformidade da lei de 26 de junho do mesmo anno, o concelho de Albergaria ficava pertencendo ao districto do Douro, e composto das parochias civís de Albergaria, Angeja, Fermelã, Alquerubim, Rocas, e Sever do Vouga — 5:503 fogos.

O actual concelho de Albergaria tem 17:885 hectares de superficie, 33:444 predios inscriptos na matriz, e 10:047 habitantes.

Em conformidade da lei de 16 de abril de 1874, e por decreto de 25 de dezembro de 1875, o julgado de Albergaria ficou pertencendo á comarca de Agueda, com excepção da freguezia de Angeja, que passou para a de Aveiro.

Albergaria a Velha

Freguezia de 530 fogos, e 1:948 habitantes. É villa, e cabeça do concelho do seu nome. Orago, Sancta Cruz. Reitor, o reverendo Manuel Ferreira Junior. Tem duas cadeiras de instrucção primaria para ambos os sexos.

Antigamente era curato da apresentação do convento de Jesus de Aveiro. Ha bons fundamentos para acreditar que esta povoação já existia no seculo IX ou X. A rainha D. Thereza fundou aqui uma albergaria em 1120, que ainda existe, tendo por cima da porta principal a seguinte inscripção: — *Albergaria de pobres e passageiros da rainha D. Thereza.* — Diz-se que a mãe do fundador da nossa monarchia estabelecera este azylo para o viandante cançado e pobre, por ser o sitio inhospito e muito frequentado de salteadores. A carta de doação, que servia de foral a esta villa, é tambem da rainha D. Thereza, e datada de 1124. Quer alguem que esta doação fosse o primeiro documento em que D. Thereza se intitulou rainha. Não vimos o original d'esta doação para podermos affirmar a authenticidade de tal tractamento; mas quando mesmo D. Thereza alli venha assignada como *rainha,* não podemos admittir que seja aquelle o primeiro documento em que usasse de tal titulo. E affirmamos isto, não por ser costume na côrte de Hespanha dar ás infantas o titulo de rainhas, mas sim porque J. P. Ribeiro [1] transcreve uma carta de couto, datada de 1117, onde se lê: — *infanta Donna Thereza, rainha de Portugal.* O mesmo escriptor, e na mesma obra, affirma que até 1207 se deu o titulo de *reis* e *rainhas* a todos os filhos e filhas do rei; e d'ahi até 1211 só ao primogenito e ás filhas. D'este ultimo anno em diante adoptou-se o de infante para todos sem excepção. [2]

A egreja parochial é um templo vasto, mas de mesquinha architectura, e já velho. Em sessão da camara de Aveiro, de 5 de setembro de 1827 (pertencia então Albergaria ao concelho de Aveiro), foi apresentada uma Provisão do Desembargo do Paço, em que se lhe ordenava que, ouvido o clero, nobreza e povo, informasse se era ou não conveniente o lançamento de um novo real em cada quartilho

---

[1] J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.* T. III, p. I, pag. 69, n.º 203.

[2] Frederico Francisco de la Figanière, *Memorias das Rainhas de Portugal.* — A. Herculano, *Hist. de Port.*, tom. I.

de vinho e arratel de carne, no espaço de vinte annos, para com o seu producto se reformar a egreja parochial de Albergaria, que então se achava em ruinas, e como o havia proposto o juiz da mesma egreja, Manuel Rodrigues Branco. Apezar d'a resposta da camara ser favoravel, parece-nos que não chegou a pôr-se em pratica aquella medida, e que a egreja ficou como estava, senão peior.

Albergaria tem estação telegraphica municipal e uns soffriveis *Paços do Concelho*. É fertil, e possue pittorescos arrabaldes. A sua situação topographica, e as estradas que a põem em contacto com differentes e importantes povoações do paiz, teem concorrido grandemente para o seu desenvolvimento. Tem uma importante fabrica de papel, e outra de serração de madeiras. Ha n'esta freguezia differentes jazigos de productos mineiros. Os principaes são:

Mina do Carvalhal (cobre). — Foi concedida por decreto de 29 de novembro de 1856 a José Ferreira Pinto Bastos e Frederico Andrews. Actualmente é explorada por uma companhia ingleza denominada Lusitania. Dos muitos veios que a compõem só um por emquanto está em exploração: tem de porte um a tres metros, e corre de E. a O. De 1862 em diante é que os trabalhos exploratorios tomaram maior incremento; duas rodas hydraulicas, desenvolvendo uma força de 25 cavallos, satisfazem ás necessidades do serviço do laboratorio e ao esgotamento das aguas, que fazem subir d'uma profundidade de 70 metros abaixo da galeria de esgoto. Em 1870 o poço mestre tinha a profundidade de 120 metros, e na extracção do minerio empregavam-se 180 operarios.

Mina do Moinho da Pena (chumbo). — Foi concedida, por decreto de 19 de novembro de 1856, a Diederich Mathias Feuerheerd.

Alquerubim

Freguezia de 302 fogos, e 1:383 habitantes. Está si-

tuada pela parte do N. nos limites d'uma grande e extensa planicie, e pela do S. vae descendo até ao Vouga, de que a egreja parochial dista 1 kilometro para o N. Fica 2 kilometros a SSO. de Albergaria a Velha. Orago, Sancta Marinha. Prior, o reverendo Antonio Emilio de Azevedo.

É povoação antiga. Em junho de 1139, Mendo Bernardo e sua mulher Godinha Paes doaram tres partes da egreja de Sancta Maria (Marinha) de Alkarovim ao convento de Sancta Cruz de Coimbra. Tambem já em 1085 Flamula, filha de Honerigo, doou ao mosteiro de Pedroso *tam de haereditate, quam de Ecclesia* na villa de *Alquorovim.* [1] Era da casa de Bragança, e os parochos eram apresentados alternadamente pelo pontifice, bispo de Coimbra e donatario. Pertencia ao almoxarifado de Eixo e comarca de Barcellos (vid. EIXO). Ha de notavel n'esta freguezia o não haver n'ella povoação alguma com o seu nome.

Paus

Faz parte d'esta freguezia o logar de Paus, antiga villa, a que D. Manuel deu foral a 2 de junho de 1516. Já era julgado no tempo de D. Affonso V. Foi doada em 981 ao mosteiro de Lorvão pelo conde D. Gonçalo Mendes (vid. LAMAS). Voltou depois á corôa. D. Diniz a doou a D. Aldonça Rodrigues Tella, mãe de Affonso Sanches. [2]

Por carta de mercê, passada em Lisboa a 5 de outubro do anno de 1368, doou D. Fernando I ao conde de Barcellos, D. João Affonso, o logar e terra chamada *Paos em riba de Vouga, com todas as suas aldeias e casaes, herdades e todas as suas pertenças, entradas e sahidas, roxios, montes e fontes, rios e ribeiras e pescarias, etc.* Esta doação foi depois confirmada por D. Duarte, D. Affonso V, e D. Filippe II. Pelos decretos de 6 de novembro e 31 de dezembro de 1836 o concelho de Paus, que se

---

[1] Viterbo — vb. *Terra dos Pagons — Ração.*
[2] Brandão, *Monarchia Lusitana.*

compunha da freguezia de Alquerubim, ficou pertencendo á comarca de Agueda; pela lei de 21 de março de 1831 e decreto de 28 de fevereiro de 1835 fazia parte do julgado de Albergaria a Velha. O decreto de 18 de março de 1842 extinguiu o concelho de Paus.

Angeja

Freguezia de 587 fogos, e 2:225 habitantes. Está situada juncto á margem direita do Vouga, 12 kilometros ao N. de Aveiro. Orago, Nossa Senhora das Neves. Reitor, o reverendo João André Estrella. A egreja parochial é um bom templo de tres naves.

N'esta freguezia ha uma superficie de 2658,95 hectares occupada por arrozaes. Tem duas cadeiras de instrucção primaria. Foi villa, e tem foral dado por D. Manuel em 15 de agosto de 1514. Tinha brazão d'armas — *Em escudo branco, Nossa Senhora da Conceição sobre a porta d'um castello, com uma torre de cada lado.* Era dos condes de Villa Verde, depois marquezes de Angeja. Foi cabeça do antigo concelho do seu nome, que o decreto de 24 de outubro de 1855 extinguiu. Por decreto de 23 de dezembro de 1875 a freguezia de Angeja passou da comarca de Agueda para a de Aveiro.

Marquezes de Angeja

D. João V, em 21 de janeiro de 1714, fez mercê do titulo de marquez de Angeja a D. Pedro Antonio de Noronha, conde de Villa Verde. O titulo de marquez de Angeja acabou com o 6.º marquez D. João de Noronha Camões d'Albuquerque Sousa Moniz, que falleceu, sem successão, em 23 de junho de 1827.

D. Luiz I restaurou o titulo de marquez de Angeja em D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões d'Albuquerque Moniz e Sousa, 3.º conde de Peniche, e 20.º

senhor do morgado de Villa Verde, por decreto de 24 de maio de 1870. O brasão da antiga casa de Angeja era: — *Uma lisonja partida em pala, e esta esquartellada; no primeiro quartel, as armas reaes de Portugal, com um filete negro em contrabanda; no segundo, mantelado de prata, as armas reaes de Castella, dois leões de purpura batalhantes, e uma bordadura de oiro e veiros azues, e assim os contrarios.*

Branca

Freguezia de 395 fogos, e 1:562 habitantes. Está situada em fertil e aprazivel campina, juncto á estrada real de Coimbra ao Porto, e recostada sobre a serra de S. Julião que lhe fica ao NNE. Orago, S. Vicente. Prior, o reverendo José Pereira Leitão.

Era da apresentação do real padroado. Pertencia á casa de Angeja. A egreja parochial é um bello e majestoso templo; é d'uma só nave e foi construido de 1693 a 1694. A torre fica por detrás da capella mór. Diz a tradição que, antes de se edificar a torre, os sinos estiveram, durante alguns annos, pendentes d'um carvalho secular que havia no adro. O roble era conhecido pelo carvalho do sino, e foi ha annos vandalicamente derrubado. Desde 1706 a 1712 que se acham erectas na egreja da Branca, com auctorisação do bispo de Coimbra, as confrarias do SS. Sacramento, Nossa Senhora do Rosario e das Almas. De 1580 até 1877 consta ter havido quatorze parochos collados, sendo o primeiro o reverendo Pedro Nunes, que falleceu em 24 de fevereiro de 1586. Ha n'esta freguezia doze capellas, seis publicas e seis particulares; a mais antiga é a de Sancta Luzia, no logar de Cristello, e a mais moderna é a do Coração de Jesus no logar da Barroca.

O *cemiterio dos ossos* é uma notabilidade d'esta freguezia, e que se deve, assim como muitos outros melho-

ramentos, á constante e desinteressada solicitude do sr. Pereira Pinto. Sobre a porta de entrada, lê-se esta legenda — *Aspice, Viator*. Aos lados da porta estão inscripções em lapides de lousa preta.

Nos principios do seculo XVIII houve na quinta das Cavadas d'esta freguezia um hospicio de frades dominicos. Foi fundado pelo prior João de Sousa Menezes, que parochiou aqui desde 2 de fevereiro de 1700 até 24 de janeiro de 1749, e acabou ainda em vida do fundador. O hospicio compunha-se de dezoito cellas, capella e quinta; hoje é tudo ruinas. Na aldeia da Escuta ha uma fabrica de sabão, e na Espinheira um mercado mensal no dia 22.

Até 31 de dezembro de 1855 a freguezia da Branca pertenceu ao concelho do Pinheiro da Bemposta; mas por decreto d'esta data passou para o de Albergaria a Velha.

Serra de S. Julião

A serra de S. Julião corre na direcção de NO. a SE., tem 3 kilometros de comprimento e 1 de largura. Provêm-lhe o nome d'uma ermida de S. Julião que alli havia, e de que ainda ha pouco restavam ruinas. Refere a lenda que S. Julião, desgostoso da sua habitação do alto da serra, principiára a fugir de noite e a apparecer de manhã sobre um castanheiro, na falda da mesma serra, juncto ao logar do Outeiro; e por mais vezes que o levassem lá para cima, teimava sempre em fugir para a arvore, mostrando assim que desejava residir alli. Foi isto o que deu causa á edificação da actual ermida de S. Julião no logar do Outeiro. No alto da serra, ha ainda vestigios salientes de uma atalaia, que, ao que parece, occupava toda a circumferencia do plaino, na extensão d'uns trezentos metros de comprido, de norte a sul, e cento e vinte de largo, divisando-se ainda parte da valla, ou cava exterior, e da linha do parapeito em toda a valla. Do lado do nascente, por detrás da serra, ha uma sahida e estrada larga pela encosta do monte abaixo, com muros ou cortinas lateraes de pedra e terraço.

A acção da Branca

No dia 10 de maio de 1809 teve logar n'esta freguezia, juncto a Albergaria a Nova, uma batalha entre as avançadas do exercito anglo-luso de Sir Arthur Wellesley, depois duque de Wellington, e as que Soult collocára em observação entre o Porto e Coimbra, e que foram forçadas a recolher-se áquella cidade. «O combate não teve outra importancia, diz o *Diccionario Popular*, senão o ser um dos primeiros em que entraram em fogo as tropas portuguezas depois de disciplinadas por Bresford, e em que mostraram desde logo as brilhantes qualidades, que tanto as distinguiram durante toda a guerra Peninsular.»

A. J. Pereira Pinto

No logar da Barroca d'esta freguezia nasceu, no dia 21 de outubro de 1802, Antonio José Pereira Pinto, um dos homens mais illustrados e bemquistos do districto de Aveiro, e a quem a freguezia da Branca deve todos os seus principaes melhoramentos. Educado desde a mais tenra edade por seu tio, respeitavel e respeitado sacerdote, senhor da casa da Nogueira, estudou latim, no Pinheiro da Bemposta, com o padre Joaquim Nunes da Silva, e oratoria e poetica, em Aveiro, com o sabio professor Manuel Xavier de Sousa, em 1817 a 1818. De 1819 a 1820 estudou philosophia, tambem em Aveiro, com o dr. Francisco Ignacio Domingues Ferreira de Mendonça. No mesmo anno de 1819 recebeu ordens menores, que lhe conferiu D. Manuel Pacheco de Rezende. Destinava-se então ao estado ecclesiastico, do que depois desistiu. Matriculando-se na Universidade de Coimbra no primeiro anno juridico, em outubro de 1820, formou-se na faculdade de canones em 25 de junho de 1825. Em 1826 obteve, por um brilhante concurso publico, a cadeira de philosophia de Aveiro, então vaga pela sahida para o Brazil do dr. Francisco Ignacio Domingues Ferreira de Mendonça. Em 1834 foi nomeado juiz de fóra do concelho d'Eixo; mas,

pedindo a demissão em 1836, recolheu-se á vida privada e entregou-se á advocacia, onde em breve grangeou grande clientella e ainda maior nome. Hoje, entregue tão sómente á administração dos seus grandes haveres, vive retirado na sua casa da Branca, onde é geralmente estimado e esteio seguro de muitos desvalidos.

Frossos

Freguezia de 173 fogos, e 614 habitantes. Está situada a 2 kilometros da margem direita do Vouga, e dista de Albergaria a Velha 8 $^1/_2$ kilometros para OSO. Orago, S. Paio. Reitor, o reverendo José Marques da Silva. Ha aqui um pantano, denominado a Pateira de Frossos, que tem 450 metros de comprimento, e 260 de largura. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

O convento de Jesus de Aveiro apresentava os parochos. Foi villa, e teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, a 22 de março de 1514.

S. João de Loure

Freguezia de 505 fogos, e 2:008 habitantes. Está situada na margem direita do Vouga, e dista de Albergaria a Velha 11 $^1/_2$ kilometros para SO. Orago, S. João Baptista. Reitor, o reverendo Joaquim Augusto da Silva. Antigamente os parochos eram apresentados pelo convento de Jesus de Aveiro. N'uma das paredes lateraes da egreja parochial está embebida uma lapide com a seguinte inscripção: — *Ecclesia ista dedicata est Sancto Joani Baptista a Domino Martino episcopo conimbricensi jussum sanchi II regis lusitaniae die XX martii anno 1224 et MCCXXIII ea.* — No frontespicio da mesma egreja vê-se a data de 1688, mas inculca sem duvida alguma reedificação. Ha

n'esta freguezia uma barca de passagem no Vouga, que é pertença da camara de Albergaria e dos condes de Anadia. A parte que hoje é da camara era do convento de Jesus. É tambem n'esta freguezia a aldeia de Pinheiro, villa e concelho até 1834. É povoação antiga: foi doada em 1121 ao mosteiro de Lorvão por Pedro Paes e sua mulher Jelvira Nunes. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Ribeira de Fragoas

Freguezia de 173 fogos, e 218 habitantes. Está situada 1 $^1/_2$ kilometros a E. da margem esquerda do Caima, e distante de Albergaria a Velha 8 $^1/_2$ kilometros para NE. Orago, S. Thiago. Prior, o reverendo Antonio Domingues Christiano. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Minas do Palhal

Estas minas foram descobertas pelo inglezes em 1744. Ainda se encontram vestigios de trabalhos antigos, como, por exemplo, uma chaminé de tijolo, das duas que se diz alli haverem existido, e fazerem parte d'uma fabrica de fundição. Acham-se ainda outros signaes de industria metallurgica, que a tradição teima em attribuir aos mouros. Em 1769 foram inundadas por uma grande cheia do rio Caima, que as fez abandonar totalmente.

Em 1776 construiu o governo a ponte de granito, que liga as duas margens do Caima, e dá seu nome á Ponte do Palhal, logarejo contiguo ás minas.

Em 1854 foram novamente descobertas pelo incansavel industrial e negociante José Ferreira Pinto Basto, que, ficando com os direitos de concessionario por decreto de 3 de maio de 1859, as passou a uma companhia ingleza denominada — *Lusitanian Mining Company* (Companhia Lusitana de Mineração). Os seus productos são: cobre,

galena de chumbo, blenda, nickel, e cobalto — mineraes argentiferos. Constam de differentes veios, alguns dos quaes medem um metro de espessura, termo medio, com a direcção mui proxima de EO. Ha ainda muitos filões menos ricos, que encruzam n'aquelles, na direcção magnetica NE., SO. O poço mestre, Taylor's Shaft, é o mais fundo de Portugal, e talvez de toda a peninsula. Tem 400 metros de profundidade. Pela acção do aparelho electrico, e pela força explosiva da dynamite, cedo attingirá a meio kilometro. As suas galerias, em todas as direcções, sommadas com todos os poços de extracção e ventilação, medem a extensão total de cerca de 13 kilometros. A exploração das minas está em labor activo sob a habil direcção do seu superintendente, Mr. W. Cruickshank.

O grande trafico e córte constante de madeiras, que vai hoje no paiz, obriga a pensar-se mais no porvir da mineração e em suas difficuldades futuras. É por isso, sem duvida, que na vasta propriedade do estabelecimento, nas margens do rio Caima, se tem procedido a grandes sementeiras de penisco e a grandes plantações de arvores das mais ricas especies. Os eucalyptos vêem-se aos milhares. Passem-se dez annos mais n'esta actividade energica, e as margens do Caima serão um dos pontos mais importantes do districto.

As casas de habitação, que no Palhal se teem construido, os ateliers de preparação mecanica, as machinas de esgoto e de extracção, e muitas outras officinas, entre as quaes avultam as de serragem e de tanoaria com machinismo hydraulico, tornam este estabelecimento uma formosa povoação, e um importante centro de industria.

Minas de Talhadella

As minas de chumbo de *Voltas* e *Longas*, ou de *Talhadella* foram concedidas, por alvará de 2 de abril de 1861, a Hermann Lourenço Feuerheerd. Em 1866 principiou a exploração por conta d'uma companhia denominada

— *Companhia da mina de Talhadella.* Esta companhia tem estatutos approvados por decreto de 7 de novembro de 1865, e um capital social de 100:000$000 réis, representado por duas mil acções de 50$000 réis cada uma. O primeiro concessionario transferiu e vendeu á companhia todos os seus direitos.

Valle Maior

Freguezia de 192 fogos, e 518 habitantes. Está situada juncto á margem esquerda do Caima, e distante de Albergaria 2 kilometros para ENE. Orago, Sancta Eulalia. Reitor, o sr. Manuel Ferreira Varella.

Era da apresentação do convento de Jesus de Aveiro.

CONCELHO DE ANADIA

O concelho de Anadia foi creado por decreto de 6 de novembro de 1836. Compõe-se actualmente das freguezias de Arcos, Ancas, Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Mogofores, Monsarros, Moita, Ois do Bairro, Sangalhos, S. Lourenço do Bairro, Tamengos e Villarinho do Bairro. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867, redigido em conformidade da lei de 26 de junho do mesmo anno, ficava pertencendo ao districto da Beira Central, e era composto das parochias civís de Arcos, S. Lourenço do Bairro, Luso, Mamarosa, Vacariça, Oliveira do Bairro e Sangalhos, prefazendo 67:228 fogos.

O concelho de Anadia tem 23,251 hectares de superficie, 57:876 predios inscriptos na matriz, e 14:413 habitantes.

A comarca de Anadia, creada por decreto de 28 de fevereiro de 1835, é hoje considerada de primeira classe por decreto de 2 de setembro de 1876. Compõe-se dos julgados de Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro, e S. Lourenço, segundo o decreto de 23 de dezembro de 1875.

Anadia (Arcos)

Villa, e cabeça do concelho, e comarca do seu nome,

Acha-se situada 3 kilometros a ESE. da estação de Mogofores, 1 $^1/_2$ kilometros da estrada real do Porto a Coimbra. Dista de Aveiro 37 $^1/_2$ kilometros para SE.

Pertencia outr'ora á comarca de Esgueira. Teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, aos 25 de agosto de 1514. Era da Universidade de Coimbra. Tinha juiz ordinario, e uma companhia de ordenanças. Anadia pertence á freguezia de S. Paio d'Arcos, que tem 404 fogos, e 1:415 habitantes, e de que é prior o sr. José Alves de Mariz. Antigamente os parochos eram da apresentação do real padroado. A freguezia de Arcos é antiquissima. Já existia no anno de 931, e tinha por orago S. Cucufate.

No monte Crasto d'esta freguezia ha um extenço plató, d'onde se descobre um bello panorama, e em que se ergue uma formosa ermida da invocação de Nossa Senhora da Penha de França.

Tem uma cadeira de instrucção secundaria (latim), de que é professor o sr. Antonio José Rodrigues Pereira; e duas de instrucção primaria para os dois sexos, de que são professores os srs. Antonio Alves de Mariz e D. Maria Emilia de Carvalho Montenegro. Tem uma superficie de 90,95 hectares, votados á cultura do arroz. Está em communicação com a estrada real da Mealhada a Vizeu por uma estrada municipal, cujos trabalhos começaram em 13 de junho de 1863, e findaram em 15 de novembro de 1866.

Conde da Graciosa

É nesta freguezia a bella quinta e sumptuoso palacio da Graciosa, residencia dos condes do mesmo titulo. No palacio da Graciosa ha um rico muzeu, e algumas antiguidades archeologicas, que outr'ora pertenceram á egreja de S. Christovão de Coimbra.

O sr. Fernando Affonso Giraldes de Mello Sampaio Pereira, primeiro visconde da Graciosa (5 de janeiro de 1840), e primeiro conde do mesmo titulo (12 de junho de 1852), nasceu a 24 de junho de 1809, e casou a 12

de abril de 1836 com D. Maria José Caldeira Pinto Albuquerque Leitão, que nasceu em 31 de dezembro de 1816, e é filha do sr. Gonçalo Caldeira Leitão Albuquerque e de D. Josepha Pinto de Macedo Mascarenhas.

Condessa de Anadia

O melhor edificio que ha em Anadia é o palacio dos condes do mesmo titulo.

D. Maria Luiza de Sá Pereira de Menezes de Mello Souto Maior, terceira condessa de Anadia (17 de dezembro de 1808) e segunda viscondessa (12 de novembro de 1805), é a actual representante d'esta familia illustre. Nasceu a 28 de abril de 1801, e casou a 23 de maio de 1821 com seu tio materno, Manuel Paes de Sá, já fallecido.

Visconde de Foz de Arouce

É tambem n'esta freguezia d'Arcos o solar do visconde de Foz de Arouce (5 de fevereiro de 1840), o sr. Francisco Augusto Furtado de Mesquita Pereira Pinto.

Ancas

Freguezia de 192 fogos, e 1:702 habitantes. Está situada 5 kilometros a ONO. da estação de Mogofores. Dista de Anadia 8 $^1/_2$ kilometros para NO. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Prior, o reverendo João Simões Moreira. Era da Casa de Aveiro, e foi do concelho de Recardães até 28 de fevereiro de 1835, em que passou para o de Anadia.

Tem uma superficie de 133,75 ares, occupada por arrozaes, e uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Avelãs de Caminho

Freguezia de 116 fogos, e 513 habitantes. Está situada

na estrada real de Coimbra ao Porto, 4 kilometros a NNE. da estação de Mogofores, e distante de Anadia 5 kilometros para NNO. Orago, Sancto Antonio. Vigario, o reverendo Manuel Cardoso de Oliveira.

Foi villa da comarca de Esgueira. Teve foral dado por D. Manuel, em Lisboa, aos 13 de novembro de 1514. Tinha juiz ordinario e de orphãos, e uma companhia de ordenanças. Era dos marquezes de Marialva; mas as freiras de Sancta Clara de Coimbra é que lhe apresentavam os parochos, que eram coadjutores do vigario de Sangalhos.

Avelãs de Cima

Freguezia de 401 fogos, e 1:558 habitantes. Está situada sobre uma ribeira affluente do Certima, 4 1/2 kilometros da estrada real de Coimbra ao Porto, e distante de Anadia 5 kilometros para NE. Orago, S. Pedro. Prior, o reverendo Apolinario Lourenço.

Foi villa da comarca de Esgueira. Teve foral dado por D. Manuel a 10 de janeiro de 1:514. O mesmo rei já a havia doado em 1496, a Ruy Fernandes de Almada. Em 1270 principiou a construir-se n'esta freguezia uma grande capella, dedicada a Nossa Senhora das Neves; mas até hoje ainda se não chegou a concluir. Tem uma eschola de instrucção primaria para o sexo masculino.

Mogofores

Freguezia de 73 fogos, e 299 habitantes. Está situada proximo da margem esquerda do Certima, e dista de Anadia 3 kilometros para ONE. Orago, Nossa Senhora da Conceição. Cura, o reverendo Januario de Mattos.

Diz-se que foi villa e couto, mas não encontramos documento que o prove. É certo que teve foral, dado por

D. Manuel em 12 de setembro de 1514. É aqui a 29.ª *estação do caminho de ferro do norte*, ligada á freguezia por uma estrada de 254^{m},7, que custou ao Estado 1:108$215 réis. Os trabalhos principiaram em 3 de fevereiro de 1866, e concluiram-se a 24 de setembro do mesmo anno. Na estrada real n.º 35, sobre o Certima, ha uma ponte de calcareo e beton, construida sob a direcção e risco do illustrado director das obras publicas d'este districto, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva.

Residem n'esta freguezia os seguintes titulares: — *Barão do Cruzeiro* (21 de outubro de 1875), o sr. Francisco Luiz Ferreira Tavares; — *Barão de Mogofores* (26 de maio de 1869), o sr. Manuel Ferreira de Seabra da Motta e Silva; e

Visconde de Seabra

O sr. Antonio Luiz de Seabra, agraciado com o titulo de visconde em 25 de abril de 1875, é par do reino, ministro de estado honorario, conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça e ex-reitor da Universidade de Coimbra. Nasceu a 25 de dezembro de 1799, nas alturas de Cabo Verde, a bordo do navio em que seguia viagem para o Brazil seu pae, Antonio Seabra da Motta e Silva, ouvidor nomeado para a villa do Principe, na provincia de Minas-geraes, levando de companhia sua esposa, D. Dorothea Bernardina de Sousa Lobo, então entrada no ultimo periodo de gravidez. O sr. visconde de Seabra é hoje tido como um dos primeiros, se não o primeiro, jurisconsulto de Portugal. O seu *Projecto do Codigo Civil Portuguez*, approvado na sessão parlamentar de 1867, valeu-lhe o ser condecorado com a gran-cruz da ordem de S. Thiago da Espada, por carta regia de 20 de julho de 1860, mercê que não acceitou. É longo o catalogo das suas obras, e todas insignes. [1]

---

[1] Innocencio F. da Silva. — *Dicc. Bibl.*, tom. I e VIII.

Albano Coutinho

Era natural d'esta freguezia o conhecido escriptor Albano Affonso de Almeida Coutinho. Nasceu no dia 1 de novembro de 1813, e falleceu ha mezes na sua casa de Mogofores. Foram seus paes o capitão-mór de Anadia, Joaquim Affonso d'Almeida, e D. Francisca Mendes de Carvalho Coutinho. Quando em 1832 desembarcaram as tropas liberaes no Mindello, estava elle no Porto, estudando humanidades para se matricular na Universidade de Coimbra. Retirando-se á casa paterna, em breve se viu forçado a pegar em armas a favor do infante D. Miguel, accedendo assim aos desejos de seu pae. Tendo alcançado patente de capitão do regimento de milicias de Coimbra e Figueira, por tal modo se affeiçoou á carreira das armas, que sollicitou e obteve passagem para a primeira linha, sendo despachado alferes para o regimento de infanteria n.º 16. E já era tenente, diz o sr. Innocencio Francisco da Silva, a quem vamos seguindo, quando a convenção de Evoramonte pôz termo á guerra civil.

Albano Coutinho, havendo emigrado para o Brazil em 1836, abraçou ahi, com enthusiasmo convicto, os principios liberaes, que havia combatido com as armas na mão, e d'elles foi até á morte estrenuo defensor. Fundou e collaborou em differentes jornaes do paiz: os seus escriptos com razão lhe grangearam renome illustre. Albano Coutinho foi uma das grandes glorias do jornalismo portuguez.

Monsarros ou Villa Nova de Monsarros

Freguezia de 402 fogos, e 1:558 habitantes. Está assentada nas margens d'uma ribeira, que, nascendo no sitio denominado Pisões de Erelga, é affluente da margem direita do Certima. Dista 1 $^1/_2$ kilometros da estação da Mealhada, e 6 kilometros para SE. de Anadia. Orago, S. Miguel.

Prior, o reverendo José Gomes Pereira. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

Foi villa e couto. Teve foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 9 de dezembro de 1514. É povoação muito antiga. Em 1016 era senhor d'ella, e da sua egreja, Recemundo Maureliz, que n'esse anno a doou ao mosteiro da Vacariça. No inventario dos bens que este mosteiro possuia em 1064, lê-se: — *Villa de musarros com sua ecclesia que fuit abbate lovegildo ab integro per suis terminis.* [1]

Pela extincção do mosteiro da Vacariça, em 1094, todos os seus bens passaram a ser pertença do bispo de Coimbra D. Cresconio, e clerigos da sua sé (*vid.* VACARIÇA); mas parece que com excepção da egreja e de Villa Nova de Monsarros, que passaram a ser padroado dos filhos de Gonçalo Viegas e de sua mulher D. Flamula, como se vê d'uma sentença que o cabido da mesma sé obteve, em 14 de janeiro de 1540, a favor da jurisdicção dos seus coutos. [2]

Ignoramos a data em que Villa Nova de Monsarros começou a ser do cabido da sé de Coimbra. Na carta de confirmação dos coutos e jurisdicções dos bispos de Coimbra, passada por ordem de D. Pedro I em 11 de dezembro de 1396, lê-se: — *Item que trazem em Villa Nova de Monssarros a jurisdição civel, e que os feitos criminaes que os ouvem e desembargão em Coïmbra.* — D'aqui se deprehende que já então estava de posse d'ella o cabido.

Nossa Senhora das Neves

Ha n'esta freguezia uma grande e formosa capella, dedicada a Nossa Senhora das Neves. Foi edificada com um legado d'um tal Cosme Dias, d'aqui natural, e fallecido em Sevilha pelos annos de 1600. Em 5 de agosto de cada anno, ha no largo d'esta capella uma romaria, a que concorre, em grande numero, gente de logares distantes. Os

---

[1] *Livro Preto* da sé de Coimbra, fl. 36.

[2] Archivo Nacional, gav. 10, maç. 6, n.º 3.

habitantes das freguezias de Oliveira do Bairro e Troviscal alli véem, em cumprimento de antigo voto. Quando se edificou a actual capella, havia já uma outra no mesmo local, e da mesma invocação. A imagem, que n'ella se venerava, é de marfim, e mede apenas $0^m,70$ de altura. Diz a lenda que foi encontrada por um pegureiro dentro do tronco d'uma aroeira. Ainda se conserva na sacristia do novo templo.

Moita

Freguezia de 344 fogos, e 1:427 habitantes. Dista 1 $^1/_2$ kilometro a E. de Anadia. Orago, S. Thiago. Prior, o reverendo Henrique José de Freitas.

Antigamente os parochos eram da apresentação do real padroado.

Ois do Bairro

Freguezia de 86 fogos, e 230 habitantes. Está situada 2 $^1/_2$ kilometros a O. da margem esquerda do Certima, e 4 $^1/_2$ kilometros a SO. da estação de Mogofores. Dista de Anadia 7 kilometros para O. Orago, Sancto André. Cura, o reverendo João Alberto Moraes de Mello.

Foi villa e concelho, com juiz ordinario e de orphãos. Teve foral, dado por D. Manuel aos 12 de setembro de 1514. Do seu terreno andam entregues á cultura do arroz 48,15 ares.

Sangalhos

Freguezia de 634 fogos, e 2:293 habitantes. Acha-se 6 kilometros a E. da margem esquerda do Certima, e 4 kilometros a SE. da estação de Oliveira do Bairro. Dista de Anadia 7 kilometros para NNO. Orago, S. Vicente. Vigario, o sr. Onofre Ferreira dos Sanctos. Tem uma

eschola de instrucção primaria para o sexo masculino. 42,80 ares de terreno são semeados de arroz.

Foi villa da comarca de Esgueira, e já existia em 1064. Os parochos eram apresentados pelas freiras de Sancta Clara de Coimbra.

S. Lourenço do Bairro

Freguezia de 422 fogos, e 1:707 habitantes. Está distante 4 kilometros para OSO. da estação de Mogofores, e 7 kilometros para E. de Anadia. Orago, S. Lourenço. Prior, o reverendo Francisco Xavier Nunes Fragoso. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino, e uma superficie de 411,95 ares occupada por arrozaes.

Era do convento do Louriçal; mas os seus parochos eram apresentados pela Casa das Rainhas. Querem alguns que fosse dos marquezes de Cascaes, e não do convento do Louriçal. Foi villa e cabeça do concelho do seu nome. Teve foral, dado por D. Manuel aos 5 de abril de 1514. O antigo concelho de S. Lourenço do Bairro compunha-se d'esta freguezia só. Foi extincto por decreto de 31 de dezembro de 1853, e annexado ao de Anadia. Por alvará de 18 de agosto de 1802 foi-lhe dado *juiz de fóra*, em vez de ordinario, que tinha até então.

Tamengos

Freguezia de 321 fogos, e 1:209 habitantes. Está situada 5 kilometros ao S. da estação de Mogofores, e 5 kilometros a SE. de Anadia. Orago, Sancta Maria. Prior, o reverendo João Moreira de Oliveira Vidal. Tem uma cadeira de instrucção primaria para o sexo masculino.

É freguezia antiga. O inventario do mosteiro da Vacariça, feito em 1064, já faz menção d'ella. Até 31 de de-

zembro de 1853 pertenceu ao concelho da Mealhada. Por decreto d'esta data passou para o de Anadia.

Aguim

Pertence a esta freguezia o logar de Aguim. É povoação antiquissima. Pertenceu tambem ao mosteiro da Vacariça até 1094. Doou-a então o conde D. Raymundo ao cabido da sé de Coimbra. D. Affonso Henriques erigiu em *couto* a aldeia de Aguim em 1178, a troco de *60 maravedis de ouro*. O deão da sé de Coimbra deu-lhe foral a 24 de setembro de 1220. D. Manuel deu-lhe novo foral em 1 de julho de 1514. Tinha juiz ordinario, nomeado pelo donatario.

Ha n'este logar a chamada *Casa dos Castilhos:* era aqui que costumava vir passar as ferias academicas o grande poeta visconde de Castilho e seus irmãos.

Villarinho do Bairro

Freguezia de 507 fogos, e 1:296 habitantes. Está situada na estrada de Mogofores a Cantanhede, 9 $^1/_2$ kilometros ao OSO. de Anadia. Orago, S. Miguel. Prior, o reverendo Joaquim Gomes dos Sanctos.

Foi villa da comarca de Esgueira, e pertenceu á Casa de Bragança, que lhe apresentava os parochos.

CONCELHO DE AROUCA

O concelho de Arouca é antiquissimo. Não nos foi dado averiguar a data da sua creação. Consta apenas que, em 1080, D. Affonso IV de Leão fizera governador da comarca de Arouca o conde D. Egas Hermigio. Actualmente, compõe-se das freguezias de Albergaria das Cabras, Alvarenga, Arouca, Burgo, Cabreiras, Canellas, Chave, Escariz, Espiunca, Fermedo, Janarde, Louredo, Mansores, S. Miguel do Matto, Moldes, Rossas, Sancta Eulalia, Tropeço, Urrô e Várzea. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 ficava pertencendo ao districto do Douro, e composto das parochias civis de Alvarenga, Arouca, Fermedo, Paraizo, e Rossas — 4:142 fogos.

Tem 41:774 hectares de superficie, 26:889 predios inscriptos na matriz, e 15:557 habitantes.

A nova comarca de Arouca, creada por decreto de 28 de fevereiro de 1835, é hoje considerada de 3.ª classe por decreto de 2 de setembro de 1876. Compõe-se dos julgados de Arouca, Canellas, Fermedo e Sobrado, em virtude do decreto de 23 de dezembro de 1875.

Albergaria das Cabras

Freguezia de 29 fogos, e 168 habitantes. Está situada juncto á estrada que de S. Pedro vae entroncar com a estrada real do Porto a Coimbra. Dista de Arouca 11 kilometros para SSO. Orago, Nossa Senhora d'Assumpção. Cura, o sr. Manuel José da Varanda.

Era das freiras de Arouca, que lhe apresentavam os parochos. A rainha Sancta Mafalda fundou aqui uma albergaria, em 1280.

Na serra da Freiteira nasce o rio Caima, que, atravessando o valle de Cambra, vai morrer, depois de haver recebido alguns ribeiros, na margem esquerda do Vouga, um pouco acima de Serem.

Alvarenga

Freguezia de 345 fogos, e 1:548 habitantes. Está situada 1 kilometro a ENE. da margem esquerda do Paiva, e 14 kilometros ao S. de Arouca. Orago, Sancta Cruz. Reitor, o reverendo Antonio Gonçalves de Paiva.

A aldeia de Trancoso d'esta freguezia era villa, a que D. Diniz deu foral em 1298. No mesmo logar tracta-se de estabelecer uma feira nos dias 8 e 22 de cada mez. Ainda aqui se conserva o *pelourinho*, que tem a data de 1590, e a casa da camara, reformada em 1805.

A egreja parochial é antiga, e de proporções acanhadissimas. Em compensação, ha dez ermidas, espalhadas pela freguezia. Desde o começo d'este seculo se pensa em construir um novo templo; mas frustrados teem sido todos os esforços. Ainda em 31 de outubro de 1876 falleceu o sr. Avelino Teixeira Martins, que se offerecera a concorrer para a obra com 5:000$000 réis. Não lhe deixou a morte realisar o piedoso intento.

Alvarenga é povoação antiga, anterior á fundação da monarchia. N'um documento de 875, existente no Archivo do mosteiro de Arouca, se faz menção de certos *pomares e vinhas em Alvarenga.*

Foi couto, julgado e concelho da comarca de Lamego. Compunha-se então das freguezias de Alvarenga, Canellas e Janarde. Em 1836 foi extincto, e annexado ao concelho de Arouca. Em 1340 deu-se, no julgado de Alvarenga, uma sentença a favor do convento de Alpendurada, mantendo-o na antiga posse de receber no monte da Rocha, hoje Janarde, o direito de *condado.*

É notavel a ponte sobre o Paiva. É de cantaria, e assenta em duas enormes rochas. Tem tres arcos; o do meio mede 22 metros de altura e 7 de vão. A sua construcção é dos fins do seculo passado, e devida á iniciativa d'um bispo de Lamego. Importou em 3:000$000 réis. Pouco distante, no local chamado *Ponte Velha,* houve outra, que a tradição diz ter sido construida pelos romanos, no tempo de Trajano.

Ha nesta freguezia um palacio antiquissimo, solar dos Alvarengas, que procedem do grande Egas Moniz. Hoje está todo em ruinas, e propriedade do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro.

Nasce aqui o rio Ardena, que vae morrer ao Paiva, no logar de Espiunca.

Fr. José Raphael Ferreira Coelho

Foi d'aqui natural o sabio fr. José Raphael Ferreira Coelho. Nasceu na *Casa do Barroco,* a 6 de janeiro de 1768, e falleceu no mesmo local em 30 de setembro de 1843. Foram seus paes José Affonso Pinheiro, e sua esposa Luiza Ferreira. Foi provincial da ordem *graciana,* e lente de theologia na Universidade de Coimbra.

Arouca

Villa e cabeça do concelho do mesmo nome. Está situada juncto á serra de Freita, entre os valles de Moldes e Rossas. Atravessam-na os rios Marialva e Silvares, que, junctando-se, formam o rio Arda. Dista de Aveiro 60 kilometros para NE. Tem uma só freguezia, da invocação de S. Bartholomeu, com 231 fogos e 973 habitantes. Cura, o sr. José Ferreira da Silva. Tem uma cadeira de instrucção secundaria (latim), e duas de instrucção primaria para ambos os sexos.

D. Affonso Henriques deu-lhe foral em abril de 1151. D. Affonso II confirmou-o em novembro de 1217. D. Manuel deu-lhe um novo, em Lisboa, aos 20 de dezembro de 1513.

Antigamente a abbadessa do mosteiro de Arouca, como donataria da villa, era quem nomeava o juiz ordinario, sem necessidade da approvação do corregedor de Lamego, a cuja comarca pertencia.

Por alvará de 26 de agosto de 1776 foi-lhe derogado este privilegio, e creado o logar de juiz de fóra do crime, civel e orphãos do concelho de Arouca.

Arauca

Alguns escriptores, fundados no grande numero de *antas* e *mamoas*, que se encontram nas visinhanças de Arouca, affirmam ser esta povoação obra dos celtas. Não ha memoria escripta, que abone esta opinião. Diuturna residencia tiveram aqui os celtas; mas não é isso bastante para affirmar que a actual Arouca seja fundação sua. Consta que pelos annos da creação 3970, 34 annos antes de Christo, Augusto Cesar fundara aqui uma cidade, com o nome de *Arauca*, *Aruca* ou *Araducta*, em grande parte destruida pelos arabes, em 716. Julgamos mais plausivel o dizer-se que a fundação d'aquella cidade teve logar no

tempo de Augusto Cesar, mas não que fosse elle o seu fundador; pois ha bons dados para crer que elle nunca aqui esteve, nem por aqui passou.

Combate de Arouca

Sustentam alguns historiadores que nas proximidades de Arouca se travou renhida peleja entre as forças do regulo de Lamego Echa Martins e as do conde D. Henrique e Egas Moniz. O unico documento que se refere a este combate é uma escriptura, [1] por muitas circumstancias tida como apocrypha. Ou seja facto ou lenda, não podemos comtudo abster-nos de o reproduzir aqui, tal como o escreveu o principe dos nossos poetas modernos.

«Governava em Lamego, com venia e boa paz dos nossos, diz o sr. visconde de Castilho, [2] o regulo Echa Martins, tributario e vassallo do conde D. Henrique. Correndo o anno de 1102, rebelou-se, sahindo com gente armada pelas visinhas terras descuidadas de tamanha insolencia. Chega a noticia a Guimarães; grande era, e maior a figuravam as lastimas dos fugidos. Manda o conde para logo junctar sua gente: D. Egas se lhe apresenta de improviso com a sua (era sempre nos apertos o primeiro). Partem; dão com os inimigos em um valle juncto ao mosteiro de Arouca, então da Ordem Benedictina. Deviam-se ir estes já de tornada para sua terra, grossos com tomadias, embaraçados com a multidão de captivos; e bem que o feito que a seu alvo acabavam, lhes podésse dar animos, lembra-lhes a vingança provavel. Não ha colher ladrões desapercebidos; caminhavam em boa ordem e som de guerra, prestes para pelejar; mas com as bagagens, prisioneiros e mulheres em seguro; todas estas cousas tinham então pelas asperezas altas de um monte, de que ha

---

[1] Fr. Bernardo de Brito, *Chronica de Cistér*, tom. I, L. V, cap. 1.º

[2] *Quadros historicos*, pag. 8.

muitos no sitio, e no recosto da serra a gente de batalha, só com suas armas. Chegado o conde e D. Egas ao valle por onde corre o rio Alarda ou Arnaldo, como hoje se chama, e dando vista de quem vinham buscando, pararam a concertar como melhor os acommetteriam. Era gente victoriosa, tinha entre suas mãos e á mercê muitas vidas christãs, favorecia-os o posto que pelas costas os guardava como muralha, e pela frente difficultava, por agro e empinado, a subida a quem os houvesse de investir. Propõe D. Egas o seu arbitrio: parte-se do conde pelo silencio da noite com um par de companhias; rodeia a serra, embosca-se juncto ao campo dos captivos e bagagem. Entre as mulheres se achava ahi Axa Ansures, de todas as do regulo Echa Martins a que elle mais amava e estremecia. Ao alvorecer da manhã dá subito o conde sobre os mouros de rosto, com grande alarido de gritos, trombetas e tambores, que se vae temerosamente repetindo e retumbando pelos echos das serras. Acodem todas as forças ao conflicto: rompe da cilada D. Egas, colhe o largo e rico deposito, a rainha Axa, muitas mulheres e filhas de outros mouros, restitue a liberdade aos christãos, e quando mais acceso andava o combate pelas faldas do monte (foi uma das mais feridas batalhas d'aquelles tempos) precipita-se com o seu troço, como rochedo de rondão pela serra abaixo, sobre as espaldas dos infieis. Fizeram estes maravilhas com a desesperação; todo o ar é alarido, toda a terra bebe sangue. Amanheceram pelejando para a victoria, presentiram-na falseada, e não cederam; viram-na perdida, e pelejaram não menos galhardos o resto do dia para a morte. Essa a tiveram em grande numero e por bem cavalheiras mãos. O resto pagou com o captiveiro a aleivosia, entrando nesta conta o proprio valeroso Echa.»

S. Bartholomeu

De 716 a 1708, o orago d'esta freguezia foi S. Pedro. A egreja da sua invocação estava na falda meridional do

monte de Nossa Senhora da Mó, onde ainda existe. Por ser pequena, se edificou uma nova de tres naves no centro da villa e unida ao côro do convento. Quando este se augmentou, em 1220, foi demolida. Ficou então a egreja do convento servindo de parochial. Nos fins do reinado de D. Diniz transferiu-se novamente para a capella de S. Bartholomeu, mandada para esse fim edificar pela abbadessa D. Milicia. É um templo acanhado. O seu frontespicio é o da antiga egreja de S. Pedro.

Mosteiro de S. Pedro e S. Paulo

O melhor e o mais notavel edificio de Arouca é o mosteiro de S. Pedro e S. Paulo. Fundaram-no dois fidalgos de Moldes, Loderigo e Vandilo, cujos herdeiros venderam o direito de padroado a D. Ançur e sua mulher D. Ejeura, que R. Mendes da Silva [1] diz senhores do valle de Arouca em 950. Os novos possuidores do mosteiro, depois de o haverem reedificado e ampliado muito, o doaram ao abbade benedictino Hermigildo em 7 de setembro de 951, com a villa de Arouca e as egrejas de Sancto Estevão e S. Pedro.

D. Ejeura, senhora poderosa, achando-se viuva e sem descendentes, fundou juncto ao mosteiro um recolhimento de *beatas*, subjeitas tambem á regra de S. Bento. Por sua morte o pequeno cenobio foi incorporado no mosteiro, que ficou sendo convento mixto. Em breve se fez sentir a necessidade de serem expulsos os monges, o que se fez em 1154, segundo se deprehende de Viterbo. Aplacado por alguns annos o escandalo, reviveu mais tarde, e com mais força. Então a rainha D. Mafalda, que veiu para aqui viver em 1220, para pôr côbro aos abusos de que era testemunha, introduziu no convento a reforma de S. Bernardo (Cister).

---

[1] *Poblacion general de España.*

Foi aqui freira D. Toda Maria Coutinho, filha de Gastão Coutinho e de D. Filippa de Sousa, que, nascendo em 1597, falleceu em 28 de julho de 1720. Tambem aqui foi freira a primeira abbadessa do convento da Ave Maria do Porto, D. Maria de Mello, que saíu de Arouca para aquelle fim em 1535, por ordem de D. João III.

No seculo XVI ardeu o convento, escapando apenas ás chammas a egreja e algumas officinas. A reedificação porém não se fez esperar muito, e o novo convento ficou d'ahi em deante maior e mais sumptuoso, tal como hoje está.

Misericordia e hospital

Arouca tem misericordia e hospital, de que actualmente é provedor o sr. Manuel Teixeira. A pequena capella da misericordia é formada de azulejos antigos de bastante merecimento, e foi feita a expensas do povo e das freiras, que deram o terreno. Em 1860 fizeram-se-lhe alguns melhoramentos, devidos ao sr. commendador Antonio Teixeira de Brito, então provedor. O antigo hospital era unido á capella, e onde hoje estão os paços do concelho. Tinha estatutos approvados por alvará regio de 2 de outubro de 1610. Poucos eram os seus rendimentos; mas esses mesmos desappareceram, sabe Deus como, e o hospital acabou. Em 1858 as irmandades da misericordia, do Sanctissimo Sacramento, de Sancta Eulalia, da Senhora dos Praseres de Burgo, e dos Terceiros de S. Francisco deliberaram fundar um novo hospital na rua do Juiz. Esta deliberação foi approvada pelo conselho de districto em 22 de junho do mesmo anno, e levada a effeito. Tem de capital 217$471 réis em predios urbanos, e 1:862$500 réis em dinheiro mutuado. Soccorre, termo medio, 27 doentes annualmente.

Casa da camara

Os paços do concelho, ainda que pequenos, teem agradavel apparencia, e elegante construcção. Foram edificados em 1822.

Nossa Senhora da Mó

Sobranceiro á villa, e a NE. d'ella, está o monte ou cabeço de Nossa Senhora da Mó, mais de 600 metros acima do nivel do mar. D'elle se avistam terras das provincias do Douro, Minho, Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa. No topo está a capella da Senhora, que dá seu nome ao monte.

Varões illustres

Foram naturaes d'esta villa D. Leonardo Brandão, presbytero da Congregação do Oratorio, e sagrado bispo de Pinhel em 1832; e Pedro de S. João Garcez, conego secular de S. João Evangelista, doutor em theologia, e deputado do Sancto Officio. Tomou o habito no convento de Villar, e falleceu a 10 de dezembro de 1640.

Sancta Mafalda

D. Mafalda era filha de D. Sancho I e de sua mulher D. Dulce de Aragão. Julga-se ter nascido pelos fins de 1189, e ter sido educada em S. Martinho de Moazares (Penafiel de Sousa). Por morte de seu pae ficou senhora do mosteiro de Arouca. O testamento que lh'o legava dizia: «Á rainha D. Mafalda dei por herança dois mosteiros, Bouças e Arouca, e a herdade de Cea, a qual foi de sua mãe, e quarenta mil maravedis e duzentos marcos de prata.» São bem conhecidas as contendas de D. Affonso II com suas irmãs. Innocencio III, pela bulla *Olim ad petitionem*, dirigida ao arcebispo de Compostella e aos bispos de Lisboa e Guarda, lhes ordenou que não deixassem molestar, ou espoliar a infanta D. Mafalda, filha de D. Sancho I, da posse de Arouca, Tuias e Bouças, etc. [1] N'outra bulla do mesmo papa, [2] dirigida á propria infanta, se diz que, attendendo ás suas supplicas, recebe debaixo da pro-

[1] S. João de Latrão, Nonas de outubro, anno 14.º do pontificado de Innocencio III (7 de outubro de 1211).

[2] 13 de outubro de 1211.

tecção de S. Pedro e da sua a infanta portugueza, com todos os bens, que ao presente justamente possuir, ou que de futuro venha a ter, e lhe confirma os logares de Bouças, Tuias e Arouca, com suas pertenças. Apesar da declarada protecção papal, D. Mafalda ficou despojada da herança paterna, pelo menos com relação a Bouças. Sobre a biographia de D. Mafalda ouçamos o nosso primeiro historiador:

«Lembrou-se então o tutor de Henrique de Castella, diz o sr. Alexandre Herculano,[1] de formar allianças fóra do reino, buscando para o seu pupillo uma esposa que lhe servisse a elle de docil instrumento para melhor o dominar. Mafalda, a irmã do rei de Portugal, pela brandura do genio, pelo ascetismo em que vivia, e pela ignorancia do mundo, estava apta para o intentado fim, ao mesmo tempo que, sendo de maior edade que o rei de Castella, nada mais natural do que adquirir em seu animo decisivo predominio. Por outra parte Affonso II diligenciava a realisação d'este consorcio; e mestre Vicente, o deão de Lisboa, era o seu agente em Castella para esse fim. O habil ministro em breve trouxe o negocio a conclusão, e Mafalda foi tirada da obscuridade de um mosteiro para subir ao principal throno da Hespanha. Elevada á cathegoria de rainha, adquiria ella aos olhos do irmão titulos, senão mais legitimos, ao menos mais solidos, para possuir o que seu pae lhe legara. É assim que parece terem terminado as discordias com Mafalda, a quem vemos conservar depois pacificamente o senhorio dos mosteiros e bens que lhe eram disputados, sem que appareçam vestigios de que se continuasse e concluisse o processo.

«O conde Alvaro Nunes, vindo pessoalmente a Portugal para realisar o enlace do seu pupillo com D. Mafalda, conduziu a infanta portugueza a Castella, onde o consorcio

---

[1] *Hist. de Port.*, tom. II, pag. 180 a 183.

foi logo celebrado. Mas Berengaria, que previa as consequencias de similhante consorcio, trabalhou activamente, conforme se diz e é provavel, para que Innocencio III o annullasse com o pretexto de proximo parentesco. Condescendeu o papa, e o casamento foi dissolvido antes de chegar o moço rei á edade de se unir com sua mulher. A promptidão com que o tutor acceitou a resolução do pontifice, mostra que ou elle receava que as censuras ecclesiasticas, as quaes necessariamente seriam fulminadas no caso de resistencia, déssem demasiada força ao partido de Berengaria, ou porventura já revolvia na mente outros designios, não sendo, acaso, infundada de todo a voz que correu de que ainda depois do divorcio elle procurava conservar a alliança de Portugal, solicitando para si proprio a mão de D. Mafalda, a qual, havendo residido algum tempo em Castella, apesar de repellir as pretenções de D. Alvaro, voltou emfim á patria, onde tomou o véo no mosteiro de Arouca, dedicando o resto dos seus dias ao exercicio das virtudes monasticas.»

D. Mafalda não chegou a professar, e assistiu até por vezes em outros logares, como foi em Bouças; mas ainda reformou e ampliou o convento. Submettendo-o, como vimos, á regra de S. Bernardo, entregou-o aos cuidados de D. Aldara, senhora de grande nascimento e maior virtude, que foi a primeira abbadessa depois da reforma. Depois d'uma vida sanctificada durante 90 annos pelas mais acrisoladas virtudes, cuja memoria a tradição trouxe até nós, D. Mafalda acolheu-se ao seio de Deus, em 1 de maio de 1290, depois de haver legado ao mosteiro todos os seus haveres. Esta piedosa princeza, que, como diz o sr. Alexandre Herculano, parece ter merecido, mais do que suas irmãs, o ser contada no numero das sanctas, foi canonisada por Pio VI a 10 de janeiro de 1734. Os preciosos restos de Sancta Mafalda guardam-se n'um dos altares da egreja do mosteiro, em precioso sarcophago de pau sancto com embutidos de prata. No dia da sua festi-

vidade centenares de pessoas visitam aquelle tumulo. Em 1617 o bispo de Lamego, D. Martim Affonso Mexia, achou o corpo de Sancta Mafalda inteiro e incorrupto.

É curiosa a seguinte clausula do testamento da sancta rainha: «Que todos os annos se fizessem suas exequias, e se dêssem a cada padre, que a ellas assistisse, cinco pães de trigo cada um com quatro pontas, um prato de trutas, um prato de ovos reaes, um prato de tremoços, um biscoito, uma queijada, uma talhada de pão de ló, uma caixa pequena de marmelada, tres canadas de vinho, e um tostão em dinheiro.» As freiras cumpriram durante muitos annos este legado; mas de 1720 em diante deixaram de o fazer, não sem alguma razão.

Burgo

Freguezia de 229 fogos, e 961 habitantes. Está situada na estrada que vae de Arouca a Oliveira de Azemeis. Dista de Arouca 1 $^1/_2$ kilometro para O. Orago, o Sanctissimo Sacramento. Abbade, o reverendo Joaquim José Gomes Coelho do Valle.

Parece ter sido aqui a antiga Arouca, e não onde hoje está. É certo que Burgo, ou Villa Meã do Burgo, foi cabeça de concelho. Attestam-no o seu pelourinho, como symbolo da sua antiga jurisdicção, e as ruinas dos seus paços municipaes.

Cabreiros

S. Mamede de Cabreiros é freguezia de 56 fogos, e 344 habitantes. Está situada 14 kilometros a SE. de Arouca.

Nasce aqui o rio Caima: corre a OSO. até á freguezia de Castellões, desvia-se depois em pequenas curvas para OS. até á de Ossella, inclina-se então para o S.; passa 1 $^1/_2$ kilometro a E. de Albergaria a Velha, e entra no Vouga, 2 $^1/_2$ kilometros abaixo da mesma villa.

Canellas

Freguezia de 91 fogos, e 483 habitantes. Dista 5 kilometros para NE. de Arouca. Orago, S. Miguel. Reitor, o reverendo Manuel Joaquim Soares de Figueiredo.

Antigamente era curato da apresentação do parocho de Alvarenga.

Chavè

Freguezia de 172 fogos, e 888 habitantes. Acha-se situada na estrada de Arouca a Oliveira de Azemeis. Dista de Arouca 13 kilometros para OSO. Orago, Sancta Eulalia. Arcipreste, o reverendo Joaquim Teixeira da Silva.

Era curato da apresentação do vigario da Várzea.

Ha aqui uma capella dedicada a S. Thiago, que se diz ter sido fundação do conde da Feira, D. Francisco Forjaz Pereira; e uma mina de chumbo, concedida, por decreto de 7 de março de 1854, a Diederich Mathias Feuerheerd.

Escariz

Freguezia de 220 fogos, e 948 habitantes. Dista 19 kilometros para O. de Arouca. Orago, Sancto André. Reitor, o reverendo Antonio Gomes de Paiva.

As freiras bentas do convento da Ave Maria do Porto é que lhe apresentavam os parochos. A mesma Ordem teve aqui um convento, cuja egreja é hoje a parochial, notavel pelas suas paredes de alvenaria, forradas exteriormente de pedras de cantaria quadradas e com $0^{m},15$ de espessura. O convento foi supprimido no seculo XV.

Na serra de Ver ha muitas *mamoas*. Na serra do Castello nasce o Inha, pequeno rio que passa proximo e a O. de Cabeçaes, e fertilisa as freguezias de Escariz, Fermedo,

Romariz, Valle, Louredo, Gião e Canedo. Desagua, depois de 14 kilometros de curso, na margem esquerda do Douro, no sitio da *Foz do Inha*.

Espiunca

Freguezia de 116 fogos, e 423 habitantes. Está situada 1 kilometro a O. da margem esquerda do Paiva, e dista de Arouca 1 ½ kilometro para NNE. Orago, S. Martinho. Reitor, o reverendo Antonio de Almeida Vasconcellos.

Os frades do convento de Alpendurada apresentavam-lhe os parochos, por concessão do bispo de Lamego, D. Rodrigo, feita em 1322. É povoação antiquissima. Em alguns documentos antigos apparece com o titulo de *villa*. Em 1139 pertencia ao concelho de Sanfins, e em 1750 ao de Paiva. É tradição ter existido aqui um convento de freiras bentas, de que não ha vestigios. O rio Paiva, que passa pela extremidade N. d'esta freguezia, divide o districto de Aveiro do de Vizeu, e a provincia do Douro da da Beira Alta.

Fermedo

Freguezia de 248 fogos, e 1:000 habitantes. Está situada 6 kilometros a O. da margem esquerda do rio Pedonde. Dista de Arouca 20 kilometros para ONO. Orago, Nossa Senhora da Expectação. Abbade, o reverendo José Ferreira dos Reis.

Foi villa, e capital do antigo concelho do seu nome. Teve foral, dado por D. Affonso III em 1275. D. Manuel deu-lhe foral novo a 27 de setembro de 1514. O concelho de Fermedo foi extincto por decreto de 24 de outubro de 1855, e annexado ao de Arouca. Na aldeia de Cabeçaes d'esta freguezia havia dois pelourinhos e duas casas de camara: um era da *honra* dos duques de Aveiro; o outro, do concelho de Fermedo.

D. Ordonho II doou Fermedo, em 922, ao convento benedictino de Castromire. Extincto este, passou para a Casa de Aveiro, e d'está para a da Feira.

A egreja parochial é um bom templo de duas naves, e antiquissimo. Ignora-se a data da sua fundação; sabe-se apenas que foi reedificado em 1480, e depois em 1785, em virtude dos estragos do terremoto de 1 de novembro de 1755. Juncto á egreja ha uma capella em ruinas, de architectura mosarabe. Sobre a porta principal tem as armas dos condes da Feira. Parece ter sido edificada no seculo XVI. Communica, por uma extensa galeria de abobada, com um palacio que os condes aqui tinham. No monte Coruto ha muitas *mamoas*. No de Borralhoso ha um *dolmen*, e muitas *staurotidas*, incrustadas em velhos rochedos schistosos, cujos crystaes teem a fórma de cruz.

Janarde

Freguezia de 40 fogos, e 257 habitantes. Dista 1 kilometro ao N. da margem direita do Paiva, e 14 kilometros para E. de Arouca. Orago, S. Barnabé. Cura, o reverendo Manuel Mendes Ribeiro.

O reitor de Alvarenga apresentava outr'ora os parochos. Em 1708 era ainda apenas um logarejo da freguezia de Alvarenga. Na aldeia de Ribeiro de Pombal ha uma mina de chumbo, de que é descobridor legal o sr. João Luiz de Rezende.

Louredo

Freguezia de 187 fogos, e 755 habitantes. Está situada 15 kilometros para ONO. de Arouca. Orago, S. Vicente. Reitor, o reverendo José Rodrigues Alves de Oliveira.

Era curato da apresentação do reitor de Canedo. No logar de Parada do Monte ha uma capella, dedicada a

S. Cypriano, que se diz ter sido a capella-mór de uma egreja parochial do mesmo nome. No de Villa Secca ha uma outra, da invocação de Nossa Senhora da Saude, mandada edificar, em 1750, pelos condes da Feira.

Mansôres

Freguezia de 176 fogos, e 778 habitantes. Está assente 2 ½ kilometros ao S. da margem esquerda do Douro, e dista de Arouca 10 kilometros para O. Orago, Sancta Christina. Vigario, o reverendo Manuel Fernandes Correia.

Era curato da apresentação das freiras do convento da Ave Maria do Porto.

Matto

Freguezia de 154 fogos, e 765 habitantes. Está situada 10 kilometros ao S. da margem esquerda do Douro, e distante de Arouca 21 kilometros para ONO. Orago, S. Miguel. Abbade, o reverendo Antonio Ferreira Duarte.

M. A. Coelho da Rocha

No logar de Covellas, d'esta freguezia, nasceu, em 30 de abril de 1793, o dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha. Foram seus paes José Francisco da Rocha, e Anna Maria Coelho. Doutorou-se em leis em 5 de abril de 1818, e foi lente da faculdade de direito da Universidade de Coimbra. Foi distinctissimo jurisconsulto, e uma das primeiras capacidades do seu tempo. O seu *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal,* e as suas *Instituições de Direito Civil,* são obras de raro merito e profunda erudição. Falleceu, na casa onde havia nascido, a 10 de agosto de 1850.

Moldes

Freguezia de 209 fogos, e 1:095 habitantes. Está situada 1 kilometro a E. da ribeira do mesmo nome, e distante de Arouca 2 kilometros para o S. Orago, Sancto Estevão. Reitor, o reverendo Antonio Pinto Ferreira de Vasconcellos.

As freiras de Arouca apresentavam os parochos. É antiquissima. No cartorio do mosteiro de Arouca existe uma escriptura original, por onde se vê que a egreja de Moldes já era parochial em 925, e até mesmo já existia em 714. Nasce aqui a Ribeira de Moldes, que entra no Douro depois de 25 kilometros de curso.

Rossas

Freguezia de 195 fogos, e 1:105 habitantes. Está situada 8 kilometros a OSO. de Arouca. Orago, Nossa Senhora da Conceição. Abbade, o reverendo Joaquim J. Gomes de V. Quaresma.

A pequena egreja parochial foi edificada em 1073. Na serra de Freita, limite da freguezia, fundou Sancta Mafalda, em 1280, uma albergaria para os pobres.

Sancta Eulalia

Freguezia de 215 fogos, e 883 habitantes. Está situada 1 kilometro ao N. da margem direita do rio Pedonde, e dista 2 $^1/_2$ kilometros de Arouca para O. Orago, Sancta Eulalia. Abbade, o reverendo José Gomes de Figueiredo.

Foi creada em 1690, desmembrando-se parte da freguezia de Arouca, e parte da de Várzea. Na serra do Casal Mau ha diversas *antas*.

Tropeço

Freguezia de 172 fogos, e 761 habitantes. Está situada entre montanhas, e n'uma elevação de 521 metros acima do nivel do mar. Na serra da Carroceira ha uma mina de cobre, de que é descobridor legal o sr. José Antonio Nunes Saldanha. Ha tambem n'esta serra pedreiras de belissima calcidonia e bastante crystal de rocha. No logar denominado Septe Buracos ha galerias subterraneas, que dão a conhecer terem-se aqui feito explorações em antigos tempos.

Urrô

Freguezia de 176 fogos, e 809 habitantes. Está situada 1 kilometro ao N. da margem direita do rio Pedonde, e dista de Arouca 5 kilometros para O. Orago, S. Miguel. Abbadé, o reverendo José dos Sanctos Monteiro.

As freiras de Arouca apresentavam os parochos. A egreja parochial é de architectura gothica, e denota antiguidade.

Várzea

Freguezia de 76 fogos, e 289 habitantes. Está situada $^1/_2$ kilometro ao N. da estrada de Arouca a Oliveira de Azemeis, e proximo á margem direita do rio Pedonde. Dista de Arouca 7 kilometros para OSO. Orago, S. Salvador. Reitor, o reverendo Agostinho Tavares de Carvalho.

O logar de Cella, d'esta freguezia, parece ter sido a antiga villa de Saélla, que D. Affonso Henriques deu a D. Monio, em 6 de abril de 1129.

CONCELHO DE AVEIRO

A creação do concelho de Aveiro data talvez do reinado de D. Affonso III, como a maioria dos concelhos de Portugal. É certo que em 1370 D. Diniz concedeu certo privilegio á *sua villa e concelho de Aveiro.*

Compõe-se actualmente das freguezias de Aradas, Cacia, Esgueira, Eirol, Eixo, Nossa Senhora da Gloria, Nariz, Oliveirinha, Palhaça, Requeixo, e Vera Cruz.

Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 eram-lhe annexados os concelhos de Ilhavo e Vagos, e ficava fazendo parte do districto do Douro. Deveria compôr-se então das parochias civis de Cacia, Eixo, Ilhavo, Oliveirinha, Palhaça, Nossa Senhora da Gloria, e Vagos — 7:776 fogos.

O concelho de Aveiro tem 21:922 hectares de superficie, 33:038 predios inscriptos na matriz, e 18:561 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de 113:037$570 réis. A contribuição predial subiu a 14:176$542 réis.

A comarca de Aveiro, pelo decreto de 23 de dezembro de 1875, compõe-se dos julgados de Aveiro, Ilhavo, Requeixo e Vagos. A sua creação data do reinado de D. João III. Do livro da sua chancellaria se vê que o primeiro corregedor de Aveiro tomou posse da correição em 20 de dezembro de 1533. O mesmo monarcha fez mercê do titulo de duque de Aveiro a D. João de Lancastre, dando-lhe

ouvidor para as suas terras. Aveiro então deixou de ser comarca, para se converter em almoxarifado. Assim se conservou, até que D. José I, por provisão de 4 de setembro de 1759, creou a nova comarca de Aveiro. Foi então nomeado corregedor para ella o bacharel Antonio Jesus e Silva, por alvará de 19 de outubro de 1760. Compunha-se das villas de Ilhavo, Avelãs de Cima, Ferreiros, S. Lourenço do Bairro, Vagos, Anadia, Sangalhos, Avelãs de Caminho, Angeja, Serem, Pinheiro da Bemposta, Estarreja, Fermedo, Recardães, Segadães, Assequins, Sousa, Oliveira do Bairro, Couto de Esteves, Prestimo, Trofa, Vouga, Brunhido e Aguieira.

Aradas

Freguezia de 672 fogos, e 2:064 habitantes. Está 2 kilometros ao S. de Aveiro. Orago, S. Pedro. Vigario, o reverendo Manuel José Ferreira do Amaral.

Foi villa. Teve foral, dado pelos cruzios de Coimbra, que foram seus donatarios por legado de Jacob Mendes em 1181. Em 1700 passou a ser dos cruzios da serra do Pilar. Tinha juiz do crime, civel e orphãos, e camara. A jurisdicção era do rei. O concelho de Aradas foi supprimido por decreto de 6 de novembro de 1836. O ultimo acto solemne da camara foi a acclamação de D. Maria II, em 26 de maio de 1834. As ruinas dos paços do concelho ainda ha poucos annos se viam onde hoje é a entrada da quinta do sr. Manuel José Ferreira do Amaral.

A egreja parochial é no logar do Bom Successo. Foi construida ha pouco mais de vinte annos. O antigo templo ficava no logar das Ribas, ao pé d'um canal, ramificação da ria. Era egreja antiquissima. Já existia em 979.

Verdemilho

A aldeia de Verdemilho, outr'ora *Villa de Milho*, vem

incluida no foral que D. Manuel deu a Ilhavo em 8 de junho de 1514. É tradição que no tempo de D. José havia sementeiras de arroz nas praias de Verdemilho, mandadas arrasar pelo *rei Marquez de Pombal* (sic), como prejudiciaes á saude publica. Verdemilho foi pois uma das primeiras povoações de Portugal em que se cultivou o arroz, visto ter sido no tempo de D. José que se *conheceu e augmentou* no reino este genero de cultura. [1]

Nossa Senhora das Dores

Verdemilho tem de notavel um sanctuario da Virgem das Dores, onde estão representados em figuras de tamanho quasi natural os transes da paixão de Christo. É obra pouco perfeita, mas o templo é muito visitado pelos povos circumvisinhos e de longe. A capella e a grande quinta que lhe fica contigua são propriedade do sr. visconde d'Almeidinha.

Manuel Mendes Barbudo

Foi natural de Verdemilho Manuel Mendes Barbudo, magistrado, e poeta da eschola hespanhola. Nasceu em 1607. Foram seus paes Manuel Barbudo e Vasconcellos, e D. Joanna Manuel de Loureiro, ambos de nobre linhagem.

Mendes Barbudo, havendo-se formado em direito na Universidade de Coimbra, serviu os logares de juiz de fóra de Caminha, ouvidor de Valença e provedor de Lamego. Do seu peregrino talento são prova as suas poezias, em que teem primeiro logar os *Virginidos* ou *Vida da Virgem Senhora Nossa*, poema heroico de reconhecido merito. [2] Falleceu na terra que lhe serviu de berço aos 30 de março de 1670.

---

[1] *Memor. para a hist. da agric. em Port.*, tom. I das *Memor. da Acad.*

[2] Innocencio F. da Silva, *Dicc. bibl.* tom. VI, pag. 59. — J. M. da Costa e Silva, *Ens. bibl. e crit.* tom. VII.

Joaquim José de Queiroz

O conselheiro Joaquim José de Queiroz nasceu em Verdemilho a 9 de janeiro de 1774, e morreu na mesma aldeia a 16 de abril de 1850. Foi deputado ás côrtes em varias legislaturas, presidente da relação do Porto, e ministro da justiça de 18 de dezembro de 1847 a 21 de fevereiro de 1848. Tomou parte activa nas nossas discordias civís, sendo um dos mais estrenuos defensores da causa liberal. Foi elle quem levantou o grito de revolta, em prol da Carta Constitucional, na praça do Commercio de Aveiro, na manhã de 16 de maio de 1828, fazendo assim com que fosse a primeira cidade de Portugal onde rebentou o grito de guerra contra as pretenções de D. Miguel. [1]

Aveiro

Cidade importante, capital do districto, e cabeça do concelho, comarca e bispado do mesmo nome. Comprehende duas freguezias: Nossa Senhora da Gloria, com 3:215 habitantes; e Vera-Cruz, com 3:342. Está situada a 40° 38′ lat. N. e 0° 28′ long. O., a 7 kilometros da foz do Vouga, na margem da grande ria que se estende de Ovar a Mira, quasi a egual distancia dos rios Douro e Mondego. Dista 45 kilometros do Porto, 55 da Figueira, e 245 de Lisboa.

Aviarium

Aveiro é povoação antiquissima. Querem muitos que seja a antiga e formosa Talabriga dos celtas: adiante diremos a nossa opinião. Aveiro teve sua origem na povoação de Aviarium, fundada juncto á foz do Vouga no tempo de Marco Aurelio. Destruida pela invasão arabe, julga-se, e com bons fundamentos, ter sido reedificada pelos annos de

---

[1] S. da Luz Soriano, *Hist. do Cerco do Porto.*

990. No entanto não passou d'uma pobre e humilde aldeia, durante os reinados dos nossos primeiros monarchas. D. Diniz e seu filho D. Affonso IV, para a elevarem, concederam-lhe privilegios e franquias: mas foi baldado esforço. Para cumulo de desgraça, a misera aldeia — que d'isso não passava, apesar do seu titulo de villa — foi reduzida a cinzas pouco depois da morte de D. João I. Mas Aveiro em breve resurgiu mais bella ainda, com o seu cinto de muralhas, das ruinas em que a sepultára o incendio, e d'onde a arrancou o braço herculeo do immortal infante D. Pedro, 1.º duque de Coimbra. Data d'esta epocha o seu engrandecimento. Foi grande, quando Portugal o foi tambem; principiou a finar-se, quando as esperanças da nossa patria murcharam em flor nos plainos de Alcacer-Kibir. Compartilhou da gloria, e teve logar no sahimento. Tomou activa parte nas peregrinações d'além-mar. Entre outros de seus filhos, cuja memoria se perdeu, conta-se João Affonso, o experimentado piloto, a quem se deve a descoberta do reino e terras de Benim. Com D. Sebastião morreram tambem em Africa muitos nobres aveirenses, de quem a historia se não esqueceu de todo. Aveiro, que nos meados do seculo XVI contava mais de onze mil almas, ficou, dentro em pouco, reduzida a menos de metade. As desgraças da patria, e os effeitos do tempestuosissimo inverno de 1575, quasi que a reduziram á sua primitiva pobreza. Obstruida a barra, as salinas, um dos primeiros elementos da sua riqueza, em breve se tornaram infectos pantanos. A agricultura e o commercio seguiram as pisadas da população decrescente. Quiz o marquez de Pombal erguel-a da prostração, concedendo-lhe o fôro de cidade em 26 de julho de 1759, e alcançando-lhe o baculo de diocese em 12 de abril de 1775. Mas de nada valeu a vontade de ferro do primeiro ministro de D. José; que os malles de Aveiro, longe de diminuir, augmentaram. No principio d'este seculo era apenas um vasto cemiterio, cujos moimentos eram as ruinas dos edificios que desabavam. O clima tor-

nou-se insalubre, e as exhalações miasmaticas tornaram a mortalidade muito superior aos nascimentos. Os 2:500 fogos, que chegára a ter no seculo XVI, estiveram reduzidos a 900; e os seus 11:000 habitantes, a 4:000. Emprehendidos e levados a cabo os melhoramentos da barra, Aveiro revelou em breve rasgadas tendencias para voltar á sua antiga grandeza. E, se por emquanto não logrou alcançal-a, resta-nos ao menos a ideia de que para isso tem trabalhado bastante.

Donatarios

Aveiro, desde a fundação da monarchia até ao reinado de D. José, foi governada e possuida por alguns nobres e pessoas poderosas, como foram: D. Urraca Affonso (filha illegitima de D. Affonso Henriques), a infanta D. Sancha, o mosteiro de Cellas, a rainha D. Leonor Telles, João Rodrigues Pereira, o infante D. Pedro, D. Sancho de Noronha (conde de Odemira), a princeza D. Joanna, D. Jorge de Lancastre, e

Os duques de Aveiro

I. D. João de Lancastre. — Era filho de D. Jorge de Lancastre e de D. Beatriz de Vilhena. Nasceu em 1501, e morreu em 22 de agosto de 1571. D. João III fez-lhe mercê do titulo de duque de Aveiro em 1 de janeiro de 1547. Casou com D. Beatriz de Lara, filha do 3.º marquez de Villa Real, D. Pedro de Menezes. Em 1552 foi, como embaixador, á côrte de Castella para acompanhar a Portugal a princesa D. Joanna d'Austria.

II. D. Jorge de Lancastre. — Era filho do precedente, e succedeu-lhe no ducado. Casou com D. Magdalena Girão, filha do 4.º conde d'Urenha, D. João Telles Girão. D. Sebastião fêl-o duque de Aveiro em 30 de agosto de 1575. Morreu em Alcacer-Kibir.

III. D. Alvaro de Lancastre. — Era filho de D. João de Lancastre. Casou com sua sobrinha D. Juliana de Lancastre. Obteve de D. Filippe II, por carta de 10 de setembro

de 1598, o titulo de duque de Torres Novas para os primogenitos da Casa de Aveiro.

IV. D. Raymundo de Lancastre. — Era filho do 1.º duque de Torres Novas. Tomou posse da Casa de Aveiro como herdeiro de sua avó, D. Juliana de Lancastre, em 18 de setembro de 1637. Apesar das muitas provas de consideração que lhe deu a rainha D. Luiza de Gusmão, que o fez seu conselheiro e o encarregou do commando do exercito do Alemtejo, passou a França, e de lá á Hespanha, onde foi offerecer os seus serviços a Filippe IV. — Processado em Portugal, foi degolado em estatua em 14 de outubro de 1663. Morreu em Madrid, sem deixar successão, a 6 de outubro de 1666.

V. D. Pedro de Lancastre. — Era irmão do precedente, de quem ficou herdeiro, por sentença de 14 de março de 1668. Havendo seguido a vida ecclesiastica, foi bispo da Guarda, arcebispo de Sida e Braga, inquisidor-mór, presidente da Mesa do Desembargo do Paço, e conselheiro de estado. Falleceu em 1673.

VI. D. Maria de Guadalupe e Lancastre. — Era sobrinha do precedente, e duqueza d'Arcos em Hespanha. Obteve a Casa de Aveiro por sentença de 20 de outubro de 1679. Falleceu em Madrid a 9 de fevereiro de 1715.

VII. D. Gabriel Ponce de Leon e Lancastre. — Era filho de D. Maria de Guadalupe e Lancastre. Tomou posse da Casa de Aveiro em 22 de março de 1729, e obteve a confirmação do titulo de duque por carta regia de 2 de julho de 1732. Morreu sem successão, em Madrid, a 23 de junho de 1745.

VIII. D. José de Mascarenhas. — Era filho segundo de D. Martinho de Mascarenhas, conde de Sancta Cruz e depois marquez de Gouveia. Nasceu a 2 de outubro de 1708. Havendo-se retirado para Hespanha, por motivos ainda hoje pouco sabidos, renunciou a todos os direitos, titulos e casas de seus paes. Em 1739 casou com D. Leonor de Tavora, filha do conde d'Alvor, e irmã do marquez de

Tavora. Em 11 de agosto de 1752 entrou na posse da grande Casa de Aveiro, por accordão da relação de Lisboa, que confirmou a sentença dada em seu favor em 1749, e contra D. Antonio de Lancastre Ponce de Leon. Os laços de parentesco, que D. José de Mascarenhas tinha com os duques de Aveiro, provinham do 1.º marquez de Gouvêa, casado com D. Maria de Lancastre, filha do 3.º duque, D. Alvaro de Lancastre. O novo duque de Aveiro, não satisfeito ainda com a inesperada fortuna que o collocou no primeiro logar entre os nobres do reino, projectou casar seu filho, D. Martinho de Mascarenhas, com a filha primogenita dos duques de Cadaval, afim de reunir no seu herdeiro essas duas grandes casas, «e pretendeu ao mesmo tempo que lhe fossem dadas as importantes commendas, que, sem fazerem parte da Casa de Aveiro, tinham sido administradas pelos duques seus antecessores.

As difficuldades que encontrou para realizar o primeiro proposito, o indeferimento da segunda pretenção, e o odio que os nobres e grandes sentiam pelo marquez de Pombal, fizeram com que o orgulhoso fidalgo pensasse em attentar contra a vida do soberano, para assim quebrar e destruir a influencia e poder de Sebastião José de Carvalho.

Decidido a pôr em pratica o arrojado plano, buscou auxiliares em dois parentes do seu guarda-roupa e em outros homens da classe popular, e mais ou menos vagamente communicou o seu intento a algumas pessoas da nobreza. D'ahi veiu a conspiração, conhecida na nossa historia pelo nome de conspiração dos Tavoras.

Foi na noite de 3 de setembro de 1758 que se consumou o attentado. Deus ou o acaso, favorecendo o soberano, fizeram com que elle ficasse apenas levemente ferido. O marquez de Pombal, adoptando logo medidas que demonstram bem a firmeza e promptidão com que o illustre ministro se decidia nas occasiões criticas, preparou no maior segredo tudo para colher ás mãos os que julgava terem entrado no plano do regicidio. Dois mezes depois

d'aquella noite achava-se o duque de Aveiro na sua quinta de Azeitão, quando um aviso do seu secretario em Lisboa, de que na capital se estavam fazendo algumas prisões e que se havia finalmente descoberto o mysterio dos ferimentos de el-rei, o veiu sobresaltar. Sabendo ao mesmo tempo que um corpo de cavallaria passára por Aldeia Gallega, mais inquieto ficou; mas, perguntando qual o destino que levava, e sabendo que seguia pela estrada de Evora, tranquillisou-se, e continuou a jogar. Em quanto isto se passava, porém, a cavallaria retrocedera, e estava-lhe já cercando a casa. Invadiram-lhe repentinamente a sala, e o desembargador José Antonio de Oliveira Machado e o escrivão Luiz Antonio Leiras lhe intimaram ordem de prisão. Desembainhando o espadim, quiz ainda resistir; mas a final foi preso, com sua mulher e criados.

Instaurado o processo, foi a sentença proferida a 12 de janeiro de 1759. Por ella foi condemnado o duque de Aveiro a ser desnaturalisado e exautorado das honras e privilegios de portuguez, vassalo e criado do paço, degradado da commenda de S. Thiago, e exposto n'um cadafalso alto a quebrarem-lhe as canas das pernas e dos braços, e a ser rodado a picarem-se as armas da sua casa em toda a parte onde estivessem, e a demolirem-se e arrazarem-se as suas casas, salgando-se o terreno onde estavam edificadas, revertendo para a corôa os bens d'ellas de que o duque era administrador, e trancando-se na Torre do Tombo os titulos de doação da sua casa.

No dia immediato ao da publicação da sentença foram os réus executados no caes de Belem, e o povo de Lisboa assistiu então á mais lugubre tragedia politica de quantas colligiu a historia patria ou a lenda nacional. Quando o duque de Aveiro subiu ao cadafalso já n'elle estavam estendidos uns poucos de cadaveres; por isso o algôz, já fatigado, vibrou o golpe com menos força, tornando-se assim immensamente dolorosos e horriveis os ultimos momentos d'aquelle que com suas loucas ideias tantas victimas arrastou ao patibulo.

Se no meio das trevas, que ainda hoje encobrem esse projecto de regicidio, é licito duvidar da culpabilidade de alguns dos suppliciados, é tambem quasi indubitavel que ao duque de Aveiro coube o principal papel no attentado.

No tempo de D. Maria I, quando foi revista a sentença de 12 de janeiro, os novos juizes, apesar de declararem innocentes os membros da familia dos Tavoras, não isentaram da culpa o duque de Aveiro; e D. Martinho de Mascarenhas, que na mocidade via diante de si um brilhante futuro, falleceu a 29 de dezembro de 1805, sem ter conseguido ver levantada a nota de infamia lançada sobre a sua casa; e, tendo morrido sem deixar descendencia, assim ficou extincta uma das primeiras familias de Portugal.» [1]

O brasão da Casa de Aveiro (as quinas reaes com quebra de bastardia, tendo por timbre um pelicano) ainda se encontra em differentes sitios da cidade, apesar da sentença de 12 de janeiro de 1759.

Privilegios

Foram muitos os privilegios concedidos pelos nossos monarchas á cidade de Aveiro.

D. Duarte ordenou em 1430 que, durante a feira de março, franca por nove dias, se não podesse prender nenhum criminoso, logo que constasse que viera a ella para comprar ou vender (salvo se na feira commettesse novo delicto), nem citar qualquer por dividas.

O infante D. Pedro concedeu-lhe que nenhum nobre ou pessoa poderosa se podesse demorar n'ella mais de quatro dias sem o beneplacito dos seus moradores.

D. Manuel deu-lhe foral em 4 de agosto de 1515.

D. João III ordenou que se não tocasse aqui o sino da ronda, nem se prendessem de noite senão os delinquentes.

D. Filippe I, por provisão de 12 de maio de 1575,

---

[1] *Diccionario popular*, tom. II, pag. 407.

concedeu-lhe os mesmos privilegios que D. Manuel havia concedido a Coimbra em 1530.

D. João IV determinou que os juizes da relação do Porto não podessem entrar em Aveiro sem primeiro para isso serem devidamente auctorisados pelo rei.

Côrtes

Os procuradores (representantes) de Aveiro, quando eram convocados os *tres estados do reino,* tomavam assento no septimo banco, conjunctamente com os de Nisa, Torres Vedras e Castello-Branco.

A primeira vez que Aveiro apparece assentada em côrtes é nas que em Elvas convocou D. Pedro I em 1361.

Depois de estabelecido o novo systema parlamentar, teem sido representantes d'este circulo, entre outros, os srs. Manuel Baptista da Rocha, Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, José Estevão Coelho de Magalhães, José Antonio Pereira Bilhano (actualmente arcebispo de Evora), Francisco Antonio de Resende, Manuel José Mendes Leite, Manuel Firmino d'Almeida Maia, José Luciano de Castro, e José Dias Ferreira.

Associações

Associação Commercial. — Foi fundada em 16 de outubro de 1864, e tem estatutos approvados por decreto de 25 de novembro de 1858. Tem representado por differentes vezes ao governo sobre objectos de interesse commercial, e bem assim pelos melhoramentos do nosso porto. Em conformidade da lei de 9 de setembro de 1858 elege annualmente um vogal para a junta das obras da barra.

É presidente d'esta associação o sr. Agostinho D. Pinheiro e Silva, um dos cavalheiros mais bemquistos e illustrados do districto. Os outros membros da direcção são os srs. Sebastião de Carvalho e Lima, Antonio Pereira Junior, e Jeronymo Baptista Coelho.

Sociedade humanitaria. — Filial da *Real sociedade humanitaria* da cidade do Porto, fundou-a em 1853 o ex-go-

vernador civil, o sr. Anthero Albano da Silveira Pinto, sendo para isso auxiliado pelos srs. José Maria de Sousa Lobo, Manuel José Mendes Leite, Bento Xavier de Magalhães e Francisco Thomé Marques Gomes. Tinha regulamento approvado em sessão de 24 de abril de 1853, e o seu fim principal era o de «dar soccorro aos desgraçados; ou seja em naufragios, epidemias, inundações, e terremotos, ou em quaesquer outras calamidades.» Pouco depois de instituida, e tendo já 513 socios subscriptores e um fundo superior a 400$000 réis, dissolveu-se por motivos que ignoramos.

Caixa economica. — Fundou-se em 1858, por iniciativa do sr. Nicolau Anastacio de Bettencourt, então governador civil d'este districto. Tem estatutos approvados por decreto de 10 de maio d'aquelle anno.

«Cada pessoa não pode depositar n'esta caixa menos de 100 réis nem mais de 30$000 réis. Os depositos não podem elevar-se a mais de 400$000 réis. Os juros são capitalisados annualmente, e dez dias depois da sua entrada na caixa. Pela affluencia de capitaes e falta de emprego tem-se reduzido o maximo das entradas diarias até 2$500 réis. Com os capitaes mutuados negoceia sobre letras e penhores. Tem 10:862$000 réis em inscripções. Paga 5 % aos depositantes e recebe 7 dos mutuarios. As sobras, deduzidos os gastos do expediente, constituem o fundo de reserva.

Os estatutos auctorisavam tambem a applicação de parte das sobras a despesas de beneficencia, o que ainda não pôde realizar-se.

A direcção serve gratuitamente, e é eleita annualmente. É a mesma, com pequena alteração, desde a fundação.

Para garantia dos depositos, foi creada, quando a caixa se instituiu, uma sociedade com o fundo de 2:000$000 réis em acções de 10$000 réis.» [1]

---

[1] *A associação*, por Costa Goodolphim, pag. 84.

No anno de 1876 recebeu 507 depositos, e effectuou 1:147 emprestimos sobre penhores, e 162 sobre letras.

A direcção actual é composta dos srs. Sebastião de Carvalho e Lima, Francisco José Barbosa, e Agostinho D. Pinheiro e Silva.

Balanço estatistico da Caixa Economica de Aveiro no anno de 1876, fechado em 31 de dezembro

ACTIVO

Valor existente em letras a receber.....	80:663$085
Valor existente em inscripções.....	10:862$000
Immoveis e utensilios.....	1:107$405
Saldo em caixa.....	6:359$425
Réis.....	98:991$915

PASSIVO

Depositos a cargo da caixa.....	91:028$050
Juros a pagar.....	4:109$595
Juros de 1875.....	18$000
Perdas e ganhos.....	3:836$270
Réis.....	98:991$915

Presentemente anda em construcção, na rua de José Estevão, o edificio em que no futuro deve funccionar este estabelecimento.

Associação aveirense de soccorros mutuos das classes laboriosas. — Fundada por alguns artistas e auxiliada por illustrados cavalheiros d'esta cidade, constituiu-se definitivamente a 16 de maio de 1864, para o que havia sido auctorisada por alvará regio de 3 do mesmo mez e anno.

A associação presta soccorros aos associados nos casos afflictivos de enfermidade, e assegura auxilio ás suas familias quando a morte vem arrebatal-os. O numero dos socios eleva-se a quatrocentos, e os estatutos por que se rege foram approvados em sessão da assembleia geral de

27 de janeiro de 1869, e postos em vigor em 1 de setembro de 1870.

Club Aveirense. — Estabeleceu-se já ha annos, e ainda hoje está n'uma casa da rua de José Estevão, onde em 1846 esteve o governo civil. Tem estatutos approvados em sessão da assembleia geral de 14 de abril de 1870.

Assembleia Aveirense. — Inaugurou-se em outubro de 1875, e presentemente acha-se installada na praça da Fructa, no edificio onde esteve o *Hotel do Vouga.*

O bispado

O bispado de Aveiro está na provincia ecclesiastica braccarense. Confina, pelo norte, com o bispado do Porto; pelo nascente, com os bispados de Viseu e Lamego; pelo sul com o de Coimbra; e pelo occidente, com o oceano atlantico. O seu territorio pertence ao districto administrativo do mesmo nome, á excepção da freguezia de Mira, que pertence ao de Coimbra. O seu comprimento é de 66,650 kilometros; a sua maior largura é de 33,325. Consta de 7 arciprestados, divididos em 73 parochias, pelo modo seguinte:

I. *Albergaria a Velha.* — Albergaria a Velha, Branca, Canellas, Macinhata de Seixa, Ossella, Palmaz, Pinheiro da Bemposta, Ribeira de Fragoas, S. Martinho de Salreu, Travanca e Valle Maior.

II. *Recardães.* — Agadão, Aguada de Baixo, Aguada de Cima, Agueda, Arcos, Avellãs de Caminho, Avellãs de Cima, Barrô, Bellazaima, Castanheira do Vouga, Macieira de Alcoba, Moita, Prestimo, Recardães, e Talhadas.

III. *Villarinho do Bairro.* — Ancas, Fermentellos, Oiã, Ois do Bairro, Oliveira do Bairro, Sangalhos, S. Lourenço do Bairro, e Villarinho do Bairro.

IV. *Sousa.* — Covão do Lobo, Mamarosa, Mira, Nariz, Troviscal, Sousa, Vagos, e Villa Nova da Palhaça.

V. *Segadães.* — Alquerubim, Angeja, Espinhel, Fermelã, Fróssos, Lamas, Macinhata do Vouga, Ois da Ribeira, Segadães, Travassô, Trofa, S. João de Loure, e Vallongo.

VI. *Codal.* — Carregosa, Castellões, Capellos, Codal, Macieira de Cambra, Roge, Villa Chã, e Villa Cova do Perrinho.

VII. *Aveiro (sé).* — Aveiro (Nossa Senhora da Gloria), Aveiro (Vera-Cruz), Cacia, Eirol, Eixo, Esgueira, Ilhavo, Oliveirinha, S. Pedro das Aradas, e Requeixo.

O bispado de Aveiro [1] foi creado por Clemente XIV em 12 de abril de 1774 (6.º anno do seu pontificado), pela bulla *Militantibus ecclesiae gubernacula.* Deveria comprehender então toda a comarca de Esgueira. O cardeal Conti, a quem fôra expedida essa bulla, delegou em 20 de maio do mesmo anno os seus poderes no arcebispo de Lacedemonia e vigario geral do patriarchado, D. Antonio Bonifacio Coelho.

Por carta de aviso do marquez de Pombal de 10 de março de 1775 foi o mesmo arcebispo auctorisado a celebrar o acto da sua posse na egreja da misericordia, que ficou servindo de cathedral.

Nem D. José nem nenhum dos seus successores chegaram nunca a nomear cabido, dignidades, ou capellães para a sé de Aveiro. O cabido da sé de Coimbra, de cujo bispado era Aveiro uma desmembração, ficou percebendo sempre os dizimos, fóros e pensões, que deviam constituir o rendimento da nova mitra. Suppriam o cabido os beneficiados da collegiada da misericordia, e os parochos das quatro freguezias da cidade.

Primeiro bispo. — D. Antonio Freire Gameiro de Sousa parece ter sido natural de Lisboa, e de familia distincta. Foi lente de leis na Universidade de Coimbra. A sua nomeação para bispo de Aveiro coincidiu com a creação da nova diocese. Foi sagrado em Lisboa, a 25 de setembro de 1774 pelo arcebispo de Evora, D. João da Cunha;

---

[1] N'esta parte iremos seguindo uns eruditos artigos, publicados no *Districto de Aveiro* pelo nosso amigo Rangel de Quadros, illustrado e incansavel esmerilhador das antiguidades aveirenses.

foram assistentes D. João Marcellino dos Sanctos Homem Apparicio, bispo de Angra, e D. Antonio Joaquim Torrão, bispo de Lauguonta, suffraganeo de Evora.

Por provisão de 30 de março de 1775 encarregou o arcebispo de Lacedemonia de tomar posse da diocese de Aveiro, o que se verificou a 4 de abril do mesmo anno. Em 1 de abril encarregára o vigario geral, dr. Gabriél da Costa Neves, de em seu nome transferir da camara ecclesiastica de Coimbra para a de Aveiro todos os documentos relativos ao novo bispado. A 24 de abril tomou posse solemne, assistindo os parochos da cidade, os priores dos tres conventos, o senado, os mesarios da misericordia, clero, nobreza e grande concurso de povo. Em 15 de maio foram-lhe remettidos todos os papeis e documentos por D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, vigario geral e futuro successor do bispo de Coimbra.

Em 1777 foi nomeado vigario geral o dr. José de Abrantes Ferreira. Em 13 de março de 1778 ordenou, em nome do bispo, que os parochos se regulassem pelas constituições do bispado de Coimbra, e pelas instrucções que fossem recebendo. Prometteu D. Antonio reunir um synodo para fazer constituições especiaes, mas nem elle nem os seus successores realisaram nunca essa promessa. Em 1 de julho de 1778 fez a sua entrada solemne na cidade. A sua residencia ficou sendo o antigo palacio dos Tavares Tavoras, na rua dos Tavares; mas em quanto se não concluiram as obras de que este edificio carecia, habitou em Angeja.

Fundou na Vista Alegre um seminario, onde se professavam as principaes materias do curso ecclesiastico. Em 27 de maio de 1796 alcançou um breve de Pio VI, que tornava privilegiado o altar da capella do paço episcopal. Promoveu por todo o bispado conferencias theologicas, e fez uma visita geral á diocese.

Em 1795 foi nomeado vigario geral João Marcos da Costa Pereira.

D. Antonio Gameiro falleceu no paço episcopal de Aveiro

em 1800. Jaz na egreja da misericordia, juncto ao altar mór, do lado do Evangelho.

As suas armas eram: Um escudo ordinario, partido em pala; a metade da esquerda é esquartelada, tendo em campo branco um leão rompente e as quinas portuguezas; a outra metade tem em campo verde uma banda vermelha, acoticada de ouro, com duas cabeças de serpe douradas. Tinha em volta *Ave Maria*, e uma estrella no fim. Rematavam o brazão a corôa de conde e as insignias episcopaes.

Segundo bispo. — D. Antonio José Cordeiro nasceu em Coimbra a 14 de maio de 1750. Foi lente de canones na Universidade. Foi eleito bispo de Aveiro em 25 de novembro de 1800. Em 20 de agosto de 1801 assignou Pio VII o breve da sua confirmação. Em 19 de outubro mandou de Lamego procuração ao vigario geral, dr. Ricardo José Fernandes Thomaz, para tomar posse da diocese, o que este fez a 23 do mesmo mez e anno.

Extincto, por morte do primeiro bispo, o seminario que este fundára, D. Antonio José Cordeiro fundou outro em Requeixo a 7 de julho de 1804. Escolheu doze alumnos, nomeou superior Francisco Rodrigues Pereira, vice superior e professor de grammatica latina João da Silva Pires Villa-Fria, e substituto e prefeito Antonio Francisco Borges. De maio a julho de 1802 visitou a diocese, privilegiando um altar em cada egreja parochial. Em 12 de maio do mesmo anno privilegiou o altar do Senhor *Ecce Homo* (hoje de S. Caetano) da egreja da misericordia. Durante as calamidades que affligiam o bispado por esta epocha, o bispo acudiu sempre aos povos com os soccorros da sua caridade evangelica. De 1806 a 1810 gastou 2:075$680 réis só em remedios para os pobres. Continuou e concluiu as obras do paço episcopal, reformando a fachada da rua dos Tavares. Em 1808 transferiu para o segundo andar do paço as aulas do seminario.

Escreveu algumas obras sobre theologia, mathematica

e medicina, que ficaram ineditas, e foram depois devoradas pelas chammas que consumiram o paço.

Falleceu em 17 de julho de 1813, victima d'um ataque apopletico. Jaz na misericordia, juncto ao altar-mór, do lado da Epistola.

As suas armas eram: Um escudo ordinario em pala; do lado direito, em campo verde, cinco cordeiros de prata, andantes; do lado esquerdo, em campo branco, a cruz da Ordem de Christo, de que era grão-cruz. Rematavam o brasão uma corôa de conde e as insignias de bispo.

Terceiro bispo. — D. Manuel Pacheco de Resende nasceu em Coimbra em 1747. Doutorou-se em theologia a 9 de julho de 1771. Em setembro de 1772 foi nomeado secretario da congregação da sua faculdade, logar que elle mesmo creára, quando collegial theologo no real collegio das Ordens militares. Foi nomeado no mesmo anno lente substituto extraordinario. A 5 de janeiro de 1784 subiu a lente substituto ordinario. Em fevereiro de 1786 foi nomeado mestre-escola da sé de Leiria. Em 1794 tomou posse do logar de lente cathedratico da 2.ª cadeira subsidiaria de theologia, para que fôra despachado no anno anterior. Em 8 de maio de 1799 foi nomeado conego magistral da sé de Lamego. Por carta regia de 9 de agosto de 1804 passou a exercer logar identico na sé de Braga, e no anno seguinte na de Evora. Foi promovido a lente de vespera a 22 de fevereiro de 1806. Foi por diversas vezes vice-reitor da Universidade. Jubilou-se como lente de prima em 24 de maio de 1813. Foi eleito bispo de Aveiro em 17 de dezembro do mesmo anno. Obteve a confirmação de Pio VII em 4 de setembro de 1815. A sua sagração teve logar em 19 de novembro do mesmo anno. Por provisão de 22 d'esse mez encarregou o dr. Manuel Rodrigues Tavares de Araujo Taborda, vigario pro-capitular, de tomar conta do governo da diocese, o que este fez em 28 do mesmo mez e anno.

Chegou a Aveiro em principios de maio de 1816. No

anno seguinte fez uma visita geral á diocese. Fez as mais sensatas reformas na disciplina ecclesiastica. Obteve, em 20 de dezembro de 1828, licença para executar duas bullas de Pio VII, de 29 de abril de 1820, que lançavam uma pensão de 300$000 réis á parochia de Alquerubim, e outra egual á de Palmaz, para a sustentação e augmento do seminario. Em 21 de março de 1825 pediu ao governo para destinar a egreja e a casa do extincto recolhimento de S. Bernardino para sé e seminario. Requereu ao mesmo tempo, para ajuda da sustentação do seminario, as rendas do antigo recolhimento, que então orçavam por 400$000 réis. Em 1830 transferiu da misericordia para a egreja de S. Bernardino a cadeira episcopal, depois de algumas obras de embellezamento indispensaveis. O seminario não foi transferido, porque os reparos que era preciso fazer eram superiores ás forças da mitra.

Continuou as obras do paço, mandando fazer a fachada da rua da Alfandega. Desde 1834 até quasi á sua morte, governou toda a provincia bracharense: as vicissitudes politicas haviam tornado vagas todas as sés. Obteve do primaz que os parochos da cidade usassem de murça, e supprissem o cabido nas festividades a que o bispo assistisse. Falleceu em 27 de março de 1837. A sua morte foi chorada por todos. Está sepultado na sé, debaixo do altar de Nossa Senhora das Dôres, que privilegiára *in perpetuum* em 3 de abril de 1832.

As suas armas eram: — Um escudo oval; em campo de ouro, duas caldeiras pretas em pala. Rematavam-n'as a corôa de conde e as insignias episcopaes.

Por morte de D. Manuel Pacheco de Rezende foi nomeado vigario capitular do bispado Gonçalo Antonio Tavares de Sousa, bacharel formado em direito, e natural da Murtoza.

Em 1841 foi nomeado bispo de Aveiro D. Antonio de Sancto Elidio da Fonseca e Silva, natural do Porto, e lente de mathematica na Universidade de Coimbra. Apenas despa-

chado, tomou logo posse da diocese, sem estar confirmado nem sagrado. Foi isto o que originou quasi um scisma, que só findou em 1843 pela nomeação de Sancto Elidio para vigario capitular. Falleceu no Porto em maio de 1846.

Em 15 de março de 1845 foi nomeado vigario geral do bispado de Aveiro Manuel Rodrigues Tavares de Araujo Taborda, natural de Aveiro, bacharel em theologia, antigo parocho de Nossa Senhora da Apresentação, e então prior da Vera Cruz. O seu genio extremamente bondoso, a sua edade e as suas doenças, fizeram augmentar a começada decadencia do bispado. A instrucção ecclesiastica foi totalmente descurada. No seminario havia apenas um professor de theologia moral. Os unicos preparatorios exigidos eram a grammatica latina e a philosophia. Os cursos eram de 3, 2 ou só de 1 anno, segundo a concessão do prelado. A sé quasi que estava fechada. A disciplina ecclesiastica, de todo esquecida. O estado geral da diocese era desgraçado. Em 1846 foram transferidas as repartições publicas do districto para o paço episcopal. Em 1847 vendeu o governo a cerca e o edificio junctos á sé.

Em 10 de janeiro de 1852 subdelegou os seus poderes para o bispado de Aveiro no vigario geral, o arcebispo de Palmyra, D. José Maria da Silva Torres, commissario apostolico da bulla da Cruzada. O mesmo fez, em 7 de dezembro de 1854, D. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola. Apesar de repetidas instancias, o governo negou-se sempre a nomear bispo para Aveiro. D. Maria II, visitando Aveiro em 23 de maio de 1852, prometteu fazel-o. Em 1855 representou n'esse sentido ao governo a camara municipal. Foi esta representação assignada pelos povos de todas as freguezias do bispado, e largamente advogada pelo *Campeão do Vouga*. Baldados foram todos os esforços. O governo recusou-se sempre a fazel-o, influenciado talvez pelo bispo de Coimbra, e por Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, official maior graduado da secretaria das justiças, deputado ás

côrtes por Abrantes, e deputado da junta da bulla da Cruzada.

Em 13 de março de 1857 foi nomeado vigario geral de Aveiro Joaquim José Coelho de Sequeira, bacharel formado em direito canonico, ex-vigario geral do bispado de Vizeu, e capellão do real mosteiro de Jesus de Aveiro. Foram importantes as reformas que levou a cabo. Fixou em 3 annos o curso do seminario, creando mais as aulas de cantochão, exercicios e liturgia. Dividiu o bispado em arciprestados, pela forma que quasi ainda se conserva. Ordenou que houvesse aos domingos, na sé, missa cantada, com assistencia dos seminaristas. Restabeleceu a festa de Endoenças, que se não celebrava desde a morte de Sancto Elidio. Mandou fazer algumas obras na sé, principalmente na casa da fabrica, destinada á arrecadação dos paramentos.

Em 10 de março de 1860 foi nomeado vigario geral de Aveiro José Antonio Pereira Bilhano, bacharel formado em direito. Fôra professor de direito canonico, historia sagrada e ecclesiastica, e theologia pastoral, juiz dos casamentos, promotor e provisor do bispado, e mesmo vigario geral no tempo do terceiro bispo. Em 1842 nomeou-o a curia vigario geral, com poderes para delegar em ecclesiastico da sua escolha a sua auctoridade, por ser considerada nulla a posse de Sancto Elidio. De 1842 a 1851 foi parocho da freguezia da Oliveirinha. Foi depois despachado por concurso para a de Ilhavo, onde nascera a 22 de março de 1801. De 1853 a 1856 foi deputado ás côrtes. Hoje é arcebispo de Evora.

Creou no seminario a cadeira de historia sagrada e ecclesiastica e accrescentou mais 1 anno ao seu curso. Fez obras na sé, e para lá transferiu o resto da livraria do paço episcopal.

Em 18 de março de 1868 foi nomeado vigario geral de Aveiro José Joaquim de Carvalho e Goes, clerigo secular, natural da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, e

conego honorario da sé cathedral do Porto. Era professor do seminario episcopal, commendador das Ordens de Christo e da Conceição, prégador regio, e examinador synodal. Collaborou em alguns jornaes religiosos, como o *Christianismo*, do Porto, e a *Aurora*, de Aveiro. Reduziu novamente a 3 annos o curso ecclesiastico, e creou mais a cadeira de exegetica sagrada. Em 24 de outubro de 1868 publicou um regulamento para o seminario. Restabeleceu na sé os meninos do côro, que estavam existinctos desde a morte do terceiro bispo, e que o foram novamente em 1871. Obteve que os clerigos empregados na sé usassem de murça. Fez importantes obras na sé, que projectava alargar. Projectava tambem crear um seminario de alumnos internos, e outras reformas.

Em 1869 fez uma visita pastoral á diocese. Foi durante ella que adoeceu em Carregosa, vindo a fallecer em 15 de outubro de 1869. Teve exequias solemnes na sé, e por todos foi chorada a sua morte. Jaz no cemiterio de Aveiro, com uma simples cruz por moimento.

Como prégador regio usou d'estas armas: Um escudo partido em pala; do lado direito, as armas dos Carvalhos; do lado esquerdo, um M. entrelaçado em um A. Rematavam o brasão as insignias competentes e o chapéu.

Por provisão do arcebispo de Braga ficou governando o bispado de Aveiro João José Marques da Silva Valente, prior da Véra Cruz, professor do seminario desde 1852, examinador synodal, e egresso da ordem de S. Francisco, onde fôra passante.

Em 30 de dezembro de 1869 tomou posse do logar de vigario geral de Aveiro, para que fôra nomeado em 26 de outubro do mesmo anno, o dr. Manuel Augusto de Sousa Pires de Lima, doutor em theologia, socio do Instituto de Coimbra, conego e mestre eschola da sé de Evora, e deputado ás côrtes pela Feira.

Em 22 de agosto de 1870 foi nomeado para vigario geral o dr. Damasio Jacintho Fragozo, lente de theologia

na Universidade, e professor do seminario de Coimbra. Publicou em 20 de dezembro de 1870 um regulamento para a sé, em cuja sacristia mandou fazer algumas obras.

Em 19 de junho de 1871 foi novamente nomeado vigario geral de Aveiro, logar que ainda hoje exerce, o dr. Manuel Augusto de Sousa Pires de Lima, um dos ecclesiasticos mais dignos e dos politicos mais distinctos do nosso paiz.

Antigas pescarias

É antiquissima entre nós a industria da pesca. Os aveirenses tornaram-se bastante notaveis n'ella; porque, além de figurarem, nos reinados de D. Fernando e D. João I, como pescadores arrojados, foram os primeiros que pescaram o bacalhau na Terra Nova,[1] descoberta, no tempo de D. Affonso V, por João Vaz Côrte Real. Em 1504, aportando áquella ilha alguns bretões e normandos, encontraram alli colonias de pescadores de Aveiro e de Vianna do Minho. Diz-se que o chefe das primeiras colonias fôra Francisco de Sousa, natural de Vianna.

A dizima das pescarias da Terra Nova, mandada cobrar por um alvará de D. Manuel, de 14 de outubro de 1506, chegou a render em Aveiro 4:000$000 réis.[2]

Brasão

As armas de Aveiro são: Um escudo em pala; no centro, uma aguia parda, entre duas estrellas de prata postas em aspa; do lado esquerdo, uma esphera; do direito, as armas dos duques de Aveiro — as quinas reaes com quebra de bastardia.

Imprensa

Teem-se publicado aqui differentes jornaes, como foram: a *Aurora*, o *Aveirense*, a *Imprensa*, o *Imparcial*, e o *Bul-*

---

[1] P.e Carvalho e Castro, *Chorog. Portug.*, tom. II, pag. 117.
[2] J. J. Rodrigues de Freitas, *Nota sur le Port.*, Pariz, 1867.

letim da Torreira. Actualmente ha o *Campeão das Provincias* e o *Districto de Aveiro.*

Campeão das Provincias.— Principiou a publicar-se no dia 14 de fevereiro de 1852. Fundou-o o sr. Manuel Firmino de Almeida Maia. Intitulou-se, durante os primeiros annos da sua existencia,— *Campeão do Vouga.* Desde 4 de outubro de 1872 tem uma edição especial, destinada ao Brazil, e ás nossas possessões d'Africa. É um dos jornaes mais antigos e sensatos do paiz; milita nas fileiras do partido progressista, e tem por principaes redactores os srs. Manuel Firmino de Almeida Maia e José Eduardo de Almeida Vilhena.

Districto de Aveiro.— Foi fundado pelo gigante da nossa tribuna parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães. O seu primeiro numero sahiu em 2 de julho de 1862. Suspendeu a sua publicação, por motivos que ignorâmos, em 1869. Reappareceu em 8 de janeiro de 1872. O reapparecimento d'este jornal deve-se aos esforços do sr. Antonio Augusto de Sousa Maia, cavalheiro illustrado e laborioso, que tem sabido grangear as sympathias de quantos o conhecem.

Foi no *Districto de Aveiro* que encetámos a nossa obscura vida litteraria: eis uma das razões que nos levaram a dedicar esta obra ao seu proprietario e director. A dedicatoria era uma divida de amizade e gratidão, que nos era mister saldar com o amigo que nos acolheu e encorajou a soltarmos ao vento da publicidade o nosso primeiro escripto.

O *Districto de Aveiro* tem por principaes redactores, além do seu proprietario, os srs. Agostinho D. Pinheiro e Silva e Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Edificios

Lyceu.— É talvez o melhor de Portugal. Deve-se á iniciativa de José Estevão, assim como a maioria dos modernos melhoramentos de Aveiro. Os trabalhos de construcção

principiaram em 22 de agosto de 1855, e concluiram-se a 24 de janeiro de 1860. Dispenderam-se 28:102$448 réis. A inauguração teve logar em 15 de fevereiro de 1860.

No dia 21 de outubro de 1866 foi inaugurado, na sala da sua bibliotheca, o retrato do grande tribuno. Partiu a iniciativa dos estudantes. A tela foi pintada pelo sr. José Maria Salles, de Lisboa.

No primeiro pavimento do edificio estão alojadas as repartições do governo civil e da fazenda, desde o dia 20 de julho de 1864.

Paço episcopal.— Pouco já resta d'este grande edificio, e isso mesmo é hoje propriedade particular. Mandou-o construir a familia Tavares no reinado de D. Manuel. Foi redificado por D. Antonio José Cordeiro e D. Manuel Pacheco de Rezende, segundo e terceiro bispo d'esta diocese.

Era de proporções vastas. Ultimamente estavam alojadas n'elle as repartições publicas. Na madrugada de 20 de julho de 1864 um pavoroso incendio o reduziu a cinzas. Concedido á camara municipal, esta o mandou demolir quasi todo, para no seu local edificar a eschola do conde de Ferreira, que não chegou a concluir-se. A obra construida e o resto do edificio do paço, foram vendidos em hasta publica, no dia 8 de outubro de 1876, ao sr. José Maria de Oliveira Vinagre, por 1:901$000 réis.

Seminario.— Consiste apenas em duas ou tres salas, e estas bem acanhadas, do antigo recolhimento de S. Bernardino.

Hospital.— Está em proporção com o movimento de doentes da cidade, e possue os requisitos recommendados pela sciencia em edificios d'esta ordem. Foi mandado edificar em 1853 por uma commissão, nomeada, em 13 de agosto de 1852, pelo governador civil do districto, Antonio Xavier de Barros Côrte-Real, para administrar a Sancta Casa da Misericordia. Esta commissão compunha-se dos srs. Francisco Thomé Marques Gomes, Serafim Antonio

de Castro, João de Mello e Freitas, e Antonio Pereira da Cunha. A inauguração teve logar pelas 10 horas da manhã do dia 3 de julho de 1855.

Paços do concelho.— É edificio bastante regular. Foi edificado na ultima década do seculo passado. A mobilia é de pau sancto, com estofo de veludo carmezim. A bandeira, que a camara leva quando sáe encorporada, é uma das melhores de Portugal. No archivo ha documentos antigos de importancia, mas quasi todos deteriorados e confusos. O tribunal judicial e a cadeia occupam parte do edificio.

Quartel militar.— Acha-se estabelecido no extincto convento de Sancto Antonio, e não offerece nada digno de menção.

Theatro.— Nada o torna notavel. É devido á iniciativa louvavel de alguns artistas aveirenses. Está situado na rua do Rato, e são acanhadas as suas proporções.

Albergaria de S. Braz

Já nada resta d'este hospicio. No local que occupava levanta-se hoje o lyceu. Fundou-a Fernando Vaz de Agonide, contador-mór de D. Duarte e de D. Affonso v. Andou sempre annexa á casa de Villa Pouca.

Asylo de José Estevão

É destinado á infancia desvalida do districto. Deve-se á iniciativa de José Estevão, que em 1857 obteve do governo um subsidio de 1:263$400 réis, e fez nomear uma commissão installadora, de que foi presidente o pae do auctor d'este livro. Vencidas innumeras difficuldades, conseguiu estabelecer-se no edificio onde, desde 1685 até 1854, se alojou o hospital da Sancta Casa da Misericordia, e em 1855 se estabeleceu o de cholericos. Pensou-se primeiro em installar o asylo em parte do antigo convento de Sancto Antonio, para o que se chegou a obter concessão do governo em outubro de 1861. Havendo a commissão in-

staladora grangeado um fundo 7:000$000 réis nominaes, e reunido 12 asyladas, pertencentes aos diversos concelhos do districto, procedeu á inauguração do asylo, que foi aberto em 6 de agosto de 1870 pelo governador civil, o sr. Fernando Affonso Giraldes Caldeira.

Capellas

Capella do Senhor das Barrocas.— É de boa architectura. Principiou a construir-se em 1707. São de merecimento os emblemas do portico e a talha dos altares. N'uma lamina de bronze, collocada sobre a porta principal em fórma de fita, está escripto um versiculo latino, cuja versão é esta: *A minha casa é a casa da oração; batei, e ella abrir-se-vos-ha.*

O zimborio é tambem notavel pela sua fórma e elevação. Da facha horisontal, que lhe corre em volta da raiz, por sobre a cornija, gosa-se um panorama esplendido. Prende-se á fundação d'esta capella uma antiga e curiosissima lenda popular, posta em verso pelo sr. Silva Mattos.[1]

Capella de Nossa Senhora da Alegria.— É talvez o templo mais antigo da cidade. Ignora-se a epocha da sua fundação.[2] Pertenceu aos pescadores, que tinham aqui uma rendosa confraria, e um hospital na rua de Villa Nova.

Capella de S. João. — Está situada no campo do Rocio, onde tem logar a antiquissima feira annual denominada de Março. Foi construida em 1607. Nada tem de notavel.

Capella de S. Gonçalo. — É bastante antiga, e foi restaurada em 1714. Juncto d'ella, e n'umas propriedades de Gil Homem da Costa, principiaram os carmelitas descalços, em 1613, o seu convento. Por causa da insalubridade do sitio transferiram-no depois para a rua de S. Paulo.

Capella de Nossa Senhora da Madre de Deus.— É na

---

[1] *Districto de Aveiro*, n.º 88, de 6 de maio de 1862.

[2] Fr. Agostinho de Sancta Maria, *Sanctuario Mariannó.*

rua do Seixal, e tem a fórma polygona. Pertenceu á casa de Tavarede. Hoje é propriedade do sr. M. J. Mendes Leite.

Capella de Nossa Senhora da Ajuda.— Era antigamente da invocação de S. Gregorio. Fica perto do Passeio Publico, no local que toma o seu nome.

Capella de S. Roque.— Está situada no bairro piscatorio, sobre uma pequena collina ao fim da rua do mesmo nome.

Capella de S. Bartholomeu.— Está defronte da rua do mesmo nome. Contém o tumulo do 1.º visconde da Granja, a cuja familia inda hoje pertence.

Capella da Ordem Terceira de S. Francisco.— Lançou-lhe a primeira pedra em 16 de janeiro de 1677 o bispo de Coimbra D. Alvaro de S. Boaventura. Nada tem de notavel.

A Ordem Terceira de S. Francisco estabeleceu-se em Aveiro na capella do Corpo Sancto, em 1670, sendo seu primeiro commissario fr. Luiz de S. Francisco.

Conventos

Convento de Sá.— Foi fundado em agosto de 1644 por tres irmãs — Garcia Gorôa, Anna da Conceição, e Branca da Assumpção — da familia dos Gelhas e Falcões, de Pinhel, e religiosas professas no convento do Loreto, da praça de Almeida. O terreno e a cerca foram doados ás fundadoras por D. Maria Ferreira, viuva de Manuel Barreto Sarnich. O convento é de franciscanas. A sua abbadessa actual é D. Innocencia Ludovina do Céu. A egreja foi construida em 1671.

Convento de S. João Evangelista.— Pertence á ordem das carmelitas. Occupa o antigo palacio dos duques de Aveiro, e foi fundado em 1668 por D. Raymundo de Lancastre, em cumprimento das disposições testamentarias de sua tia, D. Beatriz de Lara. A entrada solemne das primeiras religiosas teve logar pelas 2 horas da tarde de 16

de junho de 1668. Foi o prior do convento do Carmo, fr. Antonio do Espirito Sancto, quem fez a entrega das chaves á prelada, madre Anna de S. José. A capella do palacio serviu de egreja do convento até 1707, em que se construiu a actual.

Egrejas

Egreja de Sancto Antonio.— Era a egreja do extincto convento de Sancto Antonio, edificado em 1524 pelos aveirenses em cumprimento d'um voto, e reedificado em 1658. O claustro, que ainda se conserva tal como era no tempo dos frades, foi construido em 1753. A egreja tem a mesma antiguidade, e é hoje pertença da Ordem Terceirá. O padroado da capella-mór deram-no os frades a Jorge Moniz, senhor de Angeja, em 30 de dezembro de 1574. A sacristia, que é a melhor da cidade, foi construida em 1713, a expensas do bispo de Coimbra, D. Antonio de Castello-Melhor.

O convento serve de quartel militar.

Egreja de Nossa Senhora do Carmo.— Pertencia ao convento dos carmelitas descalços. A primeira pedra foi lançada nos alicerces pelo prior, fr. Miguel da Madre de Deus, em 15 de outubro de 1628. A obra concluiu-se em 1643, celebrando-se já alli missa no dia 24 de abril d'esse anno[1]. Na capella-mór está o tumulo da padroeira da mesma capella, D. Beatriz de Lara, primogenita do terceiro marquez e primeiro duque de Villa Real, D. Manuel de Menezes. Na sacristia, mandada construir em 1649 por fr. Luiz de Jesus, ha duas miniaturas notaveis: — uma é o retrato de Jesus Christo, offerecido por Innocencio VIII a D. Beatriz de Lara, e por esta ao convento; a outra representa Jesus Christo orando no horto de Gethzémani.

Do convento, que era um edificio vasto mas irregular, nada resta hoje; no local, que outr'ora occupava, construiu

---

[1] *Chronica dos Carmelitas*, tom. II, pag. 418 e seg.

o sr. Sebastião de Carvalho e Lima um elegante palacete, em 1858.

As obras do convento principiaram em 1615, sendo prior fr. Domingos de Sancto Angelo, e concluiram-se em 15 de março de 1620. Contribuiu para ellas com avultadas sommas D. Beatriz de Lara, o que fez dizer ao padre Carvalho e Costa que ella havia sido a fundadora. D'este mesmo convento saíram, em 29 de junho de 1628, fr. Thomaz de S. Cyrillo e Alberto da Virgem, para irem fundar o convento do Bussaco.

Egreja da Vera-Cruz. — É templo vasto e antigo, mas de architectura muito irregular. A capella do Sanctissimo, edificada em 1583, e que pertenceu á antiga e nobre casa dos srs. Couceiros da Costa, torna-se digna de exame. Esta egreja serviu de freguezia desde 1512 até 26 de dezembro de 1876, em que, por ameaçar ruina, se transferiu o Sanctissimo para a de Nossa Senhora da Apresentação, que presentemente serve de parochial.

Egreja de Nossa Senhora da Apresentação. — Serve actualmente, como acabamos de vêr, de egreja parochial da freguezia da Vera-Cruz. Foi edificada em 1606 sobre as ruinas d'uma capella denominada de S. Gonçalo, que o bispo conde, D. João Soares, havia erigido em freguezia em 1512, sob a invocação de Nossa Senhora da Apresentação. Por alvará do governador civil, Lopes Lima, extinguiu-se essa freguezia em 13 de outubro de 1835. A irmandade de Nossa Senhora da Apresentação, erecta n'este templo, fundou-se em 2 de fevereiro de 1726, e rege-se por estatutos approvados em 7 de novembro de 1872.

Egreja de S. Miguel. — Já nada existe d'ella: foi arrasada até aos alicerces, em outubro de 1835, por ordem do governador civil, José Joaquim Lopes Lima. O local que occupava é hoje o largo Municipal. Era um monumento de architectura, tão antigo como a monarchia, ou mais talvez do que ella. Tinha sido restaurada pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra.

Era matriz, e séde da parochia de S. Miguel. Em 1512 o bispo de Coimbra, D. João Soares, subdividiu esta freguezia, creando as da Vera-Cruz, Nossa Senhora da Apresentação, e Espirito Sancto. Em 11 de outubro de 1835 foram substituidas as freguezias de S. Miguel e Espirito Sancto pela de Nossa Senhora da Gloria, e a de Nossa Senhora da Apresentação annexada á da Vera-Cruz.

Egreja da Misericordia. — É de certo o melhor e mais solido templo de Aveiro. A sua construcção principiou em 1599, e concluiu-se em 1608. O risco foi dado, segundo a tradição, por um architecto italiano, e posto em execução pelo canteiro Manuel d'Azenha, de Ançã. Em 1867 foi reparada a frontaria. Em 1872 fizeram-se importantes reparos no interior do templo. Serviu de sé desde 1775 até 1826. Juncto á egreja está o hospital e a sala do despacho, onde se acha o archivo da Sancta Casa, que possue documentos muito importantes, e foi coordenado em março de 1800 pelo escrivão da mesa, Miguel Joaquim Pereira da Silva. N'esta mesma sala venéra-se o Senhor *Ecce Homo*, imagem veneranda, thesouro artistico de subido valor, que Aveiro com justa razão se ufana de possuir. Nada indica a sua procedencia: é tradição geral que veiu de Inglaterra, quando o protestantismo alli foi proclamado religião do estado.

A Misericordia teve principio no reinado de D. Manuel, na capella de Sancto Ildefonso, juncto á egreja de S. Miguel. Ahi se conservou até 1608, em que se transferiu para o seu novo templo. D. Manuel deu-lhe *compromisso* especial em 11 de dezembro de 1519. D. João III, por provisão de 18 de julho de 1555, concedeu-lhe os mesmos privilegios que tinha a de Coimbra. Já foram bem precarias as circumstancias d'este estabelecimento de caridade: quasi que chegou a gastar do seu capital. Hoje o seu estado é bastante prospero, o que em grande parte é devido á sua boa administração, e aos legados de alguns bemfeitores, cujos retratos revestem as paredes da *sala do despacho*.

Presentemente a Misericordia possue o capital de réis 82:858$234, sendo 40:000$000 réis em predios urbanos, 300$000 réis em propriedades rusticas, 30:300$000 réis em inscripções, e 12:258$234 réis em dinheiro mutuado.

Sé Episcopal. — Como já dissemos, a Misericordia foi sé até 1826. N'esse anno se transferiu a séde da diocese para a egreja do recolhimento de S. Bernardino, por essa occasião extincto. A egreja foi benzida em 1 de dezembro de 1743, sendo a primitiva demolida em 1734.

O recolhimento de S. Bernardino, dos *terceiros* de S. Francisco, foi fundado pelo prior de S. Miguel, fr. Sebastião Carrilho e Oliveira, em 1680, fazendo n'elle entrada solemne as primeiras religiosas em 2 de abril de 1683. Do edificio, que èra bastante regular ainda que de proporções pouco vastas, só resta uma pequena parte do claustro, que hoje, bem como a cêrca, é propriedade do sr. visconde de Almeidinha.

N'este recolhimento tomou o habito de terceira, em 24 de dezembro de 1734, D. Josepha Maria de Castro, irmã e esposa do dr. Braz Luiz de Abreu, que tambem professou no convento de Sancto Antonio d'esta cidade.

São curiosas as causas d'aquella resolução. O dobre plangente do bronze confundiu-se n'aquelle momento com a expressão sentidissima do ungido do Senhor, que sob as abobadas do sanctuario fez resoar n'aquelle momento a palavra inspirada, que lhe affluia aos labios por entre lagrimas e soluços. O homem, que ainda ha pouco via desenrolarem-se-lhe diante de si os illimitados horisontes da felicidade conjugal, assistia e commemorava agora, cingindo tambem já o burel dos franciscanos, a profissão d'aquella que o mundo dizia ser sua irmã, e a que elle havia chamado esposa.

Camillo Castello Branco enflorou com as galas da sua portuguezissima linguagem a vida do desditoso Braz Luiz de Abreu, no seu livro — *O olho de vidro*. Pondo de parte todas as hypotheses apresentadas pelo fecundo ro-

mancista, e que já n'outro logar approveitámos,[1] diremos que Braz Luiz de Abreu era engeitado, e como tal appareceu exposto em Coimbra, em 1692.[2]

Casou em 1718 com D. Josepha Maria de Sá, filha de Antonio de Sá Mourão, de Vizeu, de quem houve cinco filhas e tres filhos.

Residiam em Aveiro, em 1723, quando de repente, e sem se saber porquê, resolveram separar-se e recolher-se a um convento. Effectivamente D. Josepha entrou com as filhas no recolhimento de S. Bernardino, e Braz Luiz de Abreu professou com um de seus filhos na Ordem de S. Francisco.

Pouco depois partiu para Lisboa Braz Luiz de Abreu, a fim de tomar ordens sacras, e de pedir a D. João v recursos para transformar em espaçoso convento o pequeno recolhimento onde estavam sua mulher e filhas. Depois de ordenado, voltou para Aveiro a pôr em practica o seu designio, para o que o monarcha lhe concedêra o rendimento do real d'agua em Aveiro.

Pediu e obteve o logar de medico effectivo do convento, para assim poder fallar todos os dias com sua esposa. Falleceu em 10 de agosto de 1756, victima de uma apoplexia fulminante.[3]

Egreja de Nossa Senhora da Gloria.—É a egreja parochial da freguezia desde 1835. A sua construcção é solida. Foi sagrada em 20 de janeiro de 1564 pelo bispo de Coimbra. A fachada é toda de pedra de Ançã, e foi reformada em 1719. A torre, que lhe fica ao lado, é de 1860. A capella-mór era dos marquezes de Arronches, e um d'elles alli jaz sepultado.[4] Do lado do Evangelho ha um tumulo de granito, com o brazão da casa de Souza,

---

[1] *Memorias de Aveiro*, pag. 137 e 138.

[2] Diogo Barbosa, *Biblit. Lusit.*, tom. I, pag. 95.

[3] *Diccion. Popular*, tom. I, pag. 21 e 22.

[4] P.e Carvalho e Costa, *Chorog. Portug.*

onde está sepultada D. Catharina de Athayde. Na capella do Senhor Jesus ha um tumulo de pesada architectura, onde é crença jazer João de Albuquerque, senhor de Anjeja e Canellas, e onde havia um quadro de Grão-Vasco representando a Virgem, vendido pela junta de parochia, em 1872, por 120$000 réis.

Antigamente era a egreja do extincto convento de Nossa Senhora da Misericordia, da ordem de S. Domingos. É crença [1] que a fundação do convento se deve á milagrosa apparição da Virgem sobre as muralhas ao velho Affonso Domingues, em 5 de agosto de 1442. A sua primeira pedra foi lançada pelo infante D. Pedro, donatario da villa, em 23 de maio de 1443. Foi quasi todo reduzido a cinzas em 19 de outubro de 1843. Até ha poucos annos serviu de quartel militar.

Egreja de Jesus.— É o mais sumptuoso templo da cidade. A sua primeira pedra foi lançada por D. Affonso V em 15 de janeiro de 1462. Concluiu-se em 1464. É todo forrado de talha dourada. A capella-mór foi dada pelas freiras aos Tavares, alcaides-móres de Portalegre, Alegrete e Assumar, dos quaes alguns estão sepultados n'ella. No côro de baixo está o magnifico tumulo de Sancta Joanna, construido pelo architecto João Antunes, por ordem de fr. Pedro Monteiro, em 1693.[2] Na capella de S. Agostinho ha um tumulo de pedra de Ançã, mandado construir pela princeza D. Arcangela Maria Baptista, em 1745, para as cinzas do 7.º duque de Aveiro, D. Gabriel de Lancastre.

Era ainda ha pouco egreja do real convento de Jesus, fundado por D. Beatriz Leitão, senhora d'Ouca, e D. Mecia Pereira, da casa da Feira, em 24 de novembro de 1458. É de singela architectura. O papa Clemente IV concedeu-lhe o titulo de Jerusalem. D'elle sairam fundadoras para muitos conventos. Tinha o direito de apresentação em

---

[1] Fr. Luiz de Souza, *Chron. de S. Domingos.*
[2] Doc. do convento de Jesus, n.º 827.

muitas egrejas. O seu tombo, concluido em 1784, contém documentos importantes. São riquissimas todas as suas alfaias. Pela morte da ultima freira professa, em 2 de março de 1874, e a requerimento dos habitantes de Aveiro, auctorisou o governo, em 22 de maio d'esse anno, a sua conversão em casa de educação e ensino. A sua actual superiora é D. Leonor Cardoso de Lemos, senhora de preclaras virtudes e firme piedade.

É na egreja de Jesus que se erigiu em 16 de março de 1877 a irmandade de Sancta Joanna. A sua instituição é devida á iniciativa de alguns distinctos filhos de Aveiro, e em grande parte ao sr. Antonio Leite de Souza Reis, dignissimo delegado do thesouro do districto.

Rege-se por estatutos approvados em 23 de março de de 1877. Por decreto de 5 de maio do mesmo anno foi-lhe concedido intitular-se — *Real irmandade de Sancta Joanna Princeza.* É seu juiz honorario Sua Magestade D. Luiz I, e presidente da direcção o sr. A. D. Pinheiro e Silva.

A irmandade alcançou do governo a concessão da egreja, e de todas as alfaias e joias inherentes ao culto da Princeza.

Jardim

É bello o nosso passeio publico: poucas cidades de Portugal o terão melhor. Principiou a construir-se em 1862, e deve-se á iniciativa do sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia, então presidente da camara, cujo nome anda vinculado a muitos outros melhoramentos de Aveiro.

«Do parapeito voltado ao poente descortina-se o formoso panorama das grandes planicies, que rodeiam a cidade, listradas de prata pela corrente da ria e pelos seus lagosinhos multiformes,— de longe a longe alvejantes da brancura iriada das salinas.»[1]

---

[1] Alberto Pimentel, *Guia do Caminho de Ferro*, pag. 45.

Cemiterio

Principiou a construir-se em 1835 na cerca do extincto convento de Nossa Senhora da Misericordia. A construcção da capella começou em 23 de junho de 1838, e concluiu-se n'esse mesmo anno. No centro do cemiterio, sobre uma columna de marmore, repousam n'um urna funeraria as cabeças de seis illustres aveirenses, enforcados na praça nova do Porto em 7 de maio e 9 de outubro de 1829.

Está ligado com a rua da Corredoura por uma alameda, plantada em 1860 no antigo campo de S. Domingos.

Muralhas

Mandadas construir pelo infante D. Pedro, quando reedificou Aveiro, foram ampliadas e reconstruidas por ordem de D. Manuel em 1506. Para esta obra vieram réis 10$000, sob a guarda de 80 soldados de cavallaria. Ainda em 1759 se conservavam em bom estado; poucos annos depois principiaram a desabar, vindo a ser de todo apeadas, e os seus materiaes empregados nas obras da barra, por provisão de 8 de abril de 1802.

A *porta da villa,* situada onde hoje é a praça da Fructa, conservou-se de pé até 1854.

O rio Vouga

O rio Vouga, outr'ora conhecido por *Vacca,* nasce ao N. da ermida de Nossa Senhora da Lapa, freguezia de Quintella da Lapa, 30 kilometros a NE. de Vizeu. Corre em curva para SSO. até á freguezia de Pinheiro; segue depois para O., passando 3 kilometros ao S. de Ferreira de Aves; logo abaixo tem ponte na estrada para Vizeu; passa 2 leguas ao N. d'esta cidade, e juncto de S. Pedro do Sul; 2 kilometros ao N. de Vouzella; 2 ao N. de Oliveira de Frades, e 1 ao S. de Couto de Esteves; inclina então para SO.; passa 2 kilometros a O. de Sever, e mais abaixo tem ponte na estrada real de Aveiro a Vizeu; passa 3 ki-

lometros a SE. de Albergaria a Velha, e mais abaixo tem ponte na estrada real do Porto a Coimbra; segue depois, descrevendo uma curva com a convexidade para o S., e direcção geral a O.; corre directamente para o N., passando a $^1/_2$ kilometro de Angeja, e atravessando ahi uma lagôa de 2 kilometros de comprimento e 1 de largura; segue descrevendo uma curva com a convexidade para o N. e direcção geral a O.; passa sob a ponte da via ferrea do Norte; e, desaguando na ria de Aveiro com 33 leguas de curso, vem formar o porto d'esta cidade a 3 kilometros de distancia d'ella.

Tem por confluentes: á direita, o Sul, e o Caima; á esquerda, Brisella, Riba-Má, e o Agueda.

Dirigia-se antigamente o Vouga á Murtosa e a Mundarel, seguindo depois em direcção á barra pela calle do Oiro.

Em 1813, para encurtar o trajecto das aguas, e encaminhal-as melhor para a bôcca da barra, foi o seu leito mudado na direcção de Sarrazola á bôcca da calle do Espinheiro. As obras do encanamento, que importaram em 12:648$604 réis, concluiram-se em dezembro de 1815. Ficou tendo então o rio, em frente de Sarrazola, 62 metros de largura, alargando successivamente para a bocca da calle do Espinheiro, onde tinha 122. As excavações foram no volume de 885 mil metros cubicos. O novo alveo ficou chamando-se *Rio Novo do Principe*, nome que pouco a pouco foi perdendo.

As suas aguas são pouco piscosas. As suas margens são pittorescas e ferteis.

Ha muito que se projecta tornar navegavel o Vouga até S. Pedro do Sul. Era já este o plano de Francisco Luiz Gomes. Na camara dos deputados, em sessão de 16 de julho de 1853, foi apresentada uma proposta n'este sentido.[1] Mas, por emquanto, ainda se não conseguiu realisar este importante melhoramento.

---

[1] *Diario do Governo*, n.º 166, de 18 de julho de 1853.

A ria de Aveiro

A grande bacia de aguas, conhecida pelo nome de *ria de Aveiro,* estende-se de Ovar a Mira em direcção parallela ao oceano, e separada d'elle por uma longa faxa de arêas. Tem 50 kilometros de comprimento, e irregular largura. Recebe as aguas do Antuan e do Vouga, entra pela cidade, que divide ao meio, ramifica-se em innumeros canaes, fórma extensas bacias, e communica com o mar pela barra. É abundantissima em marisco e peixe. Calcula-se em 128:271$820 réis o valor medio annual do peixe pescado. Produz annualmente 200:000 barcos de moliço, no valor aproximado de 331:168$400 réis.

Os abusos commettidos na pesca não conseguiram ser evitados pelo regulamento feito pelo ex-governador civil Guerra Quaresma, e mandado pôr em practica pelo ex-secretario geral, Correia Godinho, em edital de 26 de moio de 1868. As resistencias e as reclamações obstaram á sua execução.

A ria de Aveiro parece que não existia ainda no tempo dos romanos. Com o andar dos tempos é que se altearam as arêas da costa, e estagnaram as aguas, esterilisando os campos e alagando as *vias.* [1] Pertencia antigamente toda a ria salgada á jurisdicção de Aveiro.

Em 1862 foi o distincto engenheiro A. M. dos Reis encarregado de tirar a planta da ria; mas em 1868 foram mandados suspender esses trabalhos.

As salinas

As salinas são a principal fonte de riqueza, e quasi que a unica industria de Aveiro. É difficil, senão impossivel, fixar a epocha da sua creação. Parece comtudo certo que já existiam algumas no seculo x, como se vê da doação que a condessa Mumadona fez das *suas marinhas* ao mosteiro de Guimarães. Hoje o seu numero é de 300, produzindo

---

[1] Viterbo, *Elucidario,* tom. 1.°, pag. 80.

annualmente 24 a 30 mil moios de sal, no valor medio de 41:797$470 réis.

O caes

O braço da ria que atravessa Aveiro é guarnecido d'um caes de cantaria, modernamente construido.

Em 1680 foi a camara de Aveiro auctorisada, por provisão de D. Pedro II, a lançar, por espaço de 3 annos, o imposto de 1 real em cada quartilho de vinho tabernado, destinado á reconstrucção do caes, então arruinado.

D. Maria I, por carta regia de 31 de agosto de 1780, dirigida ao dr. Francisco Antonio Gravito, superintendente das obras da barra, mandou tambem reedificar o caes, saindo a despeza do cofre do subsidio para as referidas obras.

Foi de pouca solidez esta obra. [1] Logo em 21 de junho de 1810 representaram os habitantes de Aveiro ao principe regente para que o mandasse reconstruir, porque estava em ruinas. O aviso de 3 de setembro d'esse mesmo anno attendeu ao pedido, ordenando a Francisco Luiz Gomes a sua reparação.

Seguros não foram ainda os reparos. Em 1857 estava outra vez o caes em ruina. Foi então que, sendo governador civil do districto Nicolau Anastacio de Bettencourt, e ministro das obras publicas Carlos Bento da Silva, se mandou reedificar o caes. A 26 de abril d'esse anno começaram as obras, e se concluiram a 30 de setembro de 1872, dispendendo-se 50:218$085 réis.

A barra

Na lat. de 40° 30′, e na long. de 12° 32′, a 50 kilometros da foz do Douro e 45 da do Mondego, fórma o Vouga a barra de Aveiro.

---

[1] Doc. de 24 de maio de 1810, transcripto no Liv. 1.° do reg. para a superintendencia das obras da barra.

As obras da barra.— É longa a historia das obras com que teem buscado melhoral-a.

Segundo se vê do *Livro de registo* da camara municipal, existia ella em 1580 a 2 leguas da cidade. Conservou-se em bom estado, ao que parece, até 1685, em que começou a ser obstruida pelas arêas, e a afastar-se para o sul. Mandou D. Pedro II a Aveiro, para a estudarem, dois engenheiros italianos, que planearam a abertura d'uma nova barra na costa de S. Jacintho; mas nada se fez, e o seu estado era cada vez mais deploravel. Em 1755 foi encarregado Carlos Mardel da abertura projectada; uma grande inundação destruiu os trabalhos principiados. Em 1757 offereceu-se o capitão-mór, João de Sousa Ribeiro, fazer á sua custa a despeza com a abertura de um regueirão na arêa, que communicasse a ria com o mar, e désse vasante á enorme massa de aguas, que alagava os campos e a cidade. O aviso regio de 27 de janeiro de 1758 acceitou o offerecimento, e ordenou ao superintendente das obras da barra que désse licença para a obra. Foi aberto o regueirão no sitio da Vagueira; mas, mal divididas as correntes, em breve se entupiu. Conhecidos os maus resultados da obra, foram mandados os sargentos-móres de infanteria com exercicio de engenheiros, Jacintho Palechet e Francisco Xavier do Rego, com os ajudantes Luiz d'Arlincourt e o tenente Adão Wenceslau, para que, com a assistencia do desembargador Manuel Gonçalves de Miranda, e João de Sousa, como entendedor do paiz, formassem seus planos para darem persistencia á nova barra. Fizeram-se de facto algumas obras ao sul da Vagueira, e que, por improprias ou pouco solidas, a corrente levou. Sem effeito ficaram tambem os planos apresentados em 1777 pelo tenente-coronel Guilherme Elsden com os engenheiros Isidoro Paulo Pereira e Manuel de Sousa Ramos. Em 1780 começaram novamente as obras sob a direcção do engenheiro italiano João Isepi, no sentido de fixarem a barra na Vagueira: mas, arrastada pela corrente,

em breve estava a barra na costa de Mira. Em 1783 D. Maria I, influenciada talvez pelo parecer de José Monteiro da Rocha, que em 1781 visitára aquellas obras, mandou ao superintendente, o desembargador da Supplicação Francisco Antonio Gravito, que as suspendesse.

Sob plano do P.e Estevão Cabral tentou de novo, em 1791, o capitão de engenharia Luiz d'Arlincourt abrir a barra em S. Jacintho. Gastaram-se n'esta empreza réis 16:000$000; mas tudo foi em breve inutilizado.

Em 2 de janeiro de 1802, em virtude d'uma representação da camara de Aveiro, e do que expunha um officio de Nuno de Faria da Motta e Amorim, provedor da comarca servindo de superintendente das obras da barra, foram mandados para aqui o brigadeiro Reinaldo Oudinot e o sargento-mór Luiz Gomes de Carvalho, para estudarem os trabalhos a fazer. Chegaram os dois engenheiros a Aveiro a 22 de janeiro d'esse mesmo anno. Em 5 de março enviou Oudinot ao governo o seu projecto, que foi approvado. Começaram immediatamente as obras. Em dezembro de 1803 foi o brigadeiro Oudinot enviado em commissão, ficando com a direcção geral das obras Luiz Gomes. Em 9 de março de 1806 os habitantes da cidade, impacientes pela abertura da barra, e talvez impellidos pelo governador das justiças da Relação do Porto, fizeram, mau grado o superintendente João Carlos Cardoso Verney e o director das obras, uma tentativa de abertura, que foi frustrada. Abriu-se finalmente a barra em 3 de abril de 1808 pelas sete horas da tarde.[1] As aguas, que cobriam as ruas da Praça de Aveiro e os baixos do Alboi e da Praia, desceram, e em menos de tres dias deixaram tudo enxuto. A barra ficou desde logo com uma profundidade de 20 a 30 palmos, e com um paredão do lado do sul com a extensão de 1:350 metros. Calculam-se em 400:000$000 réis as despezas que com a obra se fizeram.

---

[1] Livro 1.º do Registo para a superintendencia da barra fl. 80.

Não foram definitivos estes trabalhos, nem com elles terminou de todo o mau estado da barra. Chamado ao exercito Luiz Gomes, em dezembro de 1808, em breve, por ordem de 3 de agosto de 1809, voltou a continuar as obras da barra de Aveiro, «para evitar o damno maior que podia resultar, quando immediatamente lhe não applicassem os reparos precisos.» Tal era effectivamente o estado da barra, que alguns homens do povo e pescadores ameaçaram, em 1823, a vida de Luiz Gomes, a quem referiam injustamente todos os seus males. Para o salvar, requereu então a camara de Aveiro que Luiz Gomes fosse mandado preso para o Porto, ficando vago o seu logar na barra. Em setembro de 1834 foi nomeado director das obras da barra Joaquim Pedro Celestino Soares, então tenente da armada. Em 1837 foi substituido pelo engenheiro Francisco de Paula Soares Pegado, que no anno seguinte deixou esta commissão. Tomou então conta da direcção, em 1838, o engenheiro Firmino Lopes Moreira Freixo, que em 1842 foi substituido pelo tenente de engenharia Antonio José Gonçalves Chaves. N'esse mesmo anno passou a direcção para João Luiz Lopes, substituido em fevereiro de 1844 por Domingos dos Sanctos Barbosa Maia, rico proprietario, e então presidente da camara de Aveiro. N'esse mesmo anno passou a cargo do engenheiro Hermenigildo Gomes de Palma a direcção das obras da barra conjunctamente com as do districto, demorando-se n'esta commissão até 1847. Veio então substituil-o o major de engenharia Joaquim Lopes Pereira Nunes, que se conservou n'esta commissão até que falleceu, em 12 de novembro de 1856. Desde então ficou encarregado interinamente das obras o engenheiro Augusto Maria Fidier.

Apesar dos reparos constantes, que sob estas differentes direcções se lhe iam fazendo, a barra peorava, e obstruia-se. Em 10 de maio de 1857, por iniciativa de José Estevão, reuniram-se na casa da camara todos os proprietarios de marinhas, a fim de chamarem a attenção do governo

para a necessidade do seu melhoramento. Foi então concedido á barra de Aveiro um subsidio annual de 15:000$000 réis.

Por portaria de 30 de junho de 1858 foi entregue a direcção das obras da barra ao director das obras publicas do districto, o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, que ainda hoje a conserva. É impossivel dizer n'um pequeno capitulo d'este pequeno livro tudo o que este distinctissimo engenheiro tem feito para melhorar a barra de Aveiro. Ninguem tomaria essa empreza mais a peito, nem conseguiria fazer mais. Parcos, senão somitegos, são os recursos de que para isso dispõe. Suspenso o subsidio do governo em 1865, o cofre da barra ficou reduzido á minguada receita do real de agua, administrada por uma commissão de 2 membros, eleita pela junta geral em conformidade da lei de 8 de setembro de 1858. E no entanto, sob a sua habil direcção, as obras não teem parado nunca, no sentido de collocarem a barra em condições de ser uma verdadeira porta rasgadamente aberta á industria, ao commercio e á navegação do nosso districto.

Inda ha pouco, em 1873, a barra quasi que podia atravessar-se a vau. Uma commissão composta dos srs. Casimiro Barreto Ferraz Sacchetti, Alberto Ferreira Pinto Basto, Agostinho Fernandes Melicio, Antonio Pereira Junior e Sebastião de Carvalho e Lima, e nomeada em 28 de dezembro de 1873 pelos proprietarios das marinhas e pessoas notaveis de Aveiro, representou ao governo, em 9 de janeiro de 1874, para que mandasse estudar e subsidiasse as obras da barra. Em 19 do mesmo mez e anno a Associação Commercial representou tambem no mesmo sentido. Surdo foi o governo a estas representações. E é só á iniciativa energica e incançavel do distincto director das obras publicas que se deve a abertura da barra em março de 1874.

Mas a sua lucta com as más condições da barra tem sido enorme. É digno de lêr-se um artigo seu de 26 de

fevereiro de 1874, sobre as obras que deveriam ser emprehendidas para que a barra ficasse ao abrigo das accumulações de arêas, que até hoje teem tendido constantemente a obstruil-a.[1]

O forte da barra.—Foi conhecido até 1830 por *Castello da Gafanha.* Está situado na praia do S., e dista quasi 2 kilometros da costa. A torre para os signaes de pilotagem foi mandada construir em 1848 pelo major de engenharia Joaquim Lopes Pereira Nunes.

Nossa Senhora dos Navegantes.— Entre as muitas edificações, que ultimamente teem sido feitas juncto ao forte da barra, ha uma elegante capella sob a invocação de Nossa Senhora dos Navegantes. Principiou a sua construcção em 3 de dezembro de 1862, e concluiu-se em 30 de maio do anno seguinte; importou em 400$000 réis.

A estrada da barra.— Aveiro está ligado á barra por uma estrada orlada de tamargueiras. Parte da ponte da Dobadoura, acompanha o canal de Aveiro até ás Pyramides, ladeia a ria até ao canal de Ilhavo, que atravessa sobre a ponte da Gafanha, atravessa os areaes d'esta ilha, e dirige-se á barra, com uma extensão total de 7 kilometros. É devida á iniciativa de José Estevão.

A praia de S. Jacintho

Ao sul da barra estende-se, parallelamente ao oceano e á ria, uma larga fita de arêas, erguida talvez ao lume da agua por alguma revolução cosmica, em tempos que vão longe.

A primeira praia que se encontra é a de S. Jacintho, onde a industria da pesca é ultimamente exercida em larga escala sob o impulso energico do sr. Manuel Firmino de Almeida Maia. Á beira da ria ergue-se uma elegante capella, de fórma polygona, da invocação de Nossa Senhora das Arêas. É tradicional que fôra edificada pelo cabido da

---

[1] *Revista das Obras Publ. e Minas,* 1875, tom. 4.º

sé do Porto, a quem pertencia a dizima do pescado da mesma costa. É certo que em 1533 já estava bastante arruinada, [1] e que depois foi abandonada de todo. Em 1860 foi reedificada pela junta de parochia da freguezia da Vera Cruz, pela fórma em que hoje se acha. Em 17 de setembro de 1876 inaugurou-se alli uma via de ferro pelo systema americano, para a conducção da pesca do mar á ria. Tem de extensão 1:250 metros. Esta obra, que é um importante melhoramento, attesta bem a corajosa e louvavel iniciativa do seu proprietario, o sr. Manuel Firmino, um dos homens cujo genio emprehendedor e cuja actividade incansavel teem de ser incontestavelmente louvados.

Aveirenses illustres

Princeza Sancta Joanna.—A princeza Sancta Joanna, filha de D. Affonso v, nasceu em 6 de fevereiro de 1452. Cedo revelou as virtudes sublimes que a adornavam, e longe voou a fama dos seus raros dotes. Luiz xi de França implorou a sua mão para seu irmão Carlos, duque de Orleans. [2] Esta alliança, por todos alegremente desejada, foi repellida pela princeza, que já então sonhava com a paz do claustro. A sua vida, em meio do ruído da côrte, era o exemplo mais divino da humildade, da modestia e da caridade. Por vezes instou a sancta princeza com seu pae para que a deixasse entregar de todo á practica das virtudes monasticas, sem conseguir fazer escutar os seus pedidos. Durante a expedição de D. Affonso v á Africa, em 1471, ficaram nas suas mãos as rédeas do governo. Aproveitando-se da alegria geral, na volta da gloriosa expedição, reiterou a excelsa princeza o seu pedido. Conseguiu finalmente ser ouvida, e só esperava pelo termo das festas da côrte para se recolher á solidão d'um mosteiro. Foi então que o imperador da Allemanha, Frederico iv, man-

---

[1] Livro da Provedoria de Esgueira, fl. 90.

[2] Fr. Manuel de Lima, *Agiologio Dominico.*

dou pedir a mão de sua sobrinha para o archiduque Maximiliano de Austria.

Foi difficil á virtuosa senhora fugir a este enlace. Para evitar mais embaraços á sua pia resolução, saíu uma noite furtivamente do paço para o convento de Odivellas, donde passados dois mezes, em 17 de junho de 1472, foi acompanhada por seu pae para o de Sancta Clara de Coimbra. Mas os desejos da sancta princeza e que ao chegar a Coimbra revelou a seu pae, eram tomar o habito dominico no convento de Jesus de Aveiro. N'elle entrou effectivamente a 5 de agosto de 1472, mostrando desde logo profundos desejos de professar. Contra essa tenção protestaram os procuradores das cidades e villas do reino ás côrtes de Coimbra, em 22 de dezembro de 1472. Apesar d'isso, em 25 de janeiro de 1475 recebeu o habito de noviça das mãos da prioreza D. Beatriz Leitão, contra o que protestaram de novo e com mais força quasi todos os representantes das villas e cidades de Portugal. Debalde o principe D. João ameaçou, e o bispo de Evora tentou dissuadir d'aquelle proposito a herdeira presumptiva da corôa portugueza. Votada de coração á vida monastica, exercia todos os misteres do convento, ainda os mais pezados, o que lhe debilitou a saude. Por ordem de D. Affonso v despiu a princeza o habito, e prometteu não professar. Em 1480 foi forçada por uma epidemia a abandonar o convento, para onde voltou em 12 de agosto do mesmo anno.

Depois da morte de seu pae, foi encarregada por el-rei seu irmão da educação de D. Jorge de Lancastre, futuro fundador da casa de Aveiro. Em 1483 pediu novamente Luiz xi a mão de Sancta Joanna para seu filho, o Delfim. A morte do monarcha francez, n'esse mesmo anno, desfez as esperanças de D. João ii.

Outra vez, em 1485, nova epidemia em Aveiro a fez abandonar o mosteiro, donde partiu para o Porto, e d'ahi para Alcobaça, aonde a chamava seu irmão. Nem os argumentos nem as ameaças do rei poderam demovel-a a casar

com Ricardo III de Inglaterra, cuja morte se diz que adivinhára. Voltando ao convento de Jesus, adoeceu gravemente nos fins de dezembro de 1489. Nem as lagrimas do povo, nem os medicos de todo o paiz, nem as preces publicas conseguiram salvar da morte a sancta princeza, que desceu ao tumulo em 12 de maio de 1490, legando ao convento todos os seus bens.

Em 1687 fr. Francisco de Mascarenhas, encarregado de alcançar de Roma a sua beatificação, obteve que Innocencio XI mandasse o bispo conde, D. João de Mello, examinar o corpo e os milagres da princeza. Em 29 de junho de 1689 foi lavrado um auto de exame, e escripto um summario das suas virtudes e milagres pelo bispo de Coimbra, que os remetteu para Roma. Em 4 de abril de 1693 foi assignado o breve de beatificação, que designou o dia 12 de maio para a sua festividade. Pouco depois D. Pedro II incumbiu fr. Pedro Monteiro, prior do convento de Nossa Senhora da Misericordia, da construcção d'um tumulo sumptuoso para as cinzas da excelsa princeza, que foram logo trasladadas pora a capella de Nossa Senhora da Conceição, onde se conservaram 12 annos, e donde foram solemnemente transferidas para o novo tumulo em 28 de agosto de 1711 pelo bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa.

Em 1694 representou a D. João V a communidade do convento de Jesus para que alcançasse de Roma a canonisação da Sancta Princeza. Em 1746 expediu a commissão dos Ritos ordens para se proceder ao inquerito rigoroso das suas virtudes. Em 1 de junho de 1750 foi novamente aberto o tumulo de Sancta Joanna pelo bispo de Coimbra, que remetteu para Roma o auto do seu exame.

Ainda se conservam no convento, como sagradas reliquias, a madeixa de cabellos, que ao tomar o habito de noviça lhe cortaram, e parte da camisa que tinha vestida quando falleceu.

João Affonso.—O distincto piloto João Affonso era na-

tural de Aveiro. Ignora-se a data do seu nascimento, e a sua filiação. Em 1484 acompanhou Diogo Cam na sua expedição á Africa. Em 1486, encarregado por D. João II de penetrar pelo interior do Rio Formoso, descobriu o reino e terras de Benim, em Guiné, onde estabeleceu feitorias portuguezas, e ligou importantes allianças com o rei do paiz. Falleceu no proprio theatro das suas glorias.

Ayres Barbosa.— Filho de Fernão Barbosa e de D. Catharina de Figueiredo, Ayres Barbosa nasceu em Aveiro em 1470. Frequentou a Universidade de Salamanca, donde depois passou para a de Florença. Voltando a Portugal, foi chamado, em 4 de julho de 1495, para reger a cadeira de rhetorica, e mais tarde as de latim e grego, na Universidade de Salamanca, onde teve por discipulo o erudito André de Rezende. Depois de 20 annos de um brilhante magisterio, jubilou-se, e continuou residindo em Salamanca. De lá o chamou D. João III para preceptor de seus irmãos. Tão relevantes foram os serviços prestados pelo celebre hellenista á educação dos dois infantes, que o monarcha nomeou seu filho promogenito, Fernão Barbosa, moço fidalgo da sua real casa.

Ayres Barbosa tornou-se notavel como grammatico, como rhetorico e como poeta. Escreveu algumas obras em latim, tanto em prosa como em verso, impressas em Salamanca e Coimbra.[1] Falleceu em Aveiro, em 1530, aos 70 annos de edade. Dez annos depois foram os seus ossos trasladados para a capella de Nossa Senhora do Desterro, que fundára no territorio da egreja de Sancto André da villa de Esgueira, e teve por epithaphio: *Aqui jaz o corpo de Ayres Barbosa, mestre grego — Era de 1540.*[1]

D. Fr. Duarte Nunes.— D. Fr. Duarte Nunes nasceu em Aveiro, de paes humildes. Professou no convento de

---

[1] Francisco Leitão Ferreira, *Not. chron. da Univ. de Coimbra*, pag. 884.

[2] Diogo Barbosa Machado, *Bibl. Lus.* tom. 1.°, pag. 76.

Nossa Senhora da Misericordia d'esta cidade em 1489. Poucos annos depois D. Manuel, usando pela primeira vez do direito de padroado na India, elegeu-o bispo de Laodicea. Obrigado pela doença a voltar á Europa, veio fallecer em Aveiro em 1528. Jaz na antiga egreja do seu convento, hoje Nossa Senhora da Gloria. Na sua campa raza mandou fr. Lopo de Aveiro gravar: — *Aqui jaz D. Frei Duarte Nunes, religioso espelho de virtudes, e prelado do Oriente, que primeiro deu ordens aos povos da India.* [1]

Fr. Simão Tavares.— Simão Tavares, senhor de Mira, nasceu em Aveiro em 1484. Foram seus paes D. Gonçalo Tavares e D. Catharina de Castro. Era estribeiro-mór do cardeal D. Affonso, ou do cardeal D. Henrique. [2] Casou com D. Izabel da Fonseca, filha de João da Fonseca, senhor da ilha das Flores. Enviuvando, professou em 1544 no convento de Sancto Antonio, de Aveiro, onde foi raro exemplo de caridade, de abnegação e de temor a Deus. Falleceu em 6 de maio de 1566.

D. Fr. Jorge de Sancta Luzia.— Jorge de Sancta Luzia, natural de Aveiro, professou em 1528 no convento de Nossa Senhora da Misericordia. Era profundo em theologia e philosophia. Acompanhou para a sua diocese o bispo dos Açores, D. Jorge de S. Thiago. D. João III nomeou-o bispo de Malaca em 1557. Esteve governando o arcebispado de Gôa emquanto não chegou o arcebispo D. Gaspar de Sancta Maria. Dezeseis annos depois de haver tomado conta da diocese de Malaca, renunciou, e recolheu-se ao convento de S. Domingos de Gôa. Foi lá que animou e auxiliou fr. Francisco Foreiro na fundação do convento de S. Domingos de Almada. Ignora-se a data da sua morte.

Fr. Pedro Dias.— Fr. Pedro Dias, bacharel formado em theologia, nasceu em Aveiro pelo meado do seculo XV.

---

[1] *Memorias de Aveiro*, pag. 187.

[2] Fr. Apolinario da Conceição, *Pequena na terra, e grande no ceu.*

D. João II enviou-o seu embaixador á côrte de Hespanha para tractar do casamento do principe D. Affonso com a infanta D. Izabel. A carta que em 8 de novembro de 1487 lhe escreveu o monarcha, é testemunha da maneira distincta como se desempenhou d'esta missão.

Antonia Rodrigues.— Antonia Rodrigues, rival da heroina de Aljubarrota, nasceu em Aveiro a 31 de março de 1580. Foram seus paes Simão Rodrigues e Leonor Dias, pescadores de poucos meios. Foi levada aos 15 annos para Lisboa, e entregue aos cuidados d'uma irmã. Passados mezes fugiu á irmã, cortou os cabellos, vestiu-se de marujo, e entrou como grumete ao serviço de uma caravella com destino á Africa. Aportando em Mazagão, foi expulsa de bordo por haver deposto em juizo sobre um furto commettido pelo capitão. Foi então sentar praça n'um dos regimentos de infanteria da guarnição, onde se tornou insigne no manejo das armas. Um anno depois passou para um corpo de cavallaria, acompanhando assim todas as correrias da guarnição pelas terras dos mouros, e assombrando todos com seus rasgos de valor. Receiosa de que viessem a descobrir o seu sexo, confessou-o ao governador da praça, e despiu a farda de official de cavallaria. Pouco depois ligou-se pelo casamento com uma das primeiras familias de Mazagão, e partiu para Portugal com o esposo.

Filippe II, em premio dos seus feitos, concedeu-lhe 200 cruzados para a viagem, uma tença de 10$000 réis, e uma fanga de farinha por mez.

Filippe III nomeou moço da real camara um filho de Antonia Rodrigues, em paga dos serviços prestados á patria pela heroina de Mazagão.

Fr. Bernardino de Aveiro.— Viveu pelo meado do seculo XVI. Foi frade franciscano da provincia da Piedade. Escreveu um livro intitulado *Meditação da Paixão de Christo,* Evora, 1554. [1]

---

[1] Diogo Barbosa Machado, *Biblioth. Lusit.*

Fr. Pantaleão de Aveiro.— Ignora-se a data do seu nascimento e da sua morte.[1] Professou no *Instituto seraphico* na provincia do Algarve. Em 1563, achando-se em Roma para auxiliar o procurador da curia romana, deliberou visitar os Logares Sanctos com o P.e Bonifacio de Aragusa, guardião do Monte Sion. A descripção da viagem é o assumpto do seu livro *Itinerario da Terra Sancta.* Esta obra, impressa em Lisboa por Simão Lopes, em 1593, teve seis edições,[2] e é «a primeira que no seu genero appareceu em Hespanha.»[3]

D. Fr. Sebastião d'Assumpção.— Foi frade dominicano, e conventual em Aveiro, sua patria. Em 1610 foi eleito bispo de Cabo Verde.

Fr. Pedro o Bom.— Doutorou-se na Universidade de Pariz, e foi lente das escholas geraes de Lisboa.

Vasco de Sousa.— Nasceu em 1 de novembro de 1584. Foram seus paes D. Henrique de Sousa, 1.º conde de Miranda, e D. Maria de Vilhena. Doutorou-se em leis na Universidade de Coimbra, de que foi reitor por nomeação de Philipe III.

D. Leonardo de Sancto Agostinho.— Foi geral dos Conegos regrantes de Sancto Agostinho, e morreu eleito bispo de Cabo Verde.

Fr. Antonio Pereira.— Professou no instituto de S. Domingos em 1657. Prégou no Oriente, foi vigario geral da sua Congregação, e deputado das Inquisições de Gôa e Evora. Deixou impressos dois sermões.[4]

Fr. Francisco da Paz.— Franciscano da Congregação da terceira Ordem, lente de Escriptura e professor da lingua hebraica, nasceu em Aveiro a 25 de maio de 1731, e falleceu depois de 1798. Restam d'elle algumas obras

---

[1] Innocencio F. da Silva, *Dicc. Bibliog.*
[2] *Diccion. Popul.*, pag. 407.
[3] Faria e Sousa, *Europa Portugueza.*
[4] Innocencio F. da Silva, *Dicc. Bibliog.*, tom. I, pag. 221.

escriptas em latim e hebraico, sendo uma d'ellas um compendio de grammatica hebraica.

Fr. Francisco Nunes da Costa. — Nasceu em 29 de abril de 1750. Professou no instituto franciscano. Passou depois para freire de S. Thiago de Espada. Foi muito versado nos idiomas orientaes, e metrificava com facilidade e acerto.

João Jacintho de Magalhães — Foi um dos portuguezes que no seculo XVIII se tornaram conhecidos na Europa, por suas producções scientificas.[1] Descendia do celebre navegador Fernando de Magalhães, e nasceu em 1722. A 21 de junho de 1743, entrou na Congregação dos Conegos regulares de Sancto Agostinho, onde depois professou, com o nome de D. João de Nossa Senhora do Desterro. Obtido de Roma breve de secularisação, deixou Portugal e foi para Inglaterra em 1764. Alli se applicou com feliz resultado ao estudo da physica, para cujos progressos concorreu notavelmente, como se vê das obras que publicou. Foi membro da Sociedade Real de Londres, socio da Academia das Sciencias de Pariz, das de Madrid, S. Petersbourg, e de outras, etc. Morreu em Inglaterra a 7 de fevereiro de 1790.

Fr. Jorge Pinheiro. — Havendo professado na Ordem de S. Domingos, a 15 de fevereiro de 1589, doutorou-se em theologia, e foi provincial da sua Ordem.

Padre Luiz Pinheiro. — Professou no instituto de Sancto Ignacio. Foi durante alguns annos reitor no collegio da sua Ordem, na ilha de S. Miguel. Morreu em Lisboa, em 1620, tendo 60 annos de edade.

Sebastião Pacheco Varella. — Era presbytero secular, cavalleiro da Ordem de Christo, e versado em linguas, artes liberaes, e sciencias escholasticas. Salvo milagrosamente da fulminação d'um raio, retirou-se do mundo, e votou-se ao cilicio e á oração. Victima de suas asperas pe-

---

[1] *Diccion. Bibliog.*, tom. III, pag. 385.

nitencias, morreu aos 35 annos, na villa de Aveiro, sua patria, a 8 de março de 1706. Deixou diversas obras impressas, e entre ellas tres sermões prégados em Aveiro.

Francisco de Paula de Figueiredo.— Foi bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, bom poeta, um dos mais insignes oradores sagrados do seu tempo. Nasceu em Aveiro a 9 de novembro de 1768. Foram seus paes o dr. Antonio Marques de Figueiredo e D. Anna Joaquina do Sacramento Tavares de Araujo. Havendo grangeado illustre renome deixou Aveiro, e foi estabelecer-se no Porto. Depois d'uma vida cortada de desgostos e enfermidades, morreu no hospital dos clerigos a 23 de setembro de 1803. Deixou differentes obras em prosa e verso. [1]

Padre Antonio da Silva.— Foi frade jesuita. Falleceu no collegio da sua Ordem, em Santarem, a 16 de abril de 1666, com 61 annos de edade.

Escreveu e publicou —*O Sol no Oriente,* em que descreve com alguma elegancia a vida de S. Francisco Xavier.

Fr. Antonio da Purificação e Silva.— Nasceu em 26 de abril de 1738. Tomou o habito de S. Francisco, e traduziu o *Cathecismo Evangelico* do veneravel P.e fr. Placido Olivier, que o bispo de Beja, D. fr. Manuel do Cenaculo, mandou publicar. Morreu já n'este seculo.

D. Affonso Ferraz.— Foi bispo da Guarda, e esmolermór de D. João I.

D. Fr. Miguel Rangel.— Havendo tomado o habito de S. Domingos em 18 de outubro de 1589, foi vigario geral da Congregação na India e a final eleito bispo de Cochim, onde morreu depois de 1645.

Visconde da Granja.— Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos, filho do desembargador Casimiro Barreto Ferraz de Vasconcellos e D. Angelica Margarida Pereira, nasceu em Aveiro a 23 de maio de 1789.

---

[1] I. F. da Silva, *Dicc. Blibliog.*, tom. III e VII, e Theophilo Braga, *Estudos da Edade Media,* pag. 245 a 247.

Foi successivamente fidalgo cavalleiro da casa real, em 18 de setembro de 1803; bacharel formado em leis pela Universidade de Coimbra, em 1809; juiz de fóra de Obidos e Caldas, em 27 de junho de 1810; corregedor do crime do bairro de Romulares de Lisboa, em 21 de maio de 1815; commendador da Ordem de Christo com a dotação de 100$000 réis, em 15 de junho de 1815; syndico do senado de Lisboa, em 4 de março de 1818; desembargador da relação do Porto, em 16 de junho de 1821; presidente da relação do Algarve e provincias do sul do reino, em 13 de dezembro de 1832; presidente da relação de Lisboa, em 19 de setembro de 1833; conselheiro de estado, em 6 de dezembro de 1833; ministro da justiça em 24 de setembro de 1834; gran-cruz da Ordem de Santiago da Espada, em 1 de dezembro de 1834; deputado por Vianna em 1838; par do reino, em 27 de maio de 1842; primeiro relator do supremo conselho de justiça militar, em 30 de setembro de 1842; e visconde da Granja, em 13 de agosto de 1847.

Tomou parte activa no movimento liberal de 1820. Emigrou para França em 1828. Casou, em 25 de junho de 1844, com D. Maria Bibiana Barbosa Sacchetti, filha do conselheiro Bernardo Xavier Barbosa Sacchetti e de D. Maria Thereza Ferreira. Falleceu em 27 de abril de 1861.

Seu filho, o sr. Casimiro Barreto Ferraz Saccheti, par do reino, e commendador de Nossa Senhora da Conceição, é um dos cavalheiros mais distinctos da nossa terra.

José Estevão.— José Estevão Coelho de Magalhães, filho de Luiz Cypriano Coelho de Magalhães e de D. Clara Miquelina de Azevedo Leitão, nasceu em Aveiro em 26 de dezembro de 1809. Tendo estudado humanidades em Aveiro, matriculou-se em 1825 na faculdade de direito da Universidade de Coimbra. Batidas as forças liberaes na Cruz de Morouços, José Estevão, então alistado nas fileiras do batalhão academico, emigrou para Inglaterra, donde passou á ilha Terceira a juntar-se com as tropas fieis á Rainha. Os seus actos de bravura e heroicidade, du-

rante o cerco do Porto, valeram-lhe o gráu de official da Torre e Espada, a patente de segundo tenente de artilheria por decreto de 4 de abril de 1833, e o de primeiro tenente por decreto de 24 de julho de 1834. Depois da convenção de Evora Monte voltou a continuar a sua formatura em Coimbra, que concluiu em 1837. N'esse mesmo anno foi eleito deputado por Aveiro, e abriu a sua majestosa carreira tribunicia na sessão de 7 de abril de 1837. Em 1840 foi nomeado por concurso publico lente de Economia Politica na Eschola Polytechnica de Lisboa. Em 22 de junho d'esse mesmo anno fundou, com o seu velho amigo, o sr. Manuel José Mendes Leite, a *Revolução de Setembro*. Depois da revolta de Torres Novas, em 4 de fevereiro de 1844, emigrou outra vez para Pariz. Em 1846 voltou á patria, a tomar parte na revolução popular d'esse anno, a que prestou relevantissimos serviços. Em 7 de junho de 1848 casou no Porto com D. Rita de Miranda, senhora de fina educação e raras virtudes. De 1851 em diante é que a sua gloria como orador se opulentou com as mais esplendidas manifestações. Falleceu em Lisboa a 4 de novembro de 1862. Os seus ossos foram transladados, em 14 de maio de 1864, para o cemiterio de Aveiro, onde repousam n'um jazigo particular.

José Estevão foi o primeiro dos oradores da peninsula, e dos primeiros do mundo. Aveiro deve-lhe tudo. [1]

Joaquim da Costa Cascaes.— Nasceu em Aveiro em 1815. É actualmente general de brigada, e lente no Collegio Militar. Além de militar distinctissimo, é escriptor de merito, e dramaturgo festejado. Deve-se á sua iniciativa o obelisco do Bussaco. Présa-se Aveiro de o ter por filho; mas o illustre general tem mostrado não se esquecer da terra que lhe foi berço.

Bento de Magalhães.— Bento Rodrigues Xavier de Ma-

---

[1] L. A. Rebello da Silva, *Varões illustres*, pag. 213 e seg. — J. A. de Freitas e Oliveira, *José Estevão*.

galhães, filho de Luiz Rodrigues de Mello e de D. Maria Clementina Xavier de Magalhães, nasceu em Aveiro a 28 de Abril de 1820. Formou-se aos 21 annos na faculdade de direito da Universidade de Coimbra, e abriu escriptorio de advogado em Aveiro. Em 24 de abril de 1854 desposou a sr.ª D. Anna Faria de Magalhães, e transformou-se de distinctissimo jurisconsulto em exemplar chefe de familia.

Foi por vezes presidente da camara, procurador á junta geral, conselheiro de districto, presidente da associação commercial, e vice-presidente da direcção da caixa economica. Foi um dos fundadores e distincto e assiduo collaborador do *Districto de Aveiro*. Falleceu em Aveiro, a 8 de janeiro de 1869, victima de insultos apopleticos.

Francisco Antonio de Resende, Junior.—Nasceu em Aveiro a 25 de agosto de 1839. Era filho do sr. José Antonio de Resende, e de D. Joanna Ritta Delfina de Resende. Tinha o curso completo de pontes e estradas pela Academia Polytechnica do Porto, em que se matriculára em 16 de outubro de 1855, e de que se lhe passou carta de capacidade em 6 de agosto de 1861. Recebeu tambem approvação em todas as disciplinas do curso de minas da mesma Academia. Durante a sua carreira academica recebeu o primeiro premio na 7.ª, 8.ª e 10.ª cadeira, e foi julgado digno do primeiro premio na cadeira de economia politica, direito administrativo e commercial, como attestou em 9 de junho de 1858 o sr. Adriano Machado, lente da respectiva cadeira, não podendo ser-lhe distribuido por não haver n'aquelle anno verba para isso auctorisada. Em setembro de 1861 foi nomeado engenheiro com graduação de segundo-tenente, indo logo servir para a direcção das obras publicas do districto de Aveiro. Em 1864 foi promovido á graduação de primeiro-tenente, e pela ordem do exercito de 3 de julho de 1873 á de capitão. Em 24 de outubro d'esse mesmo anno recebeu guia de marcha para a direcção das obras publicas do Funchal, onde já então ia buscar remedio ao mal que o ia minando. Voltando á

sua patria, morreu em 31 de janeiro de 1875.[1] Ha immensos projectos seus de pontes e estradas, cuja maioria de trabalhos dirigiu, e que lhe deram logar distincto na engenharia portugueza. Além de estudante laureado e engenheiro habil, foi tambem escriptor distincto, orador eloquente e poeta mimoso. Publicou muitos artigos litterarios e politicos. Collaborou activamente nos relatorios officiaes como procurador á junta geral do districto, e em differentes accordãos como vogal do tribunal administrativo. Foi presidente da assembléa geral da *Associação aveirense de soccorros mutuos,* onde a sua passagem deixou luminoso rasto, e secretario da administração do *Asylo de José Estevão,* a que prestou relevantes serviços. Ha d'elle alguns versos, repassados de sentimento e primorosos na fórma. Escreveu e publicou a comedia — *A ultima libra,* em estylo elegante e fluente. Foi redactor do *Campeão das Provincias,* collaborando com mais assiduidade na edição para o Brazil. Mas mais do que tudo isto falla d'elle a memoria dos seus conterraneos.

Barão de Almofala.— José Antonio da Silva Leão nasceu em Aveiro a 17 de fevereiro de 1793. Aos 17 annos sentou praça em artilheria 4, então aquartellada no Porto. Tendo feito a guerra da peninsula como praça de pret, foi em fevereiro de 1819 reconhecido cadete, em maio do mesmo anno despachado 2.º tenente, em 28 de maio do anno seguinte promovido ao posto immediato, e em maio de 1821 nomeado capitão da companhia de artilheria da legião constitucional lusitana, que então se organisou. Voltando mais tarde ao regimento donde saíra, emigrou em 1828 pela Gallisa para a Inglaterra, indo desembarcar nos Açores com o conde de Villa Flor. Por este distincto general foi logo encarregado da direcção do trem e laboratorio. Os serviços que n'esta difficil commissão

---

[1] *Campeão das Provincias,* n.º 3:242.

prestou foram-lhe recompensados em 6 de agosto de 1832 com a graduação de major, obtendo d'ahi a pouco a effectividade do serviço. Voltando ao continente em março de 1833, foi incumbido por D. Pedro IV do arsenal do Porto. A parte activa que tomou na defesa das linhas, e o modo como se houve em 25 de julho na bateria do Bomfim, fizeram com que fosse agraciado com o habito da Torre e Espada. Em Lisboa continuou a dirigir o arsenal como sub-inspector. Em 24 de julho de 1834 foi promovido a coronel, e pouco depois a inspector do arsenal. Na ordem do exercito de 21 de junho de 1836 foi louvado pelos serviços prestados na commissão que exercia. Mas logo nos primeiros dias do novo governo foi exonerado por não abraçar as idêas da revolução de setembro. Fez parte da commissão do ministerio da guerra e da especial da sua arma creada para estudar o aperfeiçoamento das instituições militares. Substituiu o visconde de Ovar no commando geral da artilheria. Sendo-lhe dado em novembro de 1840 o commando do 1.º regimento, foi pouco depois promovido a brigadeiro graduado. Em junho de 1846 foi substituido no commando em virtude das suas idêas politicas. Com o golpe de estado em 6 de outubro tomou conta da 1.ª direcção do ministerio da guerra, que logo deixou para reassumir o commando da artilheria no exercito de operações. Depois da batalha de Torres Novas, foi agraciado com o titulo de barão de Almofala, por ser este o nome do outeiro occupado pela artilheria e pela bateria de foguetes n'aquella acção. Encarregado do desartilhamento do Porto, e tendo commandado por algum tempo a 2.ª e 3.ª divisão militar, foi chamado aos conselhos da corôa como ministro da guerra em 22 de agosto de 1847, logar que exerceu até 18 de dezembro do mesmo anno. Poucos dias depois foi nomeado vogal do supremo conselho de justiça militar. Em 11 de agosto de 1849 foi-lhe entregue o governo d'Elvas. Falleceu em 22 de julho de 1852,

deixando um dos mais illustres nomes nos annaes do exercito, e na historia de Aveiro.[1]

Viscondessa de Sancto Antonio.— D. Anna Isequelina de Oliveira Leite, 1.ª baroneza e 1.ª viscondessa de Sancto Antonio, nasceu em Aveiro a 29 de agosto de 1798. Foram seus paes os srs. José Antonio de Oliveira Pinto e D. Anna Bernardina Leite de Faria. Casou em 4 de junho de 1826 com o tenente general Pedro Antonio Rebocho, 1.º barão e 1.º visconde de Sancto Antonio, um dos mais illustres batalhadores nas campanhas da peninsula e da liberdade, fallecido ha poucos annos. Suspeito é o auctor d'este livro para fallar das virtudes da illustre viscondessa, sua madrinha. Mas mais alto do que tudo o que poderia dizer-se, fallam as bençãos dos que se acolhem nas dobras do luminoso manto da sua caridade.

Visconde de Almeidinha.— João Carlos do Amaral Osorio de Sousa Pizarro, 1.º visconde de Almeidinha em sua vida, e 2.º barão do mesmo titulo em verificação de vida concedida por decreto de 10 de novembro de 1852 a sua mãe; par do reino por carta regia de 5 de março de 1853, de que prestou juramento e tomou posse em sessão da respectiva camara de 7 de março do mesmo anno; grande do reino na qualidade de par por, decreto com força de lei de 28 de setembro de 1855; grã-cruz da Real Ordem Americana de Isabel a Catholica de Hespanha; senhor do vinculo do Espirito Sancto de Almeidinha, instituido por Gaspar Paes do Amaral, fidalgo da casa real, e de outros vinculos por successão, nasceu em Aveiro a 13 de março de 1822. Casou em 25 de fevereiro de 1838 com D. Maria Henriqueta de Sousa Botelho Pizarro, sua prima, que nasceu em 23 de julho de 1816, e morreu em Lisboa a 5 de junho de 1862. Em outubro de 1866 passou a segundas nupcias com D. Victoria Catalá de Asencio y Domenech, natural de Malaga, filha de

[1] Dicc. Pop. vb. *Barão de Almofala.*

D. Pedro Catalá, commendador de numero da Ordem Militar de Sancto Hermenegildo, condecorado com a cruz da Ordem Militar de S. Fernando e Merito, cavalleiro da Ordem de Carlos III, e da Real Ordem Americana de Isabel a Catholica, e brigadeiro do exercito hespanhol. Viuvou segunda vez em 27 de julho de 1874. Occupa logar distincto entre os mais distinctos filhos da nossa terra.

Cacia

Freguezia de 673 fogos, e 2:482 habitantes. Está situada a O. da margem esquerda do Vouga, e dista de Aveiro 6 kilometros para o NE. Orago, S. Julião. Prior, o reverendo Francisco Luiz de Seabra.

Era commenda da Ordem de Christo; mas o mosteiro de Lorvão é que lhe apresentava os parochos, por lhe pertencer metade da freguezia em virtude da concessão que d'ella lhe fez o conde D. Henrique e sua mulher D. Thereza por carta de 24 de janeiro de 1076.

Ponte de Angeja

Fica n'esta freguezia a ponte sobre o Vouga (estrada n.º 41), conhecida por *Ponte de Angeja*. É de madeira, e foi construida segundo o plano e direcção do engenheiro Nunes.

Talabrica

É um problema historico a fundação e o local da antiga cidade de Talabrica. Ao certo sabe-se apenas que foi fundada pelos *celtas*, que no tempo dos Romanos era uma das 36 cidades tributarias da Lusitania pertencente ao *conventus juridicus* de Emerita, e que estava situada juncto á margem do Vouga.[1] E é quasi provavel que o seu

[1] Plinio, *Nat. Hist.*, liv. IV, cap. XXI.—Jeronymo Soares Barbosa, *Epit. da Hist. da Lusit.*, cap. VI, pag. 165.

local coincida com o do moderno logar de Cacia, sobranceiro ao Vouga. [1]

Couceiros da Costa

No logar de Villarinho da freguezia de Cacia é o solar da antiga e illustre familia dos Couceiros da Costa.

É tradição de familia ser o appellido Couceiro de origem franceza, da casa e familia de *Coucy*. Com o conde D. Henrique veiu alguem d'esta familia residir para Portugal, e os seus descendentes, por corrupção do vocabulo, vieram a dizer-se Couceiros. Entre algumas familias conhecidas por este appellido em diversas partes do reino, como na provincia do Minho, em Lisboa, Santarem e Tentugal, apparece a que teve solar em Paço de Couceiros, julgado da villa de Regalados. É nella que por varonia se entronca a familia Couceiros da Costa, que ainda hoje representa o solar e morgados de Villarinho.

Diogo Vaz Couceiro, natural de Paço de Couceiros, foi o primeiro que teve o titulo de morgado de Villarinho, e o padroado da egreja de S. Julião de Cacia, por mercê de 19 de agosto de 1445, registado na Torre do Tombo. Foi n'um dos seus successores que veiu a recahir tambem o vinculo instituido por D. Leonor da Costa, viuva de Lourenço de Carvalho e Lemos, da casa da Trofa, em 9 de julho de 1655, cujos bens estão situados parte em Villarinho, e parte em Tentugal e Aveiro, onde tinha a capella do Sacramento na egreja da Vera-Cruz. É de presumir, em vista de titulos antigos, que os antepassados de D. Leonor tivessem em Villarinho residencia anterior á da familia Couceiro. Mas é certo que desde 1445 esta familia alli existe em uma série de 15 successôs por varonia. O brasão de que usa é: — em meio escudo, tres cou-

---

[1] Romey, *Hist. de Hesp.*, tom. IV, pag. 195.— Duarte Nunes de Leão, *Descrip. do Reino de Port.*— *Memorias de Aveiro*, pag. 27.

ceiras entre dois leões, em campo azul; no outro meio escudo, seis castellos em campo vermelho; e uma cruz de Malta no centro de sete castellos. É rematado por uma corôa de cinco saliencias, que abrange todo o escudo.

Entre os descendentes da casa de Villarinho, que por documentos authenticos se vê terem occupado elevados cargos civis e principalmente militares em serviço da causa publica, figura João Couceiro de Abreu e Castro, cavalleiro da Ordem de Christo, commendador da de Santiago, guarda-mór do real archivo da Torre do Tombo, e socio da Academia Real d'este reino, que, casando em Lisboa com D. Ignez Ignacia Tenorio, ahi deixou descendencia com estes appellidos, enlaçada com antigas casas titulares.

Antonio Couceiro, a quem foi restituido o fôro de fidalgo, e despachado juiz de fóra da Covilhã por carta regia de 11 de abril de 1618, passou depois para a Casa dos Contos, em Gôa. De lá voltou para Villarinho a succeder no morgado instituido por D. Leonor da Costa, para o que obteve licença regia em 15 de maio de 1666.

Seu filho, Manuel Couceiro da Costa, ficou pela India, onde se distinguiu na vida militar. De suas acções distinctas se faz menção na carta de mercê de 2 de junho de 1674, que o fez cavalleiro da Ordem de Christo. Teve ainda outras mercês.

Os seus successores continuaram no serviço militar da India, e só no meado do seculo passado é que João Couceiro da Costa, capitão de infanteria na companhia da Ordenança da Nobreza, na cidade de S. Luiz, por carta regia de 13 de fevereiro de 1753, veiu residir nas ruinas da sua casa de Villarinho, onde falleceu. Está sepultado na capella da mesma casa, em jazigo de familia.

Seu filho primogenito, Francisco Manuel Couceiro da Costa, successor dos morgados, seguiu o exemplo de seus antepassados no serviço publico. Teve a sua primeira praça de cadete no regimento de cavallaria de Evora, onde serviu os demais postos até ao de coronel, a que foi promovido

por patente de 26 de março de 1810. Reformado por doença, veiu passar o resto de seus dias na sua casa de Aveiro, no alto da rua Larga, onde falleceu. Jaz na sua capella na egreja da Vera-Cruz. Teve diversas condecorações militares. Foi cavalleiro professo na Ordem de S. Bento de Aviz, por carta de mercê de 10 de fevereiro de 1792. N'essa carta se mencionam os seus merecimentos na carreira militar, e se louva o ter montado á sua custa uma companhia do seu regimento.

Succedeu-lhe nos morgados de Villarinho seu filho primogenito João Agostinho Couceiro da Costa, promovido a alferes de cavallaria 5 em 26 de agosto de 1805, e a tenente-coronel do regimento de milicias d'Aveiro em 11 de junho de 1811. Por não ter filhos lhe succedeu seu unico irmão Luiz Estevão Couceiro da Costa, que assentou praça em cavallaria 11, foi reconhecido cadete em 10 de junho de 1811, alferes em 10 de julho de 1813, e tenente em 22 de junho de 1815. Fez a campanha de 1811 a 1814. Accommettido em França por uma ophtalmia, de que quasi cegou, passou a servir na companhia de veteranos de Valença por despacho de 6 de dezembro de 1821. Em 1828, seguindo a politica realista, foi promovido a tenente-coronel commandante do batalhão de voluntarios realistas de Aveiro. Com a convenção de Evora Monte acabou a sua carreira publica. Falleceu em 1848. Jaz na sua capella de Villarinho. Teve diversas condecorações militares, e o habito de cavalleiro da Ordem da Conceição.

O actual representante da casa de Villarinho é seu filho, o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, chamado do remanso da sua vida agricola, pela sua muita illustração e integridade — bem que mau grado seu — a exercer elevados cargos administrativos no districto.

Eirol

Freguezia de 106 fogos, e 431 habitantes. Está situada

proximo da margem esquerda do Vouga, e dista de Aveiro 13 kilometros para ESE. Orago, Sancta Eulalia. Prior, o reverendo João Marques de Albuquerque.

Até 31 de dezembro de 1853 pertenceu ao extincto concelho d'Eixo.

Ponte da Rata

É n'esta freguezia, e sobre o rio Agueda, a ponte denominada da Rata, construida sob o plano o direcção do distincto director das obras publicas do districto, o sr. S. A. Pereira da Silva. Os trabalhos principiaram em 19 de maio de 1865, e concluiram-se em 18 de outubro de 1866. O material empregado foi o grés vermelho, e importou em 4:148$500 réis.

Eixo

Freguezia de 423 fogos, e 1:663 habitantes. Está situada 1 kilometro a O. da margem esquerda do Vouga, e dista de Aveiro 8 kilometros para o E. Orago, Sancto Isidoro. Prior, o reverendo José Tavares Pinheiro.

Foi villa, e cabeça do concelho do seu nome. D. Manuel deu-lhe foral em 2 de junho de 1516. Até 1834 teve juiz de fóra, cuja alçada se estendia ás villas de Paus, Ois da Ribeira, e Villarinho do Bairro, que pertenciam á comarca de Barcellos, por serem todas da casa de Bragança.

Depois de 1834, extinctos os juizes de fóra, ficou sendo concelho e juizo ordinario, composto das freguezios de Regueixo e Fermentelos, e dos curatos de Eirol e Naris. Por decreto de 31 de dezembro de 1853 foi extincto o concelho, passando para o de Aveiro, com excepção da freguezia de Fermentelos, que ficou pertencendo ao de Oliveira do Bairro.

Em 1828 foi o concelho de Eixo convidado pelo governo de D. Miguel a fazer-se representar na reunião dos *Tres*

estados. Em 2 de julho d'esse anno elegeu seu procurador o sr. Francisco Joaquim de Castro Côrte-Real, morgado da Oliveirinha, que tomou assento no banco 19.

O almoxarifado de Eixo

Ignora-se a epocha da fundação da villa de Eixo.

Parece que em 1079 pertenciam as terras de Eixo á condessa D. Flamula e a sua prima D. Thereza Fernandes, esposa do conde D. Mem Viegas de Sousa, da Casa do Marnel. [1] Em 18 de setembro de 1289 D. Leonor Affonso, filha bastarda de D. Affonso III, e viuva do conde D. Gonçalo Garcia de Sousa, doou entre outros os bens de Eixo á Ordem de Malta, que depois os trocou pelos de Montouto com o conde de Barcellos e sua mulher D. Branca de Sousa em 1324. [2] Pelo crime de rebellião lhe foram confiscados para a corôa estes bens, mas em breve restituidos pelas pazes feitas por intervenção de Sancta Isabel. [3] Por morte do conde de Barcellos, que herdára todos os bens de sua mulher, e d'um unico filho que d'ella houve, passaram as terras de Eixo talvez por mercê da corôa, para D. Martim Affonso de Sousa Chichorro, filho illegitimo de D. Affonso III, casado com D. Ignez Lourenço de Sousa, e progenitor dos Sousas Chichorros, um dos ramos em que se dividiu então a casa de Sousa. [4] Teve este D. Martim, de D. Aldonça Annes de Briteiros, abbadessa de Arouca, dois filhos, que por graça real lhe succederam. O primogenito, Vasco Martins de Sousa Chichorro, logrou crescido valimento na côrte de D. Pedro I, até 1413, em que, por aggravado e mal servido, D. Fernando doou a João Affonso Pimentel todas as terras e lo-

---

[1] Fr. Leão de S. Thomaz, *Benedictina Luzit.*, tom. II, cap. VIII.

[2] *Nova Malta Portugueza*, part. II, § 188, nota 111, e § 189.

[3] Duarte Nunes de Leão, *Chron. de D. Diniz*, pag. 119, 124 e 125.

[4] *Hist. Geneal. da C. R.*, liv. XIV, pag. 701 e segg.

gares que d'elle haviam sido. No entanto, já em 1406 as terras de Eixo estavam na mão de D. João Affonso Tello, 5.º conde de Barcellos, por doação da corôa. D'ahi em diante as vemos transmittidas de jure e herdade, mediante as precisas confirmações regias, a D. João Affonso Tello de Menezes, conde de Vianna; a D. Pedro de Castro, casado com D. Leonor Telles, filha do *conde velho;* e a D. Joanna de Castro, neta do precedente, e mulher de D. Fernando, conde de Arrayolos, e depois 2.º duque de Bragança. De D. Fernando passaram ellas para seu 3.º filho, o conde de Faro, de Odemira e de Aveiro, em 1465. Por crime de rebellião lhe foram ellas confiscadas por D. João II, e doadas á princeza Sancta Joanna, por cuja morte no convento de Jesus de Aveiro voltaram para a corôa, em 1490. Passados 4 annos, o monarcha fez doação das terras do almoxarifado de Eixo a Diogo Lopes de Sousa, da casa dos *Sousas Diabos,* senhores de Requeixo. Transmittiram-se depois de jure e herdade a Alvaro de Sousa, commendador de Sancto Isidoro de Eixo na Ordem de Christo;[1] a Diogo Lopes de Sousa, 2.º senhor de Requeixo; e finalmente a Vicente de Sousa, que perdeu em favor de D. Sancho de Noronha, 4.º conde de Odemira, a demanda por tanto tempo sustentada sobre o senhorio d'aquellas terras.[2] Por morte de D. Sancho de Noronha veiu a verificar-se a clausula de reversão dos bens do almoxarifado de Eixo á casa de Bragança, e como tal julgados vagos para a corôa.[3]

Compunha-se o almoxarifado de Eixo das villas e concelhos de Eixo, Ois da Ribeira, Paus, e Villarinho do Bairro. A serenissima casa de Bragança até 1832 não só recebia os fóros, rações e laudemios das terras de Eixo,

---

[1] Manuel Alves Pedrosa, *Nobiliarchia,* tit. *Senhores de Requeixo.*

[2] Cabedo, *Decisão* 37, part. II.

[3] Pegas, *Addições ao Comm.* da Ord., liv. II, tit. XXXV, § 18.

que lhe resavam os seus tombos, mas até se arrogava o senhorio da generalidade do terreno. Era ella quem exercia no almoxarifado todos os poderes jurisdiccionaes, nomeando pela junta do seu desembargo as justiças, as camaras e todos os outros funccionarios. O rendimento annual do almoxarifado andava por 11:500$000 réis. No emtanto, é sabido que, pelo decreto de 13 de agosto de 1832, cuja interpretação foi fixada pela lei de 22 de junho de 1846, foram revogados os foraes, e extinctos todos os fóros, serviços e prestações agrarias de qualquer natureza ou denominação, impostos por foral ou titulo generico, excepto sendo-o por senhorios particulares em bens seus patrimoniaes, ou alienados depois por titulo oneroso pela corôa ou seus donatarios auctorisados, ou finalmente provindo de contractos especiaes anteriores a que os mesmos foraes se refiram. Foi esta disposição legislativa que de 1851 para cá levantou a complicada demanda da casa de Bragança com os foreiros do extincto almoxarifado.

Esta questão, que cremos inda dura, deu origem, da parte do distinctissimo advogado dos povos de Eixo, ao mais notavel livro que sobre este assumpto poderia ser escripto pelos mais eminentes e abalisados jurisconsultos e historiadores do nosso paiz. [1] Fôsse elle um pouco mais conhecido, e José Corrêa de Miranda occuparia um dos primeiros logares na advocacia portugueza.

Edificios

A egreja parochial é boa. Da sua edificação sabe-se apenas que em 1705 estava a obra arrematada, que de 1711 á 1715 andou em construcção, e que em 1721 já n'ella se celebravam as ceremonias do culto. O seu padroado deu-o D. João II, em 19 de agosto de 1485, a

---

[2] J. C. de Miranda, *Dissertação Historico-juridica em defesa dos povos do extincto almoxarifado de Eixo nas causas de fóros e rações, que lhes move a serenissima casa de Bragança.*

sua irmã, a princeza Sancta Joanna. Mais tarde, e por motivos que ignoramos, passou á casa de Cadaval, que o possuiu até 1831. Já em 1095 era da invocação de Sancto Isidoro a freguezia, e monasterial a egreja. [1]

Em frente da egreja havia uma fonte antiquissima. Quando se demoliu em 1869 encontraram-se vestigios de mais tres edificações do mesmo genero e no mesmo local.

A capella de Nossa Senhora da Graça tem sobre a porta a data de 1710. A de S. Sebastião tem a data de 1734. A sua antiguidade porém parece maior. Aquellas datas referem-se de certo á sua reedificação.

A casa de Bragança tinha em Eixo dois bons celleiros, destinados até 1832 á recepção dos cereaes que por foros, censos e pensões a mesma serenissima casa aqui recebia. O maior inda existe.

É tradição ter aqui havido um paço real. É certo que D. Fernando I aqui esteve quando assignou a *carta d'arras* a D. Leonor Telles de Menezes, em 5 de janeiro de 1372. [2]

Tambem aqui havia um edificio soffrivel onde estavam a cadeia, as repartições publicas, e a camara, e onde eram as audiencias dos juizes de fóra.

Em 1829 foi demolido, para se fazer outro melhor, que se não chegou a concluir, e em cujas ruinas se está construindo actualmente a casa das aulas para os dois sexos.

Alguns edificios particulares teem agradavel apparencia. Tornam-se notaveis o dos srs. Abreus e o do sr. Avelino Dias de Figueiredo, ainda em construcção.

Industrias

Tem Eixo duas fabricas de telha, talvez as melhores do

---

[1] Viterbo — *Elucidario*, vb. cidade. A. C. do Amaral, *Mem. para a Hist.*, etc. not. 216.

[2] *Monarchia Lusitana*, part. VIII, cap XXI, pag. 146 e 147.

reino. Já em 1555 aqui se fabricava telha e tijolo. É tambem importante a industria das caldeiras e outras obras de latão. Chegou a ser importantissima em annos passados, e quasi que foi um monopolio d'esta villa. Foi isto o que muito concorreu para o seu engrandecimento.

No dia 3 de cada mez ha uma concorrida feira de gado vaccum e suino ao poente da villa, e no local denominado Serra de Eixo. Teve principio a 3 de outubro de 1855.

Homens illustres

Entre os muitos homens notaveis, de que Eixo se présa de haver sido berço, contam-se os seguintes:

Venancio Dias de Carvalho e Figueiredo, bacharel formado em direito e ex-governador civil de Aveiro.

Clemente Joaquim de Carvalho e Silva, provisor do bispado de Aveiro e abbade de Palmaz.

D. fr. Sebastião da Annunciação Gomes de Lemos, bispo resignatario de Angola e commissario geral da bulla da Sancta Cruzada.

José Joaquim Ferreira de Castro e Silva, bacharel formado em direito, e doutor e lente da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra.

Sebastião de Carvalho e Lima, um dos cavalheiros mais estimaveis, e um dos mais ricos proprietarios do concelho. É actualmente presidente da camara municipal de Aveiro.

Venancio Dias de Figueiredo Vieira, bacharel formado em direito, e um dos nossos mais notaveis e profundos antiquarios. Ha d'elle uma *Memoria sobre a Villa de Eixo,* que a sua modestia não tem até agora consentido que veja a luz da publicidade. Do seu merecimento ha de dizer bem alto o mundo das lettras, quando um dia conseguir conhecêl-a. Aos seus eruditos apontamentos é devida uma grande parte do nosso presente escripto.

Esgueira

Freguezia de 461 fogos, e 1:836 habitantes. Fica 500 metros ao N. de Aveiro. Orago, Sancto André. Prior, o reverendo João Francisco das Neves.

Foi villa, e cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome. Os parochos eram da apresentação das freiras de Lorvão. Era commenda da Ordem de Christo. O conde D. Henrique deu-lhe foral, que D. Affonso IV confirmou e ampliou em 1342. D. Manuel deu-lhe foral novo a 8 de junho de 1515. As suas armas eram um navio envergado sobre ondas azues.

Tinha uma cadeira de instrucção primaria, creada por provisão do Desembargo do Paço de 16 de agosto de 1779. Hoje tem duas para ambos os sexos. A egreja parochial, construida em 1680, é um bom templo. N'estes ultimos tempos tem-lhe a junta de parochia feito importantes melhoramentos.

Foi solar de muitas familias nobres. Ainda em 1824 se encontravam ruinas de vinte e tantos palacios com os brasões de seus moradores. Nos seus antigos Paços do Concelho estão hoje as aulas de instrucção primaria. Da sua Misericordia não ha vestigios. Inda conserva o seu pelourinho, encimado pela esphera armillar de D. Manuel.

Por provisão de 19 de fevereiro de 1740 permittiu D. João V que se fizesse em Esgueira, no ultimo dia de cada mez, uma feira, além da que já se fazia em 30 de novembro de cada anno. Nem uma nem outra se fazem já.

A ponte de Esgueira

É a ponte de Esgueira uma das primeiras obras d'arte da nossa linha do caminho de ferro. A sua construcção foi difficultosa e demorada, pela mobilidade do terreno em que deviam assentar os pilares. Cooperaram n'ella os mais babeis engenheiros portuguezes e britanicos.

O concelho e comarca de Esgueira

O concelho de Esgueira, que se compunha das freguezias de Cacia, Esgueira, Nariz e Palhaça, foi extincto por decreto de 6 de novembro de 1836. A entrega do archivo municipal á camara de Aveiro foi em 30 de janeiro de 1837.

A antiga comarca de Esgueira compunha-se das villas de Agueda, Aguieira, Assequins, Aveiro, Avellãs de Caminho, Avellãs de Cima, Bemposta, Brunhido, Couto de Esteves, Eixo, Estarreja, Fermedo, Ferreiros, Ilhavo, S. Lourenço do Bairro, Ois da Ribeira, Oliveira do Bairro, Paus, Prestimo, Recardães, Sangalhos, Segadães, Serém, Sousa, Trofa, Villarinho do Bairro, Vagos e Vouga. É difficil fixar a epocha da sua creação.

Da existencia da villa nos falla incidentemente a historia por occasião das discordias de D. Affonso II com suas irmãs. D. Sancho I [1] deixára a sua filha D. Thereza, a divorciada rainha de Leão, o senhorio do castello de Montemór e da villa de Esgueira, cujas rendas, segundo parece, [2] já ella desfructava. Na bulla de Innocencio III, de 5 de outubro de 1211 (*Olim ad petitionem*) confirma-se a infanta na posse de Montemór e Esgueira. Mas nas bullas subsequentes de 31 de agosto de 1212 (*Cum apostolo*), de 21 de maio de 1213 (*Accessimus ex litteris*), de 7 de abril de 1216 (*Cum olim charissimus*), e de 8 de janeiro de 1217 (*Cum charissimus*), já se falla simplesmente em Montemór. Parece portanto que a posse da villa de Esgueira, pois que não era fortificada, ou foi menos disputada, ou oppoz menor resistencia ás forças do monarcha. É certo que as dissensões das infantas com seu irmão só terminaram em tempo de D. Sancho II. Pela bulla de 15 de dezembro de 1231 (*Cum ex injuncte*), em que Gregorio IX confirma a composição que D. Thereza e suas irmãs fize-

---

[1] Arch. Nac., Gav. 16, M. 2. n.º 16.

[2] Alexandre Herculano, *Hist. de Port.*, tom. II, pag. 174.

ram com D. Sancho II, se vê que Esgueira deveria ficar pertencendo a D. Thereza em sua vida, e depois seria entregue ao mosteiro de Lorvão. É effectivamente a este convento que vemos depois pertencer o padroado de Esgueira.

Quanto á comarca, podemos apenas assegurar que é mais moderna do que a de Aveiro. O reino dividia-se antigamente em meirinhados, quasi tão grandes como as actuaes provincias, e estes em almoxarifados, nas terras principaes. O almoxarifado de Aveiro, que já existia em tempo de D. Diniz, pertencia ao meirinhado da Beira, e comprehendia toda a comarca de Esgueira. O infante D. Pedro, bem como D. Jorge, uniram em seu dominio as duas comarcas, de Aveiro e Esgueira. D. João III, nomeando D. João de Lancastre duque d'Aveiro, extinguiu naturalmente esta comarca, dando ao novo duque ouvidor para as suas terras. As terras que pertenciam á corôa, ou a donatarios particulares, como Esgueira e outras, continuaram sob a jurisdicção real, e subjeitas ao corregedor de Coimbra. O provedor d'esta cidade, que entrava em todas estes districtos, para fazer o encabeçamento das cisas, [1] intitulava-se *provedor das comarcas de Coimbra, e almoxarifado de Aveiro.* Facil é de vêr por aqui que a comarca de Esgueira não era mais antiga do que Aveiro, [2] nem passava de ser uma villa pertencente á circumscripção territorial que tinha por capital Aveiro. [3] Annos depois, em 1590, pelo desenvolvimento da população e da industria, foi este districto elevado a comarca independente da de Coimbra. Mas como Aveiro era cabeça de ducado, e só se formavam comarcas em terras de real jurisdicção, escolheu-se para capital a villa de Esgueira, por mais visinha, e só estar subjeita no civel ao convento de

---

[1] *Livro do Reg. da Cam. de Aveiro,* fl. 113.
[2] Duarte Nunes de Leão, *Descripção de Portugal.*
[1] Fr. Nicolau de Lisboa, *Grandezas de Lisboa,* pag. 163.

Lorvão. Mas era tal a importancia de Aveiro sobre a villa de Esgueira, que por uma provisão de 1681 ordena D. Pedro II que na falta de provedor de Esgueira faça as suas vezes o corregedor de Coimbra, e na falta de ambos o juiz de fóra de Aveiro. E já por uma outra provisão de 1628 se concedera aos provedores de Esgueira licença para residirem em Aveiro, *como já ha muito era costume.* Voltando Aveiro á jurisdicção real pela extincção do ducado, voltou á sua categoria de comarca. A lei de 11 de abril de 1759 extinguiu a provedoria de Esgueira. E por provisão de 4 de setembro de 1759 creou D. José a nova comarca de Aveiro, ordenando que o provedor que até então o havia sido de Esgueira o fique sendo d'esta cidade.

M. J. Borges de Paiva

Manuel Joaquim Borges de Paiva, bacharel em leis pela Universidade de Coimbra em 1818, nasceu em Esgueira pelos fins do seculo passado. Poeta da eschola da Nova Arcadia, e talvez mesmo socio d'ella, escreveu um volume de poesias, e umas quatro tragedias, de que tres ficaram ineditas. Foi particular amigo *do Cysne do Vouga,* que dedicou uma elegia á sua morte, em 1824.

Nariz

Freguezia de 232 fogos, e 735 habitantes. Está situada 10 kilometros a SE. de Aveiro. Orago, S. Pedro. Prior, o reverendo José Duarte de Almeida Martins.

Os parochos eram apresentados pela casa de Bragança. Pertencia ao concelho de Eixo, passou depois para o de Oliveira do Bairro, e por decreto de 4 de dezembro de 1872 para o de Aveiro.

Fr. José da Assumpção

Não se póde determinar ao certo a data do nascimento

d'este illustre filho de Nariz. Ordenou-se em Aveiro, e foi um dos melhores missionarios do seminario do Varatojo. Percorreu quasi todas as provincias do reino prégando o evangelho. Chamado a Coimbra pelo bispo D. Joaquim de Nazareth, para missionar, teve de prégar no largo da Feira, por não caberem na cathedral os que corriam a escutal-o. E o mesmo aconteceu em S. Martinho do Bispo, proximo de Coimbra, onde teve de prégar no monte em presença de mais de cinco mil pessoas, Pelo governo de D. Miguel foi eleito bispo de Lamego, e confirmado pela Sancta Sé em 29 de junho de 1834. Acceitou a custo esta nomeação, e não chegou a exercer as funcções episcopaes pelo advento do governo liberal. Depois da convenção, recolheu-se a um modesto quarto em Lisboa, onde, apesar da doença que o ia minando, escreveu varios livros repassados de uncção evangelica e sã doutrina. Rejeitou o convite de dois prelados brasileiros para que fosse residir na America, e falleceu em Lisboa, a 18 de novembro de 1841. [1]

Oliveirinha

Freguezia de 540 fogos, e 1:608 habitantes. Está situada 1 kilometro a ENE. da estrada real de Aveiro a Coimbra. Dista de Aveiro 7 kilometros para SE. Foi creada por decreto de 2 de maio de 1849, fazendo até então parte da freguezia de Eixo. A egreja parochial é elegante e foi construida ha poucos annos. Ha aqui uma grande feira, e antiquissima, no dia 21 de cada mez.

Casa da Oliveirinha

Está n'esta freguezia a antiga e nobre *Casa da Oliveirinha*, vinculada até 30 de junho de 1860, e de que foi ultimo administrador, por casamento, o sr. Francisco Joa-

---

[1] *Diccionario popular*, tom. II, pag. 360.

quim de Castro Côrte-Real, natural da Villa da Feira, e filho do capitão-mór João de Castro Côrte-Real.

O actual representante da casa da Oliveirinha é o sr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Côrte Real, bacharel formado em direito, actualmente juiz de direito em commissão na Procuradoria Regia do Porto, filho do ultimo morgado, e casado com D. Henriqueta da Silva Pereira, natural da Villa da Feira.

José Luciano de Castro. — José Luciano de Castro, filho do sr. Francisco Joaquim de Castro Côrte Real, e de D. Maria Augusta da Silva Pereira, nasceu na casa da Oliveirinha em 14 de dezembro de 1834.

É director geral dos proprios nacionaes no ministerio dos negocios da fazenda desde 1863, e deputado ás côrtes pelo circulo de Anadia. Foi ministro da justiça desde 11 de agosto de 1869 até 20 de maio de 1870, deixando o seu nome vinculado a brilhantes reformas. É tribuno eloquente, jurisconsulto abalisado, escriptor distincto, jornalista de merito, e um dos primeiros homens do partido progressista-historico.

Collaborou no *Observador*, hoje *Conimbricense*. Fundou o *Campeão do Vouga*. Foi redactor principal do *Nacional*, do *Jornal do Porto*, da *Gazeta do Povo* e do *Paiz*. É um dos redactores do *Progresso* e do *Direito*.

Como ministro, apresentou ás côrtes, na sessão de 14 de maio de 1870, as seguintes propostas de lei: — Reforma penal, Reforma do processo criminal, Reforma das fianças nos processos de policia correccional, Extincção da relação commercial. Sobre o despacho de juizes de 1.ª e 2.ª instancia e de delegados do procurador regio para as ilhas adjacentes, Reforma da dotação do episcopado e dos cabidos, e Reforma da dotação dos governadores dos bispados vagos. O relatorio que as precede é um documento notavel.

Como deputado, que quasi ininterrompidamente tem

sido desde 1854, tem importantes trabalhos, entre os quaes avulta o *Projecto de Reforma da Carta.*

Costa do Vallado

Foi villa da extincta comarca de Esgueira, e solar da illustre familia dos Costas, donde descendem os condes de Soure e senhores de Pancas, e onde vão entroncar os morgados de Villarinho.

Quintãs

A povoação das Quintãs pertence em parte á freguezia da Oliveirinha e em parte á de Ilhavo. Ha muito que se clama contra éste inconveniente. A junta geral do districto, em consulta de 12 de setembro de 1855, representou n'este sentido ao govêrno, por proposta do então governador civil, Anthero Albano da Silveira Pinto. Tem uma bonita capella da invocação de S. Bartholomeu, construida em 1863.

Em 19 de maio de 1835 foram no local da Praça da Palha cruelmente assassinados o capitão de Ordenanças Manuel Antonio Freire Craveiro, e seus 5 filhos, pela força vinda de Aveiro para os prender. O infeliz militára nas fileiras de D. Miguel até á convenção de Evora Monte. Foi denunciado por Bento Fragoso, seu compadre, a cuja casa se acolhêra. Jaz sepultado na capella de S. João de Aveiro. Um anno depois Bento Fragoso foi morto a tiro.

Palhaça ou Villa Nova da Palhaça

Freguezia de 277 fogos, e 975 habitantes. Está situada 15 kilometros ao S. de Aveiro. Orago, S. Pedro. Reitor, o reverendo José Agostinho Ferreira.

Foi do concelho de Sousa. Por decreto de 24 de outubro de 1855 passou para o concelho de Oliveira do

Bairro, e por outro de 18 de dezembro de 1872 para o de Aveiro. Faz-se aqui uma grande feira no dia 29 de cada mez.

Requeixo

Freguezia de 518 fogos, e 1:290 habitantes. Está juncto á margém esquerda do Agueda, e dista de Aveiro 15 kilometros para ESE. Orago, S. Paio. Prior, o reverendo José Marques Vidal.

Era da casa de Bragança. Pertenceu ao extincto concelho de Eixo, passando depois para o de Aveiro.

CONCELHO DE CASTELLO DE PAIVA

Este concelho compõe-se actualmente das freguezias de Bairros, Fórnos, Paraizo, Pedorido, Raiva, Real, Sancta Maria de Sardoura, S. Martinho de Sardoura, e Sobrado. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 era supprimido, e annexado ao concelho de Arouca. Tem 8:541 hectares de superficie, 1:892 predios inscriptos na matriz, e 8:542 habitantes.

Castello de Paiva era cabeça de um julgado, que foi extincto por decreto de 23 de dezembro de 1873, e annexado á comarca de Arouca.

Bairros

Freguezia de 156 fogos, e 717 habitantes. Está situada 1 kilometro a O. da margem esquerda do rio Paiva, e distante de Sobrado 2 $^1/_2$ kilometros para SE. Orago, S. Miguel. Reitor, o reverendo Alexandre P. de Almeida Bessa.

Os cruzios de Villa Bôa do Bispo apresentavam-lhe os parochos.

Solar dos Salemas

Na Quinta da Fisga é o solar dos Salemas, de quem é actual representante o sr. Manuel Salema de Sousa Abreu Gouvêa de Carvalho Pereira.

Fórnos

Freguezia de 279 fogos, e 1:230 habitantes. Está situada 1 kilometro a SO. da margem esquerda do Paiva, e a egual distancia para SE. da margem esquerda do Douro. Orago, S. Pelagio. Abbade, o reverendo Antonio Joaquim d'Almeida Raposo.

A casa da Cardia

É n'esta freguezia a antiga *casa da Cardia*, solar dos Pintos, de quem é actual representante o sr. Nicolau Pereira Pinto de Almeida. São os Pintos uma familia nobre de Portugal. Procedem de D. João Garcia de Sousa, neto do conde D. Mendo, que foi o primeiro que usou do sobrenome Pinto. Trazem por armas cinco crescentes vermelhos em aspa; timbre, um leopardo de prata, armado de vermelho, com um crescente das armas na espadua.

Castello de Paiva

Tambem é n'esta freguezia o logar de Castello de Paiva, pequena mas bonita povoação, donde o concelho toma o nome. Em frente, como que erguendo-se do seio das aguas do rio Douro, que lhe corre aos pés, está uma grande molle de rochedos, chamada o *Castello*. Diz a tradição serem as ruinas d'um velho alcaçar arabe. Não ha vestigios de taes ruinas, nem de tal fortaleza. No sitio chamado o Castello de Baixo ha um grande e notavel *dolmen*. Falta-lhe já a lage superior, que deveria ter mais de 16 metros quadrados. Sustentam a ara ou mesa sete pilares cylindricos; d'um d'elles só resta a parte inferior. São feitos de tres ou quatro peças cada um. A certeza das juntas demonstra o emprego de *instrumentos de ferro*, e attestam que este dolmen é de uma epocha mais moderna do que a da maior parte dos que existem pela peninsula.

Juncto a esta povoação desagua o rio Paiva, depois d'um curso de 85 kilometros.

Barão de Castello de Paiva

Antonio da Costa Paiva, 1.º barão de Castello de Paiva por decreto de 5 de abril de 1854; cavalleiro das Ordens de Christo e de Nossa Senhora da Conceição; bacharel formado em philosophia pela Universidade de Coimbra; doutor em medicina pela faculdade de Pariz; lente jubilado da Academia Polytechnica do Porto; vogal do Conselho geral de instrucção publica; membro do Conselho dramatico; socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa; Associado estrangeiro da Sociedade Zoologica de Londres, da Sociedade de Historia Natural de Cassel, da Sociedade das Sciencias Naturaes de Strasbourg, das Sociedades Botanicas de França e de Edimburg, da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, das Academias de Medicina e Cirurgia de Tolosa, Marselha, e Montpellier, etc., nasceu em 12 de outubro de 1806. Publicou muitas e importantissimas obras sobre sciencias naturaes, lisongeiramente conceituadas pelos sabios extrangeiros, e pelos mais distinctos naturalistas portuguezes.

Paraizo

A freguezia de S. Pedro do Paraizo tem 154 fogos e 713 habitantes. Está situada 4 kilometros para SE. da margem esquerda do Douro, e distante de Sobrado 3 ½ kilometros para SO. Os frades do convento de Paço de Sousa apresentavam-lhe os parochos.

Mina das Cavadinhas

No monte das Cavadinhas ha uma mina de carvão, concedida, por decreto de 18 de novembro de 1865, á *Companhia Arauquense.*

Sancta Eufemia

No logar de Tauriz ha uma bonita capella, dedicada a Sancta Eufemia. É alli que annualmente se faz uma grande romagem nos dias 16 e 17 de setembro.

Pedorido

Freguezia de 182 fogos, e 713 habitantes. Está juncto á margem esquerda do Douro, e na sua confluencia com o Pedonde. Orago, Sancta Eulália. Reitor, o reverendo Antonio Mathias de Almeida.

Ha n'ella boas quintas, como são as de Tornello e Geremunde. No logar da Povoa é o solar dos Aranhas.

Mina da Povoa

Ha na Povoa uma mina de carvão, de que foi declarado descobridor legal o sr. Francisco Saraiva da Costa Couraça, por portaria de 18 de abril de 1865.

Raiva

Freguezia de 267 fogos, e 1:341 habitantes. Está situada juncto á margem esquerda do Douro. Orago, S. João Baptista. Abbade, o reverendo Antonio Lopes Moreira.

Era da apresentação dos marquezes de Marialva. Na serra de Monte Grande ha muitas *mamôas*.

Minas

No logar de Gondarem ha uma mina de chumbo e prata, descoberta em 3 de outubro de 1870 pelo sr. barão do Freixo, a quem foi concedida provisoriamente em 11 de março de 1871.

No logar de Baltidão ha uma outra mina de chumbo argentifero. Por portaria de 21 de maio de 1877 foram reconhecidos como seus descobridores legaes os srs. Manuel da Costa Faria, e José Carneiro Sampaio e Silva.

No logar da Gardunha ha uma outra mina do mesmo metal, de que os mesmos individuos foram declarados descobridores legaes por portaria da mesma data.

No logar de Terramonte ha tambem uma outra mina do mesmo metal, de que uma outra portaria da mesma data reconhece como descobridor legal o sr. José Francisco Pereira.

Real

Freguezia de 265 fogos, e 1:198 habitantes. Está situada na estrada de Sobrado a Arouca. Dista de Sobrado 2 $^1/_2$ kilometros para SSE. Orago, Sancta Marinha. Abbade, o reverendo Jeronimo Pereira Real.

Antigamente os parochos eram da apresentação do real padroado. Pela serra de Ancia e por outros logares ha bastantes *mamôas*. No logar da Povoação, além d'estes monumentos pre-historicos, ha uma fonte antiquissima, que mostra ser obra do tempo dos romanos, e alicerces de antigos edificios.

Nojões

Pertence a esta freguezia a aldêa de Nojões. Foi villa, e cabeça do concelho do seu nome. Attestam-no os seus antigos paços do concelho, presentemente convertidos em taberna. O concelho foi supprimido em 1834.

Sancta Maria de Sardoura

Freguezia de 217 fogos, e 1:157 habitantes. Está situada 1 $^1/_2$ kilometro ao S. da margem esquerda do Douro, e dista de Sobrado 2 $^1/_2$ kilometros para NO. Ha n'este sitio uma grande *anta*, a que o povo dá o nome de Penedo de Valle da Rua.

S. Martinho de Sardoura

Freguezia de 177 fogos, e 476 habitantes. Está na

margem esquerda do Douro. É seu vigario o reverendo Francisco M. de Lacerda e Vasconcellos.

Era curato annexo á freguezia de Sancta Maria de Sardoura.

Sobrado

Villa, e capital do concelho de Castello de Paiva. Está situada 3 $^1/_2$ kilometros a O. da margem esquerda do Paiva, e 3 kilometros da margem esquerda do Douro. Dista de Aveiro 15 kilometros para NO. Tem 222 fogos, e 996 habitantes. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Abbade, o reverendo José Pires Galvão.

Tem foral, dado por D. Manuel em 1 de dezembro de 1513. Os marquezes de Marialva apresentavam-lhe os parochos. Na aldêa de Fundões existem as ruinas d'um templo romano, e na de Felgueiras apparecem alguns mosaicos. Em Corvite ha uma capella com apparencia de mesquita, e no monte do mesmo nome um *almocabar* (cemiterio arabe), de que ainda restam sepulturas abertas em rochedos. Tambem é nesta freguezia a quinta da Boa Vista, formosa e principesca vivenda do sr. Bernardo Pinto de Miranda Montenegro.

CONCELHO DE ESTARREJA

O concelho de Estarreja compõe-se actualmente das freguezias de Avanca, Beduido, Bunheiro, Canellas, Fermelã, Murtosa, Pardilhó, Salreu, e Veiros. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 ficava pertencendo ao districto do Douro, e composto das parochias civis de Avanca, Beduido, Murtosa, Pardilhó e Salreu — 7:776 fogos. Tem 18:600 hectares de superficie, 57:133 predios inscriptos na matriz, e 29:282 habitantes.

A comarca de Estarreja, creada por decreto de 28 de janeiro de 1835, é hoje considerada de primeira classe por decreto de 2 de setembro de 1876. Compõe-se dos julgados de Estarreja (Beduido), Murtosa, e Salreu, por decreto de 23 de dezembro de 1875. A antiga comarca de Estarreja compunha-se dos concelhos de Angeja, Couto de Esteves, Estarreja, Fróssos, Macieira de Cambra, Oliveira de Azemeis, e Páus.

Avanca

Freguezia de 1:061 fogos, e 4:054 habitantes. Acha-se 1/2 kilometro a E. do caminho de ferro do norte, e dista de Estarreja 6 kilometros para o N. Orago, Sancta Ma-

rinha. Reitor, o reverendo Francisco P. de Rezende e Mello.

Era commenda da Ordem de Christo, apresentando o respectivo commendador os parochos. A primeira pedra da egreja parochial, que é um dos melhores templos do districto, foi lançada a 15 de outubro de 1727. Os habitantes d'esta freguezia e da de Pardilhó representaram contra a cultura do arroz em 9 de março de 1856. Prohibiu-a a portaria de 17 de abril de 1858.

É aqui o solar dos Rezendes, familia nobre de Portugal, que descende de Egas Moniz. É seu actual representante o sr. Antonio Thomaz de Rezende Abreu Freire.

Bunheiro

Freguezia de 850 fogos, e 7:417 habitantes. Está situada 7 kilometros a ONO. de Estarreja, e 35 $^1/_2$ kilometros ao S. do Porto. Orago, S. Matheus. Reitor, o reverendo Manuel José Ruella e Silva.

Era curato da apresentação do parocho de Avanca, a cuja freguezia estava annexa.

Canellas

Freguezia de 336 fogos, e 1:401 habitantes. Está na estrada de Estarreja a Angeja, 1 kilometro a E. do caminho de ferro do norte, e distante de Estarreja 6 kilometros para o S. Orago, S. Thomé.

Era dos marquezes de Angeja, mas da apresentação das freiras de Jesus de Aveiro.

Francisco Joaquim Bingre

Honra-se Canellas de ter sido patria do *Cysne do Vouga*.

Francisco Joaquim Bingre, o ultimo representante da Nova Arcadia, nasceu em 9 de julho de 1763. Foram seus paes Manuel Fernandes e D. Anna Maria Clara Hybinguer, de Vienna de Austria, e filha de Gaspar Hybinguer, capitão de Hussars no tempo de Maria Thereza.

O heroe da guerra dos quarenta annos morreu pelejando pela patria: não pôde porém legar á filha mais do que um nome honrado e um asylo n'um dos mosteiros de Vienna.

Sem lar e sem familia, a filha de Gaspar Hybinguer veio em demanda d'uma tia, que como dama de D. Marianna de Austria, viera para Lisboa.

Por morte de sua tia, que lhe legaria o fructo de suas economias se o terremoto de 1 de novembro de 1755 lh'o não roubasse, desposou Manuel Fernandes, e veio para Canellas, onde seu marido possuia algumas minguadas geiras que herdára de seus maiores. D'este consorcio houve um filho, que foi o poeta, a quem Manuel Fernandes ministrou apenas a educação que os seus parcos haveres lhe consentiam. Mais para buscar meios de vida que para grangear fortuna deixaram os dois conjuges a sua aldêa, e foram para Lisboa. Exerceram ahi durante alguns annos o commercio clandestino, então muito lucrativo, de fazendas de *paquete*. Pouco depois Manuel Fernandes, desgostoso da mulher ou do contrabando, deixou o filho aos cuidados da esposa, e foi para Canellas a curar do amanho de suas terras. Bingre cursou então em Lisboa humanidades, e matriculou-se no curso de commercio, que não chegou a concluir. Em 1790, com Joaquim Severino Ferraz de Campos, e Belchior Curvo Semedo Torres de Sequeira, fundou a Academia de Bellas Letras, ou *Nova Arcadia*. Promettedora de larga vida em seu começo, veio a academia a fechar-se logo em 1795. Deram com ella em terra as discordias accesas no seu seio entre Bocage e José Agostinho de Macedo. Bingre ausentára-se de Lisboa

no começo da lucta, e só para conciliar os irritados animos lá voltou. Mal conseguiu porém ficar de bem com todos.

Pouco antes ou logo depois da fundação da Nova Arcadia, desposou D. Anna Maria Pires, de Canellas, de quem houve os seguintes filhos: — D. Raymunda Marianna, que deixou doze filhos; Nuno Maria Bingre, fallecido no Brazil, para onde emigrára; Antonio Francisco d'Assis Bingre; Bartholomeu Maria Bingre, bacharel em direito, que morreu sem descendencia em 1829; Francisco Lourenço d'Assis Bingre; e D. Perpetua Bingre.

Ao passo que o poeta se ia tornando conhecido e estimado, os negocios domesticos iam-se-lhe complicando. O commercio definhou, as dividas augmentaram, e D. Anna Bingre perdeu o uso da razão. Buscando a saude de sua mãe, veio com ella para Canellas, onde esperava que as recordações d'um passado mais feliz lhe filtrassem algum raio de luz no cerebro allucinado. Baldada esperança: a razão não voltou. Em 1793 fallecera a mãe e o pae do infeliz vate. Saudades e lagrimas, tal foi o patrimonio que lhe legaram. No anno seguinte voltou Bingre para Lisboa com a esposa e filhos. Mais de uma vez a fome lhes bateu á porta. Ao fim de oito annos, gastos na composição de seus versos e na esperança de baldadas promessas, obteve um officio de justiça subalterna em Villa Nova de Anços, que não chegou a exercer por haver sido transferido em 1801 para o de escrivão dos orfãos no julgado de Ilhavo. Em 1824 foi demittido, sem se saber porquê. N'esse mesmo anno o corregedor da comarca de Aveiro, Florencio de Abreu Parada, seu velho amigo, nomeou-o escrivão da camara e do judicial e notas, na villa e concelho de Mira. A sua demissão em 1828 lançou-o nos braços da miseria, assim como a morte da esposa em 1823 o lançára nos da viuvez. Em 1834 foi provido no logar de escrivão da nova comarca de Mira; mas pela divisão judicial de 1836 ficou novamente desempregado, e tendo por unico recurso

de vida até 26 de março de 1836, dia em que falleceu, as esmolas dos seus amigos e até mesmo as dos que tinha por inimigos. Quasi todas as obras de Bingre estão ineditas; ha d'elle mais de 7:000 sonetos, odes, psalmos, dythyrambos, elegias, idilios, canções, cantos, apologos, epigrammas, madrigaes, satyras, metamorphoses, aventuras, phantasias, cartas sentimentaes, dramas heroicos e allegoricos, farças, entremezes, etc.

Tambem escreveu o *Momo*, poema heroi-comico, *As mulheres*, poema encomiastico, *As sombras, passeio phantastico ao cemiterio dos Prazeres*, e *O Democrito Mirense rindo com sua lyra*. Deve-se a conservação das obras do poeta ao antigo professor de latim em Aveiro, o sr. Callisto Luiz de Abreu. Baldados tem até hoje sido todos os esforços para realisar a sua publicação. Em 1857 o sr. Sebastião de Carvalho e Lima encarregou o sr. Callisto de as compilar e fazer imprimir, com o tituo de — *Estro do Bingre*, — na typographia do *Campeão do Vouga*. Infelizmente esta idêa não chegou a realisar-se.

Estarreja (Beduido)

Villa, e cabeça do concelho e comarca do seu nome. Está 1 kilometro a E. da 32.ª estação do caminho de ferro do norte. Dista de Aveiro 20 kilometros para NNE.

Tem a freguezia 773 fogos, e 2:628 habitantes. Orago, S. Thiago. Reitor, o reverendo Domingos Rodrigues Garrido. Dividia-se antigamente em duas partes: a 1.ª, que comprehendia a villa de Estarreja (então chamada Antuan), pertencia ao bispado do Porto, e era do mosteiro de Arouca; a 2.ª, composta dos logares de Sandaes, S. Thiago, Areosa, Souto, Devesa e Baneiros, pertencia ao bispado de Coimbra, e era da casa de Angeja.

A villa tem foral, dado por D. Manuel, em Evora, a 15 de novembro de 1519. Até 1700 teve dois juizes or-

dinarios postos pelas freiras de Arouca; d'ahi até 1834 foram de nomeação regia. Está ligada á estação do caminho de ferro por uma estrada mac-adamisada de 255^{m},4 de extensão. Os trabalhos principiaram a 6 de novembro de 1868, e finalisaram a 15 de junho de 1869.

N'uma das paredes da egreja parochial está uma lapide com esta inscripção: — *Reinando D. Affonso III, senhor rei de Portugal, no anno do Senhor 1253 — D. Vicente, bispo do Porto, edificou esta egreja a 10 de fevereiro, e fez reitor d'ella Pelagio, para gloria de Deus e de S. Thiago.* Na composição entre D. Sancho II e o bispo e cabido do Porto, confirmada pela bulla de Innocencio IV (*Cum a nobis*) de 6 de julho de 1254, declara el-rei ter dado á egreja portuense as egrejas de Soalhães e *Beduido.* [1]

Varões illustres

Conde de S. Thiago de Beduido.— D. Affonso VI concedeu este titulo a Lourenço de Sousa e Silva, em 12 de novembro de 1667. É hoje representante dos condes de S. Thiago de Beduido o sr. Antonio de Carvalho Daun e Lorena. Tem por armas o escudo esquartellado dos Sousas e Silvas, que é o 1.° e 4.° quartel divididos em quatro, tendo no 1.° e 4.° de cada um d'estes as armas de Portugal, e no 2.° e 3.° o leão dos Silvas; timbre, o mesmo leão.

C. X. Pereira Brandão.— O desembargador Caetano Xavier Pereira Brandão nasceu em 1796. Foi deputado ás côrtes em varias legislaturas, e uma das primeiras illustrações do districto.

J. H. Corrêa Telles.— Estarreja foi patria adoptiva do abalisado jurisconsulto José Homem Corrêa Telles. Nasceu em S. Thiago de Besteiros a 10 de maio de 1780. Formou-se em canones na Universidade de Coimbra em 1800;

---

[1] *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, tom. IX, pag. 173.

foi juiz de fóra da Figueira, provedor de Vizeu, corregedor do civel em Lisboa, e superintendente da barra de Aveiro. Em 1834 deixou a vida publica para se entregar á advocacia e á administração de sua grande casa. Os povos de Estarreja elegeram-no deputado em 1820, 1826, 1847 e 1849. Falleceu na sua casa de Estarreja a 3 de julho de 1849. É avultado o numero de suas obras, principalmente sobre jurisprudencia. O *Digesto Portuguez*, a *Doutrina das Acções*, e o *Manual dos Tabelliães* são d'um merecimento inconcusso.

Fermelã

Freguezia de 483 fogos, e 1:709 habitantes. Fica na estrada de Estarreja a Angeja, e dista da capital do concelho 8 kilometros para o S. Orago, S. Miguel. Reitor, o reverendo Manuel Maio da Encarnação Pinto. As freiras do convento de Jesus apresentavam os parochos.

Francisco Lourenço d'Almeida

Francisco Lourenço d'Almeida, bacharel formado em direito, fidalgo cavalleiro da casa real, do Conselho de S. M., commendador da Ordem da Conceição, e cavalleiro professo da de Christo, nasceu em Fermelã a 27 de junho de 1783. Era filho do major Manuel Francisco de Oliveira e de D. Josepha Maria de Almeida.

Foi nomeado juiz de fóra de Ponta Delgada em 1800, corregedor com beca honoraria na ilha de S. Catharina em 1812, desembargador da Relação da Bahia em 1818, transferido para a do Porto em 1823, chanceller em 1826, e governador das justiças, pela junta provisoria, em 1828. Perseguido pelo governo do infante, esteve 3 annos preso na Relação do Porto. Escapou á forca pela demora do processo nas mãos do juiz do crime. Foi solto em 9 de julho de 1832 pelos liberaes, e nomeado no dia seguinte presidente da Relação, com a faculdade extraordinaria de

despachar para todos os logares de justiça e de administração. Pouco depois foi despachado intendente da policia, e encarregado de todas as funcções administrativas do Porto e da provincia do Minho, e da construcção das linhas. A nomeação d'este «recto e antigo magistrado» [1] fez socegar os habitantes, que desejavam abandonar a cidade. Mousinho da Silveira diz que a salvação da causa da liberdade «se deve em grande parte ao zelo, pericia e actividade d'aquelle benemerito ministro.»

Em 1833 foi nomeado vice-presidente do S. T. de Justiça, então creado, competindo-lhe a presidencia por ser o magistrado constitucional mais subido em hierarchia. [2] Em 1842 retirou-se da vida publica e veio residir para a sua casa de Fermelã, onde morreu em maio de 1853. Casou duas vezes: a 1.ª com D. Maria Francisca Magdalena Garcia de Abranches; a 2.ª com D. Marianna Carlota Bernardina de Sousa Medeiros, natural da cidade do Desterro, no Brazil, de quem teve duas filhas, e um filho, o sr. José Francisco Lourenço d'Almeida e Medeiros, bacharel formado em philosophia, jornalista distincto, poeta de muito merito, e cavalheiro estimavel.

Murtosa

Freguezia de 2:058 fogos, e 7:667 habitantes. Está situada 10 kilometros a OSO. de Estarreja. Orago, Sancta Maria. Reitor, o reverendo Manuel Joaquim Valente de Almeida.

Foi curato annexo á freguezia de S. Thiago de Beduido. A maioria de seus habitantes emprega-se na pesca. No logar de Pardelhas ha diariamente um mercado de peixe, que talvez não tenha rival em todo o reino.

---

[1] S. da Luz Soriano, *Hist. do Cerco do Porto*, pag. 370 a 381.
[2] L. A. Rebello da Silva, *Varões illustres*, pag. 195.

Pardilhó

Freguezia de 793 fogos, e 3:094 habitantes. Está situada 9 kilometros a NE. de Estarreja. Orago, S. Pedro. Reitor, o reverendo Caetano de Pina Abreu Sá Freire.

Foi curato annexo á freguezia de Arouca.

Salreu

Freguezia de 913 fogos, e 3:090 habitantes. Está situada 3 kilometros ao S. de Estarreja. As freiras de Lorvão apresentavam-lhe os parochos.

O padre Carvalho e Costa diz que n'esta freguezia havia muitas familias nobres.

Veiros

Freguezia de 615 fogos, e 2:217 habitantes. Está situada 6 kilometros a OSO. de Estarreja. Orago, S. Bartholomeu.

Foi curato annexo á freguezia de S. Thiago de Beduido.

CONCELHO DA FEIRA

Ignora-se a epocha da sua creação, mas parece ser um dos mais antigos de Portugal. Compõe-se das freguezias de Anta, Argoncilhe, Arrifana, Canedo, Cortegaça, Escapães, Esmoriz, Espargo, Feira, Fiães, Fornos, Gião, Guisande, Lamas, Lever, Lobão, Lourosa, Maceda, Milheirós, Mosellos, Mosteirô, Nogueira da Regedora, Oleiros, Paços de Brandão, Paramos, Pigeiros, Rio-Meão, Romariz, Sanfins, Sanguedo, S. João de Ver, S. Jorge, Silvalde, Souto, Travanca, Valle, Villa Maior. Por decreto de 10 de dezembro de 1867 ficava fazendo parte do districto do Douro, e composto das parochias civis de Argoncilhe, Canedo, Esmoriz, Feira, Fiães, Guisande, Lobão, Oleiros, Rio-Meão e Romariz — 9:086 fogos.

O concelho da Feira tem 24:911 hectares de superficie, 62:660 predios inscriptos na matriz, e 40:738 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de réis 108:703$018. A contribuição predial subiu a réis 15:312$250.

A comarca da Feira, pelo decreto de 23 de dezembro de 1875, compõe-se dos julgados da Feira, Lobão e Paços de Brandão. Foi uma das maiores de Portugal, e pertencia ás correições de Barcellos e Esgueira, vindo mais tarde a pertencer só á de Aveiro. Em 1834 tinha 96 freguezias, algumas das quaes tinham mil fogos. As comarcas de Oli-

veira de Azemeis, Estarreja e Ovar, foram formadas com freguezias d'ella, passando tambem para a de Arouca as de Louredo, S. Miguel do Matto, Fermedo, Escariz e Mansores.

Anta

Freguezia de 590 fogos, e 2:935 habitantes. Dista 10 kilometros para NNO. da Feira. Orago, S. Miguel. Abbade, o reverendo Manuel Ribeiro de Figueiredo.

Houve aqui uma *anta,* donde proveio o nome da freguezia.

Espinho

Já existia em 1758, e pertencia então á freguezia de S. Felix da Marinha. Até 1840 era apenas uma agglomeração irregular de casinhas de taboas (palheiros), povoadas de pescadores. A primeira casa de cal e pedra foi mandada construir em 1843 pelo sr. José de Sá Couto, de Oleiros. Hoje é uma das mais concorridas praias de Portugal. Deve o seu engrandecimento á estação do caminho de ferro. Tem ricas e elegantes construcções, tres hoteis, e club. Divide-se em dois bairros, separados pelo largo do mercado. As duas ruas novas principaes são: a da Assemblêa, e a do Bandeira de Mello.

Argoncilhe

Freguezia de 466 fogos, e 2:048 habitantes. Está 10 kilometros a E. da estrada real do Porto a Lisboa. Orago, S. Martinho. Abbade, o reverendo Sebastião Alberto de Sousa Couto.

Foi curato da apresentação dos cruzios de Grijó. A egreja parochial foi edificada em 1686.

Nossa Senhora das Neves

Ha n'esta freguezia a antiquissima capella de Nossa Senhora das Neves, reedificada pelos frades de Grijó em 1581. Em 5 de agosto de cada anno concorrem processionalmente á festividade da padroeira os povos das freguezias de Lobão, Mosellos, Caldellas, Sanguêdo, Sandim e Olival, acompanhados dos seus parochos. Em 1875 juntaram-se aqui mais de *vinte mil* pessoas.

Arrifana

Freguezia de 216 fogos, e 993 habitantes. Fica na estrada real do Porto a Coimbra, 5 kilometros a ESE. da Feira. Orago, Sancta Maria. Abbade, o reverendo Bernardo A. Torres Leite.

Foi dos condes da Feira, e depois da casa do Infantado, que apresentava os parochos. É tradição que, pernoitando aqui a Rainha Sancta Isabel, na sua romagem a S. Thiago de Compostella, comêra uma laranja azeda. D'uma pevide que cahiu, nascêra uma larangeira, cujos fructos tinham no pé as quinas portuguezas. Em 1809, havendo alguns guerrilhas portuguezes morto juncto ao logar da Arrifana dois officiaes francezes extraviados, Soult, tio d'um d'elles, mandou aqui uma brigada saquear e incendiar a povoação. Fez depois esperar o povo, que ouvia missa na egreja parochial, e mandou fuzilar, no Campo da Brussiqueira, 300 velhos, mulheres e crianças.

Canedo

Freguezia de 528 fogos, e 2:312 habitantes. Fica 14 kilometros a NE. da Feira. Orago, S. Pedro. Abbade, o reverendo Francisco de Oliveira Maia.

O bispo do Porto apresentava os parochos. Tem foral,

dado por D. Affonso II em 1 de julho de 1212. N'elle se lhe dá o titulo de villa. É aqui a antiga casa e quinta de Fagilde, onde nasceu e morreu o bravo e honrado brigadeiro legitimista José Tavares da Silva. Tem um mercado mensal no dia 7.

Convento de Canedo

Houve em Canedo um mosteiro benedictino. Fundou-o D. Tello Guteres, que parece ter vivido no seculo IX. D. Diniz deu-o em 1304 ao bispo do Porto, D. Giraldo, que em 1307 o cedeu ao cabido da sua sé. Dizem alguns escriptores que passou a commenda em 1316; mas nada se sabe de positivo. É certo que foi vendido no tempo da usurpação philippina, pertencendo hoje aos srs. Bernárdo e Hermenegildo José da Silva Tavares.

Carvoeiro

Carvoeiro fica na margem esquerda do Douro. É povoação antiquissima e muito commercial. Fazia parte da freguezia da *Varzea de Carvoeiro,* encorporada na de Canedo ha mais de 400 annos. Em 897 foi tomada aos mouros por D. Affonso Magno.

Cortegaça

Freguezia de 375 fogos, e 1:775 habitantes. Está situada 9 kilometros a ONO. da Feira. Orago, Sancta Marinha.

O papa e os cruzios de Grijó apresentavam alternadamente os parochos. Foi villa e couto, com juiz ordinario e camara. Em 922 foi doada ao mosteiro de Crastomire. Passa aqui o rio Cortegaça, que, nascendo em S. João de Ver, vae desaguar na lagôa de Esmoriz, com 6 kilometros de curso.

Escapães

Freguezia de 112 fogos, e 442 habitantes. Dista 3 kilometros para E. da Feira. Orago, S. Martinho. Abbade, o reverendo Luiz Maria Mesquita de Carvalho.

Na aldêa de Nadaes ha a antiquissima ermida de Nossa Senhora das Necessidades, fundada pelos cruzios de Grijó segundo é tradição.

Esmoriz

Freguezia de 404 fogos, e 1:972 habitantes. Está situada 10 kilometros a ONO. da Feira. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Abbade, o reverendo Roberto Gonçalves de Sá. Já era freguezia em 897. É aqui a 34.ª estação do caminho de ferro do norte, ligada com o logar do Pirato pela estrada n.º 29, cuja extensão é de 9:622 metros, e que custou 22:121$029 réis. Os trabalhos principiaram a 7 de setembro de 1863, e concluiram-se a 6 de outubro de 1865. A egreja de Esmoriz foi doada em 897 por Gondezindo ao mosteiro de S. Salvador de Lavra. Eram os condes da Feira que lhe apresentavam os parochos.

A Barrinha

Ha aqui uma lagôa, quasi contigua ao Oceano, e em communicação com elle. Mede 1/2 kilometro de comprimento e 1 kilometro de largura. É conhecida por *Lagôa da Barrinha*. Era outr'ora atravessada pela antiga estrada de Ovar ao Porto, sobre uma ponte mandada construir em 1854 pela Junta Geral do districto com o auxilio das camaras de Ovar e Feira. Da ponte só restam hoje os pegões.

Espargo

Freguezia de 161 fogos, e 734 habitantes. Está 2 $^1/_2$ kilometros a NE. da Feira. Orago, S. Thiago. Abbade, o reverendo Theotonio José Leite de Pinho.

Os parochos eram da apresentação alternada do papa e do convento de Cucojães.

Feira

Villa e cabeça do concelho e comarca do mesmo nome. Está situada 2 $^1/_2$ kilometros a NE. da extremidade septentrional da ria de Aveiro, e 10 kilometros a E. da costa do oceano. Dista de Aveiro 28 $^1/_2$ kilometros para NNE.

O conde D. Henrique deu-lhe foral em 1109. D. Affonso III confirmou-o em 1270. D. Manuel deu-lhe um novo, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. Tem por armas: em escudo branco, a imagem da Virgem da Conceição, de pé sobre a porta d'um castello, tendo aos lados duas torres, e por baixo a legenda — *Lancobriga*. Durante o dominio romano e principios do godo pertenceu ao bispado de Mérida. Creado o bispado de Coimbra, ficou-lhe pertencendo até 1195, em que passou para a diocese do Porto, de que então era bispo D. Fr. João Peculiar.

Até 1834 teve um regimento de milicias, capitão-mór e uma companhia de ordenanças. Foi durante alguns annos quartel de caçadores 11.

A 20 de janeiro ha na Feira a chamada *festa das fogaças* em honra de S. Sebastião, a expensas da camara, que a ella assiste com as principaes auctoridades. Julga-se ter sido instituida pelos condes, em cumprimento de um voto por occasião de uma grande epidemia.

Edificios

O castello.— Parece ter sido fundado durante a monarchia wisigothica. Tem a apparencia d'um templo mourisco; mas a structura das paredes denota um verdadeiro alcáçar. É dividido em dois andares e uma loja terrea. Sobre a abobada está o eirado, acima do qual sóbem as quatro torres. Uma d'ellas dá subida para este sitio por uma escada de caracol. Além do pavimento parallelo ao eirado, havia outro quasi á altura dos curuchéos, que serviam de guaritas ou mirantes, donde se descobriam as costas do mar desde Mira até quasi á foz do Douro. Ao lado d'uma das torres havia tambem uma chaminé para dar sahida ao fumo d'um grande fogão do segundo andar. Formam as quatro torres curuchéos pyramidaes, rebocados de argamassa e conchas do mar, e encimados de tulipas de granito. Nos seus angulos ha outros curuchéos macissos, mais pequenos, mas da mesma fórma. O eirado é abaulado para represar as aguas, outr'ora conduzidas a uma cisterna, que havia no interior do edificio, por canos de barro hoje obstruidos. Da parte exterior da parede do nascente ha um parapeito saliente; do lado do norte ha um outro com dois grandes oculos, talvez para defender a porta do alcaçar que fica por baixo, e dá accesso para o 1.º e 2.º pavimento por uma escada de caracol. No centro ha um poço quadrado, forrado de cantaria, a que se desce por uma escada que lhe fica ao lado, guarnecida de uma linha perpendicular de janellas ponteagudas. Suppõe-se estar muito atulhado, mas tem ainda 14 janellas livres, e 12 metros de altura. Andam-lhe ligadas muitas lendas populares. A torre, erradamente chamada *castello*, foi mandada reedificar em 1512 por D. Manuel, que então a mandou cercar de muralhas com reductos, cubellos e barbacãs, hoje desmanteladas. No 1.º pavimento da *torre de menagem* ha um oratorio com columnas e capiteis gothicos. O castello propriamente dicto tinha duas portas e um postigo. A *porta da villa*, tendo na verga as armas de D. Manuel,

era defendida por dois cubellos e uma estrada coberta, assim como o *postigo*, a E. A *porta da traição*, ao N., está obstruida. Perto da torre ha uma outra cisterna, tambem em grande parte entulhada, que parece ter sido obra dos fins do seculo XV ou principios do XVI. Em 1852 foi desaterrada até 10 ou 12 metros de altura. Os condes da Feira edificaram um palacio dentro dos muros do castello, que ainda existe em ruinas. Suas Magestades D. Fernando II e D. Pedro V visitaram o castello em 1852.

Paços do concelho.— É edificio pequeno, mas elegante. Foi construido em 1860. No archivo municipal só ha de notavel o *foral novo*, o registo das successivas doações aos condes da Feira, e um livro de registos, que começa pelo da posse da casa e castello da Feira pelo infante D. Francisco.

Tribunal judicial.— Está nos velhos paços dos senhores da villa, e tem nos baixos as prisões publicas, que são espaçosas e seguras.

Fontes.— A villa é abundante de aguas, que são saborosissimas, e lhe veem do grande manancial chamado *Fonte da Velha*. Na praça tem um bonito chafariz, construido em 1845 por iniciativa do sr. José Corrêa Leite Barbosa, então e actual administrador do concelho, e a quem a Feira é devedora de importantes beneficios. No fundo das escadas do convento ha um outro, mandado edificar pelos frades no seculo passado.

Quintas.— Entre as differentes quintas, que ha nas circumvizinhanças da villa, é digna de menção a *do Castello*, dos herdeiros do sr. Joaquim Vaz de Oliveira, com bonita casa de campo, capella e jardim, com espaçosa estufa e formoso lago.

Misericordia.— A antiga irmandade da misericordia está estabelecida na capella de S. Nicolau, que foi a primitiva parochia.

Convento do Espirito Sancto.— Era de conegos regulares de S. João Evangelista (loyos). Foi fundado pelo

4.º conde da Feira, D. Diogo Forjaz Pereira, em 1560. A egreja, que ha mais de cem annos está servindo de parochia, é um templo magnifico. Tem dois tumulos embutidos na parede, e um carneiro privativo da familia dos fundadores. O convento, que era tambem um majestoso edificio, está em grande parte em ruinas. N'elle estão alojadas algumas repartições publicas. No antigo refeitorio está um theatro, construido em 1854.

Lancobriga

O proprio nome lhe descobre a origem: é fundação celta, cuja data se não sabe. Os romanos lhe chamaram Lancobrica, e lhe pozeram de guarnição uma cohorte de 600 soldados. Era cidade tributaria, e pertencia ao *conventus juridicus* de Emerita. Os wisigodos lhe restituiram o primitivo nome, e lhe edificaram o castello. Victima da invasão arabe e das guerras intestinas, que abalaram e destruiram a monarchia dos almoravides, ficou quasi reduzida a um montão de ruinas. Em 990, reinando em Castella D. Bermudo II, os condes Mem Guteres e Mem Lucidio, auxiliados pelos senhores do Marnel, a povoaram e reedificaram. Deram-lhe então o nome de *Villa de Sancta Maria,* bem como o de *Terra de Sancta Maria* a todo o territorio, que vai da margem esquerda do Douro até ao Caima, e desde o Oceano até ao Arda. D'ahi por diante pouco ou nada se sabe da sua historia. Em 1093 era alcaide do seu castello Placencio, varão de nobre linhagem e animo esforçado. Dizem alguns [1] que o castello da Feira era em 1053 occupado pelos arabes, e foi dos primeiros tomados por D. Affonso Henriques quando passou á margem esquerda do Douro. Affirma um nosso chronista [2] que D. Affonso Henriques roubára á sua mãe os dois castellos de Neiva e da Feira. São inacceitaveis estas

---

[1] *Panorama*, vol. v, pag. 370.
[2] J. R. Acenheiro, *Memorias ineditas*, vol. v, pag. 18.

affirmações. Nem os arabes infestaram as terras de entre Douro e Vouga depois da morte do conde D. Henrique, nem D. Thereza estava de posse do castello da Feira.

Infanções

É obscura a origem d'este titulo nobiliarchico. Muitos fazem-no remontar ao tempo dos reis de Oviedo, e querem que elle fosse dado aos infantes, filhos segundos dos reis. Mas por muitos documentos se prova serem inferiores em dignidade aos *ricos homens*. Outros se persuadiram que *infanções* eram os que acompanharam o infante D. Pelagio na expulsão dos mouros. Mas a etymologia da palavra não o consente. Os mais antigos de Portugal são os da *Terra de Sancta Maria*. Pelos seus privilegios, honras e exempções se egualavam os das demais terras, como se vê d'uma sentença de 3 de julho de 1486,[1] e como declarou D. João I nos privilegios que deu ás cidades do Porto, Braga e Guimarães.[2] Em 1337 havia na *Terra de Sancta Maria* 24 casas de infanções e ricos homens, que punham soldados á sua custa; mas pelo correr dos annos foram desapparecendo.

Condes da Feira

O condado da Feira, uma das maiores casas de Portugal, foi creado por D. Affonso V em beneficio de D. Rodrigo Vaz Pereira. A illustre familia dos Pereiras procede do conde D. Forjaz Bermuez, neto do conde D. Mendo, que era irmão de Desiderio, ultimo rei dos Lombardos, e de sua mulher D. Joanna Romaes, filha do conde D. Ramon e neta de D. Fruela I, rei de Leão. D. Gonçalo Rodrigues Forjaz veiu de Castella em tempo de D. Sancho I. Em 1516 D. Manuel fez alcaide-mór do castello da Feira e donatario de toda a Terra de Sancta Maria ao conde

---

[1] Pegas, *Comment. á Ord.*, tom. VII, pag. 378.
[2] D. Marcos da Cruz, *Chronica do Mosteiro de Grijó.*

D. Diogo Pereira. No tempo de D. Pedro II, por haver morrido sem successão o conde D. Fernando Forjaz Pereira Pimentel, passou o condado para a casa do Infantado, de que então era possuidor o infante D. Francisco.

O palacio dos condes e o archivo foram incendiados, diz-se que por ordem ou insinuação do governo de D. João V, para evitar as costumadas travessuras do infante.

Os condes da Feira traziam por armas: — em campo de purpura, uma cruz de prata, floreada, e por timbre uma cruz vermelha tambem floreada, entre dois côtos de asas de anjos. Foram dadas a D. Rodrigo Forjaz Pereira, por se achar na batalha das Navas de Tolosa.

Varões illustres

D. Mecia Pereira.— Era filha do 1.º conde da Feira, e foi uma das fundadoras do convento de Jesus. Havendo desposado D. Martinho Mendes de Barredo, embaixador de D. Affonso V em França, enviuvou nova. Requestada em casamento pelos mais illustres fidalgos, desprezou todas as propostas, e resistiu até ás ordens do rei. Sabendo que D. Beatriz Leitão curava de fundar um mosteiro na vizinha villa de Aveiro, mandou participar-lhe pelo dominico fr. Vasco de Guimarães que desejava associar-se-lhe. Effectivamente em maio de 1460 acompanharam-na a Aveiro o conde seu irmão e toda a sua casa. Recusando o aposento que D. Beatriz Leitão lhe destinára perto do recolhimento, e entregando á prioreza todo o dinheiro, joias e tapeçarias que trazia, votou-se desde logo aos jejuns, aos cilicios, á oração, e a servir os officiaes empregados na construcção do mosteiro, transportando aos hombros a pedra e a cal. Enfraquecida por estes rudes trabalhos, adoeceu. Conhecendo perto a morte, professou solemnemente, apesar de ainda não estar constituida a clausura, na presença do geral dos dominicos, fr. Antão de Sancta Maria, em 14 de setembro de 1464. Falleceu em 3 de outubro do mesmo anno.

Fr. Fructuoso Pereira.—Era descendente dos condes da Feira. Professou no instituto de S. Bento, e escreveu uma grammatica latina-portugueza, publicada em Lisboa em 1652. Falleceu em 20 de janeiro de 1660.

José Victorino Damasio.— Nasceu em 2 de novembro de 1807. Foram seus paes José Antonio Damasio e D. Maria Magdalena Damasio. Estudou humanidades em Aveiro e Coimbra. Matriculou-se nas faculdades de mathematica e philosophia da Universidade em 1826. Em 20 de maio de 1828 alistou-se no corpo de voluntarios academicos como cabo da 2.ª companhia. Depois da acção de Marouços, retirou com as forças da Junta para o Porto, donde emigrou, indo embarcar no Ferrol para Plymouth. Em fevereiro de 1829 aportou á Terceira. Por decreto de 10 de novembro de 1831 foi despachado 2.º tenente do primeiro batalhão de artilheria. Depois de tomar parte na tomada das ilhas de Pico, S. Jorge e S. Miguel, partiu para Portugal, onde desembarcou com a expedição do Mindello. No cerco do Porto assistiu a todas as acções, tornando-se notavel por seu valor nas de 24 de janeiro, 4 e 24 de março, que lhe valeram o posto de 1.º tenente por distincção, e o grau de cavalleiro da Torre e Espada; e nas de 5 e 25 de julho, que lhe alcançaram a nomeação de official da mesma Ordem. Voltando a cursar a Universidade, recebeu o grau de bacharel em 15 de junho de 1837. A 27 de novembro foi despachado lente da 3.ª cadeira da Academia Polytechnica do Porto, de que só tomou posse em 14 de fevereiro de 1838. Em 1842 prestou relevantissimos serviços á construcção da ponte pensil sobre o Douro.

Organisada em 1845 a companhia das Obras Publicas, foi chamado para o seu serviço em 2 de julho. Em dezembro partiu para França em desempenho d'uma importante commissão. Voltando em agosto de 1846, abraçou os principios da Junta do Porto, e por ella foi incumbido das mais importantes commissões militares, que desempe-

nhou como um bravo. Depois da Convenção de Gramido entregou-se novamente ao professorado. Em 1848 fundou, com o sr. Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, a fabrica de fundição do Bolhão, cuja direcção technica assumiu. Em 1851 tomou activa parte no movimento revolucionario. Como recompensa, só acceitou ser reintegrado no seu antigo posto de capitão de artilheria por decreto de 29 de abril de 1851. N'esse mesmo anno embarcou para a Madeira, em busca da saude que ia perdendo. Em julho de 1852 voltou restabelecido, e entrou no dia 7 no Porto, onde a mais sympathica ovação o esperava. Por decreto de 14 de outubro de 1852 foi nomeado membro do conselho geral de Obras publicas e minas.

Em 4 de agosto de 1853 foi nomeado director interino do instituto industrial de Lisboa. As suas occupações officiaes o obrigaram a pedir a exoneração. Foi-lhe concedida, nos termos mais honrosos, em 6 de outubro de 1859. N'esse mesmo anno foi agraciado com a commenda de Aviz. Por decreto de 31 de dezembro de 1863 foi nomeado director dos telegraphos, e por outro de 7 de março de 1865 foi-lhe conferida a carta do conselho. Falleceu em 19 de outubro de 1875, deixando um nome que será eternamente commemorado nos annaes da engenharia portugueza e na historia patria. [1]

Fiães

A freguezia de Sancta Maria de Fiães tem 326 fogos, e 1:552 habitantes. Está situada 1 $^1/_2$ kilometros a E. da estrada real do Porto a Coimbra, e 9 a NNE. da Feira. Reitor, o reverendo Antonio Gonçalves Nogueira.

A egreja é um formoso templo, construido no seculo XVI. Era curato de apresentação dos cruzios de Grijó.

---

[1] *Elogio historico de J. V. Damasio,* lido por J. F. N. Delgado na Assoc. dos eng. civ. port. em 30 de dezembro de 1876.

Fornos

A freguezia de S. Salvador de Fornos tem 157 fogos, e 671 habitantes. Está situada 1 $^1/_2$ kilometro a SSE. da Feira. Abbade, o reverendo Antonio Domingues da Conceição.

Os bispos do Porto lhe apresentavam os parochos.

Gião

Tem a freguezia de Sancto André de Gião 120 fogos, e 503 habitantes. Acha-se 12 kilometros a NE. da Feira.

Foi curato de apresentação das freiras do convento da Ave Maria, do Porto. É n'esta freguezia que está a grande casa e quinta da Beira, que diz a tradição ter sido mosteiro benedictino.

Guisande

S. Mamede de Guisande é freguezia de 110 fogos, e 529 habitantes. Está 10 kilometros a NE. da Feira. Abbade, o reverendo Manuel Ferreira Pinto.

Era da apresentação alternada do pontifice, do bispo do Porto e das freiras do convento da Ave Maria. No cimo do monte de S. Mamede encontram-se ainda vestigios de fortificações antigas.

Lamas

A freguezia de Sancta Maria de Lamas tem 178 fogos, e 897 habitantes. Está situada 6 kilometros a NE. da estação de Esmoriz. Dista da Feira 9 kilometros para NO. Abbade, o reverendo Manuel Antonio de Sousa.

Os parochos eram da apresentação pontificia.

Lever

Sancto André de Lever é freguezia de 144 fogos, e 691 habitantes. Fica na margem esquerda do Douro, e dista 15 kilometros a NNO. da Feira. Reitor, o reverendo Victorino José da Silva.

Os parochos eram da apresentação dos bispos do Porto.

Lobão

A freguezia de S. Thiago de Lobão tem 373 fogos, e 1:367 habitantes. Dista 10 kilometros a NO. da Feira.

Era curato da apresentação do reitor de Canedo. Foi commenda da Ordem do Templo; e, pela extincção d'esta, da de Christo.

Louroza

A freguezia de S. Thiago de Louroza tem 317 fogos, e 1:328 habitantes. Está situada $^1/_2$ kilometro a O. da estrada real do Porto a Coimbra. Dista da Feira 9 kilometros para o N. Abbade, o sr. Manuel José Gonçalves Tavares.

Os parochos eram da apresentação da mitra do Porto. No logar das Vendas Novas ha um mercado mensal no dia 10.

Maceda

S. Pedro de Maceda tem 292 fogos, e 734 habitantes. Está 2 kilometros a SE. da estação de Esmoriz, e dista da Feira 8 kilometros para O. Reitor, o sr. José Victorino da Fonseca.

A junta de parochia representou em 17 de março de 1857 contra a cultura do arroz.

Milheirós de Poiares

A freguezia de S. Miguel de Milheirós de Poiares tem 152 fogos, e 661 habitantes. Dista 3 kilometros para E. da estrada real do Porto a Coimbra, e 8 para E. da Feira. Reitor, o sr. Antonio Alves Moreira.

Era curato da apresentação dos cruzios da serra do Pilar. A 400 metros da aldêa do Carvalhal está o morro da Galhofeira, onde havia uma *anta* monstruosa, destruida ha annos pelos canteiros.

Minas

Ha n'esta freguezia uma mina de cobre, de que foram declarados descobridores, por portaria de 21 de janeiro de 1857, os srs. João Luiz de Rezende, Manuel Luiz Ferreira, e Manuel Ignacio da Silva.

O solar dos Prestellos

Foi aqui o solar da nobre familia dos Prestellos. Procede de Fillippe Prestello, de Placencia, que em 1428 acompanhou a rainha D. Leonor. Em 1437 D. Duarte lhe mandou passar carta de nobreza para si e seus successores. O brasão das suas armas era: — um escudo em palla; na 1.ª, de ouro, leão de purpura, armado de negro; na 2.ª, de prata, banda azul com 3 estrellas de ouro de oito pontos. Timbre, o leão do escudo, com uma estrella na espadua. Era d'esta familia o celebre navegador Bartholomeu Prestello, que descobriu a ilha de Porto Sancto em 1418, quando tentava dobrar o cabo Bojador.

Mosteirô

Freguezia de 131 fogos, e 606 habitantes. Dista 10 kilometros para ENE. da estação de Ovar, e 4 para SSE.

da Feira. Orago, Sancto André. Reitor, o reverendo Antonio Francisco da Silva.

É tradição haver aqui existido um mosteiro benedictino. Era curato annexo á freguezia de S. Miguel de Souto.

Mosellos

S. Martinho de Mosellos é freguezia de 230 fogos, e 1:087 habitantes. Está 2 kilometros a O. da estrada real do Porto a Coimbra, 7 a E. da estação de Espinho, e 12 a NNO. da Feira. Reitor, o reverendo José Alves Coelho.

Os cruzios de Grijó e depois os da serra do Pilar apresentavam-lhe os parochos.

Nogueira da Regedôra

Freguezia de 230 fogos, e 1:063 habitantes. Está situada 10 kilometros a NO. da Feira. Orago, S. Christovão. Reitor, o reverendo Narciso Pereira Guedes.

Os frades loyos do convento de S. João Evangelista da Feira apresentavam-lhe os parochos.

Oleiros

A freguezia de S. Paio de Oleiros tem 172 fogos, e 728 habitantes. Está distante da Feira 10 kilometros para NO. Reitor, o reverendo Manuel Alves Tavares da Silva.

Era curato annual da apresentação do reitor de Argoncilhe.

Fabrica de Candal

No logar de Candal ha uma grande fabrica de papel, propriedade do sr. Joaquim de Sá Couto. Fundada em 1811, foi destruida por um incendio em 1854, e reedifi-

cada em 1859. É de motor hydraulico, emprega 65 operarios, e produz annualmente 16:000$000 réis em papel. Os seus productos têem sido premiados em varias exposições portuguezas, e nas internacionaes de Londres (1862) e Pariz (1867).

Ha tambem n'esta freguezia uma fabrica de fiação fundada em 1855, e cujos productos foram premiados na exposição internacional de Londres de 1862. Emprega 130 pessoas.

Paços de Brandão

Freguezia de 193 fogos, e 857 habitantes. Está situada 11 kilometros a ONO. da Feira. Orago, S. Cypriano. Abbade, o reverendo José Henriques da Silva.

Era da apresentação das freiras de Santa Clara de Villa do Conde. Chamava-se antigamente *Palacio Blandon,* por aqui possuir uma grande casa um fidalgo do mesmo nome, que veiu com o conde D. Henrique. A egreja parochial é antiquissima. Foi mandada reedificar por um dos seus abbades nos fins do seculo passado. Ha aqui importantes fabricas de papel. A mais antiga é a do sr. João de Azevedo Aguiar Brandão.

A Capella do Soares

No logar da Barroca foi assassinado em 1834, por alguns guerrilhas liberaes, o ajudante de ordens do brigadeiro realista Paulo Maurity, José Joaquim Soares Ferreira, de Angeja. Para commemorar este lamentavel successo mandou o sr. Manuel Pinto d'Almeida construir ultimamente, juncto á egreja matriz, uma pequena ermida, que deve chamar-se *a Capella do Soares,* e para onde devem ser trasladados os ossos do infeliz.

Quintas

Ha n'esta freguezia as seguintes quintas: A *Quinta da Portella,* formosa vivenda com bellos jardins e espaçosa estufa, propriedade do sr. Manuel Pinto d'Almeida; a *Quinta de Baixo,* solar dos srs. barões da Regaleira, e hoje propriedade do sr. Joaquim d'Almeida Corrêa Leal; a *Quinta do Paço,* propriedade do sr. João de Azevedo Aguiar Brandão; e a *Casa do Souto,* solar dos Sás Mourões.

Caetano José Pinto d'Almeida

Nasceu a 20 de agosto de 1738. Havendo-se doutorado na faculdade de medicina na Universidade de Montpellier, veio a ser lente cathedratico na de Coimbra. Deixou diversas obras sobre medicina, escriptas em latim. Falleceu em 1802.

Paramos

Freguezia de 219 fogos, e 958 habitantes. Está situada 12 kilometros a ONO. da Feira. Orago, Sancto Thyrso. Reitor, o reverendo José de Sá Fernandes.

O collegio dos jesuitas de Coimbra, e depois a Universidade, é quem lhe apresentava os parochos.

Pigeiros

A freguezia de Sancta Maria de Pigeiros tem 77 fogos, e 362 habitantes. Está situada 8 kilometros a ENE. da Feira.

O morgado de Pigeiros apresentava-lhe os parochos.

Rio-Meão

Freguezia de 203 fogos, e 952 habitantes. Fica 5 kilometros a E. da estação de Esmoriz, e 6 a NO. da Feira.

Era commenda da Ordem de Malta, que lhe apresentava os parochos.

Romariz

Freguezia de 301 fogos, e 1:399 habitantes. Dista 5 kilometros para E. da estrada real do Porto a Coimbra, e 10 kilometros para ENE. da Feira. Orago, S. Isidoro e S. Miguel.

O convento de S. João Novo do Porto apresentava-lhe os parochos.

Está annexa a esta freguezia a de S. Silvestre de Duas Egrejas, que era curato da de S. Jorge. Em 1845 descobriram-se no monte Crasto alguns *carns*, o capitel d'uma columna, a mó d'um pequeno moínho, uma amphora de prata e 102 moedas de prata de diversos imperadores e republica romana.

No mesmo monte, mas mais a O., ha vestigios d'uma grande *mamôa*, e alicerces de antigas fortificações.

Sub-Feira

A freguezia de S. Fins de Sub-Feira tem 92 fogos, e 356 habitantes. Está distante da Feira 2 kilometros para ENE. Vigario, o reverendo José Caetano Corrêa de Sá.

Era curato da apresentação do abbade de Espargo.

Sanguedo

Sancta Eulalia de Sanguedo é freguezia de 288 fogos, e 858 habitantes. Está situada 12 $^1/_2$ kilometros a NNE. da Feira.

Os parochos eram da apresentação da Universidade de Coimbra.

S. João de Vêr

Freguezia de 340 fogos, e 1:650 habitantes. Está 9 kilometros a E. da estação de Esmoriz, e 4 $^1/_2$ a NNO. da Feira. Abbade, o reverendo Manuel dos Sanctos Loureiro.

Os parochos eram da apresentação do bispo do Porto.

S. Jorge

Freguezia de 144 fogos, e 596 habitantes. Está situada a 2 kilomteros da estrada da Feira a Carvoeiro, e dista da Feira 7 $^1/_2$ kilometros para NNE. Abbade, o reverendo José Gomes de Almeida.

Apresentavam-lhe os parochos as freiras de Sancta Clara do Porto.

Caldas de S. Jorge

As aguas thermaes de *S. Jorge* foram descobertas, em 1770, pelo abbade Ignacio Antonio da Cunha, brotando d'um rochedo do seu passal. Encanando-as para o centro d'um campo que lhe ficava proximo, ahi fez o abbade construir diversas barracas com tanques de madeira para banhos. O sargento-mór, Bernardo Francisco Pinheiro, e os principaes da villa, representaram então a D. Maria I sobre a necessidade de se construir no local da nascente um modesto edificio, para custear as despezas do qual lembravam o lançamento do imposto d'um real em cada quartilho de vinho que se vendesse na comarca. A provisão de 24 de janeiro de 1805 estabeleceu-o por vinte annos, e com o seu rendimento (450$000 réis annuaes) se construiu a casa que ainda hoje existe. As banheiras foram então construidas *provisoriamente* de madeira, e ainda assim se conservam. Depois de 1834, o estabelecimento thermal de S. Jorge passou a ser pertença da camara da Feira, que hoje d'ahi aufere um rendimento annual de quatro-

centos e tantos mil réis, e que antigamente dava á pessoa encarregada de o vigiar e administrar 26$000 réis. Pela lei de 26 de março de 1873 foi auctorisada a camara municipal a contractar por empreza a construcção d'um novo edificio. A base da licitação devia ser 17:000$000 réis. A vereação de 75 a 76, de que era presidente o sr. dr. Francisco Xavier de Sá Noronha e Moura, mandou levantar a respectiva planta. O sr. Pires de Lima propoz ás côrtes, em sessão de 14 de março de 1877, que a base para a licitação fosse elevada a 20:000$000 réis.

A primeira directriz do caminho de ferro do norte passava a 20 ou 30 metros de distancia do edificio dos banhos.

Minas

Ha n'esta freguezia uma mina de cobre, de que foram declarados descobridores os srs. Manuel Luiz Ferreira e Manuel Ignacio da Silva, por portaria de 26 de janeiro de 1857.

Mosteiro de Azevedo

Na aldêa de Azevedo diz a tradição ter havido um mosteiro *duplex* da Ordem de S. Bento. Era dedicado a S. Miguel, e fundação de Gondesindo, filho de Ero, em 897. D'elle não restam vestigios.

Acção de Souto Redondo

No logar da Gandara de Souto Redondo travou-se, em 7 de agosto de 1832, renhido combate entre os liberaes, commandos pelo conde de Villa Flor, e os absolutistas, commandados pelo general Povoas. Os postos avançados do general miguelista sobre a estrada de Grijó foram atacados, pela hora e meia da noite do dia 7, por 300 a 400 atiradores constitucionaes, destacados d'uma força de 4:000 homens com alguma cavallaria de guias e 8 peças. Obedecendo aos planos do general Povoas, os realistas abandonaram as suas posições, e retiraram para a Gandara, onde esperaram os seus contrarios. Mal dirigido fôra

o ataque. Mas, suppondo as forças liberaes que aquella retirada, longe de obedecer a um plano, significava uma fugá, marcharam, em linha singela de atiradores e sem força de reserva, sobre o inimigo. Até perto das 9 horas da manhã o fogo dos constitucionaes foi rareando consideravelmente as fileiras realistas, em quanto estas iam operando em boa ordem a sua concentração. Carregou então o regimento de Bragança sobre a artilheria dos liberaes, e com tal ímpeto, que decidiu da batalha. Ainda o batalhão de infanteria 10, unico collocado de reserva, quiz evitar a precipitada fuga do exercito liberal. Perseguidos por aturado fogo até Grijó, foram consideraveis as suas perdas. Diz a parte official do general Povoas [1] que os constitucionaes perderam n'esta acção 329 homens entre mortos, feridos e prisioneiros, assim como um obuz de 5 pollegadas e uma peça de calibre 6, com seus reparos, munições e parelhas.

«Tão desastrosa, diz o sr. Soriano, [2] foi esta tentativa da parte do conde de Villa Flor, e tão pouco credito lhe grangeou a maneira por que distribuiu as suas forças para entrar em combate, que nunca até hoje sahiu parte alguma official das operações d'este infausto e calamitoso successo, dando-se apenas d'elle uma succinta noticia no n.º 21 da *Chronica Constitucional.*»

Silvalde

Freguezia de 341 fogos, e 1:131 habitantes. Fica 11 kilometros a ONO. da Feira. Orago, S. Thiago. Abbade, o reverendo Joaquim Moreira Coelho.

O pontifice e o cabido da sé do Porto apresentavam alternadamente os parochos.

---

[1] *Gazeta de Lisboa,* n.º 190, de 13 de agosto de 1832.
[2] *Hist. do Cerco do Porto,* vol. I, pag. 545 e segg.

Souto

Freguezia de 337 fogos, e 1:748 habitantes. Está situada 7 $^1/_2$ kilometros a E. da estação de Ovar, e 5 da Feira para SSO. Orago, S. Miguel. Reitor, o reverendo Domingos Francisco d'Assumpção.

Era commenda da Ordem de Christo, sendo os parochos da apresentação do bispo do Porto.

José Corrêa Leite Barbosa

José Corrêa Leite Barbosa, filho de Francisco Leite Barbosa e de D. Jacintha Florida Corrêa d'Assumpção, nasceu em S. Miguel de Souto em 6 de agosto de 1805. Orfão de pae em tenra edade, foi entregue á protecção de D. Joanna Paula Forjaz Pereira Côrte Real, que cuidadosamente o educou e mandou instruir. Em 12 de maio de 1831 casou com D. Bernardina Leonor Eulalia Pereira da Silva, da casa das Airas de S. Jorge. É actualmente muito digno administrador do concelho da Feira, ao qual tem prestado grandes serviços. De valioso auxiliar nos serviram os seus eruditos apontamentos sobre o concelho da Feira.

Travanca

Freguezia de 207 fogos, e 851 habitantes. Dista 4 kilometros a OSO. da Feira. Orago, S. Mamede. Reitor, o reverendo Antonio Rodrigues da Costa.

Os parochos tinham o titulo de curas e eram da apresentação dos conegos de S. João Evangelista da Feira. Em maio de 1877 descubriu o sr. Antonio Valente de Rezende, n'um terreno seu, um sarcophago de pedra lavrada, todo forrado de tijolos bem cimentados. Tem 2 metros de comprimento, 0,6 de largura, e 0,6 de altura. Suppõe-se que ainda existem mais tumulos similhantes a este.

Valle

Freguezia de 245 fogos, e 1:019 habitantes. Fica 8 kilometros ao S. da margem esquerda do Douro, e dista da Feira 14 kilometros para NO. Orago, Sancta Maria. Reitor, o reverendo Domingos Soares de Azevedo.

Era vigairaria annexa e da apresentação do collegio de S. Lourenço da Companhia de Jesus, do Porto. Depois da extincção d'esta Ordem passou para a Universidade.

Villa Maior

Freguezia de 138 fogos, e 538 habitantes. Dista 6 kilometros para SO. da margem esquerda do Douro. Orago, S. Mamede. Reitor, o reverendo José Gomes Loureiro.

Era da apresentação da Universidade de Coimbra.

CONCELHO DE ILHAVO

O concelho de Ilhavo foi creado pelos decretos de 9 de novembro e 31 de dezembro 1836. Compõe-se da freguezia do mesmo nome. Por decreto de 10 de dezembro de 1867 era extincto, e annexado ao de Aveiro. Tem 3:322 héctares de superficie, 7:696 predios inscriptos na matriz, e 8:210 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de 33:659$474 réis, e a contribuição predial subiu a 4:311$497 réis.

Pelo decreto de 23 de dezembro de 1875 é cabeça d'um julgado da comarca de Aveiro.

Ilhavo

Villa, e cabeça do concelho do mesmo nome. Esta situada a SE. da parte central da ria de Aveiro, e dista da capital do districto 6 kilometros para SSO. A freguezia tem 2:042 fogos, e 8:210 habitantes. Orago, S. Salvador.

Os parochos eram da apresentação do real padroado. Foi dos condes de Carvalhaes. É povoação grande, bem situada, e com boas edificações. Tem 11 ruas principaes e 43 travessas.

A tradição remonta a muitos seculos a sua fundação.

Diz-se que uma colonia grega de origem pelagia, aportando á foz do Vouga ainda antes da vinda dos phenicios á peninsula, aqui se estabelecera. Ao certo nada se sabe. D. Diniz elevou-a á categoria de villa, e deu-lhe foral, em Coimbra, a 13 de outubro de 1296. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de março de 1514.

A sua população compõe-se principalmente de maritimos e pescadores. As suas mulheres são proverbiaes em formosura. O pescador de Ilhavo é muito conhecido em todo Portugal, principalmente depois que o lapis de Garrett tão fielmente o retratou brincando no 1.º volume das *Viagens,* como diz Alberto Pimentel.

Edificios

Egreja de S. Salvador.— É a egreja parochial, e um dos melhores templos do bispado. A sua primeira pedra foi lançada em 3 de outubro de 1774, concluindo-se em 1785. A obra foi custeada com o real d'agua da villa, e com o crescimo do encabeçamento das sisas, por provisão de D. José de 7 de julho de 1773. A capella-mór foi feita a expensas dos porochos, como determinava a mesma provisão. Tinha ricas alfaias de ouro e prata, mas tudo foi levado pelos francezes em virtude do artigo 5 do decreto de Junot de 1 de fevereiro de 1808. Só escapou uma custodia de prata dourada de primoroso lavrado.

Capella.—A das Almas tem a fórma polygona. N'ella se acha erecta a Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco. A de Nossa Senhora do Pranto está a cargo da irmandade do Pranto e Dôres. A imagem da Virgem é de magnifica esculptura. É tradição ter vindo de França. Mas parece que foi feita em Coimbra por uns insignes esculptores no seculo XVI. [1]

Theatro Recreio-Artistico.— É um elegante edificio, e

[1] Fr. Agostinho de Sancta Maria, *Sanctuario Marianno,* tom. IV, liv. II, tit. XVIII.

de apropriadas proporções. Principiou a sua construcção em 20 de janeiro de 1875, sob a planta do distincto engenheiro Antonio Tavares Lebre. O panno da bocca representa a lenda da apresentação de Egas Moniz ao rei de Castella. Inaugurou-se em 6 de fevereiro de 1876, subindo á scena o *Camões do Rocio*. É propriedade d'uma sociedade composta dos srs. João Carlos Gomes, Antonio Candido Gomes, José de Oliveira Craveiro, José Antonio de Magalhães, Francisco Ernesto da Rocha, Bernardo dos Sanctos Camarão, e Luiz Augusto Cesar Ferreira.

Ermida

Foi concelho e couto. D. Manuel deu-lhe foral em Lisboa a 8 de junho de 1514. Teve juiz ordinario e seu escrivão, dois vereadores e um meirinho.

Ha aqui uma grande quinta, hoje propriedade do sr. Alberto Ferreira Pinto Basto.

Vista Alegre

A pouco mais de 1 kilometro de Ilhavo, e banhada pelas aguas da ria de Aveiro, está a pittoresca povoação da Vista Alegre. Pouco ou nada fallam d'ella as memorias do passado. A tradição attribue a sua origem ao bispo de Miranda, D. Manuel de Moura Manuel, que, desgostoso da côrte e do bispado, para aqui se retirára. Era D. Manuel natural de Serpa, e filho de Lopo Alvares de Moura e de D. Maria de Castro. Havendo-se doutorado em canones, foi reitor da Universidade de Coimbra por provisão de D. Pedro II de 25 de agosto de 1685, e bispo de Miranda em 28 de abril de 1689, sendo n'esse mesmo anno confirmado pela Sancta Sé. Falleceu, segundo parece, em 1699, vindo em viagem de Miranda para a Vista Alegre, no logar de Ferreiros, perto de Vizeu, não sem suspeitas de envenenamento. Fazia amiudadas visitas ás suas propriedades da Vista Alegre. Fundou aqui o templo de Nossa Senhora da Penha de França, onde repousam as suas

cinzas. E diz-se que tencionava fundar, em parte do palacete que aqui possuia, um asylo para pobres e orfãos.

Por motivos que ignoramos a Vista Allegre tornou-se propriedade do Estado. Foi tal o abandono em que por alguns annos esteve, que o templo se chegou a converter em palheiro, e até a lapide sepulchral do bispo foi levantada para lhe roubarem as joias. Diz-se que o 1.º bispo de Aveiro aqui fundára um seminario. D. José Urcullu [1] diz que em 1820 pouco mais ou menos o sr. José Ferreira Pinto Basto comprou a quinta e capella da Vista Alegre, juncto da qual só existiam n'essa epocha as ruinas d'um edificio que tinha sido seminario episcopal.

No dia 13 ha na Vista Alegre um grande mercado mensal, que em novembro se converte em feira annual. Parece que foi estabelecido por D. Manuel de Moura.

Capella de Nossa Senhora da Penha de França.— Foi fundada pelo bispo de Miranda, D. Manuel de Moura, e diz-se que de sua traça. É templo rico. Tem bons marmores, e alguns quadros a oleo de muito merecimento. Do lado do Evangelho ha uma tribuna de boa talha, em communicação com o palacete que lhe fica contiguo; é da familia Pinto Basto.

Sobre tres leões assenta a urna funeraria que encerra as cinzas do fundador. É obra de grande valor artistico. Deitada em cima está a figura do bispo, de corpo inteiro. No alto do nicho, e como que a desviar o panno que devia cobrir o tumulo, está a figura do Tempo, em alto relevo. Em frente do mausoleu está gravada em marmore uma inscripção latina. É o epitaphio laudatorio do prelado. Pela data de 1697 inculca ter sido feita ainda em sua vida. Do lado opposto da capella ha um outro tumulo, onde se diz repousar uma dama que o bispo amára apaixonadamente. Ignora-se o seu nome.

A fabrica.— Em 1824 fundou na Vista Alegre o sr. José

---

[1] *Tract. Elem. de Geogr.*, tom. II, pag. 90.

Ferreira Pinto Basto uma fabrica de porcellana, para a qual alcançou de D. João VI, por provisão de 1 de julho d'esse anno, registada nas differentes alfandegas do reino, e na de Aveiro em 19 de maio de 1826, os mesmos privilegios que gosava a de vidros da Marinha Grande.

A oeste da capella está o palacete que serve de residencia ao actual proprietario, o sr. Domingos Ferreira Pinto Basto, filho do fundador, e cavalheiro muito illustrado e geralmente bemquisto. Em seguida e pelo lado posterior, ficam a vasta sala de pintura, as officinas de vidrar e de fabricar estojos e potes refractarios, a casa de deposito das argilas, e cinco pequenos fornos ou muflas.

Um pouco adiante do deposito dos productos á venda está a officina de lapidação, e outros armazens para deposito de porcellana pintada, ferramenta e utensilios, diversos telheiros e as estancias das madeiras, que teem mais de 60 metros de comprimento e 50 de largura, e podem accommodar 8:000 steres de lenha. As casas de habitação dos empregados estão ao sul e leste da fabrica. Ficam ao N. as officinas de esculptura e de manipulação das argillas, as casas de deposito de fôrmas e moldes de gesso para o fabríco das peças de porcellana, e moldes de bronze e ferro para as obras de vidro, a sala dos modellos, e a fabrica de vidros e crystaes. N'esta ultima casa ha cinco fórnos de estender e levantar vidraça, tres de fusão e um de afinação para as peças de crystal. Estão proximos outros dois fórnos para coser porcellana, e o armazem para deposito das peças de vidro e crystal.

Saindo da officina de lavagem das argillas, que fica para o lado da estancia da lenha, entra-se nas officinas de serralheria e de trituração, em que se vêem as quatro galgas e os pisões mechanicos. Na segunda d'estas officinas montou-se a machina de alta pressão, que dá movimento aos pisões e galgas, e faz trabalhar o tôrno da serralheria. Esta machina tem a força de 14 cavallos-vapor, e consome em um dia de trabalho 6 steres de lenha.

As materias primas presentemente empregadas vêm de S. Vicente de Pereira, concelho de Ovar, de Horta, juncto a Eixo, e de Silvalde, concelho da Feira; parte do feldsfalho procede do Minho, e o gesso para os moldes de Soure. Os productos chimicos, pinceis e polidores, vêm de Lisboa e Porto, ou directamente de França.

Até á morte do fundador produziu a fabrica pouco e caro. Em 1840 entrou n'um periodo de crescido aperfeiçoamento. Hoje é um dos estabelecimentos mais importantes do paiz. Os seus productos são cada vez mais notaveis pela sua perfeição e delicadeza. Annexo a ella ha um collegio de orphãos, onde além das prendas proprias do seu sexo aprendem a pintar e a polir ouro sobre porcellana. [1]

O theatro.— É uma elegante pertença da fabrica. Tem duas ordens de galerias, e platêa com capacidade para 180 pessoas.

A fonte de Carapichel.— Por detrás da egreja, em plano com differença de nivel de mais de 4 metros, está a fonte de Carapichel, construida em 1696. É notavel por sua inscripção poetica, hoje de difficil leitura. Diz-se que D. Pedro V, quando aqui esteve em 24 de maio de 1852, d'ella tirára cópia, que levou comsigo.

Eis a inscripção:

Esta fonte, ó navegante,
Cuja limpida corrente
Crystaes prodiga desata,
Attenções vistosas prende;
Esta nympha que do Vouga,
Só em leguas mais de sete,
Adoça as aguas salgadas
Feita Nayade ou Nereyde;
Esta agua que o bem commum
Á vara liberal deve
De um sabio pastor sacro,
Militar juiz regente;

[1] Alberto Pimentel, *Guia dos Viaj. nos cam. de ferro.*

Esta veia cuja origem
A do paraiso excede;
Pois da casa da Senhora
Mais bem nascida descende;
Contém todas as virtudes
Das fontes mais excellentes,
E dá remedios á vida,
Depois de dar morte á sêde
Se a frequentas por agrado.

Sendo aos narcisos enfeite
É das graças Acidalia,
E das Musas Hippocrene;
É Arethusa de Alpheo,
Mas por modo differente,
Pois de um rio a outro rio
Aquella foge, esta segue;
Egeria de melhor Numa
Que magnifico e prudente
Na arca o numen invoca
No tanque a prata despende
Biblis que, sem culpa, ao rio
Irmão por parte de Tethis
Murmurando a esquivança
Vae abraçar docemente;
Fonte em fim de sol contigua
Ao templo de Deus dos Deuses
Contra a alma é fonte fria,
Para o frio fonte quente.
Se a buscas por medicina
É qual a de Circe ou Tethys.

Fonte que as doenças cura,
Crystal que a vista esclarece,
Eguala a fonte de Marcyas
Com benefica antithesis
Pois se aquella pedra cria
Est'outra pedra derrete.
Não se turba com as vozes,
Antes para que a celebrem,
Sarando-as como a de Samos
As louva como a de Cheusis.
Ao que estuda em suas margens
Activa memoria sempre

Como a fonte de Beocia,
Opposta ao curso de Lethes.
A quem da fonte Salmacis
Bebeu as aguas ardentes,
Esta agua banhando as fontes
Livra d'amor, qual Selemmo.
E quando perdido a brindes
Aches no Vouga ou Lyncestes,
Esta qual fonte de Erigon
Faz com que o vinho aborreces.

Se por devoção visitas
Sua affluencia perenne,
É claro com que olhos pios
Na capella á Virgem servem.
É fonte de Jerichó
Que as plantas de rosa vestem
E que outro Eliseu com Moura
Fez suave, lenta e fertil.
É fonte prophetisada,
Se tanto póde dizer-se,
Pois sahe do templo sancto
E vae regando a torrente.
Do mar de graças Maria
O rio e fonte procedem
Mas lá, juncto á lapa mana,
Cá da mesma penha descem.
Bebe, pois, bebe á vontade,
Acharás que é (muitas vezes)
Tão util para a saude
Quão para a *Vista Alegre*.

José Ferreira Pinto Basto.—O fundador da fabrica da Vista Alegre foi homem activo e emprehendedor como poucos. Grande parte dos seus avultados haveres e todas as forças de sua robusta intelligencia gastou elle em dar vulto e prosperidade ao estabelecimento que fundára.

«Dominado profundamente das tendencias do seu tempo, disse d'elle José Estevão [1], votou todo o cabedal do seu

[1] *Elogio Historico de J. F. Pinto Basto*, pronunciado no Conservatorio Real de Lisboa.

espirito, toda a copia dos seus meios, ás emprezas industriaes, e exercitou n'ellas com enthusiasmo a sua paixão pelo engrandecimento publico, e os seus sentimentos de beneficencia.

A minha terra natal foi o logar escolhido para estes grandiosos trabalhos. A saudade e gratidão d'um povo ousado e livre não deslustra esta respeitavel ceremonia. Permitti pois que a oblação d'estes sentimentos se misture tambem com os accentos da vossa dôr.

A estrella cadente da prosperidade d'este povo brilhou com renovada luz; as suas tradições commerciaes reanimaram-se; as carreiras da sua navegação pareciam abrir-se de novo; e este pequeno simulacro de Venesa, pelo seu solo retalhado de aguas navegaveis, e contraste d'ella pelas propensões de seus filhos, ia já cobrir-se de suas antigas galas.

Tudo isto foi um sonho passageiro. As diligencias do homem foram contrariadas por causas insuperaveis, e os seus estabelecimentos commerciaes succumbiram ao peso d'ellas com as nossas esperanças. [1]

Juncto ao logar d'esta tentativa infeliz eleva-se logo um grande estabelecimento industrial. Não se ordenava uma empreza conhecida, creava-se uma industria. Era necessario estudar os seus methodos, reunir os socorros da sciencia, levantar tudo dos elementos primitivos. O homem que concebe esta idêa busca preencher todas aquellas indicações, e no seu empenho em dar vulto a um pensamento predilecto, entrega-se a trabalhos estranhos á sua educação.

Todas as artes auxiliares d'aquella bella industria são alli ensinadas e praticadas; talentos condemnados a guiar o arado vão ahi dar documentos da nossa aptidão universal;

---

[1] Refere-se José Estevão á fabrica de moagem no Cojo, e á fabrica de soda no Alboi, que Pinto Basto estabelecera em Aveiro, e que por motivos que ignoramos deixaram de funccionar.

e a mocidade recebe, com meios novos de subsistencia, uma educação collegial. Á custa de perseverança indomavel são creados tamanhos esforços, e funda-se assim a nossa independencia em um ramo de industria destinado não só a satisfazer precisões e commodos domesticos, mas até os estremos da civilisação material.»

Falleceu em 1839.

Gafanha

É povoação moderna, mas de encantador aspecto. Um areal immenso, coberto quasi todo de pinheiros, por entre os quaes alvejam de largo em largo espaço as casinhas dos moradores, e a sua ermida singela, como disse ha annos Manuel Roussado, tal é a Gafanha. A primeira povoadora d'esta ilha, e a patriarcha d'esta grande familia, é a notavel tia Joanna da Gramata, velha respeitavel de mais de cem annos, que ainda vê agruparem-se-lhe em roda os seus cento e quarenta netos. Tem a Gafanha tres capellas: Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora de Nazareth, e Nossa Senhora da Encarnação. Esta ultima foi mandada edificar pela tia Joanna em cumprimento d'um voto.

Pertencia ao concelho de Vagos. Por decreto de 24 de outubro de 1855 ficou pertencendo ao de Ilhavo, a que está ligada por uma ponte de pedra e grés vermelho, que principiou a construir-se em 24 de março de 1862, e concluiu-se em 12 de novembro de 1862, havendo dispendido as *Obras publicas* 6:355$190 réis.

Costa Nova do Prado

Grande povoação e praia de banhos. As primeiras habitações (palheiros) foram construidas já depois de aberta a nova barra. Progride de anno para anno, e é muito frequentada na epocha de banhos. Pertencia ao concelho e freguezia de Ovar. Por decreto de 24 de outubro de 1855 passou para o de Ilhavo. E por desistencia do bispo do Porto passou para a freguezia da mesma villa em 22 de setembro de 1856.

Nossa Senhora da Saude.— É uma pequena ermida, consagrada á Virgem da Saude. Foi fundada por fr. José Paixão. A festa é no ultimo domingo de setembro, desde 1837, em que principiou. Concorre a ella grande numero de romeiros, e annos ha em que o seu numero excede a dois mil.

Theatro.— É pequeno, mas elegante. Foi mandado construir em 1874 pelo sr. João Maria Garcia.

Antonio dos Sanctos da Benta.— Um acto dos mais heroicos practicou n'esta costa, em 18 de setembro de 1876, um pescador de Aveiro.

Era muito tarde. Um espesso nevoeiro ennegrecia a atmosphera, e estorvava a um barco da pesca, tripulado por 35 homens, a escolha de praia boa para encalhar. Na pancada do mar um vagalhão cáe sobre elle, como uma montanha, alaga-o, e quebra-lhe a corda da rede, que o trazia para terra, e lhe servia de leme. O barco fica sem governo, meio de agua, e com a tripulação completamente desanimada e inutil, porque era impossivel dirigil-o, movêl-o, ou esgotal-o. Na praia o resto da companha, afflicta, mas timida ante o embravecimento do mar, assistia a esse palpitante e terrivel espectaculo, aggravado com os gritos doridos de muitas mulheres.

N'isto avança por entre aquella multidão desesperada um homem, que se lança corajosamente ás ondas, levando comsigo a boça de portar o barco para terra. Lucta gigantemente contra o enfurecido mar, e consegue chegar ao barco. É preciso engatar a boça ao arganéo, que está debaixo d'agua. O intrepido pescador mergulha, e consegue-o. Voltando á tona d'agua, uma vaga o arremeça contra o costado do barco, e o atordôa. Valem-lhe tres companheiros, que de perto o iam seguindo. Cobra animo, salta para o barco, e com um rombo o allivia. De terra o pucham pelo cabo, e estão salvos 35 homens, 8 dos quaes muito contusos.

Chama-se este homem Antonio dos Sanctos da Benta; os

tres companheiros eram: João Serrasola da Naia, Amandio Ferreira Patacão, e Francisco da Cruz.

Aquelle arrojado pescador tornou-se digno d'uma recompensa, e mais do que uma teve. O sr. Simeão Pinto de Mesquita, da casa de Villa Verde, da Lousada, mandou entregar-lhe 25$000 réis; a Associação de instrucção popular de Coimbra offereceu-lhe o diploma de socio benemerito; e Sua Magestade o Senhor D. Luiz I, por decreto de 5 de outubro do mesmo anno, condecorou-o com a medalha de oiro, que o governador civil d'este districto, o sr. Manuel José Mendes Leite, lhe entregou no dia 31 do mesmo mez e anno, bem como o decreto, que é concebido n'estes termos:

«Antonio dos Sanctos da Benta, pescador de Aveiro — em virtude da recommendação do governador civil d'aquelle districto, fundada no acto de abnegação e coragem que o agraciado practicou no dia 18 de setembro ultimo, lançando-se espontaneamente ás ondas para prestar soccorro a um barco de pesca, que se achava em grande perigo, por ter perdido o leme quando demandava praia; e conseguir, mesmo debaixo d'agua, engatar ao barco um cabo para ser puchado de terra, salvando-se por este meio a tripulação do mesmo barco, que se compunha de trinta e cinco pescadores de uma das companhas da Costa Nova do Prado, concelho de Ilhavo.»

José Antonio Pereira Bilhano

Entre os muitos varões illustres de que Ilhavo foi berço, tem logar distinctissimo o sr. D. José Antonio Pereira Bilhano, um dos mais dignos membros do alto clero portuguez. Filho dos srs. João Antonio Bilhano e Rosa Maria de Jesus, modestos e honrados habitantes d'esta villa, nasceu a 22 de março de 1801.

Adolescente ainda, perdeu seu pae, e com elle as esperanças de seguir a vida ecclesiastica, para que o chamava a vocação. Orfão e sem meios, não desanimou, confiado

em Deus, de quem desejava ser ministro. Apresentado ao virtuoso bispo de Aveiro, D. Manuel Pacheco de Rezende, este o tomou sob a sua protecção. Depois de o haver ordenado, lhe proporcionou meios para frequentar a Universidade, onde se formou em canones em 1823, obtendo informações distinctas pelo seu talento, applicação, e exemplar comportamento.

N'esse mesmo anno foi nomeado professor das cadeiras de historia sagrada, e ecclesiastica, e de direito canonico, regendo tambem depois a de theologia moral. Foi tambem promotor do juizo ecclesiastico, juiz dos casamentos, vigario geral do bispado e provisor, cargos que exerceu até á morte do seu protector. Demittindo-se então, retirou-se á sua casa de Ilhavo, onde se dedicou, durante alguns annos, ao ensino particular de historia, latinidade, logica, rhetorica, geographia, francez e inglez. É avultado o numero de mancebos, que gratuitamente receberam instrucção do virtuoso prelado chorense. Rôtas as relações do nosso governo com a curia romana em 1842, o sr. D. José foi investido, por Gregorio XVI, de todos os poderes e jurisdicção ordinaria, no bispado de Aveiro, com a faculdade de os delegar em ecclesiasticos da sua confiança. De tal fórma se houve no desempenho d'esta espinhosa missão, que mereceu ser elogiado por Sua Sanctidade, o que lhe foi communicado directamente por documentos honrosissimos. Em 1849 foi nomeado parocho da freguezia de Sancto Antonio da Oliveirinha, e em 1851 obteve por concurso publico a da sua terra natal.

Deputado pelo circulo de Aveiro, conjunctamente com os srs. Francisco Antonio de Rezende e Manuel José Mendes Leite, na legislatura de 2 de janeiro de 1853 a 20 de julho de 1856, pugnou sempre pelo bem-estar do paiz e pela conservação d'este bispado.

Vivamente instado por seus amigos, consentiu em ser nomeado vigario geral de Aveiro por decreto de 10 de março de 1860. Durante o tempo do seu governo, até

17 de março de 1868, curou, com a maior solicitude, dos interesses do bispado, e fez reformas, tidas de ha muito como indispensaveis. Augmentou com mais um anno o curso das aulas ecclesiasticas, creando então a aula de historia sagrada e ecclesiastica. Fez algumas obras na sé, especialmente nas sacristias, e mudou para alli os restos da livraria do paço episcopal.

Em 1869 foi eleito arcebispo de Evora, e confirmado por Pio IX em 6 de março de 1871. No dia 4 de junho foi sagrado em Lisboa, e no dia 8 do mesmo mez fez a entrada solemne na sua cathedral.

Dizer o que tem sido o seu governo archiepiscopal, desnecessario é: que bem alto o dizem a prosperidade da sua diocese, e as bençãos dos que demandam, nunca em balde, a sua caridade. É um verdadeiro apostolo do Evangelho, respeitabilissimo pelo saber, e mais ainda pela virtude.

CONCELHO DE MACIEIRA DE CAMBRA

O concelho de Macieira de Cambra foi creado pelo decreto de 16 de maio de 1832. Compõe-se das freguezias de Arões, Castellões, Cepellos, Codal, Junqueira, Macieira de Cambra, Roge, Villa Chã, e Villa Cova do Perrinho.

O decreto de 10 de dezembro de 1867 supprimia-o, e annexava-o ao de Oliveira de Azemeis.

Tem 10:603 hectares de superficie, 10:080 habitantes, e 26:196 predios inscriptos na matriz. O seu rendimento collectavel em 1875 era de 19:495$350 réis; a contribuição predial subiu a 2:811$198 réis.

Por decreto de 23 de dezembro de 1875 Macieira de Cambra é cabeça d'um julgado da comarca de Oliveira de Azemeis.

Arões

Freguezia de 308 fogos, e 1:404 habitantes. Fica 1 ½ kilometro ao N. da estrada de Oliveira de Azemeis a S. Pedro do Sul. Orago, S. Simão. Abbade, o sr. José Rodrigues Ferreira de Almeida.

Foi dos condes da Feira e depois da casa do Infantado, que lhe apresentava os parochos.

Castellões

Freguezia de 538 fogos, e 2:326 habitantes. Assenta na margem esquerda do Caima, e dista 5 kilometros da capital do concelho. Orago, S. Pedro. Reitor, o reverendo Antonio Gomes de Almeida.

Foi concelho, e teve juiz ordinario subjeito ao corregedor da Feira, a cuja comarca pertencia.

Barão de Areias de Cambra

É aqui a antiga e nobre casa de Areias de Cambra, do sr. Thomaz Antonio Pinho Soares de Albergaria, agraciado ha poucos annos com o titulo de barão de Areias de Cambra.

Mina do Cabeço

No logar do Cabeço da Ponte ha uma mina de chumbo, de que foi declarado descobridor legal o sr. Diederich Mathias Feuerheerd, por portaria de 6 de março de 1860.

Cepellos

Freguezia de 258 fogos, e 1:102 habitantes. Está situada ao S. da margem esquerda do Caima, e dista 5 kilometros de Macieira de Cambra para SE. Orago, S. João Baptista. Prior, o reverendo Manuel Tavares.

Foi dos condes da Feira e depois da casa do Infantado, que lhe apresentava os parochos. É povoação antiquissima. A sua egreja foi doada em 922 por Ordonho II de Leão ao mosteiro benedictino de Castromire. Foi primeiro da comarca de Arouca e depois da da Feira. D'esta passou para a de Oliveira de Azemeis em 1855.

Junqueira

Freguezia de 162 fogos, e 866 habitantes. Está 1 ½ kilometro ao N. da estrada de Oliveira de Azemeis a S. Pedro do Sul. Dista da capital do concelho 10 kilometros para SE. Orago, S. Miguel. Cura, o reverendo Manuel Gomes Tavares de Almeida.

Em 1702 foi annexada á freguezia de Arões. Annos adeante foi separada, como hoje está.

Codal

Freguezia de 134 fogos, e 431 habitantes. Fica 3 kilometros ao N. da margem direita do Caima, e dista de Macieira de Cambra 4 kilometros para ONO. Orago, S. Thiago. Prior, o reverendo Manuel Maria Corrêa e Pina.

Foi dos condes da Feira, que lhe apresentavam os parochos.

Macieira de Cambra

Villa, e capital do concelho do seu nome. Está situada na estrada de Arouca a Oliveira de Azemeis, e dista de Aveiro 45 kilometros para NE. Freguezia de 423 fogos, e 1:597 habitantes. Orago, Nossa Senhora da Natividade. Prior, o reverendo Manuel, Corrêa de Bastos Pina.

Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 10 de fevereiro de 1514. Pertencia ao bispado de Merida. Passou para o de Coimbra, quando este se creou, ficando sendo patrimonio dos bispos da mesma diocese, pelo que se denominou *Camara do Bispo de Coimbra*. Por escambo passou aos condes da Feira. Pela extincção d'esta familia pertenceu á casa do Infantado.

D. Constança Affonso

Era natural d'esta freguezia D. Constança Affonso, irmã de D. Martinho Gomes Gil de Soverosa. Os seus amores com D. Rodrigo Sanches, filho bastardo de D. Sancho e da formosa D. Maria Paes, deram causa a que seu irmão lhe matasse o amante em duello, a 2 de julho de 1245, nas proximidades do mosteiro de Grijó.

Roge

Freguezia de 420 fogos, e 1:479 habitantes. Dista 1 ½ kilometro para E. de Macieira de Cambra. Orago, S. Salvador. Prior, o reverendo Manuel Tavares de Amorim.

Villa Chã

Freguezia de 297 fogos, e 896 habitantes. Está situada 10 kilometros a E. de Macieira de Cambra. Orago, Nossa Senhora da Purificação. Prior, o reverendo Sebastião Cerveira Ferraz Bravo.

Villa Cova do Perrinho

Freguezia de 47 fogos, e 247 habitantes. Orago, S. João Baptista.

CONCELHO DA MEALHADA

O concelho da Mealhada é antiquissimo. Já existia em 1364,[1] formado então dos antigos coutos de Aguim, Casal Comba, e Vacariça. D. Manuel deu-lhe foral em 1514. Compõe-se hoje das freguezias de Barcouço, Casal Comba, Luso, Pampilhosa e Vacariça.

Até 1855 fez parte do districto de Coimbra. Por decreto de 24 de outubro d'esse anno passou para o de Aveiro. Por decreto de 10 dezembro de 1867 era extincto, e incorporado no concelho de Anadia. Tem 12:755 hectares de superficie, 31:989 predios inscriptos na matriz, e 7:322 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de 39:050$211 réis; a contribuição predial subiu a 4:844$998 réis.

É julgado da comarca de Anadia por decreto de 23 de dezembro de 1875.

Barcouço

Freguezia de 320 fogos, e 1:215 habitantes. Fica 2 ki-

---

[1] Doc. do Arch. Mun. de Coimbra, n.º 19 — Instrumento de convenção entre os concelhos de Avelãs de Caminho, Mealhada, e Coimbra.

lometros a O. da estrada real do Porto a Coimbra, e dista da Mealhada 10 kilometros para SSO. Orago, Nossa Senhora do Ó. Prior, o reverendo Antonio Lopes Coelho de Abreu.

Era dos marquezes de Cascaes, mas da apresentação dos bispos de Coimbra. Pertencia ao extincto concelho de Ançã. Passou para o da Mealhada por decreto de 31 de dezembro de 1853.

Casal Comba

Freguezia de 388 fogos, e 1:466 habitantes. Está situada 1 kilometro a O. da estrada real do Porto a Coimbra, e dista 2 $^1/_2$ kilometros da Mealhada. Orago, S. Martinho. Prior, o reverendo João dos Sanctos Seabra.

Foi villa e couto do termo e comarca de Coimbra, da qual passou para a de Cantanhede e depois para a de Anadia. Teve foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. Era dos bispos de Coimbra.

Luso

Freguezia de 257 fogos, e 1:028 habitantes. Fica na estrada da Mealhada a Vizeu, na encosta occidental da extremidade norte da serra do Bussaco, 7 kilometros a NNE. da Mealhada. Orago, Nossa Senhora da Natividade. Vigario, o sr. Mauricio José Pimenta.

Era curato annexo á freguezia da Vacariça, e da apresentação do collegio da Graça de Coimbra. Em 1064 tinha por orago S. Thomé; em 1721, S. Silvestre. É povoação antiga: já vem incluida n'um inventario do mosteiro da Vacariça em 1064.

Edificios

Nos ultimos 20 annos tem progredido muito. Entre os seus bons edificios particulares, avultam o palacete do sr. conde da Graciosa, onde tem estado o *Hotel Real do Infante D. Augusto*, e as habitações da rua *Costa Simões*, titulo que é simplesmente um justo galardão.

A egreja.— A egreja parochial é espaçosa e elegante. Conserva-se com todo o aceio, e possue algumas talhas antigas, dignas de exame. Ao lado, e contiguo a ella, está o cemiterio, que nada tem de notavel.

Fontes.— Tem Luso duas notaveis fontes: a de S. João, e a do Castanheiro. A fonte de S. João fica fronteira á ermida do mesmo nome. É grande o volume de aguas que d'ella brota em borbulhões, fazendo mover algumas azenhas, ainda nas maiores estiagens. A fonte do Castanheiro tira seu nome d'uma arvore colossal, que lhe fica ao pé. A amenidade do sitio tem sido decantada por poetas.

A casa dos banhos.— Fica o actual edificio dos banhos no valle cavado por entre as duas collinas por onde se estende a povoação. É um quadrado isolado, com 20 metros de face. No centro está o reservatorio, onde rebentam todas as nascentes. As paredes assentam em rocha da formação carbonifera do Bussaco, e são forradas de cantaria egual. São tambem da mesma rocha os canos de conducção que atravessam a espessura das paredes. Tem 9 quartos para banho. As banheiras são de marmore polido, com torneiras de porcellana da Vista Alegre. A temperatura artificial dos banhos consegue-se pelo contacto do vapor com a agua, em 3 ou 4 minutos, por meio d'uma caldeira construida na acreditada fundição dos srs. Collares, de Lisboa. A porta principal abre ao poente, sobre um largo arborisado, com um pequeno lago no centro, construido em julho de 1875. Para aqui abre tambem a sala de descanço, jogo e leitura, facultada aos banhistas, com as condições do regulamento especial de 5 de junho de 1857. N'esta sala estão os retratos de alguns portuguezes

que no Rio de Janeiro, e a instancias do sr. Manuel Ferreira d'Azevedo Junior, subscreveram com 800$000 réis fortes para o melhoramento do edificio, e com que se realisaram algumas obras importantes.

O estabelecimento está ligado a Luso da Egreja e a Luso de S. João por uma estrada de mac-adam. Os trabalhos, custeados pela camara da Mealhada e pela sociedade dos banhos, principiaram em 30 de agosto de 1858.

Os banhos de Luso

Não é muito moderna a descoberta das aguas thermaes de Luso, tão merecidamente celebradas por suas virtudes therapeuticas. De que houvessem sido aproveitadas pelos romanos, como muitas outras, não resta noticia. Diz-se que as descobriu em 1775 um medico de S. Pedro da Lameira, d'esta mesma freguezia, José Antonio de Moraes, que mandou fazer algumas cabanas de ramos, e mais tarde uma barraca de madeira. Já o dr. Francisco da Fonseca Henriques em 1726 [1] nos dá noticia d'ellas. Mas desconhece as suas virtudes therapeuticas, affirmando não serem applicadas a nenhuma doença, e servirem apenas para regar algumas terras.

A barraca de madeira teve successoras, e estas mais aperfeiçoadas, posto que imperfeitas. Atravessava-se d'umas para as outras, e a custo se evitavam as vistas curiosas que pelas fisgas e buracos lhe devassavam o interior. Em 1838 foram substituidas por uma casa de alvenaria, verdadeira pocilga, que as enxurradas da serra alastravam de lodo. Era quadrada, com $5^{m},5$ de lado, e $2^{m},3$ de altura até ao beirado. Estava dividida em cruz por tabiques de madeira.

Por muito tempo nem a iniciativa particular nem a official curou de valer a tão grande abandono. Só em 1845 o sr. Lopes de Vasconcellos, então governador civil de Coimbra, tentou melhoral-a, chegando a reunir uma com-

[1] *Aquilegio medicinal*, publicado em 1726.

missão para deliberar sobre as obras a fazer. Por desintelligencias entre a maioria dos seus membros nada chegou a fazer-se. Em 13 de fevereiro de 1850 apresentou o sr. A. A. da Costa Simões ao governador civil, Thomaz de Aquino Martins da Cruz, um projecto de melhoramento. A auctoridade administrativa attendeu á proposta, organisando logo uma commissão para dirigir os trabalhos. Esta commissão installou-se em 27 do mesmo mez e anno, e approvou o projecto em sessão de 11 de abril. A camara municipal da Mealhada, em sessão de 7 de maio, approvou-o tambem, nomeando uma commissão auxiliadora, composta dos srs. Alexandre de Assis Leão, Antonio Ferreira de Azevedo, João Baptista Ferreira, João Ferreira Netto, e José Rodrigues Cerveira. Por lei de 29 de julho de 1850 foi a mesma camara auctorisada a contrair um emprestimo, não excedente a 1:000$000 réis, para a construcção do edificio, ou a contractar a obra por empreza, como fez. Depois de repetidas mas baldadas diligencias, installou-se em 25 de agosto de 1852, por iniciativa do sr. dr. Francisco Antonio Diniz, *a Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso*, cujos estatutos foram definitivamente approvados por assemblêa geral dos accionistas, em sessão de 27 de agosto de 1853, e pelo alvará regio de 21 de dezembro do mesmo anno. O fundo da sociedade era representado por 600 acções de 10$000 réis cada uma, a juro de 5 %, devendo o estabelecimento, logo que o producto liquido da exploração tivesse reembolsado os accionistas dos capitaes dispendidos, voltar para o municipio da Mealhada, como effectivamente já voltou. O contracto da exploração, celebrado entre a camara e a sociedade em 14 de janeiro de 1854, foi approvado por alvará regio de 1 de março do mesmo anno. O plano da obra, devido ao sr. A. A. da Costa Simões, foi approvado em assemblêa geral dos accionistas de 27 de agosto de 1853, e pelo conselho de districto de Coimbra em sessão de 17 de janeiro de 1854. Demolido o

velho edificio, foi a primeira pedra do actual lançada em 22 de junho de 1854, e a sua inauguração em 24 de junho do anno seguinte.

Sulfuradas calcicas julga o sr. dr. F. A. Alves,[1] as aguas de Luso, segundo a classificação de Durand-Fardel; e foi auctorisada a sua indicação em algumas affecções cutâneas. Observadas na sua origem, apresentam a temperatura de 28°,5 c. no ponto de emergencia, e de 28° c. nas banheiras, sendo a temperatura atmospherica de 22° c. Limpidas, incoloras e inodoras, manifestam pequena unctuosidade ao tacto.

Segundo a analyse feita na exposição internacional de Pariz, em 1867, são crystallinas, sem gosto nem cheiro, agradaveis ao paladar, abundantes e muito mineralisadas. Um kilogramma de agua contém apenas 0gr.,05917 de principios physicos, que são silica, chloruretos alcalinos, carbonato de cal e de magnesia, e uma pequena quantidade de ferro. A temperatura é de 25° centigrados.

Bussaco

A memoranda serra do Bussaco estende-se por 10 kilometros na direcção NO.-SE., tendo na maior largura 2 1/2 kilometros, e 557 metros acima do nivel do mar. Perdeu-se a etymologia do seu nome. Entre as muitas lendas populares que a cercam, e que têem sido decantadas por poetas, ha a lenda do *Negro*, magistralmente narrada pelo sr. Alberto Pimentel.

É certo que a denominação do Bussaco é antiquissima. Já apparece n'uma doação de Gondelim ao mosteiro de Lorvão em 919. Diz a tradição que no alto do monte, onde hoje é a Cruz Alta, houve um pequeno cenobio, dedicado a Sancta Eufemia, e dependente do mosteiro da Vacariça. Nada de positivo ha sobre isto. Por documentos do Livro Preto da sé de Coimbra se vê que o Bussaco era

[1] *Instituto*, de Coimbra, vol. XI.

pertença do mosteiro da Vacariça, e como tal passou á sé por doação do conde de Borgonha, D. Raymundo, ao bispo D. Cresconio em 1094.

Curando a Provincia portugueza dos carmelitas de fundar um eremiterio de contemplação e penitencia, tractou de alcançar para esse fim do bispo de Coimbra, D. João Manuel, concessão da mata do Bussaco, que então foi avaliada em *cento e oitenta mil réis por ser infructifera, e de pouco rendimento.* Vencidas algumas difficuldades, lançou-se a primeira pedra do convento a 7 de agosto de 1628. Os religiosos encarregados da edificação foram fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto, que partiram de Aveiro, onde eram conventuaes, em 29 de junho d'aquelle anno, levando apenas comsigo um cobertor cada um para a cama, uma canastra de sardinhas para a mesa, e dez cruzados para o começo da obra. Em 28 de fevereiro de 1629 já os religiosos poderam celebrar na casa da livraria, que improvisaram em egreja, e em 19 de março de 1630 deram começo á regularidade eremitica. A mata, já de si frondosa, foi consideravelmente augmentada pelos frades. O prelado mandava semear e plantar annualmente um certo numero de cedros e outras arvores de não menos valia. Em 1834 foi a mata encorporada nos bens nacionaes, e como tal esteve para ser vendida em hasta publica. Mas o ministro da fazenda, Manuel Antonio de Carvalho, cedendo ás reclamações dos srs. Antonio Luiz de Seabra, e Oliveira Marreca, passou-a em 1856 para a administração geral das matas do reino. Desde então tem tido grandes melhoramentos, graças ao sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares.

A MATA

A mata do Bussaco é uma das maravilhas de Portugal. «Branda alcatifa de folhagem, escrevia ha annos um il-

lustre filho de Aveiro, [1] cobre o solo accidentado. Frondosa cupula de verdura offerece esplendoroso docel, através do qual parece coar-se aquella branda luz *temperada para amantes,* de que nos falla o mavioso cantor de D. Branca. As brisas arriscam aqui e alli os seus suspiros plangentes. E de espaço a espaço, no largo exterior da *Portaria de Coimbra,* na saliencia de *Caiphaz,* sobre o rochedo do *Calvario,* e da eminencia da *Cruz alta,* os majestosos quadros de paizagens magnificentes, por onde os olhos se nos perdem no seu largo avistar, onde a alma nos parece pequena, e o espirito insufficiente para a contemplação....

O mundo perde-se-nos lá embaixo n'um crepusculo de paixões, que lhe encobrem o movimento e a vida. As asas da viração trazem apenas até nós um brando murmurio do seu tremendo bulicio. Sabemos que existe, porque a memoria nos diz que já assistimos áquelle labutar constante, que já fomos parte n'essa lucta porfiada, em que os affectos e os interesses se degladiam, atropellam e esmagam alternadamente. Mais nada. Quasi que se aniquila aqui o sentimento da actualidade. Vive-se pelo passado e pelo futuro. Ha só recordações e esperanças. Sentem-se saudades e aspirações. O presente encobre-se nas dobras do manto de quem lhe deu vida, e dorme no regaço do passado, afagado pelos sonhos que lhe douram a imagem.»

AS PORTAS

Para a mata, cercada na circumferencia de 3 kilometros e 750 metros, dão entrada as portas de Coimbra, da Rainha, de Sula e de Luso.

A Porta de Coimbra.— É a mais antiga e curiosa da mata. Antigamente era a unica. Foi construida, segundo se vê d'uma lapide alli collocada, em 1630, reformada

---

[1] F. A. Rezende Junior, *Campeão das Provincias*, n.º 1:577.

em 1831, e restaurada em 1866. As paredes são revestidas, como os demais edificios do Bussaco, de mosaico de pedrinhas pretas e brancas, tendo ao centro duas grandes lapides, onde se vêem gravadas duas bullas: — uma de Gregorio XV, de 23 de julho de 1622, prohibindo a entrada de mulheres; a outra, de Urbano VIII, de 28 de março de 1643, fulminando de excommunhão maior *ipso facto incurrenda*, os que furtivamente cortassem arvores da floresta.

A Porta de Luso. — Tira seu nome da povoação mais proxima, e abre com um portão de ferro, fundido em Lisboa pela companhia *Perseverança*, e assente em 10 de maio de 1866. Foi primitivamente chamada do Serpa, por a haver mandado abrir em 1838 o sr. Manuel de Serpa Machado, um dos mais desvelados protectores do Bussaco.

A Porta da Rainha. — É tradição ter sido aberta para a rainha de Inglaterra D. Catharina visitar o Bussaco em 1693. Não se realisou esta visita, e a porta foi entaipada. Reabriu-se em 1704 quando D. Pedro II veio ao Bussaco, e foi reedificada em 1872. Abre sobre a estrada de Vizeu.

A Porta de Sulla. — Provém-lhe o nome da aldêa que lhe fica proxima. Abre sobre a esplanada do monumento. Foi restaurada em 1872.

A AVENIDA DO MOSTEIRO

É a rua principal e mais frondosa da mata. Os cedros que a orlam são majestosos. Ha n'ella quatro capellas de devoção. A principal é a da Samaritana, onde se reproduz a passagem do Evangelho em que Jesus Christo pede de beber á mulher de Samaria. Entre as imagens de vulto do Salvador e da Sancta Fotina, está o poço de Sichar, donde deslisa uma veia de agua, descoberta em 1876 no sitio da Horta e mandada para aqui encanar em outubro do mesmo anno pelo sr. conselheiro Moraes Soares. A

traça d'esta ermida foi do reitor da Universidade Manuel de Saldanha, e a execução do padre fr. Manuel de Sancta Thereza.

O MOSTEIRO

Está situado no topo da costa do Sacramento, ao fim da avenida principal, e no centro da mata. Por tres lanços de escada se sobe para o adro, plataforma rectangular, rodeada de assentos. No meio se eleva sobre peanha de quatro degraus de granito uma cruz de pedra. Em frente fica o frontispicio do convento, forrado de embrexados, e a portaria com tres arcos esguios de cantaria tosca. Por cima está a data de 1628. Estes arcos dão entrada para um estreito adito com tecto de cortiça, e paredes forradas de cascalho. Ao fundo ha uma porta com hombreiras de granito grosseiro. Em cima tem um painel representando um condemnado ardendo em chammas e mordido de serpes. Aos lados ha outros dois representando dois carmelitas de corpo inteiro. Transpondo a porta, entra-se n'um corredor lúgubre, estreito e sombrio: é o claustro, ornado de duas ordens de paineis, moldurados em cortiça, representando alguns sanctos e bemfeitores da casa. Rodeia a egreja, em fórma de cruz, e só pelos seus vãos lhe entra escassa claridade. Abrem sobre o claustro alguns corredores estreitos, tendo á direita e á esquerda as acanhadas cellas. A sala do refeitorio é vasta mas escura, e forrada de cortiça; tem pulpito a um dos lados, e tinha uma grande cruz no centro. A livraria, cujos livros foram quasi todos doados pelo bispo de Coimbra, D. Joanne Mendes de Tavora, e que ainda hoje possue algumas obras de merecimento, fica no pavimento superior. A hospedaria, onde hoje reside o administrador da mata, fica no angulo norte do convento.

A egreja.— É pobre de architectura e de alfaias, e em fórma de cruz, como todos os templos carmelitas. Não tem porta principal: dão-lhe entrada duas portas aos lados

do cruzeiro. No fundo do côro, e no logar da porta principal, fica o curioso presepe de Bethlem. Aos lados do altar-mór ha os dois notaveis bustos de S. Pedro e de Sancta Maria Magdalena, verdadeiros primores de arte. No recinto do côro jaz o bispo de Coimbra D. João de Mello, um dos principaes bemfeitores do convento, fallecido em 28 de junho de 1704.

ERMIDAS

Sancta Thereza.— Fica um pouco acima da fonte do mesmo nome. Foi fundada pelo prior-mór d'Aviz, Bento Pereira de Mello. O seu padroado passou depois para os marquezes das Minas.

Sancto Elias.— Fundou-a Antonio Pinto Botto. Fica proxima e superior á rua que vai do convento á porta da Rainha.

Nossa Senhora da Conceição.— Foi fundada por D. Rodrigo de Mello, da casa de Tentugal, e reparada em 1866 a expensas do conselheiro Ernesto de Faria. Fica ao lado da nova estrada para a Cruz Alta.

Sancto Antão.— Assenta sobre um penhasco, 54 metros acima das portas de Coimbra. É de fórma cylindrica, e ainda fundação de Manuel de Saldanha.

S. Miguel.— Proxima da antecedente. Foi fundada pelo licenciado Antonio Vaz Preto, prior de Treixedo, em 1651.

S. José.— Perto das portas de Coimbra. Foi fundada pelo reitor da Universidade Manuel de Saldanha, em 1643.

O Calvario.— Fica no termo da Via Sacra. Foi fundada por D. João de Mello em 1694. D'aqui se gosa o mais esplendido panorama do Bussaco.

O Sepulchro.— Um pouco acima d'esta. Foi fundada, em 1646, por Manuel de Saldanha, e restaurada pelo sr. visconde de Foz de Arouce, auctorisado por portaria de 9 de novembro de 1863.

S. João.— Proxima da antecedente e a leste da Cruz Alta. Foi tambem fundada em 1650 por Manuel de Saldanha.

Nossa Senhora da Expectação.— Fundou-a D. Joanne Mendes de Tavora para residencia dos bispos de Coimbra quando visitavam o Bussaco. Fica um pouco abaixo do convento. Poucos vestigios restam d'ella.

Nossa Senhora da Assumpção.— Foi fundada por Diogo Lopes de Sousa, da casa de Arronches. Está um pouco acima da fonte. Fica ao N. do convento, descendo para o valle de S. Silvestre.

O Sacramento.— Foi fundada por D. Marianna Cardennes, 1.ª e ultima duqueza de Torres Novas. Andava annexa á casa de Aveiro.

Fica proxima ao passo de Caifaz.

Julga-se que foi arrasada em virtude da sentença de 12 de janeiro de 1759.

Capellas dos Passos.— Representam as varias estações da Via Sacra. São 20, mandadas edificar por D. João de Mello. As pinturas que representavam os passos foram substituidas por imagens de vulto pelo bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa. Estão quasi todas destruidas. O sr. Marianno Cyrillo de Carvalho propoz ás côrtes, em sessão de 16 de janeiro de 1874, que fossem reformadas.

A CRUZ ALTA

No ponto mais culminante da serra, ao centro d'um terrapleno recostado de ameias, assenta em cinco degraus a Cruz Alta. D'aquella summidade avista-se o panorama mais vasto e surprehendente. Descobrem-se as serras de Estrella, de Castello Rodrigo, de Minde, de Marvão e de Grijó, e os districtos de Coimbra, Leiria, Aveiro, Guarda, Vizeu, Porto e Braga. Diz a chronica que, anteriormente á fundação do mosteiro, erguera n'aquelle alto uma cruz de pau um navegante, a quem a eminencia servira de guia. Substituiu-a mais tarde por outra de alto cypreste Francisco Pereira de Miranda, da Graciosa. Em 1645 foi desarvorada por um raio. Em 14 de setembro de 1648

Manuel de Saldanha mandou erguer no mesmo sitio uma de pedra, cercada de ameias. Em 1841 foi reconstruida pelo governo civil de Coimbra, e mais modernamente ainda reparada pela administração das matas. Tem $3^m,5$ de altura, e $0^m,33$ quadrados de espessura.

FONTES

Fonte Fria.— Foi por iniciativa do sr. conselheiro Moraes Soares reconstruida em 1866.

«A arte quiz estabelecer alli o seu throno de rainha, e arrancou uma a uma as pedras da antiga escadaria, d'onde por cada junta mal unida brotavam a um tempo a relva e a agua, que derivava suavemente até o sopé da encosta. Nada d'isso agora. A frontaria da nascente foi renovada, e por sobre as suas paredes assenta um capeamento de cantaria lisa de calcareo branco, excedido d'uma pequena cruz, com as suas molduras e rendilhados, a destoar enormemente de tudo que lhe fica em torno, parecendo antes um pequeno molde de não sei que estylo architectonico, perdido alli ao acaso. Depois longa fita de pedras se estende até o valle, debruada de verde aqui e alli, onde em rampas de forte inclinação parecem escorregar as relvas mal semeadas. A escadaria é interrompida por patamares rectangulares eguaes entre si, em cujos centros se acham pequenos tanques circulares de marmore, tambem eguaes, dando sahida a jactos de agua em fórma de repuchos. Ha estreiteza e monotonia na obra. Afigura-se a todos que não se tirou todo o partido das condições em que o terreno e a agua se offereciam alli. Vê-se porém que na lucta da arte com a natureza aquella havia de ficar vencida. A mão do homem não podia alli produzir nada, que a majestade do sitio não offuscasse, e a grandeza d'aquelles cedros não fizesse pequeno.» [1]

---

[1] F. A. Rezende Junior, *loc. cit.*

Eis a descripção da antiga Fonte Fria:

«Foi obra do bispo conde D. João de Mello, traçada de fórma que, coberta d'uma abobada, estribada em um arco aberto rebocado de embrexado, tem o nascimento á vista patente: ou por blasonar de puramente claro, ou por ser tão vistoso que por miudos seixos pretos e brancos, sentados em douradas areias, nunca receia de offerecer ao registo e exame dos olhos. Desce do logar da sua origem por um calejão ou parapeito levantado da terra entre largas escadas, por telhões de cantaria, de repuchos abertos nas mesmas pedras; na descida das quaes, fervendo as aguas em tumidos, prateados cachões, lhe causam de uns em outros uma tão agradavel, como buliçosa quéda, até chegarem a uma taça de onze bicas de bronze, sentada no meio d'um formoso taboleiro; rematado tudo em um chuveiro de innumeraveis e quasi imperceptiveis desaguadouros. Baixa d'aqui na mesma fórma a outros tres taboleiros lageados, e chegando ao quarto pára em chafariz de oito bicas de bronze, do qual se torna a despenhar por canos cobertos; e a uma larga distancia se recolhe em uma grande pia, coroada d'uma cruz de pedra, acompanhada de duas pyramides da mesma materia. Encanada novamente por alguns passos, rebenta em um espaçoso tanque, do qual, fechada como antes, se vai terminar no beneficio e cultura d'um dilatado pomar, povoado de varias arvores de excellentes especies de fructas. Os lados das escadas e divisas dos taboleiros são ornados de curiosos embrexados, debuxados em campo branco, que na obra fazem agradaveis visos, sem excederem á modestia do logar.» [1]

Fonte de Sancta Thereza.— Fica a pouca distancia do mosteiro, e da capella do mesmo nome. Quando saíram os frades estava por acabar. Ha poucos annos se concluiu revestindo de embrexados a frontaria.

---

[1] Fr. João do Sacramento, *Chron. dos Carmelitas Descalços.*

Fonte de Sancto Elias.— Está um pouco acima da ermida que lhe dá o nome, entre as portas da Rainha e de Sulla. Foi construida em 1700. É de agua ferrea.

Fonte de S. Silvestre.— É uma das mais poeticas e concorridas da mata. Ao lado ha um kiosque com uma grande mesa de cedro, e bancos de cortiça. Fica ao fundo da avenida do mesmo nome. Nada se sabe da sua fundação. Inda reveste o seu caracter primitivo.

Fonte do Carregal.— É de architectura simples. Foi restaurada em 1866 por alguns amadores do Bussaco, segundo se vê d'uma inscripção alli collocada.

Fonte da Horta.— Fica juncto e por detrás do convento. É alimentada pelas vertentes da de S. Silvestre. [1]

A BATALHA

O dia 27 de setembro de 1810 occupa na historia da guerra peninsular uma das paginas mais gloriosas para as armas portuguezas. Depois da desastrosa tomada da praça de Almeida dirigia-se Massena por Vizeu, Tondella, e Sancto Antonio do Cantaro para Coimbra e Lisboa. Mas tolheu-lhe a audaciosa carreira, junto aos muros da cerca do Bussaco, o exercito anglo-luzo, commandado por Wellington. Eram desiguaes as forças dos dois exercitos. Os tres corpos do exercito francez, que Massena concentrára na raiz da serra, andavam por 88:000 homens. As forças commandadas por Wellington eram apenas 24:000 inglezes, e 29:065 portuguezes. Mas tinham os alliados por seu lado o alcantilado e fragoso da posição, e mais que tudo o amor da independencia patria a pulsar-lhes no coração. Eram 6 horas da manhã quando rompeu o combate. Uma espessa nebrina involvia a serra e o valle. Começou o ataque na direita pela divisão Merle do 2.º corpo

---

[1] A. M. Simões de Castro, *Guia Hist. do Bussaco,*— A. C. da Silva Mattos e A. Lopes Mendes, *O Bussaco.*

de Régnier, que investiu as alturas de Alcoba. Foi o terreno disputado passo a passo pela divisão Picton e pelo 8 portuguez de infanteria. Mas, abalados um instante pelo ímpeto das columnas francezas, tiveram de retirar para o alto da montanha, onde estava a linha de batalha. Em breve tornam a si da primeira surpreza. Resistem heroicamente com bem sustentado fogo de filas contra as forças inimigas por mais de $^3/_4$ de hora, causando-lhes perdas consideraveis. A final, auxiliada por dois regimentos britannicos, carregaram sobre os assaltantes com uma tão brilhante carga de baioneta, que as duas columnas francezas foram desordenadas, e arremessadas em completa derrota pelas serranias abaixo.

Fôra pela esquerda encarregado o assalto ás brigadas Simon e Ferrey e á 2.ª divisão (Marchand). Mais serio parecia dever ser, porque com todas as suas forças carregára Régnier. Fizeram algum progresso na subida da montanha as tropas francezas, e chegaram a tomar o contra-forte. Mas ephemero foi tal successo: que as brigadas portuguezas Pack, e Coleman, a divisão ligeira ingleza, e principalmente o 7 e o 19 de infanteria portugueza, em breve os precipitaram pelas fragas. A terrivel perda de 4:500 homens, o aprisionamento do general Simon, e a morte do general Graindorge advertem Massena do valor das tropas alliadas e da inexpugnabilidade do Bussaco. No dia 28 torneia a serra, e no dia 29 tinha evacuado as faldas do Bussaco, seguindo pela estrada de Boialvo para Coimbra. Estava escripta a mais altiloqua estancia do grande poema da guerra peninsular. [1]

---

[1] D. Francisco Alexandre Lobo, *Summ. Hist. da Camp. de Port.*, tom. I das *Obras.*— *Educação Popular*, n.º 1.º, 1.ª série, pag 94.

O MONUMENTO

Logo em seguida á gloriosa batalha do Bussaco houve idêa de commemoral-a em monumento condigno. Chegou a traçar-se um desenho illuminado, obra ingleza, e a darem-se instrucções a diversos officiaes para preparo de trabalhos. O projecto era um soberbo obelisco circumdado de tropheus e figuras allegoricas. As nossas dissensões politicas fizeram esquecer e retardar o levantamento do padrão. Em 1859 o sr. Adriano Baptista Ferreira, então presidente da camara da Mealhada, comprou a uns lavradores do concelho de Mortagua a arruinada capella das Almas do Encarnadouro, que servira de hospital de sangue, com tenção de restaural-a e de a ornar com um painel commemorativo da batalha. A sua saída da gerencia do municipio não lh'o consentiu. Em 1862 o sr. general Cascaes lembrou ao ministro da guerra a conveniencia de se levantar na serra do Bussaco um padrão das nossas glorias militares na campanha da Peninsula. Abraçou o sr. marquez de Sá a idéa, e a mandou pôr em execução. Mas só em 1872, e a muitas instancias do benemerito iniciador, se concluiu o monumento.

Está collocado no centro d'uma plataforma, cortada na serra, entre as portas de Sulla e da Rainha. É uma pyramide quadrangular, monolitho de pedra de 6 metros de comprido, assente n'um pedestal de 4 faces sobre dois degraus, e encimada por uma estrella de crystal de doze faces pentagonas com 1 metro de diametro. Inferiormente é cercado por 8 peças de artilheria, em quadrado, cravadas no solo verticalmente, e ligadas por correntes de ferro. Do terrapleno parte uma estrada que vai dar á capella das Almas do Encarnadouro, mandada reparar tambem por ordem do governo. Foram estes dois monumentos modestamente inaugurados em 27 de setembro de 1876. As 4 horas da tarde de 28 de dezembro do mesmo anno foi o obelisco destruido por um raio. Anda-se na sua reparação.

Pampilhosa

Freguezia de 112 fogos, 572 habitantes. Orago, Sancta Marinha. Cura, o reverendo Salvador Francisco de Moura.

Era curato annexo a S. Vicente da Vacariça, e da apresentação do collegio da Graça de Coimbra. Até 1853 pertenceu ao concelho de Coimbra. Por decreto de 31 de dezembro d'este anno passou para o da Mealhada.

Vacariça

Freguezia de 524 fogos, e 1:092 habitantes. Está 2 ½ kilometros a O. de Luso, e 17 kilometros a NNE. de Coimbra. Orago, S. Vicente. Vigario, o reverendo Adelino Augusto da Silva.

O collegio da Graça de Coimbra apresentava os parochos. Foi villa. D. Manuel deu-lhe foral em Lisboa a 12 de setembro de 1514. Foi couto dos bispos de Coimbra, e como tal vem inserida na carta de confirmação, mandada passar ao bispo D. Pedro Gomes, por D. Pedro I, a 11 de dezembro de 1358.

O mosteiro bubulense

É quasi um problema historico o mosteiro duplex da Vacariça. Quanto á sua fundação, sabe-se apenas que foi no meado do seculo VI, em seguida á do convento de Lorvão.[1] Quanto ao seu local, é tradição ter sido no sitio chamado *Fieis de Deus*, 1 kilometro a NE. da villa. A invocação da egreja parochial, e algumas moedas antigas descobertas por excavações nas suas vizinhanças, quasi levam a crer ter ella sido a conventual, e ficar-lhe annexo o mosteiro; mas nem a mais gasta ruina elucida este ponto. A egreja é de construcção moderna. O local dos *Fieis* é

[1] A. A. da Costa Simões, *Hist. do Most. da Vacar.*, pag. 4.

árido, secco, e acanhado.[1] A sua historia é obscura até ao seculo XI. É pouco provável que em 714 entrasse no numero dos conventos destruidos pelos mouros,[2] ou que em 734 fosse isento de tributos, como o de Lorvão.[3] Quanto á sua ordem primitiva, alguns asseveram que fôsse da de Sancto Agostinho; outros comtudo, e talvez com mais razão, asseveram ser da de S. Bento. De 1002 em diante, com a doação ao mosteiro das terras de Roças e Penso, e do mosteiro de Roças pelo diacono Sandino, apparece-nos uma série de documentos, que demonstram a sua grande e crescente opulencia, e inculcam a permanencia dos monges na Vacariça. Em 1040 estava o abbade da Vacariça, Todegildo, em Leça, para onde parece terem fugido os monges a uma invasão de sarracenos. Em 1064 fez o mosteiro um inventario de todas as villas e logares que possuia, principalmente entre o Mondego e o Vouga. Estas riquezas, que já eram muitas, foram ainda successivamente augmentadas com valiosas doações. Em 13 de novembro de 1094 o conde D. Raymundo, governador de Portugal e Galliza, e sua mulher D. Urraca, filha de Affonso VI, doaram ao bispo de Coimbra D. Cresconio, e ao cabido da sua sé, o mosteiro bubulense com todos os seus bens, propriedades, casas, e rendimentos. Paschoal II confirmou esta doação em 1101. Parece que até 1099 continuaram os monges vivendo em communidade, sob a direcção da mitra conimbricense. D'ahi em diante é que não ha mais noticias d'elles. A egreja de S. Vicente ficou sendo a parochial da freguezia da Vacariça, com um clerigo secular. Em 1557, o bispo conde D. João Soares, auctorisado por um breve de Paulo IV, de 22 de abril do mesmo anno, a doou ao collegio de Nossa Senhora da Graça, de Coimbra, com as suas filiaes,

---

[1] Miguel Ribeiro de Vasconcellos, *Not. hist. do Most. da Vacariça*, pag. 13.

[2] Fr. Antonio da Purificação, *Chron. de S. Agost.*, tom. I, liv. I.

[3] Fr. João do Sacramento, *Chron. dos Carmel. Descal.*, tom. II, liv. IV.

Luso e Pampilhosa. Em 1834 desligaram-se as tres egrejas, e as suas pertenças passaram para a lista dos proprios nacionaes. Comprou-as o sr. Manuel Ferreira de Azevedo, da Mealhada, em 11 de fevereiro de 1844, por 2:801$000 réis.

Mealhada

Villa, e capital do concelho do seu nome. Está situada 37 kilometros a SE. de Aveiro. É a 28.ª estação do caminho de ferro do N. Pertence á freguezia da Vacariça.

É povoação antiquissima. Tem foral, dado por D. Manuel, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514.

EDIFICIOS

Desde que em 1861 se estabeleceu aqui a estação do caminho de ferro e principiaram a ser conhecidos os banhos de Luso, e visitada a mata do Bussaco, a villa tem prosperado immenso. Tem hoje muitas e elegantes construcções modernas. Entre ellas avulta o antigo Hotel do Bussaco, onde hoje é o escriptorio da *Companhia Vinicola da Bairrada*, e o palacete da sr.ª baroneza de Luso.

Os *Paços do Concelho* não teem nada de notavel. Foram edificados em 1850.

ESTRADAS

Parece ter sido a Mealhada ponto obrigado para a passagem das grandes estradas. Já aqui passava a *via militar* romana de Lisboa a Braga, segundo se deduz d'uma lapide ou marco milliario, encontrado em 1856 a 630 metros da villa. É um cippo em fórma de fuste de columna, de $2^{m},04$ de altura e $1^{m},40$ de circumferencia, com estas letras gravadas:

SAR DIVI
RON AVG
MAX TRIB
COS. DESI
P. P.
XII.

A inscripção está incompleta em todas as linhas. Mas póde talvez traduzir-se: *Erguido por... Cesar, filho de Divo... augusto, pio, pontifice maximo, investido do poder tribunicio... designado consul e pae da patria. Distante de... 12 milhas.*

A antiga estrada real de Lisboa ao Porto tambem atravessava a Mealhada, assim como a atravessa hoje a nova estrada de mac-adám, de 1845, que aqui se ramifica com a de Vizéu. Estrada n.º 31 — da Mealhada a Oliveira de Azemeis; 1.ª secção da Ponte de Pedra á Ponte do Vouga, extensão 24:205,1.— Principiaram os trabalhos em 18 de julho de 1856, e concluiram-se em 17 de março de 1860, havendo-se dispendido 13:725$395 réis.

O CERTOMA

Proximo da Mealhada passa o rio Certoma. Provém de duas nascentes mui proximas entre si no declive do Bussaco para O., no sitio denominado o Arruido, perto da aldêa de Louredo. Engrossado com varias ribeiras, atravessa este concelho, e os de Anadia e Oliveira do Bairro, vindo junctar-se com o Agueda entre a antiga ponte de Requeixo e a da Rata, no concelho de Aveiro, para o que se fizeram as obras necessarias de 1813 a 1815. Podia converter-se n'um grande manancial de riqueza tornando-o navegavel em toda a sua extensão. Assim os productos da Bairrada teriam facil accesso á barra de Aveiro. Esta idêa não é nova. Já foi apresentado em côrtes um projecto n'este sentido. (VIDE AVEIRO [ria]). É tradição que passando aqui a rainha Sancta Isabel, quiz beber agua do Certoma, e a aconselharam a que tal não fizesse, porque era de má qualidade; provou-a a rainha, e disse: *certo má,* e d'aqui lhe veio nome.

Varões illustres

Antonio Augusto da Costa Simões. — Nasceu em 23

de agosto de 1819. Foram seus paes o capitão Francisco José Simões e D. Thereza Justina de Jesus.

Havendo-se matriculado no primeiro anno de medicina na Universidade de Coimbra em 1838, fez formatura em julho de 1843, e tomou capello em 16 de julho de 1848. É actualmente lente cathedratico da faculdade de medicina (decreto de 8 de abril de 1860), socio effectivo do Instituto de Coimbra (13 de abril de 1852), socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa (6 de dezembro de 1856), da Real Academia de Medicina de Turin (28 de junho de 1862), e da Sociedade de Anthropologia de Pariz (1 de fevereiro de 1866); socio honorario do Retiro Litterario Portuguez no Rio de Janeiro (1 de julho de 1860); etc.

Estes diplomas são prova cabal do seu talento e dos serviços que tem prestado ás letras. Entre as suas valiosas e importantes publicações [1] contam-se — a *Historia do Mosteiro da Vacariça e da Cerca do Bussaco*, e a *Noticia dos banhos de Luso*, — que muito nos auxiliaram na presente publicação.

Joaquim Lopes Carreira de Mello. — Nasceu a 16 de julho de 1816. É director e fundador do collegio de Nossa Senhora da Conceição, talvez o primeiro estabelecimento de educação de Lisboa; e da *Companhia vinicola da Bairrada*, uma das emprezas mais promettedoras e acreditadas do paiz. É tambem um escriptor fecundissimo: tem enriquecido a nossa litteratura com numerosas producções. Algumas são de elevado merito.

Bairrada

A Mealhada é o centro da mais importante região vinicola de Portugal depois da do Douro. Situada entre os rios Mondego, Agueda, e Vouga, e nas duas margens do Certoma, estende-se pelas freguezias de Casal Comba, Ta-

[1] Innocencio F. da Silva, *Dicc. bibliog.*, tom. VIII, pag. 81.

mengos, Vacariça e Ventosa do Bairro d'este concelho, das de Arcos e Mogofores do de Anadia, das de Ois e S. Lourenço do de Oliveira do Bairro, e do logar de Murtede e freguezias de Sepins do de Cantanhede. N'esta região é grande a diversidade de solos, e talvez maior ainda a variedade de vinhos.

Não é antigo este paiz vinhateiro. Quasi se póde affirmar ser do nosso seculo, apesar de se dizer [1] que em meados do seculo XVII já Cantanhede passava por um dos grandes centros productores. Diz-se que o primeiro proprietario que na Bairrada preparou vinhos para embarque foi João Fernandes Gil, da Figueira, por 1800 a 1803. No entanto já o decreto de 4 de agosto de 1776 prohibia a exportação dos vinhos da Bairrada pelas barras de Aveiro e Figueira. O alvará regio de 9 de agosto de 1777 restringiu aquella prohibição só á barra do Porto, e ainda ha bem poucos annos acabou.

Querem tambem alguns que uma das causas, senão a principal, que obstou ao engrandecimento d'esta região vinicola, foi o alvará de 26 de outubro de 1765, que, para beneficiar a *Companhia geral de agricultura dos vinhos do Alto Douro,* prohibiu a plantação de vinhas sem previa auctorisação da companhia, e mandou arrançar as que estivessem em terrenos aptos para outra cultura. Comtudo esse alvará, mandando arrancar todas as vinhas das margens do Vouga, exceptua as sitas nos termos de Anadia e Mogofores, «*em que sempre os vinhos foram o fructo principal, e em que a favor da bondade e qualidade superior d'elles, esteve sempre a reputação publica e geral.*»

A Bairrada tornou-se um grande centro vinhateiro depois que em 1820 o sr. João Baptista Ferreira, um dos primeiros proprietarios da Mealhada, principiou a fazer grandes plantações de bacellos, tornando-se notaveis as da

---

[1] Rebello da Silva, *Mem. sobre a pop. e agric. de Port.*, pag. 328.

quinta da Tapada, onde foram entregues á cultura da vinha terrenos que produziam optimo trigo. Em 1822 recolheu o sr. Ferreira cento e doze pipas de vinho, que foram vendidas a 25$000 réis. Este successo animou os lavradores a novas e grandes plantações. De 1825 a 1834 a exportação tomou as mais vastas proporções, vindo n'este ultimo anno a ser extraordinaria, em virtude dos acontecimentos politicos que tiveram fechada a barra do Porto. Antes de 1818 os maiores lavradores recolhiam apenas algumas pipas de vinho. Ainda em 1820, apesar da vinicultura haver tomado um tal ou qual desenvolvimento, conheciam-se apenas a quinta das Sacarroas, da Tapada, o Estrepal, a Portaria, e mais algumas vinhas insignificantes. Em 1848 o *oïdium* principiou a sua perniciosa acção, e as vinhas quasi se aniquilaram. Em 1862 os estragos começaram a diminuir, e a producção a augmentar consideravelmente. Hoje apresenta-se a Bairrada mais prospera do que nunca. Só o concelho da Mealhada exporta annualmente mais de 600 pipas de vinho. Os vinhos da Bairrada, embora formem um unico typo, podem dividir-se em vinhos de embarque e vinhos de consumo, distinctos e diversos pela côr.

As castas de uvas tintas mais usadas na feitura dos vinhos são pela ordem da sua importancia as seguintes:

Baga, casta predominante, refractaria ao *oïdium* e a todas as influencias atmosphericas; *castellão, moreto, xara, trincadeira;* e em segundo logar *bastardo cicheirinho, sousão e tinturão,* muito similhante ao *sousão* na videira; as castas brancas, *boal de Santarem,* de que algumas vezes se tem feito vinho especial; *rabo de ovelha, alvaderão, escabelado, arinto, mourisco, e esgana-cão.* Além d'estas ha ainda *Fernam Pil (Pires) branco, Fernam Pil rocho, boal rocho, D. Branca, coração de gallo (tinto), moscatel roxo* ou de *Jesus, moscatel branco, moscatel cachudo, moscatel preto* e *pé de perdiz.* [1]

---

[1] A. A. de Aguiar, *Mem. sobre os proces. de vinificação, etc.*

Um futuro prospero e proximo espera os vinhos d'esta região, graças á

COMPANHIA VINICOLA DA BAIRRADA

É instituição de grande alcance, e da iniciativa do sr. Carreira de Mello.

Em 1867 appareceu o primeiro projecto para a sua formação. Teve-se por demasiado grande o commettimento, e quasi que passou despercebido. Em 1870 voltou o sr. Carreira de Mello a tractar do assumpto, publicando um opusculo de propaganda. Em 1873 deu novo impulso á sua idêa, já por publicações, já promovendo reuniões em Lisboa e na Mealhada. Appareceram difficuldades, á primeira vista insuperaveis, e o plano ainda mais uma vez abortou. Em 1874 publicou-se o segundo projecto de estatutos, e abriu-se a subscripção. D'esta vez a tenacidade do auctor tudo venceu. Em 20 de fevereiro de 1875 apresentaram-se os estatutos definitivos, que, reduzidos a escriptura publica e social n'esse dia, permittiram que em 4 de abril se installasse a companhia, começando as suas operações pouco depois.

Além do sr. Carreira de Mello, trabalharam para a installação da companhia os srs. Antonio de Noronha Castello Branco e Avillez, (de Ois do Bairro), dr. Adriano Baptista Ferreira, dr. Antonio de Menezes, Adriano Sereno, Joaquim Maria do Amaral Cardoso, Antonio Francisco Rocha, Sebastião das Neves, e Agostinho Velho.

Ventosa do Bairro

Freguezia de 255 fogos, e 1:050 habitantes. Está situada 4 kilometros a NO. da Mealhada. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Prior, o reverendo José Maria da Conceição Leite.

A apresentação dos parochos era alternadamente do

pontifice, do bispo conde e do prior de S. Salvador de Coimbra. Pelos annos de 1112 se levantou, entre o bispo de Coimbra D. Gonçalo e tres fadres da Vacariça, demanda sobre a propriedade de Ventosa. Por composição a emprasou o bispo aos tres monges em sua vida, mediante a decima do seu rendimento; devendo por morte do ultimo incorporar-se na sé.

CONCELHO DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Foi creado por D. João VI em 1800. Compõe-se actualmente das freguezias de Carregosa, Cezár, Cucujães, Feijões, Gandara, Loureiro, Macieira de Sarnes, Macinhata de Seixa, Madail, Madeira, Nogueira do Cravo, Oliveira de Azemeis, Ossella, Palmaz, S. Roque de Villa Chã, Travanca, e Ul.

Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 ficava pertencendo ao districto do Douro. Deveria compor-se então das parochias civis da Carregosa, Castellões, Cucujães, Madeira, Macieira de Cambra, Oliveira de Azemeis, Ossella, e Pinheiro da Bemposta.—7:380 fogos.

O concelho de Oliveira de Azemeis tem 19:444 hectares de superficie, 36:713 predios inscriptos na matriz, e 25:862 habitantes. A contribuição predial subiu em 1875 a 7:946$644 réis; e o seu rendimento collectavel foi de 52:715$377 réis.

A comarca de Oliveira de Azemeis, creada em 1835, compõe-se, em conformidade do decreto de 23 de dezembro de 1875, dos julgados de Castellões, Cucujães, Oliveira de Azemeis, Pinheiro e S. João da Madeira.

Carregosa

Freguezia de 362 fogos e 1:468 habitantes. Fica 10 kilometros a NE. de Oliveira de Azemeis. É atravessada pela estrada de Oliveira de Azemeis a Arouca. Orago, S. Salvador. Prior, o reverendo José Maria Corrêa de Bastos Pina.

Os parochos eram da apresentação da casa da Feira.

Fabrica de Papel

No logar da Povoa ha uma magnifica fabrica de papel de motor hydraulico. É do morgado da Povoa, e foi fundada em 1858. Têm sido premiados os seus productos em algumas exposições.

D. Manuel Corrêa de Bastos Pina

Nasceu no logar da Castanheira em 19 de novembro de 1830. Fez formatura em direito a 18 de julho de 1853. Em julho de 1854 acompanhou para Bragança o bispo D. José Manuel de Lemos, como seu secretario. Em 19 de novembro recebeu ordens de presbytero. Em 6 de dezembro foi apresentado chantre da sé cathedral de Bragança. Em 20 de janeiro de 1855 foi nomeado vigario geral da diocese; em 1 de agosto, vogal da commissão para organisar o projecto da tabella dos emolumentos das camaras ecclesiasticas; em 6 de novembro, professor do seminario; em 21 de maio de 1856, deão da sé de Vizeu, beneficio em que se não collou; em 21 de agosto, chantre; em 29 de março de 1857, examinador synodal; em 25 de outubro de 1858, vigario capitular *sede vacante;* em 5 de julho de 1858, chantre da sé de Coimbra; em novembro de 1859 vigario geral; em 8 de maio de 1862, vigario capitular de Vizeu; em 1 de janeiro de 1865, governador do bispado de Coimbra; em 8 de janeiro de 1870, bispo coadjutor e futuro successor; em 31 de março, vigario

capitular; em 12 de maio, bispo de Coimbra; em 22 de dezembro de 1871, confirmado; e em 19 de maio de 1872, sagrado. É conselheiro, gran-cruz da Ordem de Christo, do Brazil, commendador da Conceição, e socio effectivo do Instituto de Coimbra. Das suas virtudes e intelligencia nos dizem os seus diocesanos, e as suas obras.[1]

Cezár

Freguezia de 170 fogos, e 855 habitantes. Fica 5 kilometros a E. da estrada real do Porto a Coimbra, e dista de Oliveira de Azemeis 14 kilometros para NNE. Orago, S. Pedro. Abbade, o sr. Antonio Tavares de Mello.

É povoação antiquissima. No logar da Torre e serra do Pinheiro ha vestigios de bellas edificações. Era da casa da Feira, e por extincção d'esta foi da do infantado. Os parochos porém foram da apresentação dos marquezes de Tavoras até 1759, e de então até 1834 do padroado real. A egreja matriz, que é elegante, foi construida nos fins do seculo XVII. A antiga era onde está a residencia do parocho. Ha um mercado mensal no logar da Gandara no dia 18.

Cucujães

Freguezia de 740 fogos, e 3:770 habitantes. Está situada 4 kilometros a NO. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Martinho. Abbade, o reverendo Antonio José Godinho.

O couto de Cucujães

É Cucujães povoação antiquissima, D. Affonso VI de Leão deu-lhe o titulo de villa e coutou-a, em 1058. Este

---

[1] A. M. Seabra d'Albuquerque, *Bibliog. da Imp. da Univ.* de 1872 a 1873, pag. 88.

couto foi dado em 7 de julho de 1139 ao mosteiro benedictino que aqui houve, por D. Affonso Henriques. Tinha juiz ordinario com seu escrivão, procurador e meirinho, eleitos por eleição popular na presença do D. Abbade do mosteiro, que na qualidade de donatario tinha aqui toda a jurisdicção civel. No crime era subjeito ás justiças da Feira. Grandes e notaveis privilegios lhe concederam os nossos primeiros monarchas. D. Manuel incluiu-o no foral que deu á Feira.

Mosteiro de Cucujães

Era da ordem benedictina. Foi fundado por D. Payo Guterres da Silva em 1060. Possuia grossas rendas, e era um dos mais considerados da ordem. O edificio e a cerca são de proporções vastas. Serviu de *hospital de sangue* do exercito absolutista durante as campanhas de 32 a 34. Hoje é propriedade do sr. Manuel Joaquim da Fonseca.

Collegio dos Sanctissimos Corações de Jesus e Maria

É casa de instrucção para o sexo masculino. Foi fundado por fr. João de Sancta Gertrudes, monge de S. Bento no Brazil, em 11 de outubro de 1874. Tem muitos alumnos, e occupa uma parte do antigo mosteiro.

Egreja parochial

Nada resta da primitiva egreja de Cucujães. Diz a tradição que era antiquissima, e que foi demolida quando se construiu a egreja do mosteiro, que já no tempo dos frades servia de parochia. É um bom templo.

Minas

Ha aqui duas minas de chumbo, Monte-Meão e Feirral. Foram seus descobridores legaes, por decretos de 3 de janeiro e 21 de setembro de 1870, os srs. Carvalhos, d'esta freguezia, e José Luiz Ferreira, de Albergaria-a-Velha.

Passaram a uma companhia ingleza por escriptura de 28 de dezembro de 1870.

Pontes

O rio Antuã é aqui atravessado por tres pontes:

A ponte da Pica.— Demostra bastante antiguidade. Ignora-se a epocha da sua construcção.

A ponte da Margonça. (Estrada n.º 33).— Foi construida sob o plano e direcção do engenheiro Mousinho. Custou 8:659$875 réis. Os trabalhos principiaram em 9 de novembro de 1857 e concluiram-se em 1860.

A ponte dos Moinhos. (Estrada n.º 40).— Foi construida segundo o plano do engenheiro Rezende Junior. Custou 3:794$990 réis. Os trabalhos principiaram em 2 de agosto de 1869, e concluiram-se em 14 de maio de 1870.

Fabrica da Aldêa Nova

É uma boa fabrica de chapéus de lã, propriedade dos srs. Manuel José de Carvalho, e José Antonio da Silva Carvalho. Foi estabelecida em 1867. Os seus productos teem sido premiados em differentes exposições nacionaes e extrangeiras.

Gandarinha

É o solar dos srs. Pintos Leites, abastados negociantes do Porto.

Visconde da Gandarinha.— Por decreto de 27 de janeiro de 1869 foi agraciado com o titulo de visconde da Gandarinha o sr. Sebastião Pinto Leite, a quem a freguezia deve importantissimos serviços. Em 6 de setembro de 1876 inaugurou uma *créche*, destinada a alimentar e educar cem creanças de ambos os sexos. O novo asylo tomou o nome do seu illustre fundador. Está estabelecido no andar terreo do magnifico palacio da Gandarinha.

Casa do Buraco

Bello palacio e magnifica quinta, solar dos Albergarias. Foi mandada construir em 1830 pelo sr. Alexandre de

Albergaria. Pernoitaram aqui, em 30 de outubro de 1832, D. Miguel e suas irmãs D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção. O seu actual proprietario, e representante d'esta familia, é o sr. Alexandre Celestino Soares de Albergaria.

Carregoso

Ha n'este logar uma formosissima casa e quinta do abastado capitalista

Visconde de Carregoso.— Por decreto de 27 de março de 1869 foi agraciado com o titulo de visconde de Carregoso o sr. Antonio Gomes Brandão. Dotou ha poucos annos a freguezia de Cucujães com uma magnifica casa para eschola. É deputado por Oliveira de Azemeis, e como tal tem prestado relevantes serviços ao circulo que representa e ao paiz.

Feijões

Freguezia de 218 fogos, e 1:290 habitantes. Está 9 kilometros a NNE. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Martinho. Reitor, o reverendo Augusto Eduardo Paes Moreira.

É povoação antiga. A egreja parochial foi fundada em 1550. As freiras do convento da Ave Maria do Porto apresentavam-lhe os parochos.

Gandara

Freguezia de 216 fogos, e 1:343 habitantes. Fica 7 kilometros a ONO. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Martinho. Reitor, o reverendo Antonio de Oliveira Amaral.

Foi curato annexo á freguezia de S. Vicente de Pereira, e da apresentação dos condes de Sampaio.

Loureiro

Freguezia de 783 fogos, e 2:792 habitantes. Está situada 7 $^1/_2$ hilometros a NE. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. João Baptista. Abbade, o sr. Francisco Joaquim da Costa.

Era curato annexo a Sancta Marinha da Avanca. O primeiro abbade é o actual, collado em 11 de março de 1844.

D. fr. Caetano Brandão

Nasceu em 11 de setembro de 1740. Foram seus paes Thomé Pacheco da Cunha, e D. Maria Josepha da Cruz. Em 28 de novembro de 1759 vestiu o habito de S. Francisco, da Terceira Ordem da Penitencia, em Coimbra. Tomou o grau de bacharel em theologia na Universidade. Foi conventual em Vianna do Alemtejo, e professor de philosophia no collegio de Jesus em Lisboa, em 1774. Em 1782 foi eleito bispo do Pará. Sagrado em 2 de fevereiro de 1783, chegou á cidade de Belem em 20 de outubro. Em 25 de setembro de 1789 foi nomeado arcebispo de Braga, apesar das suas instancias para ficar no Pará. Em 17 de setembro de 1796 entrou em Braga. Falleceu em 15 de dezembro de 1805. Jaz na cathedral de Braga. O seu nome é o mais eloquente dos epitaphios.[1]

A casa onde nasceu é hoje propriedade do actual abbade de Loureiro, que a comprou em 1860 ao sr. Filippe José Pereira Brandão, de Estarreja.

---

[1] A. Silva Gaio, *D. Fr. Caetano Brandão*, escorço biographico.— A. C. do Amaral, *Memorias de D. Fr. Caetano Brandão.*

Macieira de Sarnes

Freguezia de 96 fogos, e 378 habitantes. Está situada 10 kilometros a NNE. de Oliveira de Azemeis. Orago, Sancta Eulalia. Vigario, o reverendo Diogo Manuel Lima Peixoto.

Foi creada nos meiados do seculo XVII, desmembrando-se da freguezia de Cezár. Era da apresentação dos marquezes de Tavora. É d'aqui natural, e foi aqui parocho, o sr. Luiz Moreira da Silva Maia, actualmente abbade de Sancto Ildefonso, no Porto e um dos nossos primeiros oradores sagrados.

Macinhata de Seixa

Freguezia de 137 fogos, e 508 habitantes. Fica 3 kilometros a SSE. de Oliveira de Azemeis. Orago, Sancto André. Reitor, o reverendo João Marques de Oliveira.

Os parochos eram apresentados pela Universidade de Coimbra.

Madail

Freguezia de 87 fogos, e 340 habitantes. Dista 1/2 kilometro para OSO. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Mamede. Cura, o reverendo Manuel Joaquim Alves de Pinho.

Foi curato annexo a Sancta Marinha de Avanca, e da apresentação do commendador da mesma freguezia.

Madeira

Freguezia de 456 fogos, e 2:212 habitantes. Está situada 8 kilometros a NNO. de Oliveira de Azemeis. Ora-

go, S. João Baptista. Abbade, o sr. João de Almeida Dias.

Era da apresentação da mitra. Attravessa-a a estrada real do Porto a Coimbra. É das mais laboriosas e ricas povoações do districto. Já existia em 1251. Possue magnificos edificios particulares. Tornam-se notaveis os dos srs. Antonio Moreira da Silva Dourado, e Francisco da Costa e Lima. Tem muitas fabricas de chapeos, sendo algumas de grande importancia.

Christovão Alão de Moraes

Nasceu em 13 de maio de 1632. Era filho de Balthasar Alão de Moraes, capitão de mar e guerra. Formou-se na Universidade de Coimbra, d'onde sahiu em 19 de abril de 1661, nas faculdades de mathematica, philosophia, direito canonico e direito civil. Injustamente implicado na morte do padre João Couto, interrompeu dois annos os seus estudos. A confissão do verdadeiro assassino salvou-o de tal infamia. Leu no Desembargo do Paço em 20 de julho de 1661. Foi despachado successivamente juiz de fóra de Torres Vedras, ouvidor e provedor da villa de Mira, juiz dos orphãos do Porto, corregedor de Pinhel, Ribacôa, Figueira, e Coimbra, procurador do fisco da rainha, conservador da Universidade, superintendente das decimas de Coimbra, corregedor e procurador do Porto, conservador de seus moedeiros, e por ultimo desembargador do civel da Relação e Casa do Porto.

Foi íntegro magistrado, insigne jurisconsulto, muito versado em linguas, e fecundo poeta. Falleceu em 19 de maio de 1693. Jaz na capella dos Alões, na sé do Porto.

Nogueira do Cravo

Freguezia de 119 fogos, e 418 habitantes. Fica 18 kilometros a NNE. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Christovão. Abbade, o sr. José Corrêa Martins.

A egreja parochial, que é um bom templo, foi construida no principio do seculo XVIII.

Mina do Moinho do Pintor

É de cobre. São seus descobridores legaes os srs. Manuel Luiz Ferreira e Manuel Ignacio da Silva, por portaria de 21 de janeiro de 1857.

Rio e Ponte da Nogueira

Passa aqui o ribeiro da Nogueira. A camara de Oliveira de Azemeis mandou construir sobre elle uma boa ponte de pedra em 1844.

Oliveira de Azemeis

Antiga freguezia do termo da Feira. Hoje é villa, e cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome. Está situada entre o rio Antuan e a ribeira d'Ul, 15 kilometros a ESE. da estação de Ovar. Dista de Aveiro 35 kilometros para NNE. Orago, S. Miguel. Abbade, o sr. João José Corrêa dos Sanctos. Os parochos eram da apresentação alternada da mitra e da abbadessa do convento de S. Bento da Ave Maria do Porto.

Foi elevada á categoria de villa em 1800. Era commenda da Ordem de Christo. D'ella fez mercê D. Maria I a José de Seabra da Silva, em 15 de maio de 1779.

Edificios

Egreja parochial.— É templo sumptuoso. Foi reedificada á custa do governo. Os trabalhos principiaram em 9 de junho de 1863, e terminaram em 4 de março de 1865, dispendendo-se 8:702$610 réis. O cemiterio, que lhe fica contiguo, foi construido em 1863.

Paços do concelho.— São um edificio vasto e elegante. Foi construido em 1840. Serve tambem de tribunal judicial. No andar terreo está a cadêa.

Theatro.— É pobre de ornamentações architectonicas, mas elegante, e com proporções bastantes para a terra. Foi construido, por subscripção, em 1858.

Asylo para a infancia desvalida.— Foi fundado pelo abastado capitalista, Antonio Pinto de Carvalho, já fallecido.

Edificios particulares.— São muitos, e alguns bastante elegantes. Entre elles sobresáe o palacete do digno par do reino, José da Costa Sousa Pinto Basto.

Fabrica de lanificios.— Fica a pouca distancia da villa. É propriedade do sr. Bernardo da Costa Pinto Basto.

José Victorino Barreto Feio

Nasceu no logar de Formal em 1782. Foram seus paes Domingos Manuel de Vasconcellos, e D. Maria de Vasconcellos Barreto Feio. Entrou no convento de Alcobaça, mas não professou. Assentou praça no regimento da brigada real da marinha. Passando para o exercito de terra, andou na guerra peninsular. Em 28 de janeiro de 1813 foi nomeado capitão de cavallaria 3. Foi eleito deputado ás constituintes de 1821 pela provincia do Alemtejo, e á nova camara de 1826 por 3 provincias. Emigrou em 1828. Em 1834 foi outra vez eleito membro da camara d'esse anno, e depois das constituintes de 1837. Falleceu em Lisboa, a 21 de fevereiro de 1850. [1]

Ossella

Freguezia de 330 fogos, e 1:385 habitantes. Dista de Oliveira de Azemeis 7 kilometros para ESE. Orago, S. Pedro.

Parece que já era parochia no tempo dos godos.

---

[1] J. D. Sines, *Bibliographia posthuma.*

Batalha de Ossella

É tradição ter aqui havido uma batalha entre as forças commandadas pelo conde D. Froilaz Vermuim e as do famoso Almançor de Cordova. Faria e Sousa [1] diz haver apparecido aqui uma lapide romana, de que apresenta a seguinte versão:

«As cohortes e companhias da legião decima, chamada fretense, que se alojavam e presidiam em Vouca, Ossella, Lanco, Cale e Eminium, offereceram espectaculos e jogos de gladiadores ao imperador Cesar, Divo Augusto, contado no numero dos deuses; e estas cidades da Lusitania fizeram o dispendio e dedicaram hecatombes.»

Mina de Bustello do Caima

É de chumbo. Foi concedida ao sr. visconde de Castro e Silva, por decreto de 8 de julho de 1863.

Palmaz

Freguezia de 211 fogos, e 939 habitantes. Sita entre o Caima e a estrada real de Lisboa ao Porto, dista de Oliveira de Azemeis 7 ½ kilometros para SSE. Orago, Sancta Marinha. Prior, o reverendo Manuel Marques Nogueira.

Os parochos eram da apresentação da mitra de Coimbra.

Passa aqui o Caima que é atravessado por uma ponte de pedra, construida nos principios do seculo XVIII.

Mina de Barreiros Negros

No logar de Barreiros Negros ha uma mina de cobre. É seu descubridor legal o sr. Isidoro Marques Rodrigues.

---

[1] *Europa portugueza*, tom. I, part. III, cap. I.

Pinheiro da Bemposta

Freguezia de 773 fogos, e 1:620 habitantes. Dista de Oliveira de Azemeis 7 kilometros para o S. Orago, S. Paio. Prior, o reverendo João Antonio dos Sanctos Pato.

Foi villa, e cabeça do concelho do mesmo nome.

O concelho da Bemposta

Era antiquissimo. Foi extincto por decreto de 24 de setembro de 1855. Tinha foral, dado por D. Manuel, em Santarem, a 1 de junho de 1510. Compunha-se das freguezias da Branca, Macinhata de Seixa, Palmaz, Pinheiro, Ribeira de Fragoas, Travanca e Ul.

Egreja matriz

Da antiga matriz d'esta freguezia, que se julga coeva da nossa monarchia, pouco ou nada resta. A actual foi construida, segundo parece, no reinado de D. Pedro II. Quando em 1 de novembro de 1755 se sentiram as primeiras oscillações do terremoto, estava o bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, celebrando missa n'esta egreja. Apesar dos repetidos abalos, e dos gritos do povo, que enchia o templo, o venerando prelado não se retirou do altar sem primeiro haver concluido o sacrificio.

Varões illustres

D. Simão de Sá Pereira, bispo de Lamego; — *D. Sebastião da Ascenção*, bispo de Cabo Verde; — *Ruy de Sá Pereira*; — *Manuel da Silva Ribeiro*. Este nasceu em 1796 e falleceu em 1860. Era um cavalheiro illustrado, e homem de bem. Pinheiro da Bemposta deve-lhe importantes beneficios. Seu filho, o sr. Abel da Silva Ribeiro, distincto medico em Odemira, herdou d'elle a illustração e o caracter.

Pindello

Freguezia de 207 fogos, e 968 habitantes. Dista 6 kilometros para NE. de Oliveira de Azemeis. Orago, Sancta Maria. Reitor, o reverendo Jacintho Corrêa de Andrade.

Os parochos eram da apresentação do convento da Madre de Deus de Monchique.

Mina da Ladeira

No logar da Ladeira ha uma mina de cobre, concedida ao sr. visconde de Castro e Silva por decreto de 30 de julho de 1860.

S. Roque de Villa Chã

Freguezia de 217 fogos, e 884 habitantes. Fica 6 kilometros a NNE. de Oliveira de Azemeis. Orago, S. Pedro. Abbade, o sr. D. João da Natividade.

Riba de Ul

Freguezia de 265 fogos, e 1:198 habitantes. Dista de Oliveira de Azemeis 2 kilometros para NO. Orago, S. Thiago. Reitor, o reverendo José Corrêa Dias de Almeida.

Casa de eschola

Em 1 de dezembro de 1873 inaugurou-se n'esta freguezia uma casa para eschola. Foi feita por subscripção publica. Tem capacidade para 520 alumnos e para habitação do respectivo professor. Os iniciadores d'este melhoramento foram mandados louvar por portaria de 10 de dezembro de 1873, assignada pelo ministro do reino, Antonio Rodrigues Sampaio.

Travanca

Freguezia de 188 fogos, e 632 habitantes. Dista de Oliveira de Azemeis 4 kilometros para o S. Orago, S. Martinho. Prior, o reverendo Antonio Tavares Gomes.

Os parochos eram da apresentação do mosteiro de Grijó.

Ul

Freguezia de 376 fogos, e 860 habitantes. Está situada sobre a ribeira do mesmo nome, e 4 kilometros a SSE. de Oliveira de Azemeis. Orago, Sancta Maria.

Ha aqui uma mina de cobre, e outra de chumbo.

CONCELHO DE OLIVEIRA DO BAIRRO

O concelho de Oliveira do Bairro compõe-se das freguezias de Fermentellos, Mamarosa, Oliveira do Bairro, Oyã, e Troviscal. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 era extincto, e annexado ao de Anadia. Tem 8:310 hectares de superficie, 33:522 predios inscriptos na matriz, e 8:340 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de 38:551$596 réis; a contribuição predial subiu a 5:863$247 réis.

Fermentellos

Freguezia de 320 fogos, e 936 habitantes. Fica ao S. da lagôa do mesmo nome, e dista de Oliveira do Bairro 8 kilometros para NNO. Orago, Sancto André. Prior, o reverendo João Maria Vidal.

Diz-se que esta povoação teve principio com quatro familias, que de Requeixo para aqui vieram viver. É certo que só foi erecta em freguezia nos meiados do seculo passado, não tendo então mais de cem fogos.

Pateira de Fermentellos

Este pantano tem 3 kilometros de extensão, e oitocentos a mil metros de largura. Está quasi toda situada na fre-

guezia de Fermentellos, mas banha tambem terrenos nas de Espinhel, e Ois da Ribeira e Requeixo. Estes terrenos são em grande parte cobertos pelas aguas do Certima, que os atravessa, formando uma infinidade de meandros no *Paul do Panno*. Quasi todos são constituidos por uma profunda tufeira, sempre impregnada de agua, e mal coberta por uma pequena camada de terra vegetal. Nos sitios mais seccos mesmo o terreno oscilla debaixo dos pés, e produz um som cavo. Em differentes pontos da lagôa ha poços naturaes, de diversas dimensões, cuja profundidade se desconhece, ou pelo menos se não encontra a 20 metros. Por baixo da primeira camada de terra julga-se com bons fundamentos haver galerias subterraneas, completamente inundadas. Uma parte da Lagôa produz arroz; a outra, gramão, moliço e outras plantas aquaticas em grande quantidade.

Em 1873 foi apresentado ao governo um plano para o seu deseccamento. A despeza calculava-se em 400:000$000 réis, e a importancia dos terrenos, que se deviam entregar á agricultura, em muito mais do duplo. O plano da obra era do distincto director das obras publicas d'este districto. Consistia em se fazer uma nova communicação do pantano com a ria, por meio d'um canal, que, seguindo por todo o valle do Panno, e juncto ás povoações de Verba e Vessada, passasse na baixa do Fontão, cortando depois até á ravina que fica entre Sousa e Lavandeira, e indo em seguida entrar no braço da ria, que se dirige ao Boco, em frente de Vagos. A sua extensão andava por 15 kilometros. A differença de nivel entre o fundo mais baixo da pateira e a superficie das aguas n'aquelle ponto da ria, em que o desnivel maior das marés não excede a $0^m,30$, regula com muita aproximação por $3^m,5$. Por esta fórma, o novo canal abrir-se-ia facilmente em boas condições de navegação. Isolar-se-hia o rio Certima da lagôa por meio d'uma mota superior ás maiores cheias, e encostada a ella dirigir-se-ia aquelle rio a juntar-se ao

Agueda, um pouco mais ao norte e abaixo da antiga ponte de Requeixo.

Mamarosa

Freguezia de 590 fogos, e 1:985 habitantes. Fica 8 kilometros para OSO. de Oliveira do Bairro. Orago, S. Simão. Reitor, o reverendo Joaquim Pedro Nolasco.

É povoação antiga. Já existia em 1242. D. Sancho II fez mercê d'ella a fr. Hugo, prior do hospital de Sancta Maria da villa de Sousa, a cujo termo pertenceu até 1834. Foi do concelho de Mira. Por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o de Oliveira do Bairro.

Oliveira do Bairro

Freguezia de 664 fogos, e 1:825 habitantes. Está situada juncto á estrada districtal do Porto a Coimbra, e 20 kilometros a SE. de Aveiro.

É villa, e cabeça do concelho do seu nome. Foi dos marquezes de Arronches, hoje duques de Lafões. Teve foral, dado por D. Manuel em Lisboa, a 6 de abril de 1514. Cercam-na extensos arrozaes, cuja cultura principiou em 1852. Os terrenos occupados por elles tem perto de 7 kilometros de comprido por um de largo. Antes de semeados de arroz produziam, na sua maior parte, milho, trigo, e vinho.

É aqui a 30.ª estação do caminho de ferro do norte, que dista 1/2 kilometro para O. da praça da villa. Os paços do concelho, que são o melhor edificio da villa, foram concluidos em 1874.

Oyã

Freguezia de 630 fogos, e 2:660 habitantes. Fica 6 kilometros a NO. de Oliveira do Bairro. Orago, S. Simão.

Os parochos eram da apresentação dos marquezes de Arronches.

Troviscal

Freguezia de 319 fogos, e 976 habitantes. Dista 8 kilometros para OSO. de Oliveira do Bairro. Orago, S. Bartholomeu. Prior, o reverendo José de Mello.

Foi curato annual da apresentação do prior de Oliveira do Bairro.

CONCELHO DE OVAR [1]

O concelho de Ovar compõe-se das freguezias de Arada, Ovar, S. Vicente de Pereira, e Vallega. Pela organisação administrativa de 1867 fazia parte do districto do Douro, composto das parochias civis de Arada, Ovar, Souto e Vallega — 5:204 fogos. Tem 11:696 hectares de superficie, 23:318 predios inscriptos na matriz, e 17:140 habitantes.

A comarca de Ovar, creada por decreto de 28 de janeiro de 1835, é hoje considerada de segunda classe pelo decreto de 2 de setembro de 1876. Compõe-se dos julgados de Esmoriz, Ovar e Vallega, por decreto de 23 de dezembro de 1875.

Arada

Freguezia de 403 fogos, e 1:525 habitantes. Dista 2 kilometros para E. do caminho de ferro do norte, e 1 kilometro para o N. de Ovar. Orago, S. Martinho. Abbade, o sr. João José da Silva Cascaes.

Era curato da apresentação da commenda de S. Thiago de Rio-Meão, da Ordem de Malta. Pertencia ao concelho da Feira. Por decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o de Ovar.

---

[1] N'esta parte foram-nos valioso auxilio as *Memorias e datas para a historia da villa de Ovar*, por João Frederico Teixeira de Pinho (*Voz do Douro*, 1870).

Ovar

Villa, e cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome. Está situada 24 kilometros ao N. de Aveiro.

É povoação antiga. Consta que em 922 fôra doada por Ordonho II de Leão ao mosteiro de Castromire. Já era villa em 1600, e tinha dois juizes ordinarios, tres vereadores, tres escrivães do judicial e notas, e quatro companhias de ordenanças.

A freguezia tem 2:776 fogos, e 10:359 habitantes. Orago, S. Christovão. Abbade, o reverendo Manuel Barbosa Duarte Camossa.

Antigamente era o cabido da sé do Porto que lhe apresentava o parocho, com o titulo de vigario. O primeiro abbade foi o actual, collado em 7 de fevereiro de 1854. O padroado da egreja de S. Christovão de Cabanões (Ovar) o deu D. Affonso III, em agosto de 1250, ao bispo do Porto D. Vicente e ao seu cabido, em troca de Sancta Maria do Lamegal. D. Diniz confirmou este escambo por carta regia de 9 de junho de 1292. Em 12 de setembro de 1446, por accordo entre o bispo do Porto, D. João de Azevedo, e o cabido da sua sé, ficou pertencendo a este. Paulo II confirmou este contracto em junho de 1468, pela bulla *Pastoralis officii.*

Descripção da villa

O sr. Ayres d'Almeida descreve assim a sua patria:

«É a sua fórma a de uma cruz, com o pé voltado para o nascente, e a haste dirigida de sudoeste a noroeste. Os braços da cruz são lançados de norte a sul. Pelo poente e norte é limitada por magnificos pinheiraes, cuja maior parte constitue um rico e inapreciavel patrimonio do seu municipio. Pelo nascente, abraçam-na extensos e fecundos campos, formando uma comprida e uberrima várzea. Pelo sul vai o productivo solo dar de encontro á ria, poderoso

e inexhaurivel manancial de riquezas, que, ligando, por meio d'uma optima e quasi sempre mansa via aquatica, Aveiro, Mira, Estarreja, Ovar, e demais povoações que lhe estanceiam nas margens, serve-lhes de magnifico e piscoso lago, que em abundancia lhes dá as mais saborosas enguias, tainhas, soalhos, etc., bem como o moliço e o mexilhão, que prodigiosamente fecundam e fertilisam os seus terrenos.»

Ovar está dividido em duas partes — oriental e occidental — pelo rio Graça e pelo ribeiro das Luzes. Tem uma boa praça, cinco largos, e 60 ruas e travessas, quasi todas calçadas, largas, limpas e orladas de 2:000 casas, na maior parte pequenas, mas com seus quintaes, e até com modernos jardins. A rua que atravessa a villa de norte a sul tem 3 kilometros de extensão, e é mac-adamisada.

Praça do commercio.— É de fórma rectangular. Tem o centro saibroso, lageado em volta, e cingido com um renque de arvores, plantadas nos fins de março de 1863, com seis bancos de ferro, collocados em 21 de dezembro do mesmo anno. A face do nascente é quasi toda occupada pelos paços do concelho. Na do poente está o quinto Passo. Na do sul, a capella de Sancto Antonio onde se diz missa aos presos. Antigamente era acanhadissima. Em 1774 foi ampliada como hoje se acha. No seu centro estava o pelourinho. A camara mandou-o apear em 1863.

Largo de S. Miguel.— É triangular, e arvorejado por velhos sobreiros. Faz-se n'elle uma feira de gado vaccum e cavallar, a 29 de cada mez, desde 1711. No centro está a pequena ermida que dá seu nome ao sitio.

Largo da Poça.— É tambem triangular. Não é calçado. Tem um cruzeiro antigo. A distancia de 180 metros havia um outro, que foi apeado por ordem da camara na noite de 12 de junho de 1863.

Largo do Hospital.— É um hexagono irregular em

frente do Hospital, com larga vista sobre a parte occidental da villa, a ria e a praia da Torreira. Tem do lado do norte o Calvario. É arvorejado desde 1862.

Largo de S. Thomé.— É um pequeno quadrado, em parte descalço. Existiu aqui uma capella antiquissima, dedicada a S. Thomé. Foi demolida em 1844.

Largo dos Campos.— É o maior de todos e de fórma rectangular. Na face de O. está a capella das Almas. Foi arborisado em 1860. Faz-se n'elle o mercado do peixe por accordão da camara, que o transferiu da Ribeira. Quando teve logar a primeira mudança em 1754, o infante D. Pedro, como senhor da casa da Feira, então já unida á do Infantado, a fez voltar para o logar primitivo, em vista da queixa que lhe fez o contractador do condado da Feira, Domingos Ferreira Brandão, que sustentava ser a dicta mudança vexatoria aos peixeiros e prejudicial aos interesses da serenissima casa do Infantado.

Edificios

Estação do Caminho de Ferro.— É no gosto das *cottages* hollandezas. Está situada entre pinhaes, que lhe dão um aspecto pittoresco, e na aldêa de Cabanões, onde se julga ter principio a villa de Ovar. Em 1254 era donataria de Cabanões D. Urraca Fernandes, da quinta de Moz, juncto a Bretiande, e viuva de D. João Garcia. N'esse anno legou as rendas que aqui tinha ao convento de Tarouca, que escolheu para sua sepultura.

Paços do Concelho.— São um edificio vasto, posto que muito arruinado. Assenta n'uma formosa arcada de cantaria. Sob esta arcaria havia balcões para as lojas volantes que aos sabbados e domingos alli concorrem ao mercado, os quaes foram mandados demolir em janeiro de 1863.

Theatro Recreio-Ovarense. — É um bonito edificio. Deve-se á iniciativa particular. Foi inaugurado em 1 de novembro de 1875.

Aula do conde de Ferreira. — Foi edificada em 1869 nas ruinas d'uma velha casa acastellada, que pertencêra aos condes da Feira, donatarios da villa.

Cemiterio. — O antigo cemiterio ficava proximo á egreja parochial. Em 1850 foi mudado para NE. da villa, perto da estação do caminho de ferro. É vasto, e está bem situado. Sobre a porta da entrada lê-se: — *Magnus et parvulus hic sunt.* —

EGREJA PAROCHIAL

A antiga era no logar de Cabanões, e ha quem affirme que a actual capella de S. João era a propria egreja. Junto a esta capella inda existe uma grande sepultura de granito com a competente tampa. Infelizmente nenhuma inscripção nos póde dizer seus fins e antiguidade. A actual egreja é um bom templo de tres naves, com 6 altares lateraes. Foi reconstruida em 1844. Possue um magnifico orgão, offerecido pelo sr. Antonio Ferreira de Menezes, negociante do Porto, mas natural de Ovar.

CAPELLAS

Os Passos. — Os passos de Christo, do Gethsemani ao Golgotha, estão representados em imagens de tamanho quasi natural, em pequenas capellas collocadas por esta ordem: — 1.ª na egreja parochial, do lado da Epistola; — 2.ª junto á eschola do Conde de Ferreira; — 3.ª na rua da Fonte; — 4.ª na rua da Praça; — 5.ª na Praça; — 6.ª no largo de S. Thomé; — 7.ª na capella de S. Pedro. A procissão dos Passos é feita com grande esplendor, e a primeira solemnidade religiosa de Ovar.

Nossa Senhora da Graça. — É uma grande e elegante capella. Está situada no centro da ponte sobre o rio Graça. Tem 3 altares, e algumas pinturas de pouco merecimento.

Sancto Antonio.— Na Praça.

Sancta Catharina.— Na Ribeira.

Almas.— No Largo dos Campos.

S. Pedro.— Uma das melhores, senão a melhor da villa. Pertence á irmandade dos Passos.

S. Sebastião.— Fica proximo á estação do caminho de ferro.

S. João Baptista.— Em Cabanões. Consta haver sido a primitiva parochia.

S. Miguel.— No logar do mesmo nome.

S. Donato.— No logar do mesmo nome. É tradição ter sido egreja d'um convento benedictino, em epochas remotissimas.

S. Domingos.— Na aldêa do Sobral.

ESTABELECIMENTOS DE CARIDADE

Misericordia.— Julga-se que foi fundada depois de 1670. Deixou ha muito de existir por absoluta falta de meios.

Albergaria.— Foi fundada pela familia Pereira Campos em 1700. Ainda existia nos principios do presente seculo, denominada — *Casa dos Peregrinos.* O edificio que occupava faz hoje parte d'um armazem, de que é actual possuidor o sr. Antonio Marques da Silva Biscaia.

A *Barca de passagem.*— Era um barco destinado ao transporte dos viandantes pobres de Ovar para Aveiro, e vice-versa. A sua administração estava a cargo do juiz da egreja. O seu rendimento era o imposto de 240 réis, que pagava cada barco, que partisse do caes desde a meia noite de sabbado até segunda-feira á mesma hora, em cada semana. Nos fins de julho de 1811 se dobrou este imposto, por deliberação da camara, o que el-rei confirmou, entregando depois a sua administração ao *juiz de fóra,* por decreto de 26 de outubro de 1819.

Commissão de beneficencia da villa de Ovar em 1868

e 1869. — Installou-se a 18 de dezembro de 1868, para acudir á extrema miseria que a esterilidade do mar espalhára por toda a villa. Ficou composta assim: Presidente, Antonio Soares de Albergaria; vice-presidente, João Manuel da Silva Fragateiro; thesoureiro, Augusto Cesar de Almeida Pinto de Sousa; secretario, Lourenço Maria de Oliveira Vaz. Obteve, por meio de circulares e subscripções abertas em differentes localidades, 866$705 réis em dinheiro, e 272 alqueires de milho, que distribuiu regularmente em pão, durante 19 semanas, de 24 de dezembro de 1868 até 15 de maio de 1869, a 393 familias, ou aproximadamente 1:572 pessoas, que «succumbiam moribundas, dilaceradas pela fome,» como diz o relatorio.

Instrucção publica

Ovar tem duas cadeiras de instrucção primaria para o sexo masculino, creadas por alvará de 6 de novembro de 1772, e uma para o sexo feminino. Tem tambem uma cadeira de francez e inglez, de que foi primeiro professor o sr. José Corrêa de Freitas Silva e Carvalho, por decreto de 27 de agosto de 1862. O actual é o sr. Francisco Maria de Sampaio Mello e Castro, por decreto de 20 de setembro de 1864.

Industrias

Agricultura. — Inda que algum tanto descurada, é importante. Os generos que se colhem em abundancia são: milho grosso, sobretudo branco, feijão, trigo, e cevada; em menor qualidade, aveia; linho, cebolas, batatas, hortaliças e legumes. Antes do *oïdium* tambem se colhia bastante vinho verde, de enforcado.

Pecuaria. — Ainda ha pouco tinha grande desenvolvimento. Creava-se muito gado vaccum e cavallar pelas ribas da praia, e pelos terrenos maninhos. Contribuiram para isso as caudelarias, obrigando certos lavradores a terem a sua *egua de lista*. As caudelarias eram antigas, e o officio de Coudel-mór andava na casa dos marquezes de Cascaes,

condes de Monsanto, desde 1643. Em 1703 se desmembraram duas de Estarreja para Ovar, compostas de 2 *garanhões* e setenta eguas. Todas ellas foram extinctas por decreto da regencia de 12 de março de 1821.

Industria fabril.— Ha aqui quinze fabricas de louça vermelha, que se exporta principalmente para Aveiro e Porto. A materia prima vem do Bóco, aldêa da freguezia de Souza no concelho de Vagos. O seu custo com o transporte anda annualmente por 1:600$000 réis. O producto total da louça é de 7:000$000 réis. Não ha memoria de quando foi introduzida em Ovar a industria ceramica. Sabe-se que o bairro das Olarias era na travessa do mesmo nome, abrangendo largo espaço.

Industria manufactureira.— A ourivesaria tem tomado grande incremento, e promette ir longe. Os bordados a branco têm fama no districto. As rendas de bilros quasi rivalisam com as de Vianna e Peniche. Os artefactos de esteireiro, apesar de já não serem o que foram, montam ainda a 1:200$000 réis annualmente. Na confeitaria tornam-se notaveis o pão de ló, e os ovos molles, rivaes dos de Aveiro.

Pesca.— É a industria preponderante de Ovar. Exerce-se principalmente na ria e na costa do Furadouro, onde exploram o mar sete companhas, com o material e barcos indispensaveis para a industria da pesca.

Pontes e estradas

De Ovar a Carvoeiro.— A 1.ª secção d'esta estrada, da Ribeira de Ovar á estrada n.º 28 (de Oliveira de Azemeis ao Porto), tem de extensão 18:180 metros. Custou ás Obras Publicas 57:405$451 réis. A construcção principiou em 27 de dezembro de 1858, e concluiu-se em 22 de outubro de 1862. O primeiro lanço (da Ribeira de Ovar á Ponte Nova) liga o caes no extremo norte da ria de Aveiro com o ramal da estação do caminho de ferro, e com o principio da estrada n.º 40 de Ovar a Entre-os-Rios.

De Ovar a Entre-os-Rios.— A 1.ª secção d'esta estrada (de Ovar a Oliveira de Azemeis) tem de extensão 14:279 metros. Custou ás Obras Publicas 39:718$581 réis. Os trabalhos principiaram em 15 de julho de 1863, e finalizaram em 31 de julho de 1868.

De Ovar ao Furadouro.— Parte da estação do caminho de ferro. Tem de extensão 4:396 metros. 1:620 metros foram feitos pelas Obras Publicas, com o dispendio de 6:000$000 réis; o resto, pela camara de Ovar. O sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia pediu em 1876 concessão para estabelecer n'esta estrada um caminho de ferro de via reduzida. Este melhoramento será de grande vantagem para a industria da pesca no Furadouro.

De Ovar á estação.— A estação do caminho de ferro está ligada á villa por um ramal de estrada mac-adamisada. Custou ás Obras Publicas 4:867$670 réis. A construcção principiou em 6 de março de 1864, e concluiu-se em 2 de julho de 1866. N'este ramal ha uma ponte de granito e schisto, lançada sobre o rio Graça. Foi construida sob a direcção dos srs. S. A. Pereira da Silva, e F. A. de Rezende Junior. Importou em 2:898$000 réis.

A Ponte de Bouças.— É lançada sobre a ribeira do mesmo nome, no logar do Sobral, 3 kilometros e 800 metros a NE. da Praça de Ovar, e na estrada que conduz ao alto do monte das Mamuas. Tem $2^m,27$ de pés direitos, 9 metros de abertura, e $1^m,5$ de flexa sobre $3^m,02$ de elevação. O seu comprimento é de $27^m,58$. O material empregado foi cantaria e *beton*. A sua construcção começou em 26 de maio de 1860. Custou 2:852$650 réis. O arco começou a construir-se em 21 de setembro de 1860, e concluiu-se no dia immediato pela manhã. Empregaram-se $45^m,55$ de *beton*, feito de pedra quartz britada de $0^m,04$ de diametro, cal de Ancas, e areia de mina. É a primeira obra d'este genero feita em Portugal. O constructor foi o engenheiro Tito Augusto de Noronha.

Pinhal de Ovar

Esta mata constitue o primeiro elemento de riqueza do municipio ovarense. Julga-se ter 2:000 pinheiros, que a razão de 1$000 réis cada um, representa um capital de 2:000$000 réis.

Furadouro

É a costa do Furadouro um vasto areal, e uma concorridissima praia na estação dos banhos.

Nossa Senhora da Piedade.— É uma pequena ermida fundada no meiado do seculo passado. Tem apenas tres metros de comprimento por outros tantos de largura. No emtanto n'ella se diz missa a mais de 5:000 pessoas.

Varões illustres

Visconde de Ovar.— Antonio da Costa e Silva, tenente general, ministro de Estado honorario, par do reino em 15 de dezembro de 1849, 1.º barão de Ovar em 20 de novembro de 1840, e 1.º visconde do mesmo titulo em 25 de julho de 1849,— nasceu a 25 de dezembro de 1782. Casou a 13 de agosto de 1814 com D. Thereza da Conceição de Oliveira, filha de Francisco José de Oliveira e de D. Maria Joaquina de Oliveira.

Antonio Maria Pereira da Costa.— 2.º visconde de Ovar em 19 de agosto de 1856,— nasceu em 14 de agosto de 1814. É filho do 1.º visconde do mesmo titulo.

Fr. Faustino da Madre de Deus.— Tomou o habito de franciscano da provincia dos Algarves. Foi escriptor estimado, diz Innocencio F. da Silva. [1]

Licinio Fausto Cardoso de Carvalho.— Nasceu em 13 de janeiro de 1827, e falleceu em 12 de outubro de 1854. Foi engenheiro conductor nas Obras Publicas do Porto. Serviu como official do corpo *Fusileiros da Liberdade*, ás ordens da Junta Governativa, na guerra civil de

---

[1] *Diccion. Bibliog.*, tom. II, pag. 254.

1846 a 1847. Foi escriptor primoroso, e muito erudito.[1]

Bernardo Antonio Zagallo.— Nasceu em 3 de novembro de 1780. Foi marechal de campo graduado, official da Torre e Espada, cavalleiro de Aviz, com a medalha de cinco campanhas da guerra peninsular, e com a de commando na batalha de Ortiz, e senador nas côrtes de 1838 a 1840. Morreu em Lisboa a 17 de dezembro de 1841.[2]

S. Vicente de Pereira

Freguezia de 257 fogos e 1:236 habitantes. Está situada 2 kilometros a E. do caminho de ferro do norte, e dista de Ovar 2 1/2 kilometros para ESE. Orago, S. Vicente. Reitor, o reverendo João Valente de Rezende.

Fabrica da Torre

No logar da Torre ha uma magnifica chapelaria a vapôr. Emprega 57 operarios, e produz o valor de réis 124:000$000. É propriedade dos srs. Dantas & Irmão.

Antonio Ferreira

Tomou o habito da Ordem de S. Thiago, no convento de Palmella, a 4 de novembro de 1629. Foi prior da egreja de S. Paulo de Almada, reitor do collegio das *Ordens militares* em Coimbra, e governador do mesmo bispado. Falleceu em Coimbra a 10 de maio de 1671. Escreveu o *Compendio e declaração da Regra e Estatutos da Ordem Militar de S. Thiago de Espada*, que «está escripto em muito correcta phrase, e sciencia da materia.»[3]

---

[1] Innocencio F. da Silva, *Diccion. Bibliog.*, tom. v, pag. 185.
[2] Innocencio F. da Silva, *Obr. cit.*, tom. I, pag. 366.
[3] Innocencio F. da Silva, *Obr. cit.*, tom. I, pag. 221.

Vallega

Freguezia de 1:113 fogos, e 4:023 habitantes. Fica na estrada de Ovar a Estarreja, e dista da cabeça do concelho 4 kilometros para SE. Orago, Sancta Maria. Abbade, o reverendo Manuel Marques Pires.

Era da apresentação do cabido da sé do Porto. É povoação antiquissima.

Egreja parochial

É um bom templo. A primeira pedra foi lançada nos alicerces pelo abbade Vicente José de Freitas, em 20 de novembro de 1746. Foi reduzido a cinzas em 18 de abril de 1787, sendo abbade Domingos da Silva Chaves, em resultado d'um foguete que cahiu sobre a abobada. Em breve começou a reedificação, mas ainda não está concluida. Antes d'esta houve duas egrejas. A primeira resa a tradição ter sido no logar do Seixo Branco; a segunda, no da Espinha, onde ainda hoje se acha o chamado *adro velho*, em que se encontram duas campas sepulchraes. Uma d'ellas tem esta inscripção: — «*Sepultura de Belchior de Macedo, Fidalgo da Casa d'El-Rei, commendador d'esta egreja de Vallega, falleceu em 14 do mez d'Abril de 1575.*»

Parochos

Entre os parochos de Vallega contam-se alguns dignos de memoria.

D. Diogo Lobo. — Prior mór da Ordem de S. Thiago, conselheiro de Estado, e bispo eleito da Guarda. Falleceu em 27 de outubro de 1654. Está sepultado na capella de Nossa Senhora de Entragoas, d'esta freguezia.

Sebastião de Moraes Ferreira. — Instituidor do vinculo da Quinta da Boa-Vista, de que hoje é possuidor o sr. Sebastião de Moraes Ferreira.

Antonio de Sousa Dias de Castro. — Frade da Ordem

de S. Bento, e doutor de capello em theologia. Era natural do Porto, homem de muito saber e virtudes, e irmão de D. Vicente, arcebispo da Bahia, que foi presidente da camara dos deputados em 1821. Falleceu em 16 de janeiro de 1830 sem deixar com que se lhe fazer o funeral: que tudo o que adquiria era pouco para distribuir pelos pobres.

Manuel Marques Pires.— Actual abbade, jurisconsulto abalisado, e verdadeiro padre do Evangelho. Nasceu em 25 de dezembro de 1819, no logar da Povoa de Baixo, freguezia de S. Thiago de Beduido. Foram seus paes os srs. Manuel Marques Pires e D. Maria Valente da Conceição. Em 31 de outubro de 1838 matriculou-se em direito na Universidade de Coimbra. Fez formatura em 3 de julho de 1843. Tomou ordens de presbytero nas temporas de julho de 1844. Havendo frequentado o sexto anno juridico de 1844 a 1845, defendeu theses em 20 de novembro, fez exame privado em 5 de dezembro, e recebeu o grau de doutor em 14 do mesmo mez de 1845. Teve informações redondas na formatura — bom por todos — e distinctas na graduação de doutor — um MB. e BB. Foi despachado abbade de Vallega por concurso em 3 de dezembro de 1856, e collado em 28 de janeiro de 1857. O fallecido bispo do Porto, o sr. D. João de França Castro e Moura, nomeou-o *Vigario da Vara do Terceiro Districto da Comarca Ecclesiastica da Feira.* Finalmente foi eleito deputado nas eleições geraes de setembro de 1870. Pelas poucas linhas que deixamos escriptas se avalia facilmente o seu merito litterario e scientifico.

Pereira Jusan

Foi villa, e cabeça do antiquissimo concelho do mesmo nome na comarca de Esgueira. Os decretos de 28 de dezembro de 1852 e 31 de dezembro de 1853 o extinguiram e incorporaram no de Ovar. Compunha-se das freguezias de Ovar e S. Vicente de Pereira. D. Manuel deu-

lhe foral em 2 de junho de 1514. Ainda existe de pé o pelourinho e a casa da camara, hoje transformada em casa de aula do sexo feminino. É tradição ter aqui havido um paço que foi pertença dos condes da Feira, donatarios da villa. Em excavações feitas ha annos encontraram-se algumas sepulturas de tijolo, contendo algumas amphoras.

Mina dos Mouros

Proximo á villa ha uma fonte antiquissima denominada a *Mina dos Mouros*, a que andam ligadas muitas lendas de thesouros escondidos e mouras encantadas. O sitio em que está a fonte é chamado *Mesquita*, o que faz crer ter alli existido um templo arabe.

CONCELHO DE SEVER DO VOUGA

O concelho de Sever do Vouga compõe-se das freguezias de Cedrim, Couto de Esteves, Paradella, Pecegueiro, Rocas, Sever, Silva-Escura, e Talhadas.

É antiquissimo. Fazia parte da antiga comarca de Esgueira. Tem 15:370 hectares de superficie, 30:645 predios inscriptos na matriz, e 7:706 habitantes. O seu rendimento collectavel, em 1875, foi de 14:277$455 réis; a contribuição predial subiu a 2:035$077 réis.

Cedrim

Freguezia de 243 fogos e 642 habitantes. Está 1 kilometro a SE. da margem esquerda do Vouga, e 5 kilometros a ESE. de Sever. Orago, S. João Baptista. Cura, o reverendo Jacintho Henriques.

Mosteiro de Cedrim

Houve aqui um convento benedictino. Já existia em 1017. Em 1050 fizeram doação d'elle ao mosteiro de Pedroso D. Gonçalo (filho do conde D. Mendo Luci) e sua mulher D. Flamula.

Couto de Esteves

Freguezia de 247 fogos e 814 habitantes. Fica a NO. da margem esquerda do Vouga, e 8 kilometros a ENE. de Sever.

Foi curato annexo á freguezia de S. Miguel de Ribeiradio. Em 1862 foi erecta em vigararia independente. Era villa e cabeça do concelho do seu nome, extincto por decreto de 6 de novembro de 1836. D. Thereza e seu filho D. Affonso Henriques lhe deram foral e a coutaram em 1128. No antigo edificio dos *paços do concelho*, hoje eschola de instrucção primaria, ainda se conservam um cutello, correntes, mordaças e outros instrumentos de tortura. [1]

Solar dos Sequeiras Quadros

No logar do Couto de Baixo é o solar dos Sequeiras Quadros, morgado instituido por Francisco Tavares Coutinho. O ultimo morgado foi o sr. Antonio Cardoso de Barros Loureiro. Falleceu sem successão em 14 de março de 1864.

Paradella

Freguezia de 182 fogos e 325 habitantes. Fica entre a serra das Talhadas e o Vouga, 4 $^1/_2$ kilometros a SSE. de Sever. Orago, Nossa Senhora do Loreto. Cura, o sr. Domingos Fernandes de Almeida.

Pecegueiro

Freguezia de 209 fogos e 860 habitantes. Está situada

---

[1] Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno.*

3 kilometros a NO. de Sever. Orago, S. Martinho. Abbade, o sr. Custodio José da Fonseca Bastos.

É povoação antiga. Em 1019 Matilli fez doação de differentes bens que possuia em *Pecegueiro* ao mosteiro da Vacariça. [1]

Manuel Antonio Dias S. Thiago

Nasceu na freguezia de S. Miguel do Matto nos fins do seculo passado. Era tio do insigne dr. Coelho da Rocha. Tomou o grau de doutor na faculdade de direito em 1792. Em 21 de janeiro de 1793 foi apresentado pela Universidade parocho da egreja de S. Felix, concelho de Lafões. Em 24 de março foi collado pelo bispo de Vizeu, D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, que o nomeou successivamente arcipreste de Mões, examinador synodal, desembargador das justiças ecclesiasticas, e visitador do bispado. Em agosto de 1805 foi nomeado visitador do 2.º arciprestado de Lafões. Em 21 de janeiro de 1807 tomou posse da egreja de S. Martinho de Pecegueiro, que reedificou e enriqueceu com bons paramentos e alfaias. Para substituir uma barca de passagem no Vouga, que fazia praso foreiro ao marquez de Abrantes pela pensão de 3$000 réis, destinou oito mil cruzados á construcção d'uma ponte, e obrigou o povo á conducção da pedra. É sobre ella que hoje passa a estrada real n.º 21. Sobre o rio Mau, no antigo caminho de Albergaria, construiu outra ponte, gastando 300$000 réis. Falleceu em 26 de janeiro de 1827. Ninguem comprehendeu como elle a missão de pastor de almas. [2]

Rocas

Freguezia de 306 fogos e 960 habitantes. Dista 5 ki-

---

[1] *Livro preto da sé de Coimbra*, fl. 58.
[2] *Districto de Aveiro*, n.os 489, 490 e 491.

lometros para NE. de Sever. Orago, S. João Baptista. Cura, o sr. José Antonio Tavares.

Era curato annexo á freguezia de Sancta Maria de Sever.

Sever

Freguezia de 187 fogos e 872 habitantes. Fica 2 $^1/_2$ kilometros a ONO. da margem esquerda do Vouga, e 25 kilometros a ENE. de Aveiro. Orago, Nossa Senhora da Assumpção. Abbade, o sr. Justino Tavares. É villa e capital do concelho do seu nome.

A ponte do Rio Mau

É na estrada n.º 41. Principiou a construcção em 18 de abril de 1864, e terminou em 30 de março de 1866. É feita de granito e schisto, sob planta e direcção do sr. S. A. Pereira da Silva. Tem um arco de 14 metros de altura, e dois de $9^m,8$.

O mosteiro de Sever

É pouco conhecida a sua historia, como a de quasi todos. Sabe-se apenas que no seculo x pertencia a herdade e o mosteiro de Sancto André e S. Christovão, de Sever, a Sueiro Gondesindes e sua mulher, que os legaram ao abbade Jacob. Tendo este morrido sem herdeiros, voltaram para os filhos dos doadores, que os deram ao presbytero Guadino e ao diacono Sandino para ahi viverem monasticamente. Em 1005, apesar de ainda viverem filhos dos padroeiros, Sandino Didaz o vendeu a Froila Gonçalves. Em 1018 a condessa D. Toda, prima de Froila, entregou por sua recommendação ao mosteiro da Vacariça todos os bens que elle possuia desde o monte Ezebrario até o Vouga. Entre elles iam incluidos: este convento com todas as suas pertenças e rendas (*prestationes*), e as aldêas de Paradella, *Abolini*, *Salas*, S. Martinho, e a herdade de Nespereira.

Em 1019 foi incorporado no da Vacariça pelos seus legitimos doadores e padroeiros, Nuno Fernandes e Sandino Fernandes. Unido em 1094 á sé de Coimbra o cenobio da Vacariça, os seus titulos passaram para alli.[1] Desde então não ha mais noticia d'elle.

Silva-Escura

Freguezia de 309 fogos e 1:398 habitantes. Está situada entre serras, proximo ao Rio Mau. Dista de Sever 5 kilometros para NO. Orago, S. João Baptista. Abbade, o sr. José Martins de Pinho.

Era da apresentação dos marquezes de Fontes, hoje de Abrantes.

Serra de Arestal

Tem 9 kilometros de comprimento, e 6 de largura. Nascem n'ella os ribeiros das Presas, Dornellas, Remesal, Silva-Escura e Rio Mau. Ha tambem n'esta serra uma grande lagôa.

Rio Mau

Nasce 2 ½ kilometros ao N. de Silva-Escura, corre a SSO., tem ponte na estrada real de Aveiro a Vizeu, e entra no Vouga com o curso de 12 ½ kilometros.

Minas do Braçal e Malhada

Foram concedidas, por portaria de 6 de agosto de 1863, a Diederich Mathias Ferrerheerd. Pela portaria de 30 de janeiro de 1854 foi concedido ao proprietario exempção de imposto por espaço de 10 annos, em conformidade do artigo 40 da lei de minas. Em agosto de 1862 immensa multidão do concelho de Sever e vizinhos se dirigiu amotinada ao estabelecimento das minas, e ahi fez estragos consideraveis, com o pretexto de que o fumo das forna-

---

[1] *Livro Preto da sé de Coimbra*, fl. 66 e 67.

lhas produzia o mal das vinhas. O governo, para indemnisar a empreza, apresentou ás côrtes uma proposta de lei pela qual era auctorisado a contractar com o concessionario a construcção d'um caminho de ferro americano, que pozesse em communicação com o Vouga os estabelecimentos das minas do Braçal, Malhada e Coval da Mó. A proposta foi convertida na lei de 25 de junho de 1864,[1] e o contracto celebrado em 27 de agosto do mesmo anno.[2] Concedeu a lei uma subvenção de 3$000 réis por cada metro corrente, com expressa declaração de que o proprietario não terá direito, em tempo algum, de reclamar outra indemnisação de damnos e lucros cessantes. A superficie dos terrenos concedidos para a exploração d'estas minas é de 3.600:000 metros quadrados. Na mina do Braçal os trabalhos subterraneos chegam a 130 metros de profundidade. Empregam-se nas obras subterraneas 220 a 230 operarios; nas exteriores, 120 a 150; nos fornos, 35 a 40: termo medio, 405 operarios. Os schistos *asoïques-argilo-talqueux*, mais ou menos duros, com a direcção de norte a sul, com inclinações variaveis e sempre proximos da vertical, são as rochas engastando os veios plumbeos d'esta região. A mina do Braçal contém muitos veios com a direcção ONO; mas só dois são objecto d'uma exploração activa, apesar da irregularidade da riqueza. O leito da Malhada, 700 metros mais ao norte, é composto de 3 veios com a direcção E.-O., mais regulares e mais ricos que os do Braçal. Bem definidos, apresentam ás vezes a espessura de 2 a 3 metros de metal puro. Duas rodas hydraulicas satisfazem ás necessidades do esgoto, extracção e preparação do minerio. Juncto á mina do Braçal, na margem esquerda do rio Mau, construiu em 1863 o concessionario a officina de fundição denominada de *D. Fernando*, que produziu aproximadamente 700 tonel-

---

[1] *Diario de Lisboa*, n.º 144.
[2] » » n.º 193.

ladas de chumbo. N'esta fabrica seguiu-se o modelo das de Stolberg (Prussia). É um bem montado estabelecimento para o tractamento mecanico e metallurgico do minerio.

Talhadas

Freguezia de 198 fogos e 903 habitantes. Está situada na aba da serra das Talhadas, no encruzamento das estradas de Sever a S. João do Monte e de Agueda a S. Pedro do Sul, 5 kilometros a SE. da margem esquerda do Vouga. Dista de Sever 11 kilometros para SE. Orago, S. Mamede. Prior, o sr. João Chrysostomo da Veiga.

Era do padroado real. Pertenceu ao concelho de Vouga. Pela extincção d'este passou para o de Sever.

Serra das Talhadas

Ao N. d'esta freguezia e a O. da de Reigoso, em direcção NNE.-SSO. Tem 5 kilometros de comprimento, 2 de largura e 681 metros de elevação. Tem 3 grandes rochedos, chamados pelo povo os *Irmãos das Talhadas.* O maior é o *Penedo dos Cucos,* no topo do cabeço Rangelo; o 2.º é o *Penedo do Trigo,* no cimo do cabeço de Gralheiro; o 3.º é a *Lapa da Fazenda,* como que derribado no sopé do mesmo cabeço.

Varões illustres

João Chrysostomo da Veiga.— Nasceu em 2 de outubro de 1796. Foi parocho collado na egreja de S. Martinho de Aguada de Baixo, e é actualmente prior das Talhadas. Escreveu e publicou em 1857 uma excellente obra em 2 tomos — *Historia universal sagrada, profana, politica e ecclesiastica.*

CONCELHO DE VAGOS

O concelho de Vagos compõe-se das freguezias de Covão do Lobo, Sousa e Vagos. Pelo decreto de 10 de dezembro de 1867 era supprimido e annexado ao de Aveiro. Tem 18:973 hectares de superficie, 24:307 predios inscriptos na matriz, e 9:088 habitantes. O seu rendimento collectavel em 1875 foi de 34:767$541 réis; a contribuição predial subiu a 4:847$503 réis.

Covão do Lobo

Freguezia de 320 fogos e 1:962 habitantes. Fica 20 kilometros para O. da estação de Mogofores, e 15 kilometros para SSE. de Vagos. Orago, S. Salvador. Reitor, o reverendo Antonio da Costa Pedrosa.

Era da apresentação alternada do vigario de Mira e do convento de Sancta Cruz. Em 1840 pertencia ao concelho de Vagos. Pelo decreto de 31 de dezembro de 1853 passou para o de Mira. Pelo decreto de 24 de outubro de 1855 passou novamente para o de Vagos. Pela divisão administrativa de 1867 ficava pertencendo ao concelho de Cantanhede.

Souza

Freguezia de 822 fogos e 3:103 habitantes. Está situada a E. da ribeira do Bóco ou Rio Tinto, que nasce a E. de Mira, e com 4 leguas de curso vai entrar junto a Ilhavo, na parte meridional da ria de Aveiro. Dista de Vagos 2 $^1/_2$ kilometros para ESE. Orago, S. Miguel. Reitor, o sr. José Luiz Rangel Pimentel de Quadros. Eram os seus parochos apresentados pelos marquezes de Arronches, donatarios da villa. Foi villa e cabeça do concelho do seu nome, extincto pelo decreto de 31 de dezembro de 1853, e annexado a Vagos. Tem estrada para a capital do concelho.

Campos de Ouca

Ficam n'um valle de 6 kilometros de comprimento, e 1 de largura media. Antigamente eram verdadeiros matagaes. De inverno alagavam-se na sua maior parte. De verão seccavam a ponto de se racharem em fendas profundas. Introduzida a cultura do arroz, deixaram de ser logradouro commum. Arroteados os montados e esgotadas as aguas, converteram-se n'um extenso e fertil arrozal.

Quinta de Ouca

Em 1458 pertencia o dominio de Ouca a D. Beatriz Leitão, que o doou ao cenobio de Jesus, que acabava de fundar em Aveiro. Parece que o convento não tomou desde logo posse dos bens doados. Em 4 de setembro de 1479, na egreja de S. João de Loure, juraram os homens bons de Ouca que esta quinta fôra doada ao convento, e declararam quaes as rendas, direitos, direituras e fóros que elle ahi devia receber. [1]

---

[1] *Livro do Tombo de Jesus*, fl. 10.

Vagos

Freguezia de 170 fogos e 423 habitantes. Está situada 1 kilometro a E. d'um grande areal da parte sul da ria de Aveiro, e dista da capital do districto 12 kilometros para SSO. Orago, S. Thiago. Prior, o sr. João de Miranda Ascenso.

É villa e cabeça do concelho do mesmo nome. Era dos condes de Aveiras. Até 1853 pertenceu ao concelho de Sousa. Tinha juiz ordinario, vereadores, dois tabelliães do judicial e notas, e uma companhia de ordenanças.

Nossa Senhora de Vagos

É tradição que, naufragando junto á Vagueira um navio francez, o capitão apenas podéra salvar uma imagem de Nossa Senhora que trazia a bordo, e que escondeu n'uma mata que distava uma legua do mar. Partiu então para a villa de Esgueira, terra que lhe ficava mais proxima, onde deu parte do succedido ao parocho. Voltando ambos com outra muita gente á mata, não encontraram a imagem. Estando D. Sancho I em Vizeu, lhe appareceu em sonhos a Virgem, mandando que lhe edificasse casa no sitio onde se escondia. O monarcha mandou logo levantar uma sumptuosa ermida, e perto d'ella uma torre para reparo e defesa dos que a visitassem. Em 1700 inda existiam as 4 paredes da torre, com 60 palmos de altura ao defóra da areia, e mostrando pelo fosso que fazia dentro terem enterrado outro tanto. Hoje ainda restam 2, com 20 a 25 palmos de alto. Para conservação e fabrica da ermida applicou el-rei muitas rendas. Pouco depois Estevão Coelho, fidalgo da serra de Estrella, vendo-se por milagre da Senhora curado da lepra, lhe doou todas as rendas que possuia no logar de Sandomil, e que comprára no termo da villa de Vagos. Em 1202 D. Fernando João doou áquella egreja as terras do couto de S. Romão. N'esse

mesmo anno D. Sancho I doou o sanctuario com todas as suas rendas ao mosteiro de Grijó, que até 1834 as percebeu. O prior do mosteiro punha n'este sanctuario um religioso da sua casa com um beneficiado, incumbidos do culto da virgem. Muitos annos depois da sua fundação se mudou a ermida para meio quarto de legua distante da antiga, que as areias ameaçavam sepultar, e de que já em 1712 não havia vestigios. Os condes de Cantanhede, e os senhores de Villa Verde, mandaram construir casas juncto á capella, para fazerem novena. A capella tem 65 palmos de comprido e vinte de largo. A imagem é de pedra, com 5 1/2 palmos de altura. Antigamente as freguezias de Souza, Mamarosa, Covão do Lobo, Mira, Covaes, Oliveira do Bairro, Troviscal, S. Lourenço do Bairro, Villarinho do Bairro, Oyã, Sangalhos, Avelãs de Cima e Danços a visitavam processionalmente com sua cruz e parocho. Inda hoje por esta fórma a visitam, na 1.ª oitava do Espirito Sancto, os povos de Cantanhede, em cumprimento de antiquissimo voto. O dia da sua festividade e romaria é o de Nossa Senhora da Conceição. [1]

S. Romão

A aldêa de S. Romão foi couto, e séde d'uma egreja parochial. Já existia nos começos da monarchia. D. Sancho I doou-o a D. João Fernandes. D. Fernando João, filho d'este, o doou ao sanctuario da Senhora de Vagos, em 1202. Passou depois com esta ermida para o asceteiro de Grijó.

Pontes e estradas

De Aveiro a Vagos.— Tem de extensão 10:090,^{m}5. Principiou a construir-se em 12 de junho de 1867, e concluiu-se em 31 de dezembro de 1873.

---

[1] Fr. Agostinho de Sancta Maria, *Sanctuario Marianno*, tom. IV, pag. 678.— P.^{e} Carvalho e Costa, *Chorog. Port.*, tom. II, liv. I, tract. 4, pag. 169.— *Districto de Aveiro*, n.º 751.

Ponte de Vagos.— É na estrada districtal n.º 34. A sua construcção começou em 2 de janeiro de 1872, e terminou em 28 de agosto de 1873.

Marquezes de Vagos

D. Maria José da Silva Tello de Menezes Côrte Real foi agraciada com o titulo de marqueza de Vagos em 17 de dezembro de 1835. José Tello da Silva e Menezes Côrte Real foi agraciado com o mesmo titulo em 28 de dezembro de 1863.

FIM.

INDICE

	Pag.
Ao leitor	VII
Introducção	11
Concelho de Agueda	27
» de Albergaria a Velha	63
» de Anadia	75
» de Arouca	85
» de Aveiro	103
» de Castello de Paiva	180
» de Estarreja	186
» da Feira	195
» de Ilhavo	220
» de Macieira de Cambra	234
» da Mealhada	238
» de Oliveira de Azemeis	264
» de Oliveira do Bairro	279
» de Ovar	283
» de Sever do Vouga	297
» de Vagos	304

1.L.
1.8.21

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00028 2182